

Fernando Costa Straube

Ruínas e urubus: **HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ**

Período de Natterer, 3
(1866 a 1900)



Hori Cadernos Técnicos

8

RUÍNAS E URUBUS:
HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ

PERÍODO DE NATTERER, 3
(1866 a 1900)

1ª edição

Fernando C. Straube

Hori Consultoria
Curitiba, Paraná, Brasil
abril de 2014

© URBEN-FILHO & STRAUBE CONSULTORES S/S LTDA.

Ficha catalográfica preparada por
DIONE SERIPIERRI (Museu de Zoologia, USP)

Straube, Fernando C.

Ruínas e urubus: história da ornitologia no Paraná.
Período de Natterer, 3 (1866 a 1900) ; por Fernando C.
Straube. – Curitiba, Pr: Hori Consultoria, 2014.

312p. (Hori Cadernos Técnicos n. 8)

ISBN978-85-62546-08-2

1. Aves - Paraná. 2. Paraná - Ornitologia. 3.
Ornitologia – História. I. Straube, Fernando C.
II. Título. III. Série.

Dados internacionais de Catalogação da Publicação

(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, Brasil)

Capa: Composição com mata de araucária na Lapa (Paraná)
(Foto: Fernando C. Straube) e reproduções de documentos
(Glowniak, 2007; Bigg-Wither, 1876a, 1878; E. C. Moody); em
destaque, uma narceja (*Gallinago paraguaiiae*) (Foto: **Raphael**
Sobânia: <http://www.sobania.com.br>)

2014



<http://www.hori.bio.br>

HORI CADERNOS TÉCNICOS n° 8

ISBN: 978-85-62546-08-2

CURITIBA, ABRIL DE 2014

CITAÇÃO RECOMENDADA:

Straube, F.C. 2014. **Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná.** Período de Natterer, 3 (1866 a 1900). Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 8. 312 pp.

APRESENTAÇÃO

Ao iniciar a apresentação desta obra, peço licença para mencionar um dos mais brilhantes escritores do Século XX, o “italo-cubano” Italo Calvino. Em seu livro “*Porque ler os clássicos*”, ele nos oferece um título provocativo, embora igualmente óbvio. Ler um clássico pode parecer uma tarefa relativamente simples, desde que saibamos, de antemão, quais obras merecem esta alcunha. É neste ponto que a definição do que é um clássico se torna matéria controversa, pois tudo depende da abrangência, aceitação pública e “sobrevivência temporal” de uma obra. O leitor ficará feliz em saber que tudo isso pode ser encontrado em Ruínas e urubus, tanto por ser este um livro que reúne diversos clássicos da história natural, quanto por ser também um grande candidato a este título.

Idos de 1995, em uma das mesas do Dolores Nervosa, lembro de minha primeira conversa com Fernando Straube e Renato Bérnils sobre a obra *Pioneering in South Brazil*, do inglês Thomas P. Bigg-Wither – um “clássico” daqueles que insistem em permanecer na obscuridade. Gentilmente cedido por Fernando, o livro foi por mim devorado em poucos dias e, devo confessar, quase que *acidentalmente* adicionado à minha biblioteca particular. Tanta foi a admiração que cultivei pelo fascinante relato de Bigg-Wither que, em uma curta viagem a Londres, me vi compelido a abdicar de alguns dias de trabalho para vasculhar sebos empoeirados à procura de dois outros artigos deste mesmo autor – esses ainda mais obscuros e inacessíveis ao público brasileiro. Após inúmeras tentativas fracassadas eis que, finalmente, os encontro cuidadosamente arquivados no sótão de um dos mais antigos sebos de

Greenwich – talvez tão ou mais antigo quanto o autor por quem eu tanto buscava. Tinha, finalmente, todos os clássicos de Bigg-Wither!

É, portanto, com grande satisfação que redijo estas poucas palavras sobre o quarto volume do Ruínas e urubus, pois é justamente aqui que Fernando discorre sobre um dos autores que mais me cativaram com seus relatos sobre um Paraná ainda inexplorado e detentor de muitos segredos por serem ainda desvendados. Neste volume o autor fecha um dos períodos mais interessantes sobre a história natural do Paraná. Além da fascinante e cuidadosa análise dos textos de Bigg-Wither, todos os elementos aqui apresentados são recheados de fatos e curiosidades que, aliados à fácil leitura – uma das virtudes de Fernando –, prendem a atenção do leitor do começo ao fim.

Mas não apenas os “clássicos” são o elemento fundamental para uma positiva apresentação desta obra. Fiquei surpreso ao notar que até mesmo folhetos de propaganda, destinados ao convencimento de imigrantes europeus a se estabelecerem nas longínquas e “selvagens” terras paranaenses, se tornam documentos importantes em suas mãos. Por meio destes folhetos, despretensiosos em termos naturalísticos, ele desvenda pequenos detalhes acerca dos usos e costumes atribuídos à flora e à fauna por uma sociedade ainda em formação e que, para a qual, as riquezas naturais eram nada mais que um cartão-de-visitas de nosso estado.

Embora o foco desta obra seja a história da ornitologia paranaense, o que é natural de se esperar, o leitor encontrará aqui também uma fonte riquíssima de relatos da história brasileira em geral, elegantemente contextualizada aos principais acontecimentos mundiais relevantes à época. Assim, o resultado se torna ainda mais interessante e

abrangente, pois não se limita apenas a discorrer sobre a natureza e seus estudiosos de outrora.

Para mim, amigo e admirador fiel das obras de Fernando, este é mais um capítulo imperdível do já clássico Ruínas e Urubus. Por que ler este clássico? Calvino nos dá a resposta: Porque é melhor que não lê-lo!

PAULO LABIAK

PAULO HENRIQUE LABIAK EVANGELISTA é biólogo, mestre (UFPR) e doutor (USP) em Botânica, com pós-doutorado no Jardim Botânico de Nova York, instituição da qual é pesquisador honorário. Dedicase principalmente à taxonomia, filogenia e história natural das pteridófitas. É professor adjunto do Departamento de Botânica e curador do herbário UPCB, ambos da Universidade Federal do Paraná, bem como atual presidente da *Mülleriana*: Sociedade Fritz Müller de Ciências Naturais.

AGRADECIMENTOS

Novamente manifesto aqui a minha profunda e carinhosa gratidão a uma infinidade de pessoas e instituições que colaboraram com toda a produção do projeto “Ruínas e urubus” (ainda parcialmente concluído) e detalhadamente citadas nos volumes anteriores, em alusão à obra como um todo. Reitero minhas palavras de admiração e apreço a todos que, por certo, irão compreender essa economia editorial. Para este livro em particular eu gostaria de incluir, ou mesmo repetir, meu reconhecimento a alguns deles, seja porque não figuraram na versão anterior, seja por terem aqui participado de forma diferenciada.

Mais uma vez pude contar com a competente, gentil e graciosa intervenção de Dione Seripierri (Museu de Zoologia, USP) que, com o costumeiro zelo, preparou a ficha catalográfica. A narceja (*Gallinago paraguaiiae*) que destaca-se na capa é obra fotográfica do grande amigo Raphael Sobânia, a quem agradeço pela sempre generosa colaboração.

Várias pessoas colaboraram com detalhes particulares do período 1866-1900, por acréscimo de informações, cessão de dados ou mesmo sugestões de redação, incluindo traduções. Nesse sentido aponto Alessandro Casagrande, Eduardo Colley, Ernani C. Straube, Hitoshi Nomura e Pedro Scherer Neto.

No assunto Rogers, tive a participação direta de Renato S. Bérnils, José Fernando Pacheco e Vítor de Q.

Piacentini; esse valoroso trio ajudou não somente na localização de literatura para mim desconhecida mas também para desvendar as localidades e uma série de outros detalhes do quebra-cabeças.

Para Bigg-Wither, além dos amigos Renato S. Bérnils, Wolmar B. Wosiacki, Michel Miretzki e Paulo Labiak – que comigo esboçaram uma revisão multidisciplinar – contei com o apoio de Robert Prys-Jones (*The Natural History Museum*, Tring, UK: NHM), assim como o de Ben Tavener, que colaborou com algumas traduções mais críticas. Sobre Franco Grillo, usei inúmeras informações fornecidas por Paulo E. Vanzolini (*in memoriam*), Hiran Luiz Zoccoli (Museu Maçônico Paranaense), Roberto Poggi (curador do *Museo Civico di Storia Naturale “Giacomo Doria”*, Gênova, Itália), José Carlos Veiga Lopes (*in memoriam*) e, especialmente, Michel Miretzki e Gledson V. Bianconi, que ajudaram a vasculhar dados históricos em periódicos locais.

Sérgio A. A. Morato (STCP, Curitiba), em viagem a Santiago del Estero (Argentina), colaborou na busca por informações sobre Niederlein, assim como Andrés Bosso, que elucidou certas dúvidas geográficas sobre alguns pontos visitados. Renato Goldenberg e Paulo Labiak (Departamento de Botânica, UFPR) contribuíram com o assunto Schwacke, enviando literatura e participando de várias discussões. Algumas traduções do polonês e uma preciosa orientação histórica e geográfica, me foram gentilmente oferecidas por Ulisses Iarochinski que, dessa maneira, enriqueceu o texto sobre Siemiradzki.

Aspectos relativos a espécimes depositados em vários museus brasileiros, inclusive a permissão de consulta aos respectivos acervos, foram possíveis graças à intervenção de Dante L. M. Teixeira, Jorge B. Nacinovic e Marcos A. Raposo (Museu Nacional, Rio de Janeiro: MN),

Hélio F. de A. Camargo (*in memoriam*), Luis Fábio Silveira, Vitor de Q. Piacentini, Marina Somenzari, Marco Antônio Rego (Museu de Zoologia, São Paulo: MZUSP), José Maria Cardoso da Silva, David C. Oren e Alexandre Aleixo (Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém: MPEG).

O projeto “Ruínas e urubus” é uma iniciativa editorial da Hori Consultoria Ambiental, a quem agradeço – bem como a todos os amigos que lá atuam ou atuaram – pela participação direta: Alberto Urban-Filho, Anderson Gilliet, Caroline Carneiro, Débora Zancanaro, Fernando J. Venâncio, Leonardo R. Deconto, Marcelo A. Silva, Marcelo A. Villegas Vallejos, Marise Pim Petean e Vanessa Ariati.

Também volto a ressaltar que jamais poderia ter a recepção e aceitação que a obra conseguiu sem o esforço de algumas pessoas e instituições que contribuíram para a sua divulgação, desde mesmo o primeiro volume. Quero, desta forma, mencionar Pedro Salviano Filho (e o periódico *Atualidades Ornitológicas*), Guto Carvalho (*Avistar Brasil*), Eric Gallardo (*Revista Birdwatcher*), Juan Pablo Culasso, Maicon Mohr e Juliana M. Mohr (COAVE), Luciano Breves (Projeto Ornithos), Natália Allenspach (blog *A Passarinhóloga*), Tietta Pivatto (blog *Bonito Birdwatching*), Roberto Cirino (blog *Passarinhando*), Alessandro Casagrande (Rede Brasileira de História Ambiental), Zélia Sell (Rádio E-Paraná), Luiz Álvaro (blog *Surucuá e Tristeza do Jeca*), Zé Edu Camargo (outrota na *National Geographic Brasil*), Luciane Marinoni e Sionei Bonatto (Sociedade Brasileira de Zoologia).

Por fim, sou profundamente agradecido às generosas e amáveis palavras da apresentação, redigidas pelo querido amigo Paulo Labiak.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	3
	O TERCEIRO PERÍODO DE NATTERER	5
1866-1870	<i>Cronologia</i>	9
circa 1870	HENRY ROGERS	13
1871-1872	<i>Cronologia</i>	25
1872 a 1875	THOMAS BIGG-WITHER	27
1873	<i>Cronologia</i>	101
1873 a 1903	FRANCO GRILLO	103
1874	<i>Cronologia</i>	131
1874 e 1880	CARL SCHWACKE	133
1875	<i>Cronologia</i>	139
1875	Anônimo	141
1876-1881	<i>Cronologia</i>	147
1881	HERBERT SMITH	151
1882-1883	<i>Cronologia</i>	163
1883, 1887 e 1892	GUSTAV NIEDERLEIN	165
1884-1885	<i>Cronologia</i>	185
1885 e 1886	VISCONDE DE TAUNAY	187
1886	<i>Cronologia</i>	197
1886	THEODORO SAMPAIO	199
1887-1888	<i>Cronologia</i>	205
1888	JOSÉ MARIA DE BRITO	207
1889-1891	<i>Cronologia</i>	213
1891 e 1896	JOZÉF SIEMIRADZKI	217
1892	<i>Cronologia</i>	225
1892 e 1896	JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICI (FILHO)	227
1893-1894	<i>Cronologia</i>	239
1894 e 1910	HERMANN VON IHERING	241
1895-1899	<i>Cronologia</i>	253
[1899]	SEBASTIÃO PARANÁ	255
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	263

INTRODUÇÃO

O conteúdo selecionado para este volume encerra nossa viagem pelo produtivo e venturoso Século XIX, momento seminal da Ornitologia paranaense que teve como marco inicial o ano de 1820. Como já dito muitas vezes, constatamos que nos tempos anteriores (leia-se, no Período Pré-Nattereriano) as contribuições sobre a avifauna local restringiam-se a meras figurações de obras narrativas, quando muito tratadas superficialmente em estudos mais voltados a outros campos, em especial em crônicas de viagem ou em expedições que visavam a exploração dos recursos naturais, notadamente geológicos.

Interesse científico pelas aves, de fato, apareceu muitos anos depois da Abertura dos Portos, quando se iniciaram as primeiras incursões em solo paranaense em busca de naturália ilustrativa das terras paranaenses e de sua peculiaridades. Este volume praticamente conclui o período da febre naturalista estrangeira em busca do descobrimento da biodiversidade brasileira. Agora, como se pode notar gradativamente ao longo dos três livros que abordam o Período de Natterer, as fontes, percepções e contextos, passam a se tornar – página após página – efetivamente paranaenses, encerrando o livro com nada menos do que o autor do clássico “*Chorographia do Paraná*”.

Os temas aqui abordados dão início a uma nova concepção surgida como decorrência natural do desenvolvimento e maturidade das instituições científicas brasileiras. Agora, depois de muitas regiões do país terem sido motivo de inúmeras intervenções, o Paraná também

começa a figurar como elemento de interesse, em grande parte graças às descobertas propiciadas por naturalistas antigos, cujo legado deixou elementos cujo redescobrimento passou a ser necessário.

O livro mantém a continuidade natural impressa desde o primeiro número da coleção “Ruínas e urubus” e que agora fecha seu quarto volume. Assim, tal como nas edições anteriores, obedece uma linha de concepção mais ou menos homogênea, cujos objetivos e os procedimentos metodológicos adotados encontram-se detalhados no primeiro livro, ao qual remeto o leitor interessado para dirimir quaisquer dúvidas sobre todo o procedimento editorial aqui utilizado.

O TERCEIRO PERÍODO DE NATTERER

“A fauna e a flora do Paraná são também opulentíssimas, jazendo abandonadas e inaproveitadas no imenso hervário d’essa natureza prodigiosa inúmeras espécies botânicas, algumas ocupando lugar proeminente na pharmacopéa e na therapeutica, e outras a espera dos estudos e das investigações dos homens da sciência..”

(Victor Ferreira do Amaral, em 12 de outubro de 1895)¹.

Entre a infância da Ornitologia paranaense (Século XVI) até o ano de 1900, por assim dizer, os personagens vinham de longe, passavam por aqui (eventualmente se radicando por um certo tempo) mas destinavam suas obras e exemplares para públicos ou depositários do exterior. Com raras exceções, então, as contribuições tinham como fim os países europeus e, apenas em casos particulares, o conhecimento acabava retornando para sua fonte (Brasil).

Esse aspecto pode ser facilmente reconhecido pela língua em que as obras eram originalmente produzidas, portanto, visando leitores do alemão, espanhol e francês. Raramente a língua portuguesa era utilizada e isso se dava por ação simples do país dominador sobre sua colônia de

¹ Fragmento de um texto publicado sob o título “O Estado do Paraná” no periódico “O Cenáculo” (vol. 8; p. 235-242).

além-mar. O destino de exemplares biológicos e, especialmente ornitológicos, é outro indicador. Apesar do Brasil já contar com museus com algum porte e expressividade desde 1818, espécimes da avifauna paranaense acabaram enviados em sua totalidade a acervos estrangeiros, condição que se alterou apenas nos últimos anos do Século XIX.

A produção de obras em língua estrangeira e mesmo a remessa de naturália para outros países ainda perdurou por várias décadas, mas foram sendo gradativamente atenuadas ao longo do tempo. Da mesma forma, essa mescla de padrões foi, aos poucos sendo alterada para um modelo de destinação mais voltado ao público brasileiro e, em seguida, o paranaense.

O momento tratado neste volume coincide com o fim das inúmeras tentativas de se manter comunicação entre os pontos mais importantes e os acessos estratégicos da Província. Bigg-Wither, engenheiro inglês que participou da Expedição Palm é um exemplo disso. Graças à sua contribuição é que pudemos conhecer um pouco mais das características ambientais do último quartel do Século XIX. No entanto, cabe a ele também o papel dentre os pioneiros abridores de caminhos que pretendiam interligar o litoral do Paraná com o Mato Grosso do Sul e dali adiante, rumo a outras terras sulamericanas. Graças a isso, o inglês merece o título de um autêntico herdeiro de Elliot e Lopes, além de Rumbelsperger, dos Rebouças e dos Keller.

O interesse – e os desmembramentos oriundos dele – por esses caminhos de comunicação, segundo Wachowicz (1994), porém, passaram a declinar tão logo findada a Guerra do Paraguai (1869). Isso porque a abalada economia do pós-guerra, passou a determinar projetos menores e que não è toa culminaram com a construção da estrada de ferro ligando Curitiba a Paranaguá, o início da navegação a vapor

pelo rio Iguaçu e os caminhos ligando União da Vitória a Palmas e Guarapuava e Foz do Iguaçu.

Essas empreitadas, porém, não tinham somente interesse de desenvolvimento econômico, mas também visavam a consolidação das fronteiras do oeste e sudoeste, que se encontrava sob forte indecisão, em virtude de litígios internos e mesmo com a vizinha república Argentina.

O tópico de imigração europeia prosseguiu na pauta contemporânea, como se vê pela continuidade de produção de pareceres de experts que para cá chegavam com o intuito, oficial (Siemiradzki) ou espontâneo (Franco Grillo, Smith) de observar e relatar as condições oferecidas aos imigrantes.

Com isso, repete-se mais ou menos o mesmo cenário observado no livro anterior, visto a continuidade dos três fundamentos que definiram o avanço da Ornitologia paranaense no Século XIX: 1. A busca por descobertas científicas (alimentada por Schwacke, Smith e Niederlein); 2. a necessidade de consagração de vias de acesso pelo interior (Bigg-Wither); e 3. a investigação de tópicos ligados ao fluxo migratório europeu (Siemiradzki). Por outro lado, novas linhas de interesse também enriqueceram o panorama, como a sedimentação das fronteiras do oeste, forjada pelas visitas (e delimitação de novos percursos) a regiões diretamente relacionadas como o assunto (Britto e Niederlein). Também as descrições das características naturais paranaenses, capitaneadas por nativos (Murici) ou pessoas que aqui residiram (Taunay), foi incluído – agora com mais robustez e incluindo uma ainda tímida intervenção de estudiosos atuantes em instituições de outros estados brasileiros (Sampaio, Ihering). Esse processo – destacamos – culminou com a produção obra corográfica-maior, de autoria de Sebastião Paraná. A essa última, justiça seja feita, cabe também a notória participação no alvorecer do Paranismo, movimento de cunho intelectual, artístico,

cultural e ético surgido como busca por uma identidade ao povo paranaense.

É bom lembrar que todas essas nuances mereceriam muito bem um estudo histórico ilustrado pelo ambiente natural e não o contrário, que é – de fato – o objetivo desta obra. Embora meu interesse aqui seja oferecer contextos históricos relevantes que possam influenciar de alguma maneira o conhecimento de nossas fauna e flora, utilizei-os apenas como tempero adicional, estimulando novas pesquisas que por certo engrandecerão a composição de um quadro muito mais profundo e interessante.

Cronologia

- 1866** Inicia-se o “Ciclo da Borracha” no Brasil (até 1913), com expansão econômica dos estados amazônicos, conflitos sociais e a aquisição do Acre. Desde então, até pelo menos o começo do século XX, a cidade mais importante do país era Manaus.
- 1866** É fundada a “Associação Filomática do Pará”, graças ao estímulo de Louis Agassiz. Com o surgimento da entidade, inicia-se um acervo museológico, que formaria as bases do Museu Paraense Emílio Goeldi.
- 1866** JOHANN JAKOB VON TSCHUDI publica o primeiro (dentre cinco: 1866-1869) do *“Reisen durch Südamerika”*, narrando sua viagem pelos estados do sudeste e sul do Brasil, além de algumas províncias andinas da Argentina, Chile, Bolívia e Peru.
- 1866** É inaugurada a vasta contribuição polaca à ciências naturais da América do Sul. Até o ano de 1875, o polonês Konstanty Jelski visita as Guianas e o Peru, coletando material de História Natural para o museu de Varsóvia, sob patrocínio dos irmãos Branicki.
- 1867** Falece Maximilian Alexander Phillip, príncipe de Wied-Neuwied.
- 1867** Carl Euler inicia a publicação dos resultados de sua pesquisa na região serrana fluminense na série *“Beiträge zur Naturgeschichte der Vögel Brasiliens”*, em cinco números (1867-1869).
- 1867** O tenente-coronel Antônio P. do F. Mendes organiza a carta corográfica *“A Província do Paraná”*, que é desenhada pelo capitão Luis Pedro Lecor.
- 1868** João Barbosa Rodrigues, naturalista botânico inicia suas

pesquisas com a flora do Brasil (Rio de Janeiro e Minas Gerais), sob supervisão de Freire Alemão. Anos depois se tornaria um dos mais importantes botânicos brasileiros, com especial dedicação em orquídeas, assunto em que se tornou autoridade mundial.

1868 Johann Louis Cabanis lança o primeiro número da revista alemã especializada em aves: *“Journal für Ornithologie”*.

1868 Nasce EMILIE SNETHLAGE.

1868 É criado o *American Museum of Natural History*, em Nova York (EUA) por decreto do governador de Nova York. A ideia originou-se de um plano, preparado pelo naturalista Albert Bickmore, aluno de Louis Agassiz em Harvard.

1868 Cândido Mendes de Almeida organiza a publicação (pelo Instituto Filomático do Rio de Janeiro) do **“Atlas do Imperio do Brasil”** com as respectivas divisões administrativas, eclesiásticas, eleitorais e judiciárias. O encarte de número XVIII é o **“Mappa da provincia do Paraná”**, contendo detalhes da topografia da Baía de Paranaguá e do arruamento de Curitiba.

1869 O engenheiro ANDRÉ REBOUÇAS realiza estudos para o planejamento de uma estrada para ligação do Paraná com o Mato Grosso (do Sul) acompanhando o vale do rio Ivaí.

1870 Primeira viagem de HERBERT H. SMITH ao Brasil, na Amazônia, por indicação e estímulo do geólogo Charles Frederick Hartt.

1870 Johannes Theodor Reinhardt publica, em dinamarquês, **“Bidtrag til Kundskab om Fuglefaunaen i Brasiliens Campos”**, descrevendo os resultados das viagens que fez ao Brasil e os exemplares obtidos por seu amigo Peter Wilhelm Lund.

1870 Nasce ADOLPHO HEMPEL.

1870 Nasce WILLIAM CAMERON FORBES.

1870 Marcos Jimenez de la Espada publica "*Faunae neotropicalis species quaedam nodum cognitae*", relatando a sua viagem, realizada entre 1862 e 1866 e que contemplou também a costa brasileira. A expedição comprou exemplares brasileiros em posse de comerciantes de peles, como aqueles obtidos por Otto Wucherer e Auguste Bourguet.

circa 1870

HENRY ROGERS

Rogers é o sobrenome que aparece associado a vários exemplares de aves oriundos do Brasil, segundo o *Catalogue of the Birds of British Museum* (doravante *Catalogue*: Sharpe, 1874 e subsequentes)². No entanto, não consta nesta obra nenhuma outra indicação que auxilie na identificação de seu nome completo, tampouco – e sob um formato aceitável – nas datas precisas de coleta.

Há uma série de problemas a serem considerados quanto a esse material e até mesmo sobre a biografia do próprio Rogers, que é virtualmente desconhecida, embora ele seja citado por Salvin (1882) como “*dealer*”, ou seja, comerciante de peles de museu. Aparentemente, ele teria abastecido acervos particulares de Ornitologia no Século XIX, como as coleções de Hugh Edwin Strickland, Salvin-Godman, Philip L. Sclater, John Gould (*Catalogue*, vários

² No Museu Britânico, segundo Warren (1966), há pelo menos dois exemplares-tipo de aves obtidos por algum “Rogers” e que constituem-se, inclusive, de epônimos: *Casuarus rogersi* de Rotschild, 1928 (“*Obtained from Rogers from Liverpool (a dealer?)*”); Warren, 1966:247) e “*Atlantisia rogersi*” descrita por P.R.Lowe em 1923 (“*Collected and presented by the Rev. H. Rogers*”: Warren, 1966:247). O primeiro consta ser sinônimo de *Casuarus bennetti* e ocorre na Austrália; o tipo foi coletado pelo geólogo John Porter Rogers (1873-1941). Já o segundo – ainda válido – é um ralídeo endêmico do Arquipélago de Tristão da Cunha, descoberto pelo pastor anglicano Rev. Henry Martyn Rogers (1879-1926), sobre o qual há uma excelente biografia escrita por sua viúva (ver <http://www.bweaver.nom.sh/rogers/intro.htm>; acessada em 4 de março de 2014). Com isso, é possível constatar que há pelo menos duas (e provavelmente outras) pessoas que, sob o mesmo sobrenome contribuíram de alguma forma – e mais ou menos contemporaneamente – com exemplares de aves.

volumes; Pinto, 1952) e Howard Saunders (*vide* também Hellmayr & Conover, 1948).

Esse último, que visitou o Brasil e o Chile entre 1855 e 1862³, é o autor de *Sterna eurygnatha* (Saunders, 1876), baseado em material de Rogers: “**Range**, from *Santa Catharina*, S. Brazil (Rogers)...”. Warren (1966) refere-se ao fato do táxon basear-se em pele “*collected by Rogers and purchased of Howard Saunders*” mas não informa que o espécime tenha sido baseado na coleção de Saunders e sim, apenas que constaria na coleção Salvin-Godman. Trata-se de equívoco, uma vez que Saunders (1876:654-655) utilizou-se de seu acervo privado para tanto, analisando o material de Salvin-Godman (bem como do próprio *British Museum*) apenas com a finalidade de comparar os espécimes oriundos do Oceano Pacífico lá disponíveis. Vinte anos depois da descrição, Saunders & Salvin (1896:86) confirmam isso e ainda indicam outros exemplares da espécie que teriam sido obtidos por Rogers, um total de três peles (todas provenientes de “*Santa Catharina*”) sendo uma delas o tipo e as demais correspondendo às que foram incorporadas à coleção Salvin-Godman⁴.

Outra questão importante diz respeito às localidades, as quais – de primeira mão – indicam que Rogers teria conseguido peles de todo o sul do Brasil: Rio Grande do Sul (na “*Lago[a] dos Patos*”), Santa Catarina e Paraná, mas também na enigmática “*Santa Fé*” (atribuída ao estado de Minas Gerais).

³ Poder-se-ia aventar ter Saunders encontrado Rogers no Brasil mas as localidades não coincidem. Saunders subiu a costa do Pacífico do Chile ao Peru, atravessou os Andes e percorreu o rio Amazonas até Belém, de onde retornou à Inglaterra (Editorial *Ibis* 9ª série, Volume 2, Jubilee Supplement, p.223-226).

⁴ Segundo Sharpe (1906:462-463), depois de Saunders publicar a monografia sobre gaivotas e afins (Laridae e Sternidae) com base em sua coleção particular (Saunders, 1876), ele decidiu-se por assinar o volume respectivo no *Catalogue* (Saunders & Salvin, 1896). Com isso, acabou por repartir seu acervo com o Museu Britânico, doando o montante de 496 espécimes que acabaram incorporados àquela coleção.

Em outras fontes há menção também a material da Colômbia (p.ex. “*Bogota*”), que teria sido obtido entre 1844 e 1846 por Rogers e originalmente mantido na coleção de Strickland (Salvin, 1882); curiosamente nada consta sobre sua visita àquela região na revisão de Chapman (1917), embora haja ali uma avaliação cuidadosa, feita por esse autor, sobre as várias e enigmáticas “*Bogotá Collections*”.

Rogers também coletou aves (e especialmente insetos mas toda a sorte de naturalia, inclusive plantas⁵) na Costa Rica em meados do Século XIX (ao menos no ano de 1864, segundo Slud, 1964). Essas peles provêm em particular da região do vulcão Irazu, portanto, “*Irazu distr., Costa Rica (Rogers)*” (mas também as localidades de “Cache” e “San Francisco”) e são razoavelmente bem citadas no *Catalogue* (Sclater, 1874 e subsequentes)⁶. O acervo dali obtido é indicado preferencialmente como obtido por “Rogers” (eventualmente também “H. Rogers”), portanto, em apresentação idêntica àquela usada para referenciar os espécimes brasileiros.

Cabe então um aparte que refere-se à gigantesca obra dos britânicos Osbert Salvin e Frederick DuCane Godman (vide também Herbert Smith), denominada “*Biologia Centrali Americana*”. Trata-se de um ambicioso projeto que perdurou entre 1879 e 1915 com a publicação de uma extensa enciclopédia contendo informações sobre a fauna e flora da América Central. Consta ser uma das maiores e mais importantes obras sobre Biologia em todos os tempos, publicada em 52 volumes (1677 gravuras), graças à cuidadosa edição dos dois inseparáveis amigos. Eles

⁵ Embora não seja citado na obra enciclopédica iniciada por Stafleu & Cowan (1976 e subsequentes).

⁶ Rogers obteve notável visibilidade como coletor, depois de integrar o seletivo grupo que colaborou com o *Biologia*. Seu nome, a partir de 1875 é citado inúmeras vezes ao longo dos *Proceedings of Zoological Society of London*, particularmente a respeito de exemplares de vários grupos colecionados na Costa Rica.

organizaram textos dos mais afamados cientistas da época, razão pela qual o trabalho é considerado até hoje como fonte obrigatória para os estudiosos que trabalham no Neotrópico em geral e na América Central em particular.

Dentre os coletores de material biológico que participaram da empreitada, está “Mr. H. Rogers” que fora contratado por Godman em 1877 para colecionar material biológico na Costa Rica (Salvin & Godman, 1879-1904:ix, Volume I). Também aparecem nomes como “Morrison (Sonora), [...] Janson (Nicarágua), Forrer (México), Höge (México), Blancaneaux (Honduras Britânicas), Stoll (Antigua), Schumann (México)” (Papávero, 1971-1973) e vários outros, amplamente mencionados na grande obra (Godman, 1915). Ocorre que antes do surgimento do *Biologia*, Godman e Salvin receberam material destes naturalistas por vários anos, sem ter sequer idéia de como conectar as informações a fim de publicar os resultados colhidos. Com isso, um grande montante de material (“*specially amongst the birds and insects*”) foi sendo acumulado (Selander & Vaurie, 1962; Papávero, 1973; Papávero & Ibañez-Bernal, 2003).

Como conclusão, é admissível concluir que Rogers fornecera tanto os exemplares da Costa Rica quanto os do Brasil, depois incorporados a certas coleções particulares (especialmente Salvin-Godman e Sclater) e que foram, posteriormente, incluídos ao acervo do Museu Britânico.

De fato, Sharpe (1906:366) em sua revisão histórica do acervo ornitológico do Museu Britânico, menciona a entrada – no ano de 1885 – de um acervo composto por “52120 specimens of Neartic and Neotropical birds”, informando também: “*In the year 1885 Dr. Godman and Mr. Salvin decided to present their wonderful collection of Neotropical birds to the nation. The first instalments were received in January of that year, and during my absence in*

India the registration and incorporation of this great collection were superintended by Mr. Osbert Salvin". Em 1888 consta também a doação de: "5408 specimens of Tyrannidae, Pipridae, Cotingidae, Striges, Picariae, etc., being the seventeenth to twenty-ninth instalments of their Neotropical collection. Presented by Osbert Salvin, Esq., F.R.S., and Dr. F. Du Cane Godman, F.R.S."; é possível que nessas remessas de material estivessem incluídos os espécimes de Rogers⁷.

Parece claro, então, que Rogers não era somente um comerciante (*dealer*) de peles, como implícito na literatura e sim um coletor e preparador habilitado de aves e vários outros grupos biológicos⁸, sendo essa uma das razões para sua contratação como participante do "*Biologia*". Note-se que AWP-C (1917:114), nos obituários do "*The Entomologists' Monthly Magazine*" faz nítida referência a ele, como integrante de uma viagem organizada pelo aracnólogo inglês Octavius Pickard-Cambridge (1828-1917): "*The greater part of the years 1864 and 1865 were spent in foreign travel, mainly in Italy, Austria, Egypt, and Palestine; he took with him to Egypt an admirable taxidermist, Mr. Henry Rogers, and the party brought home not only a great quantity of spiders, but a large number of valuable birds, as well as many new and rare Lepidoptera, the best of which were accepted by the British Museum*". A

⁷ São pelo menos 45 exemplares brasileiros citados como coletados por Rogers especialmente em "*Santa Fé, Minas Geraes*" e "*Province of Santa Catharina*", mas também "*Province of Parana*" e "*Lagos (sic) dos Patos, Rio Grande do Sul*".

⁸ Há indicações na literatura, sobre suas observações naturalísticas (Rogers, 1860, 1862, 1863a-g; 1872) e mesmo colaborações enviadas a alguns especialistas. More (1860), por exemplo, faz a ele menção no trecho: "*Mr. H. Rogers, the intelligent naturalist, of Freshwater, I have also received much valuable information*". Consta também ter visitado o oeste de África, em Angola, de onde inclusive provém o tipo da aranha *Gasteracantha rogersi* (Pickard-Cambridge, 1879), apenas um dos vários táxons descritos em sua homenagem. Foi eleito, em 1895, membro da "*Guernsey Society of Natural Science and Local Research*", de acordo com o editorial publicado nos *Transactions* da entidade, para os anos de 1895 a 1899.

parte da viagem na qual Rogers participou é também mencionada em Pickard-Cambridge (1918:11): “*On their arrival at Alexandria on the 14th* [de janeiro de 1864], *after a very bad passage, they were met, as had been arranged, by Mr. Henry Rogers (of Freshwater), a very good professional naturalist, who was engaged to skin birds and take charge of any other collections which might be made.*”. Essa expedição teria perdurado por dois meses e meio (entre 14 de janeiro e 29 de março) e resultado na coleta de 176 exemplares de 139 espécies de aves egípcias (Pickard-Cambridge, 1918:13), mas gerou a publicação de alguns estudos revisivos do acervo de aranhas (e.g. Pickard-Cambridge, 1876⁹, 1880), hemípteros e provavelmente vários outros.

O reverendo Octavius ao longo de sua profícua produção científica, aliás, apresenta inúmeras pistas sobre Rogers. Uma delas – com visto acima – é a menção à origem (ou local de residência?) do naturalista: *Freshwater*, pequena cidade situada na baía de mesmo nome, na ilha de Wight (sul da Inglaterra).

Outras aludem à reprodução de duas cartas do próprio viajante, quando de sua estada no Brasil, no periódico “*The Zoologist*”. Ele teria tomado o navio “Oneida” rumo ao Rio de Janeiro em agosto de 1869; no mesmo mês passou por Recife e Salvador, onde desembarcou por quatro horas, ocasião em que aproveitou para colecionar borboletas, besouros, moluscos, anfíbios e aranhas (Rogers *per* Pickard-Cambridge, 1869). A 7 de setembro chegava à capital do império e, dois dias depois, deixou algumas anotações algo imprecisas sobre seu itinerário: “*September 9. [...] We have made our arrangements and are going up the river Doce, and to work to the interior of Minas Geraus?* [sic]. *There are no*

⁹ Artigo publicado no mesmo volume da descrição de *Sterna eurygnatha* por Saunders!

inhabitants beyond Espiritode Santos. All the naturalists here say it is the richest collections-ground in Brazil, but all are afraid to go up the river on account of fever and Indians; but we are off and have no fears. It will cost us about £30 to get to Santos, from whence we must get up in canoes”.

Já em Rogers (*per* Pickard-Cambridge, 1870) não somente indica claramente as datas da estada em uma das localidades brasileiras, (“December, 1869, to January, 18, 1870”), como indica que o naturalista fora contratado pelo próprio Pickard-Cambridge (1870:2094-2095) para a formação das referidas coleções¹⁰: “My dear Sir, - I send you a few rambling notes from my journal, in hopes that some of them may prove interesting. We are getting more butterflies and beetles here than where we were went last I wrote, but birds are exceedling scarce [...]”.

Outros detalhes, colhidos aqui e ali, também ajudam a esclarecer a posição geográfica da enigmática¹¹ localidade visitada nessa ocasião, textualmente mencionada por Rogers como “Santa Fé, Minas Geraes, Brazil”. Esse ponto se trata da “Fazenda Santa Fé”, propriedade do major cearense João Antônio Capote (1828-1879)¹², originalmente chamada “Fazenda Solitário” e renomeada por seu novo dono, ao adquiri-la em 1865 (Studart, 1910). O ponto está situado no município de Chiador (Minas Gerais), às margens do rio Paraibuna (a cerca de 3 km do local onde esse desagua no

¹⁰ E também no trecho final: “I hope some of the spiders I have sent home will prove new to you; I only wish you could drop in upon us for a few months and collect them for yourself; you would find plenty to do!” (Rogers *per* Pickard-Cambridge, 1870:2098).

¹¹ Sobre esse local, Pinto (1952:21-rodapé) anota: “Vale dizer que Rogers é dos poucos colecionadores de aves sobre cuja estada em Minas Gerais não conseguimos informes”.

¹² Grafado por Rogers como “Major Copote”, foi uma personalidade importante no contexto estadual e mesmo nacional, por seus esforços humanitários em prol dos atingidos pelas secas do Ceará (ver editorial da “Gazeta de Notícias” de 27 de abril de 1881, pág.2). Seu nome é mencionado inúmeras vezes, nesse sentido, no jornal “O Globo” da época, como intermediário de várias remessas de dinheiro, alimentos e roupas, recolhidos em regime de mutirão.

rio Paraíba do Sul), portanto na área limítrofe com o território fluminense.

Consta, inclusive, que o major Capote teria hospedado¹³, anos antes (1865), o imperador Pedro II e sua comitiva, quando em viagem pelo interior fluminense para acompanhar as obras de ampliação da Estrada de Ferro Central do Brasil (Studart, 1910; Barroso, 1962; Rodriguez, 2004) (na época chamada Estrada de Ferro D. Pedro II). Muito proximamente à fazenda, há uma estação ferroviária denominada “Santa Fé”, inaugurada em 27 de julho de 1869 (IBGE, 1966; Giesbrecht, s.d.), na presença de Pedro II e seu genro, o duque de Saxe, além de Mariano Procópio, então diretor da ferrovia (Vianna, 1966).

Prossegue, de qualquer forma, a dúvida sobre o momento exato de sua estada no Sul do Brasil¹⁴, assim como a localização precisa dos lugares visitados. Com base no que foi mostrado acima, bem como em outro indício¹⁵, ela pode ser delimitada entre janeiro de 1870 e fevereiro de 1872. Sobre o território paranaense, pouco se pôde avançar porque, muito embora hajam exemplares admitidos para uma localidade “*Paraná*” (ver adiante), há também duas menções a “*Paraná River*” (*Phaetusa simplex*, dois exemplares: Saunders & Salvin, 1896:25) e “*Rio Paraná*” (*Crypturellus obsoletus*, um exemplar: Salvadori, 1895:520), o que impossibilita o devido resgate aos pontos de coleta, visto a grande extensão desse rio¹⁶. Por outro

¹³ Ou apenas “recepicionado” com um almoço (segundo Bastos, 1991:91): “De volta desta última estação, será servido um almoço oferecido pelo Sr. Major Capote a SS MM II, a Sua Alteza e a todos os convidados, na estação de Santa Fé”.

¹⁴ Em Sharpe (1875:111) consta a indicação de que a data de algumas coletas é anterior ou igual a 1875, com base no ano da publicação (vide Prefácio do volume, assinado por Albert Günther em dezembro de 1875): “*There is considerable variation in sizes among the South-American birds, a specimen in the Salvin-Godman cabinet, collected by Mr. Rogers in the province of Santa Catarina*”.

¹⁵ Em 3 de fevereiro de 1872, Rogers já estava novamente em *Freshwater*, conforme se observa em uma nota de sua autoria e publicada no “*The Zoologist*” (Rogers, 1860).

¹⁶ Vide anotação sobre Page em Straube (2013:98-99 – nota de rodapé).

lado, parece tentadora a hipótese de que todo esse material seja autenticamente paranaense, considerando os locais visitados, que coincidem com as proximidades de portos marinhos amplamente utilizados na época (Paranaguá/PR, Desterro = Florianópolis/SC e Rio Grande/RS).

Os exemplares claramente mencionados para o Paraná na extensa obra de Sharpe e colaboradores são apenas três, sendo um *Myiornis auricularis* (Sclater, 1888:89, da coleção Salvin-Godman) e dois *Amazilia versicolor* (Salvin & Hartert, 1892:185, da coleção Gould). Ressalta-se, porém, que muitas dessas informações publicadas não contêm os dados completos dos rótulos, cabendo uma revisão acurada com base no exame direto de tais espécimes e mesmo a busca por outros exemplares porventura omitidos na obra revisiva e nas citações que se fizeram a partir dela¹⁷.

Se a documentação escrita sobre o material guardado na Inglaterra oferece caminho espinhoso no que tange à Ornitologia paranaense, merecem crédito os espécimes mantidos no *University Museum of Zoology* (Cambridge, Inglaterra)¹⁸, colecionados em “*Papagayos, Parana Prov.; Brazil*” e que dão nova luz à investigação, visto que o dito topônimo (mas não as datas!) consta claramente como localidade de coleta de Rogers. Esse material, como se sabe graças a Shipley (1913:274), compunha a totalidade da coleção particular do médico e cirurgião J. Lawrence Hamilton, que a doou ao acervo precisamente em 5 de março de 1875.

¹⁷ De fato, exemplares de *Amazilia versicolor* e *Leucochloris albicollis* obtidos por Rogers em Santa Catarina, dispõem de informação da data de coleta: 1871 (V. de Q. Piacentini, *in litt.*, 2014), mas esse dado não consta em Salvin & Hartert (1892).

¹⁸ Segundo o database da entidade:

<http://www.museum.zoo.cam.ac.uk/collections.archives/catalogues/> ; acessado em 1º de março de 2014.

A localidade, mas tão somente com base na grafia apresentada, poderia ser atribuída ao rio dos Papagaios, situado nas imediações de Palmeira (hoje cortado pela rodovia BR-277) e que consistia de lugar amplamente conhecido no trajeto antigo rumo aos Campos Gerais. Não se sabe ao certo se essa localização é precisa, tampouco se o citado coletor seria o mesmo atribuído aos catálogos de Sharpe. Essa possibilidade, porém, perde a força se levarmos em consideração o que foi formulado acima sobre a presença de Rogers nas adjacências de cidades portuárias além de alguns topônimos homônimos próximos de Paranaguá¹⁹.

Aves alegadamente paranaenses atribuídas a Rogers e informadas pelo database do *University Museum of Zoology*, são as seguintes²⁰:

UMZC-	Espécie
13/Fal/2/ff/14*	<i>Falco sparverius ? eidos</i>
13/Fal/6/c/2	<i>Micrastur ruficollis ? ruficollis</i>
16/Cha/5/d/1	<i>Charadrius collaris</i>
22/Apo/14/b/11	<i>Streptoprocne zonaris ? subsp.</i>
24/Tro/8/1/9	<i>Trogon strigilatus ? subsp.</i>
26/Buc/2/a/11	<i>Chelidoptera tenebrosa brasiliensis</i>
26/Pic/28/h/2*	<i>Picumnus exilis ? exilis</i>
27/Fur/58/c/3	<i>Xenops rutilans rutilans</i>
27/Hir/13/a/1	<i>Progne chalybea</i>
27/Paru/18/b/3*	<i>Parula pitiayumi ? subsp.</i>
27/Pip/4/a/7*	<i>Chiroxiphia caudata</i>
27/Thr/54/g/5*	<i>Thraupis palmarum palmarum</i>
27/Tur/68/ccc/2	<i>Turdus rufiventris ? rufiventris</i>
27/Tyr/87/a/1*	<i>Pyrocephalus rubinus rubinus</i>

¹⁹ Por exemplo, ilha dos Papagaios (na Baía de Paranaguá) e fazenda Papagaios (ou Papagaio), antiga sesmaria (Século XVIII) de propriedade do ouvidor-geral de Paranaguá, Antonio dos Santos Soares (ver Leão, 1924-1928:1468-1469).

²⁰ Asterisco indica que o coletor consta como “Rodgers”. Pontos de interrogação referem à dúvida na identificação da subespécie.

Dos catorze espécimes provenientes desse local, dois são incompatíveis com a avifauna do estado (*Chelidoptera tenebrosa* e *Picumnus exilis*). Com base em meu conhecimento ornitogeográfico considero igualmente problemática *Trogon strigilatus* (= *Trogon viridis*), por ser restrita à porção litorânea, embora isso reforce a localização do topônimo como próximo de Paranaguá. No entanto, *Falco sparverius* e *Streptoprocne zonaris* são aves muito comuns nos Campos Gerais e absolutamente raros no litoral. Assim, vemos que todas as devidas precauções devem ser tomadas, ao menos enquanto novas informações não surjam a partir da análise direta dos rótulos, registros, anotações e eventuais documentações adicionais.

Resumidamente, lembramos que não obstante sejam documentos importantes do ponto de vista histórico, todos esses espécimes aqui mantêm algumas dúvidas já levantadas pela literatura quanto às informações geográficas. Com relação ao Rio Grande do Sul, Belton (1984:394)²¹ questiona a autenticidade de vários exemplares, motivado por uma série de inconsistências de distribuição, como o caso de *Barythengus ruficapillus*, *Cichlocolaptes leucophrus*, *Hypoedaleus guttatus*, *Orthogonys chloricterus* (respectivamente Belton, 1984:583, 628; 1985:3, 146), espécies improváveis de ali ocorrerem. No caso particular de *Phaeothlypis rivularis*, faz – ainda – uma digressão sobre a localidade presumida: “*Only record of this species for Rio Grande do Sul is that published by Sharpe (1885, p.401) listing British Museum specimen collected by Rogers from Lagoa dos Patos. Specimen originally labeled B[asileuterus]. leucoblepharus, female, 1872. Lagoa dos*

²¹ “There is also room for doubt about British Museum specimens provided by Rogers and labeled ‘Lagoa dos Patos, Rio Grande do Sul’. Doubtless many of the specimens furnished by these two collectors [referindo-se também a Joyner] did originate in the state, but the uncertainties involved make it difficult to accept as authentic their specimens of any species whose presence here cannot be verified from other sources”.

Patos, with sandy beaches, is unlikely habitat for this species and too large to be cited as precise origin. Closest point at which known range approaches this state is Misiones Province, Argentina. Roger's specimen could have come from forested banks of Rio Uruguay in far NW, just across from Misiones, but I have sought it there without result. Ihering (1899a) accepted this record without question, but I hold serious reservations about it and prefer to omit species from my state list until better evidence of its presence available” (Belton, 1985:163).

Assim, embora esses indicativos não possam ser validados, não há dúvidas sobre o trabalho de coleta de Rogers nesse estado brasileiro, haja vista o arrazoadado apresentado sobre o itinerário e datas de permanência na região sul do Brasil. A presença de Rogers em território gaúcho, embora pouco esclarecida do ponto de vista ornitológico, também encontra outros suportes importantes na literatura²², apontando (em pelo menos duas fontes) para a companhia de seu filho durante aquela estada: Pickard-Cambridge (1869:1923): “*The following extracts from a letter just received from Mr. Henry Rogers (Isle of Wight) (who with his son has gone on a collecting expedition to South America) [...]*” além de Pickard-Cambridge (1873:119): “*A single adult female example of this Spider was found by Mr. William Rogers (son ²³ of Mr. Henry Rogers, of Freshwater, Isle of Wight) on the Rio Grande, Brazil, and was forwarded to me in August, 1872”.*

²² Por exemplo, em “*A single example of this very pretty spider was contained in a collection made for me on the Rio Grande (South America) by Mr. Henry Rogers, of Freshwater, in the Isle of Wight*” (Pickard-Cambridge, 1877:35)

²³ Com base nessa informação, colhi – por pesquisa no Wikitree (<http://www.wikitree.com/>) – alguns dados que poderiam contribuir à biografia. Seu nome completo seria James Henry Thomas Rogers, nascido em Axminster (Devon, Inglaterra) em 1822 (ou 1820), tendo se casado em 4 de maio de 1849 em Freshwater, com Elisabeth St. John. Da união teriam nascido três filhos: Henry, William e Elisabeth. Teria exercido os ofícios de “sapateiro” (*shoemaker*) e naturalista e faleceu na mesma cidade onde residira, no mês de junho de 1905.

Cronologia

- 1871** Auguste von Pelzeln publica versão consolidada do “**Zur Ornithologie brasiliens**”, revisão completa dos espécies obtidos por JOHANN NATTERER em sua expedição ao Brasil. De menos de uma dezena, o Paraná passou a contar com 165 espécies registradas para sua avifauna.
- 1871** Tendo com base as coleções da Sociedade Filomática do Pará, estabelece-se o Museu Paraense, em Belém, tendo em Domingos Soares Penna o seu primeiro diretor.
- 1872** Fundação do Farol das Conchas, na Ilha do Mel.
- 1872** A recém fundada Companhia Florestal Paranaense dá início à exploração comercial do pinheiro-do-paraná, por iniciativa de ANTÔNIO REBOUÇAS em Piraquara.
- 1872** Fundação do terminal portuário de Paranaguá.
- 1877** Início da colonização italiana no Paraná na colônia Nova Itália, em Morretes.
- 1872** JULIUS PLATZMANN publica “**Aus der Bai von Paranagua**”, relatando suas experiências durante sua estada no litoral paranaense.
- 1872** THOMAS PLANTAGENET BIGG-WITHER chega ao Paraná para sua expedição que estende-se até 1875.

1872 a 1875

THOMAS BIGG-WITHER

THOMAS PLANTAGENET BIGG-WITHER (n. Tangier Park, Hampshire, Inglaterra: 16 de outubro de 1845; f. alto-mar a bordo do navio Assam, próximo de Aden, Iêmen: 19 de julho de 1890) era o décimo filho (dentre 14) de Emma Jemima Orde e Lovelace Bigg-Wither, patriarca de uma família tradicional de Hampshire ali residente, geração após geração, por mais de 500 anos (R. Bigg-Wither, 1907). Era membro da “Dinastia dos Plantagenetas”, estirpe da nobreza inglesa, fundada no Século XII no Condado de Anjou (ou Andegávia, atualmente no oeste da França). Thomas estudou nas faculdades de Bradfield e King, optando pela carreira de engenheiro civil, ofício que aprimorou em Portsmouth, no estaleiro do almirantado real britânico.

Em agosto de 1872, ele adentrou à equipe de engenheiros da *Parana and Mato Grosso Survey Expedition*, comandada pelo sueco Christian Palm²⁴ e que tinha como atribuição atender a uma ordem sancionada por Pedro II com a finalidade de reconhecer, inventariar e proceder estudos geográficos na província do Paraná. Por trás da

²⁴ Não tivemos acesso a nenhuma biografia de Palm, ainda que seu nome seja repetitivamente mencionado na literatura histórica. Segundo as palavras do próprio Bigg-Wither, o capitão Palm era oficial do exército sueco e privilegiado por sua amizade pessoal com o rei da Suécia (Carlos XV ou Carlos IV da Noruega). A partir da mesma fonte, depreende-se que ele faleceu de febre amarela no Rio de Janeiro em fevereiro de 1873. Foi substituído (entre outubro de 1873 e outubro de 1874) na chefia da *Parana and Mato Grosso Survey Expedition* por William Lloyd que depois se tornou concessionário da empresa.

proposta estavam os trabalhos ligados à concessão cedida ao grupo empresarial²⁵ formado pelo Barão (depois Visconde) de Mauá para o estabelecimento de interligação, por meio de ferrovias e embarcações, ligando o Paraná à cidade de Miranda (na época denominada Mondego), no Mato Grosso do Sul²⁶. A missão, desta forma, relacionava-se diretamente àquela levada a efeito por vários engenheiros e topógrafos, décadas antes²⁷.

Mais do que um projeto ambicioso de constituição de fronteiras e para a comunicação entre regiões isoladas, era um antigo interesse do império brasileiro que, muitos anos depois, acabou sendo parcialmente concretizada pela iniciativa do empresário Percival Farquhar. Esse panorama é claramente mencionado em diversas obras e relatórios institucionais, dentre eles PARANÁ (1876:72):

“Ha muitos annos se estuda e discute o importante assumpto de uma via de comunicação entre o littoral do imperio e a Provincia do Matto Grosso.

A principio, julgando-se que ficaria satisfeita esta aspiração nacional com a construcção de uma estrada de rodagem que ligasse a navegação que offerecem alguns affluentes do Paraná e Paraguay, ordenou-se não só a exploração dos rios Ivahy,

²⁵ Segundo consta, os sócios dessa coligação seriam o próprio Mauá, além de Antônio Rebouças, Christian Palm, Thomas Cochrane e William Lloyd.

²⁶ Essa seria a primeira parte de um planejamento ainda mais arrojado, que incluiria o porto de Paranaguá e, além de Miranda, as cidades de Sucre, Potosí e Oruro, na Bolívia. A ideia, dessa forma, hospedava em si o primórdio do interesse “internacional” de uma ligação ferroviária entre os oceanos Atlântico e Pacífico.

²⁷ Um desses era Francisco Antônio Monteiro Tourinho (1837-1883) (Vellozo, 1895) que se opôs fortemente ao traçado sugerido pela expedição anglossueca. Tourinho chegou do Rio de Janeiro em 1865 e, dois anos depois, substituiu Antônio Rebouças na direção dos trabalhos da Estrada da Graciosa, a qual acabou sendo concluída em 1873. Para ele, o caminho mais adequado para a ligação do Paraná com o Mato Grosso do Sul seria pelo rio Piquiri, aproveitando-se do estrangulamento do rio Paraná nas Sete Quedas. Apoiado pelo então governador Lamenha Lins, teria designado os irmãos Telêmaco e Nestor Borba para uma expedição aos saltos de Guaíra, bem como imediações sul-mato-grossenses (*vide* Straube, 2013:223-240).

Tibagy e Paranapanema, como posteriormente também os reconhecimentos topographicos necessarios para o traçado de uma via regular entre a Corredeira do Ferro no Ivahy passando pela cidade de Guarapuava.

Feitos estes estudos preliminares, surgiu então, como era natural, grandes divergencias nas opiniões sobre o melhor traçado encarado sob os pontos de vista strategico, politico e commercial, sustentando uns a preeminencia da linha pela Provincia do Paraná e outros dando primazia á do valle do Rio Grande pelas provincias de Minas e S.Paulo.

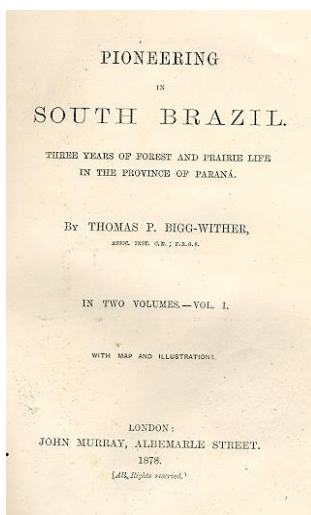
Entretanto a idéa ganhára forças, e mais tarde o engenheiro sueco capitão Palm, já fallecido apresentou ao governo imperial propostas para a exploração de uma estrada de ferro entre o Rio de Janeiro e Curityba, ou entre Antonina e Miranda, devendo qualquer dellas ser prolongada até o Pacifico atravessando as regiões mais importantes de Bolivia.

O governo preferiu a segunda linha, e por decreto n.4851 de 22 de Dezembro de 1871, concedeu ao barão de Mauá e outros autorisação para procederem os estudos de uma via ferrea de Curityba á Miranda e de linhas de navegação nos rios Ivahy, Paraná, Ivinheima, Brilhante e Mondego.

Foram estes estudos principados pelo capitão Palm, e tendo fallecido este engenheiro, succedeu-se na direção dos trabalhos o engenheiro Lloyd, que terminou-os, apresentando em Julho do anno passado as respectivas plantas, orçamento e relatorio”.

Uma das equipes de Palm (que ao total era formada por dezesseis engenheiros ingleses e suecos) ficou encarregada de explorar o rio Paraná e, a outra, o Ivaí.

Bigg-Wither, aos 27 anos de idade, engajou-se nessa última, realizando sua expedição por dois anos, não obstante uma enormidade de dificuldades encontradas e mesmo desistências de alguns colegas, em virtude de problemas de saúde. As complicadas questões logísticas de acesso pelo rio Ivaí, assim como a prevista “insalubridade”²⁸ do rio Paraná, levaram a equipe de Thomas a planejar uma rota alternativa, considerando então o rio Tibagi, que acabou sendo totalmente explorado entre maio e setembro de 1875.



Thomas Plantagenet Bigg-Wither (1845-1890) E Página de rosto do primeiro volume da obra “*Pioneering in south Brazil: three years of forest and prairie life in the Province of Paraná*” de sua autoria (Fonte: Bigg-Wither, 1980).

Retornando à Inglaterra em 1875, ele apressou-se em divulgar os seus resultados; afinal, era também um homem da ciência! Em 12 de junho do ano seguinte, apresentou uma palestra para a *Royal Geographical Society*, o que mereceu

²⁸ Leia-se focos endêmicos de malária e febre amarela, cujos agentes etiológicos foram desvendados apenas em 1907 e no fim do século XIX, respectivamente.

amplas discussões sobre os “distantes e longínquos sertões da Província do Paraná”, suas características naturais (em especial as jazidas de diamante) e as possibilidades de colonização por meio dos acidentes fluviais ali existentes. Seu foco era o rio Tibagi, que acabou descrito, mapeado e reconhecido por meio de um artigo de sua autoria, denominado “*The valley of the Tibagy, Brazil*”, publicado pela secular instituição londrina (Bigg-Wither, 1876a)²⁹.

Ali, ele não somente explica as circunstâncias de sua viagem mas define, com materiais e provas colhidas *in situ*, quais as vias terrestres e fluviais que poderiam ser utilizadas, levando-se em conta as características geográficas, geológicas, climáticas e hidrológicas da região, bem como aspectos da natureza e presença de aldeamentos indígenas. O trabalho é, sem dúvida, uma das melhores descrições conhecidas sobre o rio Tibagi, ao qual o autor anexou um excelente mapa hidrográfico³⁰ na escala 1:250.000.

Em 1878, Bigg-Wither publicou a sua obra-maior, o livro “*Pioneering in South Brazil*”³¹ onde, em dois volumes e mais de 700 páginas, descreve toda a sua viagem com riquíssimos detalhes e valiosas notas de apêndice. Três anos antes de tê-la publicado, Thomas casou-se³² em Kent

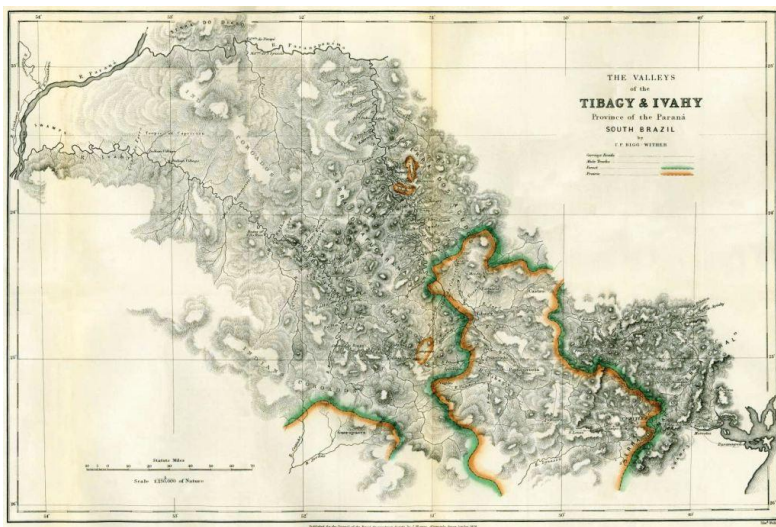
²⁹ O mesmo artigo foi publicado duas vezes, com o mesmo conteúdo (Bigg-Wither, 1876a, 1876b).

³⁰ Esse mapa foi originalmente publicado nesse artigo, mas reproduzido em algumas versões de sua obra traduzida para o português. Segundo consta em sua nota introdutória, ele foi desenhado com base em informações colhidas por ele mesmo, além de dados oriundos dos documentos dos “...brothers Keller, Herr Swartz, and the various members of the Paraná and Mato Grosso Survey Expedition” (Bigg-Wither, 1878:viii). Referia-se ao pai e filho Keller, bem como a Pierre Aloys Scherer (vide Straube, 2013) junto a seus ajudantes Maurício Schwartz e Júlio Kallman (Trindade, 2009:11).

³¹ Essa obra foi amplamente utilizada por outros naturalistas e exploradores que se aventuraram na região, especialmente no século seguinte. Um deles foi o entomólogo Kaye (1911) que a menciona textualmente e, ainda, oferece outras descrições de locais vistos no interior do Paraná (p.ex. Castro, Vila Velha, Guartelá, Tibagi, Fernandes Pinheiro, Irati, Rio Negro), no ano de 1910.

³² Alguns meses depois (17 de agosto de 1875) de sua palestra na Sociedade, com Mary Grace Woodgate, com quem teve quatro filhos (Marquês de Ruvigny e Raineval, 1905).

(Inglaterra), onde continuou atuando como engenheiro, fazendo prospecções e estudos geográficos e formando vários discípulos.



Mapa das bacias hidrográficas dos rios Tibagi e Ivaí (“*The valleys of Tibagy & Ivahy rivers*”) desenhado por Thomas P. Bigg-Wither e que é encartado no artigo revisivo (Fonte: Bigg-Wither, 1876a).

Em seguida (1882) assume o cargo de engenheiro da Companhia Ferroviária de Bengala Central³³ e, com a falência da empresa, transfere-se para Gorakhpur (norte da Índia, na fronteira com o Nepal), atuando na manutenção e estudos de novos ramais para a empresa britânica de transporte ferroviário. Em seus momentos finais, já profundamente debilitado pelas doenças adquiridas no novo

³³ Essa empresa consta ter sido uma concessão à família Rothschild que interessantes conexões apresenta com a História Natural, inclusive brasileira. O segundo Barão (Lionel Walter) de Rothschild tinha uma coleção particular fundada em 1889 que, em parte, acabou vendida ao Museu Britânico; o acervo de aves foi comprado pelo *American Museum of Natural History* em 1931.

país, tem seu retorno marcado para julho de 1890. Embarca no navio “*P. and O. ss. Assam*”³⁴ mas vem a falecer (com apenas 44 anos de idade) poucas horas antes de chegar à cidade de Aden, no Iêmen, tendo seu corpo lançado ao mar em cerimônia modesta de bordo.

A contribuição de Bigg-Wither é verdadeiramente incalculável. Primeiro pela envergadura de sua obra, bem como o detalhamento dos eventos, das condições sócio-culturais da época, das paisagens e dos animais e plantas que observava. Segundo porque o seu foco é exclusivamente voltado ao Paraná, tratando de locais que naquele momento eram ainda inexplorados e desconhecidos, ao menos sob a sua peculiar visão multidisciplinar. Tornou-se um dos autores mais conhecidos na história paranaense, em virtude da documentação que colheu e da importância dela na compreensão de vários assuntos ligados ao estado. Por essa razão, sua viagem – e suas impressões sobre o Paraná – são até hoje objeto de estudos ou fontes para dissertações mais gerais (Reque, 2000; Bonnici, 2006; Trindade, 2007; Cordeiro, 2008; Stadniky, 2009; Schmidt, 2011)

Bigg-Wither, em toda a sua obra demonstra claramente um forte interesse pelos animais, deixando também óbvia a inclinação como caçador. Abatia vários exemplares de mamíferos e aves, mas também fazia observações sobre outros sem nenhum interesse cinegético ou esportivo como serpentes, anfíbios³⁵, formigas, insetos fosforescentes, cupins, borboletas, louva-a-deus, cigarras, abelhas sociais, insetos parasitas, carrapatos e muitos outros. Por essa característica pessoal, pouco contribuiu sobre a

³⁴ Navio da “*Peninsular and Oriental Steam Navigation Company*”.

³⁵ A descrição, por exemplo, de seu primeiro contato com a rã-chorona é especialmente interessante e também poético (Bigg-Wither, 1878:145-146); mal sabia Bigg-Wither que essa espécie, afim de *Physalaemus gracilis* é um anuro que, em pleno Século XXI, ainda não foi descrito pela ciência! Esse mesmo anfíbio de vocalização singular foi mencionado também por Avé-Lallemant na Curitiba de 1858 (Straube, 2013).

vegetação que, quando muito, baseava-se na menção à paisagem como um todo, sem indicação mais elaborada de espécies de plantas. As aves fazem parte de significativos fragmentos de seu legado, chamando a atenção não propriamente pela riqueza de espécies citadas mas pelo notável aprofundamento das observações.

Isso também se percebe em seu estudo sobre o rio Tibagi, que não se restringe a questões técnicas de geografia. Denuncia-se como verdadeiro naturalista quando estende-se, vez ou outra, à descrição da vegetação e, em pelo menos um trecho, cita a avifauna, ao tratar da Fazenda Monte Alegre:

*“Pine-trees, most of them of enormous size, are here the characteristic growth of the forest, at all altitudes, that is above 1600 to 1700 feet above sea-level. Below this line they suddendly and completely dissaper, and their place is taken by other and more tropical types of vegetation. These pine-trees grow to a height of 130 and 140 feet, their trunks rising straight and branchless to within a few feet of their summits, where a multitude of a long slender boughs starts out horizontally from the trunk, and form an umbrella-like to of about 60 feet in diameter, wich is the favourite resort , especially in the fruit season, of innumerable **flocks of parrots, Brazilian jays, and monkeys**”* ³⁶ (Bigg-Wither, 1876:460-461).

³⁶ “Pinheiros, a maioria deles de tamanho enorme, são exemplos das dimensões características desta floresta, ocorrendo em todas as altitudes acima de 1600 a 1700 pés [n.t.: 480-520 m] acima do nível do mar. Abaixo desta linha, eles repentina e completamente desaparecem, sendo substituídos por tipos tropicais de vegetação. Esses pinheiros atingem até 130 e 140 pés [n.t.: 39-42 m], tendo seu tronco ereto e desganhado até poucos metros de sua copa, onde uma grande quantidade de ramos longos parte horizontalmente do tronco, com a forma de um guarda-chuva de cerca de 60 pés [n.t.: 18 m] de diâmetro, o qual é pouso favorito, especialmente no período das frutas, de inúmeros bandos de papagaios, gralhas brasileiras e macacos”.

Demonstra com isso, ser um dos primeiros autores a identificar a linha altitudinal de 500 metros como limites para a ocorrência do pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*), bem como a situação divisória de importância biogeográfica entre as matas de araucária e estacionais. Essa condição transicional efetivamente ocorre naquela região (atualmente no município de Telêmaco Borba) que, aliás até os dias de hoje, chama a atenção pela grande quantidade de pássaros que pode ser observada no período de primavera. Adicionalmente, merece menção à abundância de “papagaios”, que podemos identificar como o papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*), espécie que se tornou bastante rara em todo o médio Tibagi e que, por este testemunho, traz – no mínimo – informações acerca de sua presença.

No mesmo artigo, Bigg-Wither também discorre sobre a origem dos campos do Inhonhô, na região das serras dos Agudos e Apucarana, contribuição essa sumarizada no apêndice de seu livro (Bigg-Wither, 1878:320-321) e que ilustra um pouco da origem desse tipo de vegetação no sul do Brasil.

Meritória é uma análise mais profunda do “*Pioneering in South Brazil*” que, para este caso em especial, cabe detalhamento de itinerário e datas para o resgate das devidas informações da avifauna. O livro é originalmente dividido em dois volumes³⁷, que somam quatro partes. A primeira delas, com 12 capítulos, narra a sua chegada ao Brasil, dedicando um trecho considerável ao Rio de Janeiro mas logo voltando-se ao planalto paranaense, entre Curitiba e as nascentes do rio Ivaí; esse trecho alude à viagem empreendida desde sua saída na Inglaterra, o

³⁷ Nas duas edições em português, o livro é composto de um único volume.

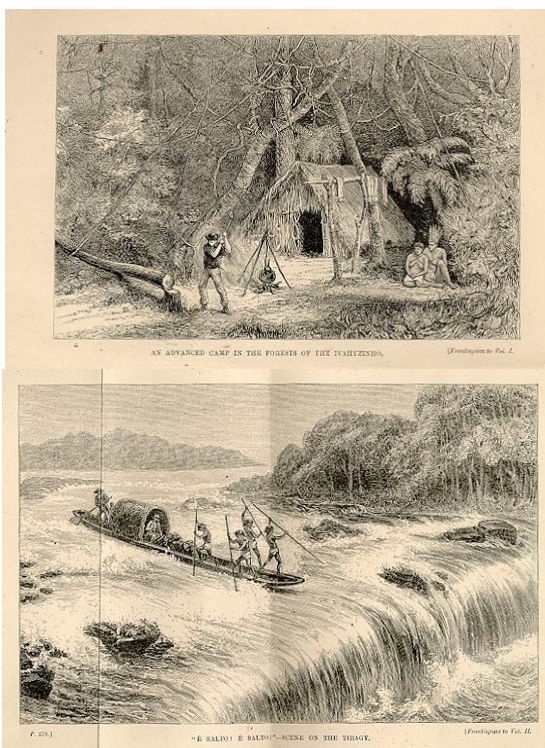
percurso marítimo e os caminhos seguidos de Antonina até a Colônia Teresa Cristina. A metade inicial da segunda parte (capítulos 1 a 8), que fecha o volume I, refere-se ao trecho do rio Ivaí que foi percorrido pelos expedicionários.

O segundo tomo contém a continuação da segunda parte (capítulos 9 a 16), da terceira parte (4 capítulos) sobre o vale do rio Ribeira e, por fim, de uma quarta parte (9 capítulos), que é totalmente alusiva ao rio Tibagi. Além deste conteúdo há um apêndice com variadas notas complementares, com assuntos sobre os quais o autor decidiu se aprofundar. A sequência adotada na obra, desta forma, concorda totalmente com o andamento gradativo de seu itinerário.

Bigg-Wither embarcou, rumo ao Brasil (maio de 1872), no navio “Lusitânia”, que se encontrava ancorado no rio Mersey (noroeste da Inglaterra), situado na baía de Liverpool. Chegou ao Rio de Janeiro em 19 de junho e, segundo consta, ficou logo maravilhado pela visão das florestas luxuriantes e das cadeias de montanhas, ilustradas pelo Corcovado e também pelo Pão de Açúcar, segundo ele, o *Matterhorn* do Brasil. Por mais de um mês permaneceu na capital do império, preparando a viagem e a respectiva documentação, mas aproveitando para realizar observações na cidade.

Em 25 de julho toma o navio-correio a vapor “Camões”, com destino a Paranaguá. Segundo seu relato, a programação incluía um cuidadoso planejamento para a turma de engenheiros e auxiliares; o pessoal seria dividido em quatro grupos, cada qual com três engenheiros e um topógrafo. Os grupos I e II seguiriam para Paranaguá, Antonina e por fim Curitiba, onde separar-se-iam, trabalhando – o primeiro – entre capital da Província e a Colônia Teresa Cristina (hoje no município de Cândido de Abreu) e, o segundo, a partir desta localidade até a

Corredeira do Ferro, ao longo do rio Ivaí. Já os grupos III e IV ficariam encarregados dos trabalhos entre essa corredeira e Miranda, no Mato Grosso do Sul, para isso seguindo até Montevidéu, adentrando o rio da Prata e subindo pelos rios Paraguai e Miranda.



Algumas ilustrações encartadas em Bigg-Wither (1878): “*An advanced camp in the forests of the Ivahyzinho*” e “*É Salto! É salto! Scene on the Tibagy*”.

Thomas fez parte da equipe II, que chegou a Paranaguá dois dias depois, portanto, em 27 de julho de

1872. De lá tomou um barco para Antonina de onde, conforme seu relato, partia uma estrada de rodagem³⁸ para Curitiba, passando pela Serra do Mar.

É já durante esse três dias passados em Antonina que Bigg-Wither começa a citar aves. A primeira espécie tratada por ele (uma narceja: *Gallinago paraguaiæ*) resume todo o seu interesse pela avifauna: ele era um caçador e, desta forma, o padrão de seus relatos pouco fugiam das crônicas de viajantes anteriores, pouco ricas no sentido biológico e centradas mais no esporte em si. Ao mesmo tempo, era criterioso em algumas situações, descrevendo atentamente a coloração da plumagem das espécies abatidas e comparando-as com as equivalentes (por parentesco ou coloração) com as quais estava familiarizado no Velho Mundo (p.60-61):

“During these three days of our stay at Antonina we found time occasionally to take out our guns, but it was not until the evening of the second day that we made the discovery that certain swampy meadows just outside the town were literally teeming with snipe. Faber (chief of the first staff) and myself happened to be strolling home on that particular evening from a short expedition in the woods, when we saw several of these birds flitting about. We did not at once recognize them (never dreaming of meeting in the “new world” so homely a bird), but on shooting one, out of curiosity, we were astonished to find what it really was”.

“Durante esses três dias de nossa estada em Antonina nós ocasionalmente encontramos tempo para pegar nossas armas, mas isso não ocorreu até a tarde do segundo dia, quando descobrimos que certos banhados muito próximos da cidade estavam literalmente pululando de narcejas. Faber (chefe da Turma 1) e eu saímos de casa nesta tarde para uma curta incursão pelas florestas, quando vimos várias destas aves esvoaçando nos arredores. Nós não pudemos inicialmente reconhecê-las (jamais pensando em encontrar uma espécie tão familiar do “Velho Mundo”) mas, ao abater uma delas, cheios de curiosidade, ficamos atônitos de confirmar o que realmente eram”.

Pouco adiante (p.61), ainda faz menção à informação dada pelo proprietário do hotel onde se encontravam

³⁸ A grafia do nome desta estrada foi “*Gracioso Road*”, forma que ele usou em três ocasiões.

hospedados, sobre a abundância destas aves em Curitiba, o que os deixou empolgados:

“The third and last day of our stay in Antonina was altogether too busy a one to allow us to profit by the discover made the previous evening, but Sr. Pacoal did his best to comfort us by the assurance that there were any numbers of the ‘long bills’, as he called them, on the Curitiba plateau, and that we might shoot them there from the very doors of the houses of the town! That night I loaded fifty cartridges with No. 8 shot, wondering greatly what kind of place Curitiba (a capital town, be it remembered) could be, where snipe could be shot with such marvellous facility”.

“O terceiro e último dia de nossa estada em Antonina foi totalmente ocupado com a atividade decorrente da descoberta que fizéramos na noite anterior, mas o sr. Pascoal animou-nos ao enfatizar que havia grande número de ‘bicudos’, como eram chamados no planalto de curitiba, e que era possível caçá-los da porta das casas daquela cidade! Naquela noite, eu carreguei cinquenta cartuchos com chumbo 8, imaginando que tipo de lugar poderia ser Curitiba (lembrando que se trata de uma capital), onde narcejas podem ser abatidas com tão maravilhosa facilidade.

Dia 31 de julho, cedo, as carroças estavam prontas para a viagem. O grupo sai de Antonina, atingindo “*St. João*”, ou seja, São João da Graciosa. Tomaram a Estrada da Graciosa, antiga via de acesso entre Curitiba e o litoral, totalmente reformada em 1873³⁹.

Dali para a frente a viagem foi tumultuada, uma vez que o caminho encontrava-se em mau estado de conservação, situação tradicionalmente descrita em várias crônicas contemporâneas (cf. Moreira, 1975). O caminho tomado pela expedição compreendia toda a baixada litorânea intercalada por morros isolados, passando pela Figueira de Braço (Antonina) e cruzando o rio Sapitanduva (Morretes) e, aos poucos, galgando as vertentes íngremes da Serra do Mar, após cruzar os rios São João e Mãe Catira.

³⁹ Cabe lembrar que o que hoje se conhece como Estrada da Graciosa, parte de vários roteiros turísticos paranaenses, não é propriamente, o mesmo trajeto que era seguido antigamente, visto que o caminho sofreu várias modificações, de acordo com os vários projetos de restauração ali ocorridos. Os vários percursos desta rodovia são apresentados, com ampla descrição histórica e trajetos, no clássico tratado de Moreira (1975); um mapa elucidativo está encartado entre as páginas 320 e 321.

Em certo ponto, já no alto da Serra, Bigg-Wither menciona a bela vista que pôde contemplar em um determinado ponto do percurso, que ele descreve como tendo “2300 feet” (700 metros) de altitude. Referia-se possivelmente à Vista Lacerda ou algum outro ponto próximo dali, com base na informação orográfica.

Conforme ia escurecendo, com o fim do dia, planejaram se hospedar em um “hotel”, indicado por um dos ajudantes. A casa, feita de madeira, era um estabelecimento comercial, segundo ele visitada por “...tropeiros *and waggon drivers as a convenient half-way house between Antonina and Curitiba*”. Falava Bigg-Wither da edificação conhecida popularmente como “Casa de Pedra”, situada na localidade do Corvo⁴⁰ à beira do Caminho dos Jesuítas e do rio do Corvo, em uma zona de mata montana e altomontana.

Ali tiveram uma noite fria e úmida, peculiar daquela região e, no dia seguinte (1º de agosto de 1872), chegam a Curitiba. No caminho para a capital da Província, menciona a ocorrência de uma inesperada geada, ao longo daquele trecho da Estrada da Graciosa, já no atual município de Quatro Barras.

Ao adentrar a transição entre as densas matas nebulares da Serra do Mar e a floresta de araucária do Planalto de Curitiba cita (p.70) dois pica-paus (primeiramente *Colaptes campestris* e, depois, *Dryocopus lineatus* ou *Campephilus robustus*), detalhando a cor de suas plumagens e, ainda, oferecendo testemunho sobre distribuição:

“The pine forests were swarming with different kinds of birds—chiefly wood-peckers and birds of the jay tribe. The

“As matas de pinheiros estavam repletas de diferentes tipos de aves, especialmente picapaus e aves do grupo das gralhas. O

⁴⁰ Esse mesmo lugar (também chamado de “Casa dos Garbers”, em razão de ter sido propriedade desta família curitibana) foi visitado por Emilie Snethlage (1929) e Emil Kaempfer (1930); atualmente toda a região é destino trivial para observadores e fotógrafos de aves, em virtude da riqueza e expressividade da avifauna.

most common of the former genus was a yellow bird, spotted with black, about the size of a missel-thrush, which, though evidently a true wood-pecker, as the well-worn tail abundantly testified, was more often found in little flocks in the grass-grown clearings by the sides of the road than on trees themselves. These birds looked invitingly plump, so we shot several, intending to cook them for breakfast if the next halting-place should prove as barren as the last. Another kind of woodpecker, slightly bigger, with a brown body, and most magnificent scarlet crest, gave us several tantalizing chases before we could get a specimen. This bird was of solitary and retiring habits, and seemed to spend its life running up the trunks of the pine trees, or flying from one to another. It was very shy and wary, and when startled by any slight noise, or when in any way suspicious of danger, would stand out from the tree perfectly stiff and motionless, with crest erect and head held well back from the trunk, evidently listening intently ; the slightest renewal of the noise would then send it off, and in a few seconds its quick " tap, tap " would be heard again, far away in the forest. I never saw one of these birds on any other tree but the pine, and I have no doubt but that they are only to be found in the pine forests."

mais comum dentre aquelas era uma ave amarela, pintalgada com preto e do tamanho de um tordo europeu, a qual tratava-se evidentemente de um picapau, como a rija cauda testemunhava; era mais frequentemente encontrada em pequenos bandos no solo de gramíneas ao longo das clareiras da beira da estrada com que nas árvores propriamente ditas. Essas aves pareciam convidativamente gordas, então nós atiramos várias vezes, visando-as para o café da manhã, se a próxima parada for melhor do que a anterior. Um outro tipo de pica-pau, um pouco maior, com o corpo marrom e uma magnífica crista escarlate, obrigou-nos a várias tentativas para pegá-lo, antes de obtermos um espécime. A ave tinha hábitos solitários e esquivos e parecia gastar seu tempo deslocando-se pelos troncos de pinheiros ou voando entre uma e outra destas árvores. Era muito tímido e cauteloso, e quando assustado por algum ruído, ou quando percebia um perigo iminente, ficava imóvel por detrás do tronco com a crista eriçada, escutando atentamente; a presença de novo ruído o fazia voar e, em poucos segundos, o seu "tap, tap" era escutado de novo, ao longe na floresta. Eu nunca observei essa ave em outra árvore que não o pinheiro e não tenho dúvidas de que somente pode ser encontrada nos pinheirais.

Na sequência, quatro horas depois de saírem do Corvo, os exploradores chegaram a um povoado, onde se refizeram e se alimentaram. Era a região limítrofe entre os atuais municípios de Piraquara e Quatro Barras, ou melhor, o bairro da Borda do Campo (*vide* Straube, 2013:193). De lá saíram em seguida para, duas horas depois, chegarem às serrarias do sr. Antonio Rebouças⁴¹ que, por quatro anos

⁴¹ Esse era um dos "Engenheiros Rebouças", eternizados na denominação de uma rua curitibana. Participou, junto ao seu irmão André (esse mais conhecido: *vide* Telêmaco e Nestor Borba), dos estudos para o estabelecimento da ferrovia Paraná-Mato Grosso (ver sob "Engenheiros Rebouças" em Straube, 2013:247).

(1864-1867), fôra o engenheiro-chefe das obras da Estrada da Graciosa, sucedendo Henrique de Beaurepaire-Rohan.

Rebouças e seu irmão André eram os principais acionistas da “Companhia Florestal Paranaense”, criada um ano antes da visita de Bigg-Wither com a finalidade de processar a madeira de pinho para a manufatura de barricas visando ao acondicionamento da erva-mate, principal produto de exportação paranaense naquela época. Essas serrarias situavam-se na Borda do Campo, em ponto estratégico entre Curitiba e Antonina e, além do seu objetivo principal, também preparavam a matéria-prima florestal para o uso (dormentes) nas obras das ferrovias (Trindade, 2009).

Uma parte do grupo, inclusive o comandante capitão Palm, aceitou a estada oferecida por Rebouças, mas Bigg-Wither decidiu seguir adiante no mesmo dia, pois ainda havia longo percurso a ser seguido. Cruzam os rios Canguiri e Varginha (formadores do rio Iraí), depois os rios Palmital e Atuba; enfim chegam aos arredores de Curitiba, já depois de ter anoitecido. Mais um pequeno trecho é seguido, transpassando os rios Bacacheri e Juvevê, e aportam – enfim – em uma hospedaria.

Em Curitiba, Thomas permaneceu oito dias (1º a 8 de agosto) e, já de chegada, resolve confirmar a preleção cinegética oferecida pelo dono do hotel de Antonina. Antes disso, porém, cabe discutir onde ele se hospedou primeiramente na capital. Na versão traduzida de seu livro, feita pelo Governo do Paraná, por intermédio de sua Imprensa Oficial (2001) aparece, em rodapé, uma nota que implicitamente identifica esse “alemão” como Louis Leitner que, além de uma cervejaria, possuía um hotel. Mais adiante, no entanto, se vê que o grupo mudou de hospedaria em Curitiba e que, de fato, o segundo estabelecimento ocupado era de Leitner.

Trevisan (2000:115) assim escreve sobre o provável primeiro pouso do explorador inglês: *“Ali foi o sobrado do Laurindo, rua das Flores n° 10, onde, em 18 de setembro de 1872, foi instalado o Hotel Francês de L.Lauzier. É possível que nele tenha se hospedado o engenheiro inglês Thomas P.Bigg-Wither. Dali seria um pulo à várzea do rio Belém, onde caçou as decantadas narcejas”*.

Nada mais preciso pode ser adiantado sobre a localização do primeiro albergue utilizado mas – em virtude do percurso percorrido – é certo que se localizava na região central de Curitiba⁴². De fato, Bigg-Wither (1878:90) faz menção aos dois únicos hotéis existentes na cidade, mas refere-se a ambos como de propriedade de alemães. E, no trecho em que relata sua chegada à cidade, afirma: *“Herr Louis, the jolly German proprietor showing himself all that a host should be, in providing for the comforts of his guests”*. As datas também discordam, embora por pouco mais de um mês: Bigg-Wither chegara a Curitiba no dia 1° de agosto de 1872 e, pelo relato de Trevisan, o hotel teria sido inaugurado 48 dias depois.

“After breakfast, which meal was not served up till past ten o'clock, four of us – Curling, Faber, Edwards, and myself – shouldered our guns and cartridge bags, and started for the open prairie around, to see if we could not get some of the snipe that Sr. Pascoal had told us so much about. Directly we got outside the shelter of the town we felt the full force of the fresh invigorating sea breeze, which came sweeping up through the passes of the ‘Serra do Mar’, whose blue peaks were seen some ten miles off to the east”.

“Após o café da manhã, que foi apenas servido depois das 10 horas, quatro de nós (Curling, Faber, Edwards e eu) colocamos as armas nos ombros e munimo-nos de nosso saco de cartuchos e começamos a explorar os campos das adjacências, para tentar conseguir obter algumas das narcejas que o sr. Pascoal nos dissera existirem em tamanha quantidade. Imediatamente chegamos aos arredores da cidade, entrando em contato com a revigorante e fresca brisa do mar, a qual nos chegava a partir das encostas da Serra do Mar, cujos picos azulados podiam ser avistados a cerca de 10 milhas a leste.

⁴² Segundo J. C. Veiga Lopes (*in litt.*, 2011), esse local hoje situa-se no cruzamento das ruas XV de Novembro (rua das Flores) e Riachuelo, quase contíguo à praça Generoso Marques.

Apesar dessa dúvida, os caçadores encontravam-se indiscutivelmente no atual centro de Curitiba, onde além de ser possível avistar a Serra do Mar no oriente, haviam grandes extensões de campos, em parte inundáveis, formando várzeas turfosas. Tratava-se do terço médio do rio Belém, atualmente em grande parte drenado ou retificado mas que, originalmente, nascia nos limites norte da cidade (bairro Barreirinha), desaguando no rio Iguaçu (bairro Boqueirão). O Belém, considerado o rio mais importante da capital paranaense, formava um sistema fluvial de drenagem lenta, onde se desenvolvia a vegetação típica de mata ciliar (floresta ombrófila mista aluvial) entremada por campos de inundação. A mesma configuração pode ser vista, hoje em dia, ao longo do alto rio Iguaçu, em particular na região do Zoológico. O ponto preciso das caçadas feitas por Bigg-Wither deveria ser a região entre as atuais sedes do Teatro Guaíra e da Rodoferroviária, talvez muito perto de onde estão as ruas Tibagi e Mariano Torres.

Já nos primórdios do povoamento curitibano, essa notável condição de abundância de ambientes aquáticos era considerada insalubre e, por essa razão, motivou vários projetos de “engenharia sanitária”, visando à exclusão desses locais paludosos dos trajetos fluviais originais urbanos, por meio de drenagens. O próprio logradouro chamado hoje de Passeio Público, ali perto de onde Bigg-Wither caçava, foi fundado em 1886 pelo Visconde de Taunay, em terreno doado por Francisco F. Fontana, justamente com a finalidade de conter as frequentes inundações e diminuir o aspecto brejoso dessa região.

Originalmente, tal como se pode ver atualmente ao longo das várzeas do rio Iguaçu, ocorriam, de fato, habitats altamente favoráveis para a proliferação de aves limícolas,

em particular a narceja (*Gallinago paraguaiæ*). Não à toa, Bigg-Wither descreve com tantas minúcias a sua caçada, diga-se de passagem, épica e até certo ponto surpreendente pela quantidade de aves relatada (p.79):

“And so it proved. No sooner had we reached its outskirts than the snipe began to get up, at first slowly, in one and twos, and then in ‘wisps’ of twenty and thirty at a time. At last it appeared as if every bird, far and near, had been flushed, for the sky was now literally black with them, wheeling round and round high up over our heads, loath to desert their favourite ground. and yet evidently afraid to return. Presently, as we stood quiet for a little time, they began to descend in flights of ten or a dozen at a time, dropping down into the very centre of the swamp round which we had been beating. Edwards and I volunteered to go in after them, trusting to our big thigh boots to save us from getting uncomfortably wet. Edwards managed to get across his line of country without much difficulty, and drove clouds of the birds out once more. I was less fortunate, and got into a regular quagmire, where I sank in over my high boots, and only got on to ‘terra firma’ again after a most exhausting struggle of nearly an hour, with my boots left behind, my gun choked full up to the muzzle with mud, and myself smothered from head to foot with mire. I had the additional satisfaction too of hearing the others banging away all around, and having rare sport all the time that I was in this unpleasant predicament.”

E assim foi confirmado. Tão logo chegamos ao descampado e as narcejas começaram a alçar voo, a princípio lentamente, uma ou duas, e – então – em bandos de vinte ou trinta de cada vez. Em seguida, pareceu que todas as aves, de perto e de longe, tinha levantado voo, de forma que o céu ficou literalmente preto delas, sobrevoando ao redor de nossas cabeças, contrariadas por ter de sair do solo e evidentemente com medo de retornar ao pouso antigo.

Em seguida, por termos ficados quietos por um pequeno tempo, elas iniciaram seu voo de descida, em grupos de dez ou doze de cada vez, pousando no meio do brejo onde havíamos estado antes. Edwards e eu nos propusemos a chegar até ali, pensando que nossas botas altas nos protegeriam da umidade desconfortável. Edwards conseguiu seu intento sem muita dificuldade e, com isso, fez levantar uma nuvem de aves mais uma vez. Eu fui menos feliz porque afundei em um atoleiro, onde afundei até acima das botas e somente consegui voltar à terra firme após uma hora de luta cansativa, sem elas e com lama tomando a espingarda até a boca e, eu mesmo, da cabeça aos pés. Apesar disso, eu tive uma satisfação de escutar os outros espantando as aves e aproveitando a rara oportunidade todo o tempo em que eu me encontrava nessa situação lamentável.

Decidindo seguir o passeio, o grupo atingiu outro ponto interessante para a caçada (p.80):

From this ground we next went across the main road, which laid on our left, to some big lakes surrounded by brushwood. Here we found wild geese, duck, and other water

Deste local nós agora atravessamos a estrada principal que tem, em sua margem esquerda, alguns grandes lagos cercados por vegetação arbustiva. Aqui encontramos

birds in great abundance, but they were very shy and wary, and it was impossible to get near them by ordinary means. We therefore resorted to driving, and by this means managed to bag two couple of ducks. All this sport was obtained within sight of Curitiba: in fact, our guns must be heard from the town the whole time.

gansos selvagens, pato e outras aves aquáticas em grande abundância, mas elas eram muito tímidas e ariscas e, desta forma, era impossível aproximar-se pelos meios comuns. Nós, então, nos decidimos a assustá-las e, com isso, conseguimos capturar dois casais de patos. Toda essa caçada foi realizada à vista de Curitiba: de fato, nossos tiros podiam ser escutados da cidade o tempo todo.

Esse local era bem próximo do centro da cidade, onde Thomas estava alojado. Isso porque Curitiba, em 1855 (portanto pouco mais de década e meia antes da visita do inglês) contava com apenas “27 *quarteirões*, 308 *casas no quadro urbano*, mais 52 *em construção*, para uma *população calculada em 5.819*, contando 47 *estrangeiros*” (Trevisan, 2000); em 1867, esse valor quase que triplicara, estimado em 14.125 habitantes (Leão, 1924-1928).

Nesse trecho, Bigg-Wither parece pouco preciso em sua descrição. No original, como se vê, refere-se a “...*wild geese, duck, and other water birds...*”, ou seja “gansos selvagens, pato e outras aves aquáticas”, portanto tratando pato no singular, o que não condiria com os quatro espécimes abatidos. Ou então se referia a espécies distintas, o que nos faria concluir que se tratavam de mais de uma espécie de ganso e uma única espécie de pato. Ora, nessa região não existem gansos e, levando-se em conta que o autor, em outros pontos do livro, cita e descreve com precisão o que ele chama de “pato” (*Cairina moschata*), apenas poderíamos esperar que se trata de uma descrição superficial, sem qualquer interesse de caracterizar a avifauna paludícola ali encontrada, ao menos naquele momento.

Em Curitiba realmente há uma grande riqueza de anatídeos e outras aves aquáticas (Straube *et al.*, 2009) mas nada leva a crer que qualquer outro elemento da avifauna local pudesse ser confundido com um ganso tal como

concebido na Inglaterra⁴³, ou seja, um anatídeo de médio porte, grande volume corporal e pescoço longo.

Mais adiante, ao regressar para o hotel, Thomas volta a mencionar as aves capturadas mas priva-nos de detalhes, pequenos que fossem, que permitissem a identificação (p.85):

We got back to the hotel tolerably early in the afternoon, with our pockets laden with snipe, which, together with the ducks, were made over to Herr Louis to be cooked for dinner [...]

There were soup and rice, chicken and rice, beef and rice, snipe and rice, duck and rice, beans and rice, and rice pur et simple.

Nós voltamos ao hotel logo no fim da tarde, com nossas sacolas cheias de narceja, as quais, junto aos patos, foram entregues ao sr. Louis para cozinhar para o jantar [...]

Havia sopa com arroz, frango com arroz, bife com arroz, narceja com arroz, pato com arroz, feijão com arroz e arroz, puro e simples.

Preparando-se para a viagem, tida como a verdadeira expedição para a qual foram designados, os expedicionários mudaram de hotel, agora ocupando a hospedaria de Luiz Leitner⁴⁴, comerciante que os proveu não somente de boas acomodações quanto de cerveja, que era produzida por sua família na fábrica chamada “Cervejaria Cruzeiro”, no bairro Batel.

No dia 8 de agosto, Bigg-Wither com o capitão Palm deixaram a capital, seguindo pelas imediações do atual Parque Barigui e, de lá, chegando à divisa com o município de Campo Largo onde, já na “*first league*” (ou seja, 4,8 km) de viagem, descrevem ter observado um campo plano, semelhante àquele percorrido no outro lado de Curitiba. Ao fim do dia, chegavam ao novo pouso que, segundo nossos

⁴³ Na Inglaterra, os chamados *geese* (plural de *goose*), compreendem onze espécies dos gêneros *Anser* e *Branta*, as quais não possuem nenhum parentesco com as aves ocorrentes em Curitiba.

⁴⁴ É assim que aparece grafado (e consagrado pela historiografia) o nome do empresário na edição traduzida de 2001. Bigg-Wither (1878) refere-se a “*Herr Leitner*” (senhor Leitner), sem indicar o primeiro nome.

cálculos, seria o interflúvio dos rios Verde e Passaúna; ali descrevem a paisagem e fazem nova menção ornitológica (p.100):

The country through which we were travelling was about equally divided between wood and prairie. The latter was generally very swampy, though the swamps did not appear such as would impede walking. [...] Curling's dog 'Danger' who had already at Curitiba proved himself to be as keen after sport as he was for a light, accompanied me, and together we marched through the swamps. In an hour or two I had filled my pockets with long-bills, Danger thoroughly entering into the sport, acting as spaniel and retriever alternately, and never leaving off working the whole time.

A região por onde viajávamos era igualmente dividida entre matas e campos. O último era geralmente muito paludoso, embora não fosse impedimento para nossa caminhada. [...] o Cão de Curling, Perigo, que em Curitiba já tinha se revelado como apreciador de caçadas, acompanhou-me, e juntos marchamos pelos brejos. Em uma hora ou duas eu já tinha enchido minhas sacolas com “bicudos” [narcejas], com a participação ativa de Perigo, agindo alternadamente como um cocker spaniel e retriever, e não abandonando o trabalho um instante sequer”

Seguindo viagem, passaram por um lugar com as mesmas características citadas antes, ou seja, campos intercalados com matas de pinheiros em proporção mais ou menos igual, com água em abundância mas um notável declínio de ambientes brejosos. Logo depois de deixarem a pequena vila de Campo Largo (*vide* p.112), já se localizavam nas encostas da Serra de São Luiz do Purunã (por ele chamada “Serrinha”). Esse ponto era situado talvez perto do rio Itaqui ou, ainda, nas nascentes do rio Açungui, próximo da atual Estrada da Faxina. Ali, Bigg-Wither empreendeu nova incursão para caça (p. 105-106):

As I was wading through one of these open bits of campos, knee-deep in the long brown grass, a big bird got up with a loud whirr from close under my feet. It was so startlingly different from the almost noiseless rise of the snipe, to which I was most accustomed, that I missed with the first barrel, though the bird offered a splendid mark, as, after rising a certain height, almost vertically, like a pheasant

Quando eu caminhava por um desses campos, com capim até os joelhos, uma grande ave levantou voo com um trinado grave, logo perto dos meus pés. Aquilo era tão diferente do ruído quase silencioso da narceja, com o qual eu estava acostumado, que eu perdi o primeiro tiro, embora a ave se mostrasse como um excelente alvo, subindo até uma certa altura, quase verticalmente, como um faisão em sobrevo

topping a coppice, it poised a moment in the air; The second barrel, however, caught it under the wing just as it had got well under way, causing it to turn several rapid somersaults in the air, and come down to its mother earth with a bang, at about forty yards from me. On reaching the spot where it fell, I found a bird which at first sight I took for a hen pheasant. On closer inspection, however, many marked points of difference were evident. I size it was slightly smaller than a hen pheasant; its legs were shorter and thicker and its beak or bill much longer and far less strong than of our familiar bird. Our tropeiros called it a perdix (partridge). It was in reality a tinamou, or South american prairie-hen, and was destitute of anything worthy of being a tail.

a uma mata, pairando um tempo no ar. O segundo tiro, contudo, acertou-a por debaixo da asa, no momento em que iria fugir, após realizar rápidos rodopios no ar e caiu ao solo como uma pancada, a cerca de quarenta jardas de mim. Ao chegar no local onde caiu, encontrei uma ave que, à primeira vista, parecia com a fêmea de um faisão, suas pernas era mais curtas e finas e seu bico muito mais longo e muito menos forte do que a nossa familiar espécie. Nosso tropeiros a chamaram de perdiz (perdiz). Era na realidade um tinamídeo, ou codorna-do-campo sulamericana, destituída de qualquer estrutura que pudesse ser chamada de cauda.

A primeira impressão de Bigg-Wither o induziu a comparar a ave com uma fêmea de faisão; a descrição, porém, as distinguiu pelas pernas mais curtas e finas e bico mais longo e frágil do que essas aves. Aparentemente, Thomas capturou uma codorna (*Nothura maculosa*) (vide adiante). Pouco adiante, ao longo das matas, nova descoberta (p.109):

Our old friend the scarlet-headed woodpecker reappeared amongst the pine trees of the Serrinha. I again succeeded in obtaining a very finely plumaged specimen. Parrots and paroquets of various colour were flying about in noisy flocks, and here too we saw, for the first time, several of the birds known as 'Brazilian crows'. Their colour is one uniform and rather dull blue, they are a little bigger than our English Jay, and certainly in all the principal characteristics that determine genera and species, they are more nearly allied to the jay family than to that of the crow.

Nosso velho amigo, o pica-pau-de-cabeça-vermelha reapareceu entre os pinheiro de Serrinha. Eu novamente procurei obter um espécime daqueles, com sua linda plumagem. Papagaios e periquitos de variadas cores voavam sobre nós em bandos ruidosos e aqui também nós vimos, pela primeira vez, várias aves conhecidas como “corvos brasileiros”. Sua cor é um azul fosco uniforme e são algo maiores que as gralhas inglesas; certamente em todas as principais características que determinam os gêneros e espécies, são mais proximamente relacionadas com a família das gralhas do que com a dos corvos.

Aqui, nova menção ao pica-pau-de-cabeça-vermelha, que anteriormente suspeitamos se tratar de um *Dryocopus lineatus* ou um *Campephilus robustus*. Também notável a citação a papagaios, que certamente seriam o papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) e periquitos, ou seja, tirivas (*Pyrrhura frontalis*). A gralha trata-se da gralha-azul (*Cyanocorax caeruleus*), visto ser esperado que, caso tivesse contactado uma gralha-picaça (*C. chrysops*), ele certamente faria menção ao ventre amarelado e as tantas cores da cabeça, bem como os olhos amarelos⁴⁵. O mais interessante de notar é a sensibilidade do explorador em comparar nossa espécie de corvídeo com os *jays* europeus e não com os *crows* (corvos), acertando em cheio no parentesco reconhecido pela ciência.

Adiante, acabavam as paisagens intercalando pradarias e florestas; estavam adentrando os Campos Gerais, em cujo terreno não mais haviam pinheiros e outras árvores do clima temperado e sim, grandes extensões de estepes. Uma légua adiante (5 km) montaram novo acampamento para pernoitar; era 11 de agosto de 1872. Nessa mesma noite, testemunharam um imenso incêndio nos campos, bem como os esforços dos animais procurando dele escapar (p.117):

The sharp crackling of the burning grass and the bursting of the stunted prairie trees aroused the birds from their sleeping-places, and many partridges, prairie-hens, and other birds came whirring past me, fleeing from the heat and glare and infernal uproar behind them. Once I fancied I heard a shriek rise above the roaring of the fire: perhaps of some unhappy animal caught by the swift pursuer before it had time to make good its escape, but whatever it might have been, it

O crepitar do capim queimando e os estalos das atrofiadas árvores dos campos assutaram as aves dos lugares onde dormiam, e muitas codornas e outras aves passavam voando sobre mim, fugindo do calor e da luz e da confusão infernal que vinha atrás delas. Presumi ter escutado um guincho vindo por cima do fogo: talvez algum animal desafortunado apanhado pelas chamas antes que pudesse escapar, mas seja lá o que fosse, não mais foi escutado novamente, e as chamas impiedosas

⁴⁵ Além do que uma descrição detalhada dessa espécie aparece adiante.

was not heard again, and the merciless flames still rolled on.

continuaram ardendo.

No dia seguinte, tentou caçar novamente, mas falhou por algumas razões (p.125), complementando a narrativa logo em seguida (p.126):

I did not find a single head of game of any kind, though I beat the ground for a radius of two miles round the camp. This was probably on account of there being here no sufficient cover to serve as a protection against the numerous hawks of various kinds that were everywhere hovering overhead. I shot one or two of these birds, but they were generally very shy and wary, after the manner of their kind in most parts of the world. [...]

There lay the plain over which the fire had swept so ruthlessly, all blackened and desolate. A few buzzard were hovering above it, brought there by their unsavoury instinct, in the greedy expectation, no doubt, of feasting on the remains of the poor victims that had been overtaken by the flames, some stray horse or mule perhaps, or some unwary deer which had delayed its flight till it was too late to escape.

Eu não encontrei uma única caça, de qualquer tipo, embora eu tenha batido o espaço de duas milhas de raio, ao redor do acampamento. Isso ocorreu provavelmente por que ali não havia vegetação suficiente para servir como proteção contra os numerosos gaviões de vários tipos que voavam o tempo todo sobre nossas cabeças. Eu atirei em uma ou duas destas aves mas elas mostraram-se muito tímidas e ariscas, da mesma maneira como são, por natureza, na maior parte do mundo. [...]

Ali situava-se a planície que fora açoitada pelo fogo tão impiedosamente, toda negra e desolada. Uns poucos gaviões⁴⁶ ali estavam sobrevoando, movidos pelo seu instinto insaciável em grande expectativa, sem dúvida, de se banquetear com os despojos de pobres vítimas que porventura tivessem sido surpreendidas pelas chamas, algum cavalo ou mula extraviados ou talvez algum veado imprudente que ali permaneceu até não mais haver tempo para que fugisse.

Mais uma noite se passa e, em seguida, os aventureiros prosseguem rumo a Ponta Grossa, em cujo caminho outras aves são citadas (p.130-131):

Prairie hens and quails, as usual, made up the greater part of my bag; of snipe I did not see one all day. No doubt there were some in the patches of swamps which occasionally appeared, but the best snipe

Codornas dos campos e outras aves de caça semelhantes, como usualmente ocorria, encheram grande parte de minha bolsa; de narcejas eu não vi uma sequer por todo o dia. Sem dúvida ali haviam algumas

⁴⁶ Bigg-Wither, ao citar *buzzards*, refere-se ao carancho ou carcará (*Caracara plancus*), segundo apontado na página 137.

country had evidently been left behind on the lower plateau.

manchas de brejos onde ocasionalmente eles poderiam ocorrer, mas os melhores lugares para narcejas tinham ficado para trás, no planalto inferior.

Estavam agora cruzando a Escarpa Devoniana, nas nascentes do rio Tibagi, no divisor de águas entre esse e o Iguaçu. Ali pernoitaram e, no dia seguinte, voltaram a buscar espécimes, agora em razoável quantidade e com já nascente interesse para a Ornitologia (p.135-136):

We shot on till past midday, following as nearly as possible the direction given us. Now wading waist deep in the long campos grass, rich in prairie hens and quails – now skirting a swamp, and adding to our bag snipe and sundry long-legged, long-necked cranes, whose food seemed to be exclusively frogs and tadpoles – now enjoying a few minutes' relief from the powerful sun overhead, in crossing a belt of pines, which swarmed with the yellow-spotted woodpecker, with which we had first become acquainted on the top of the 'Serra do Mar', and with hawks, both large and small, which evidently used these covers as centres of offensive operations, multitudes of them going out and coming in continually, to and from the great hunting field around. There was, therefore, nothing monotonous in our travelling today, and the hours sped on all too rapidly.

At one P.M. we halted on the summit of a prairie wave, under the shelter of an enormous sandstone rock, from beneath which trickled a tiny stream of delicious water. Here we ate our dainty lunch of cold roast quail and prairie hen, and washed it down with the cool spring water, after which we indulged in the delight of counting the spoil, and surveying from our elevated position the wide surrounding country.

The bag was weighty and varied enough to satisfy anyone. It consisted of five prairie hens, nine and a half brace of quails, several parrots and woodpeckers, two big

Caçamos até depois do meio-dia, seguindo o mais próximo possível a direção que nos fora dada. Agora andávamos afundados até a cintura pelo meio dos capins dos campos, ricos em aves de caça [codornas e perdizes], ora marginando um brejo (e incluindo à nossa bolsa – narcejas e diversos grou de pescoço e pernas longos que pareciam se alimentar exclusivamente de sapos e girinos), ora aproveitando poucos minutos de alívio ao sol poderoso que brilhava sobre nossas cabeças, atravessando um cinturão de pinheiros, que era visitado por um picapau-amarelo-pintado, com o qual nós tivemos o primeiro encontro no alto da Serra do Mar. Também haviam gaviões, tanto grandes quanto pequenos, os quais usavam esses locais como centros de operação ofensiva, visto que multidões deles entravam e saíam da mata continuamente, indo e vindo para caçar ao redor do campo. Não havia em nossa viagem de hoje, porém, nada de monótono e as horas passaram-se rapidamente.

À uma hora de tarde, fizemos uma parada no topo de uma pradaria, sob o escudo de uma enorme rocha arenítica, de cujo interior fluía um pequeno fio de água deliciosa. Ali agradecemos em deleite ao abastecer nossos cantis, enquanto contávamos os resultados altamente positivos de nossa incursão nos arredores daquela área.

A bolsa estava pesada e variada o suficiente para satisfazer qualquer um. No seu interior havia cinco perdizes, nove cintas e meia

gray hawks, a brace of slate-coloured cranes, and three couple of snipe. Besides these, there were one or two small birds which I had shot as specimens.

cheias de codornas, vários papagaios e pica-paus, duas grandes águias cinzentas, um cinturão de grou, e três casais de narcejas. Além desses, havia um ou dois pequenos pássaros, os quais eu abati para servirem como espécimes.

Pode-se notar que, neste dia, Bigg-Wither realmente fez uma caçada ampla e diversificada. Não é possível saber do que se tratam os *cranes* (ou seja, grou) mencionados por ele. Mais possível seria admitir que fossem curucacas (*Theristicus caudatus*), visto sua abundância naquela região (veja também adiante); no entanto faltam detalhes de plumagem, forma e tamanho. Na versão traduzida para o português de 2001, o tradutor sugere que fossem “siriemas”, mas não vemos razão para isso, uma vez que o autor considera “diversos”, o que condiria muito melhor com os hábitos gregários da curucaca e não com a raridade local e notáveis hábitos solitários das seriemas. O fato de se alimentarem de girinos, reforça essa tendência, em referência ao tipo de hábitat ocupado pela primeira espécie e que, normalmente, é evitado pela outra.

Adicionalmente, observa-se que ele prossegue com sua confusão nomenclatural, ora chamando a perdiz (*Rhynchotus rufescens*) de “partridge” e a codorna (*Nothura maculosa*) de “prairie hen” ou “quail”, ora alternando-as. Uma espécie que pode ser facilmente reconhecida é o pica-pau-do-campo (*Colaptes campestris*), também por que ele já havia citado anteriormente. Papagaios e pica-paus referem-se a várias espécies de psitacídeos e picídeos, os quais não mereceram quaisquer detalhamentos mais profundos. Por sua vez, parece importante o registro às “grandes águias cinzentas” que, embora com dúvidas, poderia ser atribuído à águia-cinzenta (*Harpyhaliaetus coronatus*), rapineiro de fato

encontradição naquela área até os dias de hoje e absolutamente condizente com o ambiente apontado.

Há um outro detalhe que faz desta narrativa algo especialmente interessante. Isso não somente pela riqueza de espécies tratadas e, em alguns casos, facilmente reconhecíveis, mas também por uma outra indicação nas entrelinhas. Bigg-Wither capturava aves também para preservá-las para estudos. Tal situação parece clara na última linha, onde “um ou dois pequenos pássaros” foram abatidos como espécimes, situação totalmente diferente das menções anteriores, ligadas a aves de interesse puramente cinegético.

No entanto, a questão permanece, para nós, totalmente pendente. Ainda que exemplares de vários grupos zoológicos tenham sido explicitamente colecionados durante sua expedição, nada se pôde apurar sobre seu paradeiro. Qualquer coletor mais experiente sabe, por exemplo, que há grande distância entre matar e conservar o material biológico e, ainda, entre essa conservação do elemento e sua destinação para uma instituição científica. Muitos cronistas mencionam que abateram animais em suas viagens e, inclusive, alguns deles arriscam informar que os preservaram... No entanto, o que nos interessa é saber se esses documentos foram conservados adequadamente, ou seja, encaminhados a coleções científicas de museus de história natural.

O destino mais do que esperado para eventuais coleções feitas por Bigg-Wither seria o *Natural History Museum* (ex-*British Museum*). Um indicativo disso⁴⁷, aparece no editorial do periódico *The Ibis* (Seção “*Letters, announcements, e c.*”, publicado em 1879, série 4, volume 3, página 113) que transcreve a parte do livro que trata dos

⁴⁷ “Skins kindly submitted to us by Mr. Bigg-Wither have enabled us to identify the species as *Trogon surrucura*, Vieillot”.

hábitos do surucuá (*Trogon surrucura*). Essa revista tinha como editor o zoólogo Philip L. Sclater, que também trabalhava na coleção ornitológica do Museu Britânico, razão pela qual consideramos que poderia ter havido algum tipo de intercâmbio. Infelizmente, tornou-se extremamente difícil descobrir se o material como um todo tivesse sido depositado naquele museu, entregue para identificação ou, ainda, se tivesse sido encaminhado a alguma instituição científica da época (R. Prys-Jones, 1999 *in litt.*). De fato, não há nenhuma menção a entrada de material colecionado por Bigg-Wither no museu britânico, tampouco no exaustivo e detalhado inventário histórico da instituição (BRITISH MUSEUM, 1904, 1906; Günther, 1912).

Espécimens de aves (e também de outros grupos zoológicos, incluindo a onça-pintada *Panthera onca*) foram efetivamente colecionados e conservados, conforme admitido em inúmeros locais de sua obra, destacadamente na passagem (Bigg-Wither, 1878, II:2-3, nota de rodapé):

“In the forest of this part of Brazil, the great difficulty is in the preserving the specimens of fauna, in our case rendered still greater by the necessity we laboured under of dragging them about with us by land and water for a great length of time. Special precautions had to be taken. For all the smaller skins, such as those of birds, snakes &c. was a sufficient preservative if applied liberally at the time of skinning. The larger skins of deer, ocelot, puma, jaguar &c. we were obliged to submit to a process of tanning – a decoction of the bark of a kind of laburnum-tree called Anjica being employed for the purpose. Butterflies and insects generally were merely dried in the sun. It was also necessary to submit one’s entire collection to a monthly drying operation of four or

Na floresta desta parte do Brasil, a grande dificuldade está em preservar espécimes da fauna, em nosso caso ainda maior, pela necessidade de trabalharmos sob constantes contatos com terra e água por um longo período de tempo. Precauções especiais tiveram de ser tomadas. Para todas as peles pequenas, tais como as de pássaros, cobras, etc., aplicou-se livremente uma quantidade suficiente de material preservativo, no tempo da preparação. Para as peles maiores como de veados, jaguatiricas, puma, onça-pintada etc nós fomos forçados a proceder o processo de curtimento – uma decocção em cascas de um tipo de laburnum⁴⁸ chamada Anjica a qual era empregada para esse propósito. Borboletas e insetos geralmente eram simplesmente deixadas secar ao sol. Era também necessário submeter nossa

⁴⁸ *Laburnum*, assim como o nativo angico (*Parapiptadenia rigida*), é o gênero de uma árvore da família das fabáceas, originária das regiões montanhosas da Europa e lá chamada “Golden Chain”.

five hours in the hottest sun”.

coleção completa a uma operação mensal de secagem, quando tudo era exposto a quatro ou cinco horas sob sol mais quente do dia.

Esse fragmento comprova não somente que Bigg-Wither juntou uma pequena coleção de animais durante sua expedição mas, especialmente, que adotava técnicas corretas de conservação das peles, por meio de alúmen⁴⁹, substância utilizada até os dias de hoje para esse ofício. O mesmo pode-se dizer do procedimento rústico, embora muito eficaz, de curtir peles maiores por meio de imersões no caldo da casca do angico (*Parapitadenia rigida*) planta que, por suas características adstringentes, é utilizada tradicional e secularmente pelo interior do Brasil para preservar couros de animais de rebanho. Da mesma forma que dava atenção aos animais grandes, é notável seu capricho para com os insetos coletados, adotando a exposição ao sol para evitar a proliferação de fungos, grande ameaça a coleções desse tipo no sul do Brasil.

A descrição tratada acima vai adiante no tocante à avifauna, com uma pequena interrupção de um parágrafo. Passa Thomas agora a descrever o carancho, ou carcará (*Caracara plancus*) e também tratar o urubu (*Coragyps atratus*) (p.137):

A certain big brown bird, the Brazilian buzzard, or Caracara, number of which we had noticed at Curitiba, accompanied the herds of cattle, sometimes walking about on the ground between the animals, and at other times riding upon their hacks. The cattle took no notice of them whatever, though we saw the birds coolly pecking at their legs when on the ground. In appearance they are noble-looking, like the

Um tipo de ave marrom, o gavião brasileiro, ou Caracara, o qual vimos em grandes números em Curitiba, acompanha os grupos de gado, às vezes andando pelo solo entre os animais e, em outras ocasiões, montando em suas costas. O gado jamais toma conhecimento deles, embora tenhamos observado que a ave bica suas pernas quando no solo. Em aparência, elas são nobres como a águia; sua cauda é

⁴⁹ Sulfato duplo de alumínio e potássio, ou aluminato de potássio, que constitui-se de um dos componentes da pedra-ume.

eagle; their tails are barred like hawks', and are tipped with black. On their heads they wear a black cap, from under which their eyes gleam, with the true falcon expression.

Altogether they are fine-looking birds, and seem to deserve a less ignoble occupation than that of cattlefollowers. At Curitiba, they are protected by law, as is also the black vulture, a loathsome bird of about the same size as the Caracara. Both are scavengers together, and the outlying parts of Curitiba were always swarming with them. Live specimens of the Caracara can now be seen at the Zoological Gardens.

barrada como os gaviões e manchada de preto. Em suas cabeças há uma boina preta e dali sai uma expressão, com os olhos brilhando, mostrando a verdadeira expressão de um falcão.

De forma geral, são aves elegantes e merecedoras de ocupação menos desprezível do que seguir os bois. Em Curitiba, a espécie é protegida por lei, assim como o urubu-preto, ave asquerosa que tem mais ou menos o mesmo tamanho do carcará. Ambos são saprófagos e pululam nos arredores de Curitiba. Espécimes vivos do carcará podem ser vistos em jardins zoológicos.

A ocupação seguinte, depois de uma pequena pausa para descansar, seria a observação dos ataques de gaviões contra as aves abatidas ou assustadas pelo tiroteio (p.138-139):

Not the least part of the sport, however, was afforded by other causes quite independent of our guns. While we were intent on filling our bag an army of robbers was floating in mid-air, ready and eager to deprive us of our hard-earned spoils. Hawks and harriers were hovering above and around us on all sides. Each time a quail was put up and not bagged, down came one, and often two of them, like a flash of lightning, on its track, and the poor victim only escaped from the gun to fall a prey to a still more cruel enemy. It was exciting to witness the sharp play that was shown on these occasions, both by pursued and pursuer. The moment that the quail discovered that he was pursued, he would double up his wings and tumble down in to the grass as though shot; but so rapid was the dash of these hawks that they frequently caught their quarry before it had time to reach the ground, and would then bear it off in triumph to a neighbouring ant-hillock, there to tear in pieces and rapidly devour its still quivering flesh. It was no doubt due to the

Não pequena parte de nossa caçada foi sacrificada por causas independentes às nossas espingardas. Enquanto planejavamos encher nossas bolsas, um bando de assaltantes encontrava-se flutuando a meia-altura. Águias e gaviões estavam assoalhando sobre nós e por todos os lados. Cada vez que uma codorna levantava voo, caso não conseguíssemos abatê-la, arremessava-se um e frequentemene dois gaviões, como um *flash* de luz, em seu caminho, e a pobre vítima escapava do tiro para ser apanhada pelo inimigo ainda mais cruel. Era emocionante para o observador a luta que surgia nessas ocasiões, tanto para a ave perseguidora quanto a perseguida. No momento em que a codorna percebia que estava sendo perseguida, o gavião dobrava suas asas para cima e arremessava-se em direção abaixo que, com frequência pegavam sua presa antes mesmo dela descer ao chão. Em seguida levava a ave abatida, em triunfo, para um cupinzeiro ali de perto, onde a recortava em pedaços e rapidamente a devorava enquanto ainda fresca. Não há dúvida que é devido à presença desses

presence of these hawks in such numbers that we found both quails and prairie-hens to lie very close. They never would get up till the dog or one's foot was right upon them, and then always rose singly. In fact, they give one the idea that life must be a burden to them from the presence of these relentless foes, ever hovering over them, and ready to pounce upon them if they should show even a feather.

gaviões em tais números que as codornas e perdizes nos permitiam tamanha aproximação. Afinal, elas nunca alcavam voo enquanto o cão ou o caçador não se aproximasse de apenas um passo delas. Na verdade, temos uma ideia de que a vida pode ser difícil para elas, pela presença desses inimigos implacáveis, sempre voejando sobre suas cabeças e prontos para atacar se, porventura, arrisquem-se de mostrar uma única pena de seu esconderijo.

Já em seguida, afinal, Thomas informa com mais detalhes a diferença entre as aves mais comuns até então observadas no trajeto:

These quails are a distinct species from our English visitors. They are slightly bigger, and are plumaged very like a 'squeaker' partridge. Their flavour we had already proved to be most delicious. The prairie-hen (which is here called partridge) is rather more insipid in flavour than the so-called quail. Our tropeiros would never touch either, declaring that their dried bullock's flesh, called xarqui, which at this time I thought the most revolting stuff I had ever tasted, was a far better article of food. The time was coming when I too was brought to prefer xarqui to birds' flesh, on the same principle that starving man would prefer a piece of bread to a handful of sugar-plums.

Essas codornas são espécies distintas das aves que visitam a Inglaterra. São relativamente maiores e sua plumagem é muito parecida com a perdiz guinchadora. O sabor de sua carne, já provado por nós, mostra-se delicioso. A galinha-dos-campos (que aqui é chamada de perdiz) é pouco menos saborosa que a anterior. Nossos tropeiros não gostavam de nenhuma das duas, afirmando que a carne-seca bovina, chamada charque (a qual, naquele momento, eu achava a comida mais repulsiva que eu tinha experimentado) seria de longe o melhor artigo alimentício. Como tempo, eu passei também a preferir o charque à carne das aves, sob o mesmo princípio de que o homem faminto prefere um pedaço de pão a um punhado de doces.

Aqui cabe um parecer definitivo, lembrando que nem todas as aves inglesas possuem denominações em português. Nenhuma dessas espécies têm relações próximas de parentesco com nossas aves brasileiras, de forma que fica muito difícil tentar uma tradução mais precisa a qual, no máximo, encontra algum sentido com os nomes usados em Portugal.

Na Inglaterra, o que se trata por “*partridge*” são duas espécies: *Red-legged Partridge* (*Alectoris rufa*) e *Gray Partridge* (*Perdix perdix*); em Portugal, a primeira é chamada de perdiz-vermelha e, a segunda, perdiz-cinzenta. São espécies pequenas, com o porte e aparência (especialmente a segunda) de uma codorna (*Nothura maculosa*). Na descrição, Thomas informa que a espécie brasileira é maior e com plumagem muito parecida com a da ‘*squeaker*’ *partridge*’, referindo-se a *Perdix perdix*, ou seja, perdiz guinchadora, levando-nos a acreditar que as *partridges* citadas por ele seriam *Rhynchotus rufescens*. Por sua vez, “*prairie-hen*” nada mais é do que um nome criado pelo próprio Bigg-Wither, para indicar que a ave se parecia com uma “galinha-dos-campos”. No caso, o autor afirma que a espécie aqui é chamada de “*partridge*”, ou seja, perdiz⁵⁰. Já “*quail*” refere-se a *Coturnix coturnix* que em Portugal é chamada de codorniz e cujas características aproximam-se muito mais de *Nothura maculosa*. Analisando a confusa comparação, podemos concluir que *partridge* e *quail* são alusivas a *Nothura maculosa* e *prairie-hen* a *Rhynchotus rufescens*.

Ao fim do dia, o cronista volta às descrições da avifauna, narrando com precisão o fenômeno conhecido nos Campos Gerais paranaenses quando, no entardecer, várias espécies de aves campícolas procuram abrigos nos tantos capões ali existentes (p.141):

The day was over, and man, beast, and even bird, were coming to the shelter of this little wood to rest from the numerous occupations which each had severally pursued. Flocks of screaming parrots were returning in long flights from their various

O dia tinha terminado e o Homem, animais e até mesmo as aves buscavam refúgio nessa pequena mata para descansar das tantas ocupações às quais cada um se dedicara. Bandos de papagaios ruidosos chegavam em longos voos de suas várias

⁵⁰ Essa confusão de nomes populares de tinamídeos campestres é bem conhecida no Brasil meridional, onde *Nothura maculosa* pode ser denominada codorna (Paraná) ou perdiz (Rio Grande do Sul) e, nesses mesmos estados, o *Rhynchotus rufescens* é tratado por perdiz ou perdigão, respectivamente.

excursions into other woods or orchards. The spotted prairie woodpecker was sloping in, in tens and twenties, from his insect foraging, strong in numbers and in esprit de corps against the hawks above. Vultures, buzzards, cranes, and hawks, large and small, were wending their way from all quarters of the heavens, to this one wood. The noise, chiefly, however, caused by the parrots and woodpeckers, with an occasional scream from the big grey hawk, was for the time deafening.

excursões entre outras florestas e pomares. O pica-pau pintado do campo descansavam de suas buscas por insetos e abrigavam-se às dezenas e vintenatas, fortalecidos pelo número contra os gaviões. Urubus, carcarás, curucacas⁵¹ e gaviões, grandes e pequenos, oriundos de todos os lados, chegavam ao bosque. O barulho, contudo, emitido por papagaios e pica-paus, ocasionalmente também pela grande águia cinzenta era, naquele momento, algo ensurdecedor.

Era então o momento de chegar a Ponta Grossa que dali estaria a “*six and a half leagues*”, ou seja, mais de 31 km. Bigg-Wither, com seu colega Curling, resolvem se separar da tropa, a fim de adiantar a viagem. Após cavalgar por algum tempo avistaram, à esquerda, a uma distância aproximada de vinte milhas (em linha reta = 30 km), a pequena vila de Palmeira. Com isso indicavam sua localização precisa: o terço final do rio Guabiroba, formador do rio Tibagi, talvez perto da colônia Quero-quero. Ali havia uma bifurcação, que correspondia claramente com os ramais que seguiam para Guarapuava ou Ponta Grossa.

Na sequência, Bigg-Wither seguiu por mais cerca de seis ou sete léguas e resolveu apear para nova caçada; estava, pelos nossos cálculos, perto de Vila Velha, talvez na região onde depois construiu-se a ferrovia.

I therefore dismounted, and gave my horse to Robertson in pity for his hardly used epidermis, preferring myself to walk, and get an occasional shot at some one of the many specimen birds that I had not yet obtained. I bagged two new kinds of hawks, a large slate-coloured crane, and

Eu, então desmontado, cedi meu cavalo a Robertson com dó de sua epiderme sofrida, preferindo então seguir a pé, pensando em tentar um tiro ocasional em algum dos tantos espécimes de aves que eu ainda não havia obtido. Assim, pus em meu embornal dois novos tipos de gaviões, uma saracura

⁵¹ Essa indicação fortalece nossa suspeita anterior sobre a identidade dos *cranes* referidos por Bigg-Wither. O hábito de se ajuntar em grandes bandos para o repouso noturno é característico da curucaca (*Theristicus caudatus*) e não ocorre entre seriemas (*Cariama cristata*).

a pair of prairie owls. These latter were not uncommon. I should say about one ant-hillock out of every five had one of these birds upon it standing bolt upright, looking like an old gentleman with his hands behind his coat-tails, and apparently engaged in studying the surrounding scenery. When approached too near, they would either go off with the peculiar wavy flight of the field-fare (entirely different to the steady flight of our night-owl), keeping very close to the ground till they reached another ant-hillock, or else they would suddenly dive down and disappear beneath the hillock into the hole before noticed, there to remain till the coast was again clear. Every now and then I observed them dart off their ant-hillock to catch an insect in flight, and return again to their former position, thus imitating exactly the movements of our own familiar fly-catchers. Their scream was sharp and shrill, but was not often uttered. I observed one or two actually engaged in the operation of burrowing, which they do with their feet and claws. Yet the natives always speak of the burrows beneath the ant-hillocks as tatu (armadillo) holes. I confess that I am still in a state of uncertainty whether the bird or the beast is the original maker of these burrows, but, whichever it is, there is no doubt but that both owl and armadillo alike use them as habitations.

de cor cinzento-azulada e um casal de corujas-buraqueiras. Estas últimas não eram incomuns. Eu devo dizer que pelo menos um de cada cinco cupinzeiros havia uma dessas corujas sobre eles eretas, olhando para nós como um cavaleiro com as mãos para trás da “casaca” da cauda e aparentemente interessada em estudar a paisagem circundante. Quando nos aproximávamos demais, elas se evadiam, com um voo ondulado peculiar por sobre o campo (totalmente distinto do voo de fuga de nossas corujas noturnas), mantendo-se muito perto do chão até que pudessem chegar em outro cupinzeiro. Ou então elas mergulhariam para baixo dentro do buraco, como antes descrito, mantendo-se ali até que as proximidades estivessem novamente seguras. De vez em quando eu as observei saindo de seus cupinzeiros para capturar insetos em voo, voltando à mesma posição, assim imitando exatamente os movimentos de nossos familiares papa-moscas⁵². Seu grito era fino e estridente, mas não era emitido com muita frequência. Observei uma ou duas corujas realmente engajadas na operação de construção de galerias, o que elas fazem com os pés e garras. No entanto, os nativos sempre falam das tocas que existem sob cupinzeiros como buracos de tatus. Confesso que ainda estou em dúvida se é o pássaro ou o animal que é o criador original dessas tocas, mas, qualquer que seja, não há dúvida de que tanto coruja quanto tatu as usam como habitações.

As aves indicadas, com exceção dos “gaviões” poderiam ser a saracura-do-mato (*Aramides saracura*) e, certamente, a coruja-buraqueira (*Athene cunicularia*).

Perto do fim da tarde, chegava Bigg-Wither a Ponta Grossa, a cidade recentemente criada, então com apenas quatro mil habitantes; a data era 15 de agosto de 1872. Ali

⁵² Aqui, Bigg-Whiter refere-se não aos “flycatchers” brasileiros (famílias Tyrannidae e Rhynchocyclidae) e sim aos ingleses, ou seja, Muscicapidae, família que não ocorre no Brasil.

permaneceram por dez dias, eventualmente caçando codornas e perdizes, enquanto aguardavam os companheiros que haviam ficado para trás e, ao mesmo tempo, realizando os últimos preparativos da viagem para a colônia Teresa Cristina.

Saíram logo depois do almoço do dia 25 e, na metade da tarde chegaram ao rio Tibagi que, no local, possuía “*fifty yards wide*” (45 metros de largura). Esse lugar era provavelmente muito próximo do atual distrito de Uvaia (antiga Conchas) onde, a quase 3 km, o rio Imbituva deságua no Tibagi. Ali assentaram acampamento, onde foi possível caçar grande quantidade de narcejas e codornas que se concentravam por motivos particulares (p.169):

I took my gun and in little more than half an hour had bagged enough snipe and quail to feed us all, the ground literally swarming with them. It was not till the next day that I discovered the reason of this more than ordinary abundance. The prairie grass, it appeared, had, but a day or two before, been burnt off for an area of several scores of square miles in the immediate neighbourhood, consequently the birds had been driven then to take refuge in the nearest untouched cover, which happened to be in this locality.

Peguei minha arma e, em pouco mais de meia hora, já havia ensacado narcejas e codornas suficientes para alimentar todos nós, tendo o chão repleto delas. Foi só no dia seguinte que eu descobri a razão dessa abundância. A relva do campo parecia ter sido queimada há um dia ou dois, havendo [nessas condições] uma área de várias dezenas de milhas quadradas nas imediatas adjacências e, consequentemente, as aves tinham sido expulsas, buscando refúgio em locais intocados ali próximos, o que ocorreu – de fato – ali nessa localidade [onde estávamos].

Na mesma noite, nova menção sobre a avifauna (p.171):

Just at dusk, while we were still at dinner, a large number of night-jars appeared upon the scene, flitting about in a silent ghostly manner around our heads. I shot one as specimen, but found the greatest difficulty in getting the skin off in anything like a good condition, on account of its extreme tenuity and delicacy. This delicacy

Ao anoitecer, quando ainda estávamos jantando, um grande número de bacuraus apareceu em cena, voando sobre nossas cabeças em um silêncio fantasmagórico. Atirei em um para servir-se de espécime, mas tive máxima dificuldade para tirar-lhe a pele em bom estado, por ser extremamente fina e

of the skins seems to be a characteristics of birds of the jar tribe. The Suruquá, a sort of day-jar, which we were afterwards to frequently meet with in the great Sertão, has the same peculiarity. It was very strange that I only remember seeing these night-jars, which were so numerous on this spot on this particular night, on one other occasion, namely, at one of our camps on the Ivaity, where they again appeared in great numbers. Probably they live chiefly on one kind of insect or beetle, which is only to be found in particular localities, few and far between.

delicada. Essa característica parece ser própria das aves dessa família. O surucuá, uma espécie de bacurau-diurno que depois encontraríamos frequentemente no grande sertão, tem a mesma peculiaridade. Foi muito estranho eu ter lembrado de ter visto estes bacuraus, em tamanhos números somente nesse local e naquela noite em particular; foi em apenas uma outra ocasião, ou seja, quando de um de nossos acampamentos no rio Ivaí, onde novamente apareceram em grandes números. Provavelmente eles precisam principalmente de um tipo particular de inseto ou besouro que só pode ser encontrado em poucas e determinadas localidades, todas distantes entre si.

Esperava-se de um caçador uma certa rudeza nas mãos, decorrente da sua lida no campo, sobrecarregada pelo carregamento de mantimentos e uso do facão; não é assim que julgamos aqui o explorador inglês. Esse trecho favorece-nos na conclusão de que Bigg-Wither colecionava espécimes com finalidade científica. Diz-se isso porque apenas taxidermistas conhecem a dificuldade que há na preparação de peles para estudo, tanto de curiangos quanto de surucuás, a que ele se referiu no fragmento transcrito. Outras aves, diga-se a maioria delas, possuem pele muito mais grossa e, desta forma, seu embalsamamento é mais fácil; os dois exemplos mencionados por Bigg-Wither são, de fato, os mais didáticos e verídicos para as aves sulbrasileiras.

Com relação à identidade do curiango, pelo número e mais ou menos pela situação, poder-se-ia arriscar que tratavam-se do tuju (*Lurocalis semitorquatus*) que realmente apresenta hábitos concentrados nas primeiras horas da noite, frequentemente em casais ou pequenos grupos, aproximando-se curiosamente das pessoas em sobrevoos

rápidos e ágeis, especialmente quando tem seu canto arremedado.

Um ponto de referência, situado nas proximidades do acampamento, é em seguida informado, o rio Bitumirim (p.172), afluente do Tibagi, nesse desaguando bem perto da ponte da BR-376, na divisa dos municípios de Tibagi e Ponta Grossa. Ali, durante uma caçada de porcos-do-mato, são citadas mais duas aves: um martim-pescador⁵³ (“...save by the harsh of a large king-fisher, which, disturbed in its solitude by our unwelcome approach, shot angrily away before us, up the dark avenue of the stream”⁵⁴) e três marrecas (“On rounding one little bend, three wild ducks got up out of the water, with a startled quacking”)⁵⁵. Em seguida, após relatar a caçada ao cateto, a primeira espécie e seus parentes, são tratados com mais cuidado e atenção (p.174-175):

The most characteristics feature of animal life which this wild and gloomy river exhibited, was in its king-fishers, of which I remarked no less than three species. One little blue and red fellow, smaller than our home bird, was the least shy of all. He would sit on some dead branch over the water, motionless, with the exception of his head, which would move restlessly from side to side while the canoe was approaching, and only when the prow was almost touching him would he fly off, with usual scream of his kind. Not so the other two species, which were both bigger than the English bird, and plainer in their colouring, appearing, from a distance, to be clothed in plain black and white, and

A característica mais marcante da vida animal que este rio selvagem e sombrio exibiu foram os martins-pescadores, sobre os quais apontei não menos do que três espécies. Um desses sujeitos era pequeno, azul e vermelho, menor do que o nosso pássaro familiar [desse grupo] e foi o menos tímido de todos. Sentava-se em algum galho morto sobre a água, imóvel, com exceção de sua cabeça, que movia agitadamente de um lado para outro, quando a canoa se aproximava e somente quando a proa estava quase lhe tocando é que ele iria voar, com o habitual grito de sua espécie. Não é assim com as outras duas espécies, que eram tanto maiores do que o tipo inglês e mais discretas em sua

⁵³ Na tradução de 2001, consta se tratar de “maçarico”, o que mais uma vez nos comprova a necessidade de analisar as obras diretamente em suas versões originais, especialmente quando nomes vernáculos em grande quantidade são citados.

⁵⁴ “Salvo pelo grito áspero de um martim-pescador que, perturbado em sua solidão por nossa aproximação indesejada, arremessou-se zangado para longe antes de nós, ao longo da escura avenida do riacho”.

⁵⁵ “Ao dobrar uma pequena curva, três marrecas selvagens saíram da água, com um grasnado assustado”.

blue and white. I could not get a shot at any individuals of these two species for they invariably fled at the first sight or sound of our approach. While in the act of flight, they kept up a continuous harsh scream, which however ceased the moment they again perched. Though two birds were never seen sitting together, yet I fancy the male and female were always within hearing and generally within sight of each other, because the scream of the one in flight, invariably brought another individual of the same species on to the scene. What a solitary life they must lead-sitting the whole day long on some dead branch in the dark recesses of these silent forest streams.

Parrots, which are generally numerous in these prairie woods, were in this instance entirely absent.

coloração, parecendo, à distância, serem vestidas de um preto e branco modesto e azul e branco. Eu não poderia mandar um tiro em um indivíduo dessas duas espécies porque eles, invariavelmente, voavam à primeira vista ou pelo som da nossa aproximação. Enquanto no ato de voo, eles emitiam um grito áspero contínuo, que entretanto cessava no momento em que novamente empoleiravam. Embora jamais duas aves dessas pousassem juntas, suponho que macho e fêmea estivessem sempre ao alcance da audição e visão um do outro, porque o grito de um deles em voo, invariavelmente trazia um outro indivíduo da mesma espécie em cena. Que vida solitária devem levar sentados o dia inteiro em algum ramo morto no escuro desses silenciosos riachos florestais.

Os papagaios, que são geralmente numerosos nessas florestas, estiveram, neste caso, totalmente ausentes.

Os atribulados momentos do grupo ainda não terminavam nesta pequena incursão pelo Bitumirim. Ao retornar para o acampamento, aproximaram-se de uma queimada no campo, colhendo novas informações (p.175-176):

In the midst of this dark cloud, high up in the air a multitude of birds of prey hovered, hawks and buzzards, of every variety.

As the fire advanced, quail after quail, turned out of its cover, came skimming along over the prairie, towards the river; and every moment some keen eye above spotted the prey, and down, like a flash of lightning, swooped a big hawk or falcon, in pursuit.

Frequently, the quail would be crossing the river before it was seen by the enemy, and the rushing sound through the air, as the big bird swooped down from a height of perhaps 300 or 400 feet, would then be

Em meio a essa nuvem negra, uma infinidade de aves de rapina pairou ao alto: uma variedade de gaviões de vários tipos.

Com o fogo avançando, uma codorna atrás da outra saíram de seus abrigos, veio deslizando ao longo de todo o pradaria, em direção ao rio. E a cada momento, os ‘olhos aguçados’ que estavam acima avistavam a presa, e aterrisavam como um relâmpago, sob a forma de um grande gavião ou falcão em perseguição.

Freqüentemente, a codorna era vista pelo inimigo antes de atravessar o rio, e o som áspero corria pelo ar, pela grande ave que descia de uma altura de talvez 300 ou 400 metros, algo, então, claramente audível para

plainly audible to us, above the crackling of the flames. One could not help pitying the unfortunate quails, thus persecuted on all sides – but the wonderful exhibition of the marvellous powers of flight of these birds of prey, was most intensely interesting, and for the time was all-absorbing. The eye could scarcely follow the rapidity of their swoop, and their recovery when they happened to miss the mark was almost equally rapid – one powerful stroke of the long-pointed wing, and they had bounded up again to their former height, and were ready for the next unhappy bird which the flames might drive out. The instinct of these hawks in thus following the fire is extraordinary, indeed it seems almost to deserve a higher name than this.

nós, acima do crepitar das chamas. Não se pode deixar de ter piedade pelas codornas, assim perseguidas por todos os lados – porém, a demonstração maravilhosa do poder de voo dessas aves de rapina foi l que mais julgamos interessante e o tempo mantínhamos absortos. O olho mal podia acompanhar a rapidez de seu golpe, e sua recuperação quando acontecia de errar o alvo era quase igualmente rápida - um poderoso golpe da asa longa pontas e ela já haviam retornado às alturas, prontas para a próxima ave infeliz que as chamas expulsassem. O instinto desses gaviões assim acompanhando o fogo é extraordinário; na verdade, o fenômeno mereceria um nome mais adequado à grandeza do momento.

No dia seguinte, a primeira tarefa foi atravessar o rio Tibagi para então começar a sair da extensa zona de campos junto aos limites dos municípios de Ipiranga e Tibagi e onde ocorriam grandes áreas florestadas por matas de pinheiros (p.181-182). Desse ponto:

All the old bird-life which had been so familiar in the forests of the Serra do Mar reappeared once more, and I especially recognised the woodpecker with the scarlet top-knot, who moreover seemed to be as shy and solitary in its habits as ever.

Toda aquela avifauna que antes me era tão familiar nas florestas da Serra do Mar reapareceu novamente, e eu reconheci especialmente o pica-pau com topete vermelho⁵⁶ que, aliás, parecia tão tímido e solitário quanto fora anteriormente.

Então, chegam ao povoado de Ipiranga, acampando, segundo eles, à beira de um tributário do rio Bitumirim; ali têm o primeiro contato mais próximo com a gralha-picaça (*Cyanocorax chrysops*) e novamente temos um indicativo do intuito científico da Ornitologia de Bigg-Wither e de sua capacidade de observador (p.185-188):

⁵⁶ Aqui sugere-se que apenas o topete era vermelho e não toda a cabeça, como descrito anteriormente.

I took advantage of the opportunity thus afforded to add to my collection of birds. I shot three or four kinds of woodpecker and a beautiful bird of the jay tribe that I had not before seen. Like all its race, this last-mentioned bird was very lively and restless, and first attracted my attention by its peculiar cry, which consisted of a double note, startlingly loud, but not harsh like that of its English cousin. Several of them were wandering about amongst the pine trees, and occasionally pursuing each other with loud cries.

After I had shot one, others came round to look on, and I succeeded in getting a second and a more cleanly-killed specimen. The head was surmounted with a covering of short stiff black feathers, which stood up on end like the bristles of a scrubbing-brush. A pert knowing expression was given to the eye by a fringe of light-blue feathers, which entirely surrounded it, continuing backwards down both sides of the neck. The breast and tip of the tail were of a light straw colour ; the back was very dark blue, almost black, and the wings with the upper part of the tail were of a deep bluish purple. Altogether, it was a very remarkable bird in its outward appearance.

About a year later, I had the opportunity of observing some of the habits of this same bird, in a tame, or rather in a captive state, a specimen having been caught alive and presented to Mr. Lloyd. This individual was kept in a cage hanging up in the diningroom of our house at Colonia Thereza, where it proved a constant source of amusement to all. It was fed chiefly on the hard grains of Indian corn, and the way it would eat them was this :—Picking up a grain from the bottom of the cage, it would fly up and carefully place it on the perch between its two claws, and keep it in this position by grasping it and the perch together with

Aproveitei a oportunidade assim oferecida para aumentar a minha coleção de pássaros. Atirei em três ou quatro tipos de pica-pau e um belo tipo de pássaros do grupo das gralhas que eu não tinha visto antes. Assim como todas de sua família, esta ave mencionada mostrava-se muito animada e agitada, atraindo primeiramente a minha atenção por seu grito peculiar, que consistia em uma nota dupla, surpreendentemente aguda, mas não dura como a de seu parente inglês. Várias delas encontravam-se vagando por entre os pinheiros, ocasionalmente perseguindo-se umas às outras com seus gritos agudos.

Depois que eu abati um desses, outros vieram em volta para olhar e eu conseguiu fazer com que um segundo, agora com a plumagem mais limpa, fosse morto. A cabeça era ornada por uma cobertura de penas pretas, duras e curtas , que se assemelhavam-se à extremidade das cerdas de uma escova. Os olhos tinham uma expressão atrevida, causado por uma franja de penas azul-claras que os cercavam totalmente, continuando para trás, abaixo de ambos os lados do pescoço. O peito e ponta da cauda eram de uma cor de palha clara; as costas eram muito azuis escuras, quase negras, e as asas, assim como a parte superior da cauda eram de um roxo azulado profundo. De uma forma geral, tratava-se de uma ave muito notável em sua aparência exterior.

Cerca de um ano depois, tive a oportunidade de observar alguns hábitos deste mesmo pássaro, a partir de um espécime amansado, ou melhor, cativo, que foi capturado vivo e entregue ao Sr. Lloyd . Este indivíduo foi mantido em uma gaiola pendurado na sala de jantar da nossa casa na Colonia Thereza, onde tornou-se fonte constante de diversão para todos. Era alimentado principalmente nos grãos duros de milho, e a maneira como se alimentava era a seguinte: - Pegava um grão no fundo da gaiola, voando para cima e colocando-o cuidadosamente no poleiro entre as suas duas garras; mantinha-o então nessa posição, segurando-o e em conjunto com um dos

one toe of each foot, leaving a small space in the middle of the grain exposed, on which to operate.

Having satisfactorily accomplished this preliminary feat, it would then draw itself up perfectly erect, and pause for a moment to look round at the company, as though to say, "Gentlemen! now I am going to begin." Then throwing its head far back and making its whole body and neck perfectly rigid, it would start off on a succession of rapid and vigorous blows, dealt with its stout-pointed beak, on to the imprisoned grain. So rapidly did the blows descend, that the eye could scarcely follow the motion of the bird's body. The space left for its beak to operate upon was scarcely more than an eighth of an inch ; but, nevertheless, every blow fell accurately on the mark, otherwise, the powerful hammer-like beak would soon have broken the slender toes all to pieces. Generally, half a dozen of these rapid strokes would suffice to split the grain, and one portion of it would fall to the bottom of the cage. This always seemed to puzzle the bird, and it would pause and whimsically turn its head aside, as though considering what was to be done in consequence.

Presently its mind would seem to be made up, and it would take the remaining half of the grain, which was still too big to be swallowed comfortably, and carefully place it out of the way on the end of the perch. This accomplished, it would fly down and pick up the fallen piece, and recommence upon this the hammer-and-anvil performance. Generally, this would disturb the first piece from its nicely balanced equilibrium on the end of the perch, and it would fall. Now we enter upon the ludicrous stage of the proceedings.

The bird's perplexity and distress would be manifested by its frequent pauses for consideration, and vain and oft-repeated attempts to keep both pieces on the perch at the same time ; though, sure enough, at the first blow it gave to the one, off would tumble the other half, which the operator's

dedos do pé, deixando um pequeno espaço no meio do grão, no qual iria trabalhar.

Tendo cumprido satisfatoriamente essa ação preliminar, mantinha-se em seguida perfeitamente ereto, fazendo uma pausa por um momento para olhar suas companhias que se encontravam ao redor, como se quisesse dizer: “Cavalheiros! Agora eu vou começar”. Em seguida, jogando a cabeça para trás e fazendo com que todo o seu corpo e pescoço ficassem perfeitamente rígidos, iniciava uma sucessão de golpes rápidos e vigorosos com a ponta de seu bico forte no grão preso. Tão rapidamente que os golpes desciam, nossos olhos mal podiam acompanhar o movimento do corpo do pássaro . O espaço deixado por seu bico para operar era pouco mais do que um oitavo de uma polegada mas, no entanto, cada golpe era desferido precisamente sobre a marca, caso contrário, o poderoso martelo do bico logo teria quebrado seus delgados dedos em vários pedaços. Geralmente, meia dúzia desses golpes rápidos seriam suficientes para separar os grãos e uma porção dele caíam ao fundo da gaiola. Isso sempre me pareceu confundir o pássaro, pois ele fazia uma pausa e caprichosamente virava a cabeça para o lado, como se considerasse que aquilo era mera contingência.

Naquele momento, a mente parecia ter se reestabelecido à atenção à metade restante do grão, que ainda era grande demais para ser engolido confortavelmente e, assim, colocava-o cuidadosamente para fora do caminho no final do poleiro. Isso feito, ele voava para baixo e pegava o pedaço caído, recomeçando seu trabalho com martelo e bigorna. Geralmente isso perturbava a primeira parte do seu equilíbrio no poleiro e, assim, cairia. Agora vamos entrar na fase ridícula do processo.

A perplexidade e angústia dessa ave eram manifestadas pelas suas pausas frequentes para reflexão, mesmo em vão e muitas vezes repetidas por tentativas de manter ambas as peças no poleiro ao mesmo tempo; embora, com certeza, no primeiro golpe que deu a uma, cairia a outra metade, fato que o olho

quick eye perceiving, down he would jump to pick it up again. The roars of laughter which greeted each fresh discomfiture, were often taken to heart by the poor puzzled bird; and it would look angrily round at us for a moment, as though to say, "What are you laughing at, pray? Can't you mind your own business?" which action would of course produce fresh bursts of laughter; and then once more it -would return to its hopeless task.

It was always a satisfaction at last to see it leave one piece to its fate,—though evidently doing so with a heavy heart,—and operate upon the other till all was devoured.

rápido do operador percebia, fazendo-o saltar para pegá-la novamente. As gargalhadas que acompanhavam cada uma dessas derrotas, eram muitas vezes levadas a sério pelo pobre e perplexo pássaro, e ele ficaria com raiva de nós por um instante, como se quisesse dizer: “De que você está rindo, oras? Você não pode cuidar da sua vida?”, manifestação que era, evidentemente, causadora de novas manifestações de riso e, em seguida, mais uma vez ela voltaria a sua tarefa ingrata.

Era sempre uma satisfação vê-la abandonar uma das peças do grão, embora ela o fizesse evidentemente com o coração pesado, enquanto trabalhava na outra, até que tudo fosse devorado.

No dia seguinte, a equipe passou a percorrer a zona neutra entre campos e florestas de araucária, após atravessar a ponte do rio Bitumirim. Em certo momento, começou-se a notar a mudança de paisagem. A mata iniciava seu caráter tropical e, o solo, antes argiloso, transformou-se em areia grossa e calcário argiloso, misturado com seixos de basalto. Ali pernoitaram para, na manhã que sucedia, adentrar os espaços da escarpa divisória entre os vales dos rios Tibagi e Ivaí. Estavam já no território do atual município de Ivaí, coincidindo com os riachos que correm para o grande rio que leva o mesmo nome. Chegaram, ao fim do dia, no local conhecido como Campinas Belas, no sul de Reserva, perto da serra de São Roque (por Bigg-Wither denominada “Serra dos Macacos”); segundo Bigg-Wither, ficava a cinco léguas da colônia Teresa Cristina, a uma altitude de 3300 pés⁵⁷.

Dois dias depois, após viajarem por uma região especialmente colinosa, com diferença de altitudes de mais

⁵⁷ Cinco léguas equivale a 24 km; 3300 pés corresponde a 1000 metros. Pelos nossos cálculos, com base em imagens de satélite, a distância seria 23,5 quilômetros e a altitude 923 metros, mostrando a grande precisão dos exploradores na caracterização geográfica dos pontos visitados.

de 600 metros, chegavam à colônia, fundada em 1847 pelo francês Jean Maurice Faivre e que se situa à beira do rio Ivaí, na foz do rio Ivaizinho. Tudo mudava; a paisagem excluía definitivamente os campos tão extensos observados a leste e, aos poucos, substituía os grandes pinheiros pela mata densa, fechada e úmida de caráter estacional.

Com isso encerrava-se para o grupo, a primeira parte da viagem, motivada tão-somente para iniciar a verdadeira expedição para a qual fôra confiada. A partir de então, as narrativas passam a ser igualmente ricas mas drasticamente privadas da maior parte dos indicativos geográficos. Estavam entrando no sertão do Ivaí, o *hinterland* paranaense e, com isso, abria-se a segunda parte do livro.

Já nos primeiros passos nos arredores da vila, aves são indicadas (p.229):

Presently a flock of ducks came waddling out from behind one of the houses, and, taking up their stations round and about the doorstep of the same house, began to quack vigorously.

Agora um bando de patos veio vagar a partir de uma das casas e, sobrevoando-as perto de suas portas, começou a grasnar vigorosamente.

O encontro oficial como diretor do núcleo ocorreu em seguida. Era Jocelin Morocines Borba, irmão de Telêmaco e Nestor Borba, depois (1853) nomeado diretor interino do aldeamento do Paranapanema (APP, 2007).

A primeira atividade, quando na colônia, foi fazer uma visita à aldeia dos índios “Coroados” que se localizava do outro lado do rio. Ali nota a presença de papagaios e periquitos domesticados, andando pelo chão das choças e comendo tudo o que achavam (p.236). Curioso, Bigg-Wither chega a acompanhar um índio para observar a técnica com que eles capturavam essas aves vivas, na floresta (p.240-242):

After visiting the fish-trap, we made one of the Indians give us a specimen of his skill in the use of the bow. He took us with him into the forest behind the village where a small clearing had been made. Here a number of parrots were wheeling about and screaming high up in the air, disturbed by our appearance from their home amongst the tree-tops.

Motioning to us to remain perfectly still and quiet, the Indian went forward alone, and knelt down in the middle of the little clearing, with bow in hand and arrow already in the string, in full view of the shrieking and excited parrots. For the space of three or four full minutes the Coroado knelt thus, like a statue, waiting for the parrots to settle again upon the trees. Presently the screaming grew less, and in its stead the peculiar, chattering noise, that parrots make when feeding together in large flocks was heard. Very gradually the Indian now raised the end of his bow a few inches from the ground, and, without perceptibly moving from his kneeling, statuesque position, suddenly let fly his arrow up into the tree-tops.

A tremendous uproar greeted the shot : the parrots arose in a body with the wildest of discordant shrieks.

We rushed forward in time to see the bird, which the Indian had lilt, fall, stunned by the blow of the bluntpointed arrow, through the branches to the ground.

It appeared that this was one of the modes which these Indians had of capturing parrots alive. Being very hardy birds they soon recover from the stunning blow dealt by the arrow, and awake to life once more — as prisoners.

Depois de visitar a armadilha para peixes, fizemos com que um dos índios nos desse uma demonstração de sua perícia no uso do arco. Ele nos levou a uma floresta perto da vila, onde uma pequena clareira havia sido preparada. Ali encontramos um bom número de papagaios gritando bem alto no céu, perturbados com nosso aparecimento perto de seus poleiros, na copa das árvores.

Dirigindo-se a nós a fim de que permanecêssemos parados e quietos, o índio foi adiante sozinho, e ajoelhou-se no meio da pequena clareira, com o arco nas mãos e a flecha pronta para atirar, tendo total visão dos animados e excitados papagaios. No tempo de três ou quatro minutos, o Coroado ficou ajoelhado como uma estátua, esperando que os papagaios pousassem novamente nas árvores. Nesse momento os gritos começaram a diminuir e, em seu lugar, começaram um ruído peculiar feito por eles quando se juntam em grandes grupos para se alimentarem. Gradativamente o índio retesou seu arco até o fim, a poucas polegadas do chão e, sem se mover daquela posição de estátua, inesperadamente lançou sua seta para cima das árvores.

Um tremendo alvoroço ocorreu com o tiro: os papagaios surgiram em um bando cujos mais selvagens integrantes lançavam gritos discordantes.

Corremos para a frente a tempo de ver o pássaro, que o índio tinha abatido, caído, atordoado com o golpe da seta de ponta redonda através dos ramos até o chão.

Parecia que este era um dos modos que esses índios tinham de capturar papagaios vivos. Sendo aves muito resistentes, eles logo se recuperavam do golpe impressionante da seta, acordando para a vida mais uma vez — [agora] como prisioneiros.



“Waiting for a shot” ou aguardando para atirar. (Fonte: Bigg-Wither, 1878:241)

No dia 24 de setembro de 1872, o grupo inicia – de fato – a sua viagem planejada. As canoas estavam prontas na beira do Ivaí e por ele seguiram até seu próximo acampamento, perto da “Barra do Doutor”, ou seja, foz do rio de mesmo nome.

A partir daí, as menções a locais onde Bigg-Wither acampava ou colhia informações sobre a natureza passaram a ficar esparsas e ocasionais, assim como a cronologia. O próximo indicativo de data, sem dados sobre avifauna, era 8 de outubro, destacado em seu diário pela desistência de um dos membros de seu grupo. De qualquer forma, nesse ínterim, aparecem dados valiosos sobre a alteração da aparência da vegetação, bem como de outros elementos da fauna. Cita, por exemplo, que consumiam palmitos, referindo-se ao início da presença da palmeira-juçara (*Euterpe edulis*) desde aquele ponto, apontando para a

alteração climática de aspecto vegetacional que, inclusive, resulta no desaparecimento de seu antagônico biogeográfico, o pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*).

Em 14 do mesmo mês, chegava o momento de abandonarem o acampamento, já com uma grande e larga picada aberta à frente. Cinco dias depois, estabeleciam-se no novo sítio e, em seguida reapareciam informações sobre a avifauna (p.288-289):

It is a very rare thing in a Brazilian forest to hear birds singing. Nature seems to have concentrated all her art energies in the production of beauty which shall delight the eye. The melodious songsters of more temperate climates are very generally wanting, their place being supplied by harsh-shrieking parrots and toucans : dry chattering, such as the Japú and black and yellow hangnest ; and melancholy wailers, like the doves and goat-suckers, with all of which, and many more besides, during the next year we were to become familiar enough.

É uma coisa muito rara em uma floresta brasileira ouvir pássaros cantando. A natureza parece ter concentrado todas as suas energias artísticas na produção de uma beleza que deleita nossos olhos. Os cantores melodiosos desses climas mais temperados, geralmente esperados, têm seu lugar ocupado por papagaios e tucanos gritadores, gritadores de sons secos como o Japu e os pássaros preto-e-amarelo fazedores de ninhos pendentes, e cantores melancólicos como as pombas e os curiangos, com os quais, além de muitos outros, tornam-nos suficientemente familiarizados no ano seguinte.

Já em seguida, no dia que seria 20 de outubro, alguns quilômetros depois da Barra do Doutor, uma notável observação, alusiva à dança dos tangarás (*Chiroxiphia caudata*)⁵⁸ (p.289-290):

Very soon after Pedro, Messeno and I had started from our little camp, our attention was attracted by the unwonted sound of a bird singing. My companions, immediately they caught the sound, told me to follow them towards it, and I should probably

Logo depois que Pedro, Messeno e eu saímos de nosso pequeno acampamento, nossa atenção foi atraída pelo som inusitado de um pássaro cantando. Meus companheiros imediatamente captaram o som, dizendo-me para que o seguisse pois

⁵⁸ Causando surpresa aos leitores de outros países da Europa, esse trecho é citado por Pichot (1903:3), na obra “*Les oiseaux de sport*”, uma conferência proferida por ocasião do aniversário do Jardim de Aclimação de Paris, em 30 de abril de 1896.

witness a very curious sight.

We accordingly made our way cautiously through the forest, which happened to be in this particular spot rather more open than it usually was, and, after going about twenty yards, found ourselves in a tiny glade, in which tree-ferns, palmitos, and myrtle-shrubs formed the only undergrowth, while towering high above, two great cedars spread out their boughs and thick foliage in a broad protecting canopy. A small waterfall at one end of the glade had worn a little basin at its foot. Round this basin, some on the ground and some on the low myrtle-shrubs, a group of little birds, about the size of tomtits, with lovely blue plumage, red topknots, and black points, were assembled together, apparently with one common object.

One of them was perched, quite still, on a twig, whistling a merry tune, while the remainder were keeping time with the feet and wings, and twittering a chorus accompaniment. At first I could not imagine what they were doing, and thought they were making a demonstration against some enemy, possibly a snake. After watching them for a minute or two I found that this was not the case; they were evidently not being excited by anger or fear, but merely by the song of their companion. They were, in fact, having a ball and concert, and, to all appearance, thoroughly enjoying themselves. At last something — probably ourselves — startled them, and the performance was abruptly terminated, each bird separating and going its own way. My companions now told me that these pretty little creatures were actually known as the dancing birds. Messeno also said that he had frequently seen them performing in the manner just described. He affirmed that the minstrel was the cock bird, and the dancers were his wives. I had no opportunity of testing the accuracy of his statement, but am inclined

provavelmente testemunharia uma visão muito curiosa.

Nós seguimos nosso caminho cuidadosamente pela floresta, que tornava-se, neste ponto em particular, um pouco mais aberta do que normalmente era e, depois de se transcorrerem cerca de vinte metros, nos encontrávamos em uma pequena clareira, em que samambaias arbóreas, palmitos e arbustos de mirtáceas formavam o subbosque enquanto, elevando-se acima, dois grandes cedros espalhavam seus ramos e folhagem espessa em uma ampla copa protetora. Uma pequena cachoeira no canto desta clareira mostrava um pequeno poço em sua base. Ao redor desse poço, estando alguns deles no chão e outros a baixa altura nas pequenas mirtáceas, um grupo de pássaros, mais ou menos do tamanho de *tomtits*⁵⁹, com linda plumagem azul, boné vermelho e algumas áreas pretas no corpo, estavam reunidos, aparentemente com um objetivo comum.

Um deles estava pousado, quase imóvel, em um galho, assobiando uma música alegre, enquanto o restante mantinha-se acompanhando seu coro, com os pés e as asas e assobiando um canto simultâneo. No começo eu não conseguia imaginar o que eles estavam fazendo, e pensei que eles estavam se manifestando contra algum inimigo, talvez uma cobra. Após observá-los por um minuto ou dois, descobri que não era o caso. Evidentemente eles não estavam sendo estimulados por raiva ou medo, mas apenas pela música de seus companheiros. Eles mostravam-se, de fato, animados e o concerto, ao que tudo indica, era apreciado por todos. Finalmente algo, ou talvez a nossa presença, os surpreendeu e a performance foi abruptamente encerrada, cada ave se distanciando e tomando seu próprio caminho. Meus companheiros agora me disseram que essas pequenas e lindas criaturas eram, na

⁵⁹ *Tomtit* é o nome em inglês para certos pássaros australianos da família Petroicidae, notavelmente do gênero *Petroica*.

to doubt it. More likely individuals of both sexes were assembled, as is the custom with many birds, preparatory to pairing.

realidade, conhecidas como os pássaros dançarinos. Messeno também disse que via com frequência eles realizando essa dança, tal como acima descrito. Ele afirmou que o menestrel era o macho e os dançarinos eram suas esposas. Não tive oportunidade de testar a fidelidade da sua afirmação, mas estou inclinado a duvidar dela. É mais provável que indivíduos de ambos os sexos estivessem reunidos, como é costumeiro de muitas aves, quando da preparação para o acasalamento.

Mais adiante, no novo acampamento, aparece enfim uma jacutinga (*Aburria jacutinga*), que merece novo e profundo relato (p.291):

I here shot a bird which we were afterwards to meet in enormous numbers in the middle portion of the Ivahy Valley. This was the Jacutinga, a species of Penelope, in size and appearance something between a turkey and a pheasant. This bird, fifteen months later, was destined to save the existence of the 2nd Staff, when, for a period of some weeks, we were, through certain untoward circumstances, entirely cut off from our usual supplies. The same bird was also very soon to serve me, individually, a good turn, which I shall not be likely to forget while the power of memory remains.

Aí eu atirei em um pássaro que posteriormente encontramos em enormes números na porção média do vale do Ivaí. Era a jacutinga, uma espécie de *Penelope* que, em tamanho e aparência, tinha algo entre um peru e um faisão. Esta ave, 15 meses depois, estava destinado a salvar a existência da segunda equipe, quando, por um período de algumas semanas, nós estávamos meio a certas circunstâncias desfavoráveis, inteiramente desprovidos de nossas condições habituais. O mesmo pássaro também logo me serviu para uma boa causa, o que não deverei esquecer, enquanto o poder da memória se mantiver.

Em seguida, a atenção se volta para um surucuá (*Trogon surrucura*) (p.291-292):

I also shot two specimens of a bird of very different character, called the Surucua. This bird, which is about the size of a thrush, is, if we except perhaps some of the humming-birds, by far the most lovely of all the feathered denizens of these forests.

Eu também abati dois exemplares de uma ave de características distintas, chamada de surucuá. Esse pássaro, que é aproximadamente do tamanho de um sabiá, se trata de longe, e exceto por alguns beija-flores, o mais lindo de todos os habitantes de penas dessas florestas.

The plumage of the male is a most resplendent purple and gold on the head, throat, and back, the breast being of a lovely, bullfinch red. The wings are dark slate, delicately barred with white. The bill is very small, but the mouth is as wide as a goat-sucker's. The feet and legs seem disproportionately weak and delicate for the size of the bird. The female is much more soberly attired than the male, a simple drab and brown taking the place of the gorgeous red, purple and golden array of the latter. The wings of both male and female are precisely alike.

The habits of these birds are peculiar. Their principal food consists of butterflies, and other softbodied flying insects, and the only time when they exhibit any activity is when in pursuit of their prey. At all other times they sit motionless on some bough or branch of a tree, generally about thirty feet above the ground. The report of a gun will not cause them to do more than turn their head, and I have on more than one occasion shot the one bird, while its mate has remained sitting on the same tree not half a dozen yards off, quietly looking on. The sound of our axes seemed to have an especial attraction for the Suruquá. Frequently while some tree has been trembling on its throne under the powerful blows of the axe, one of these birds has come flying hurriedly up, and settled itself comfortably on one of the branches of the tottering monarch, as though it had been fleeing from some pursuer, and had now reached a haven of safety. I think possibly the vibration of the leaves under the blows of the axe upon the trunk, deceives it into imagining that butterflies are flitting about round the tree, hence its haste to come and inspect it. Certainly the bird seems silly and stupid enough for anything.

A plumagem do macho é um roxo e ouro⁶⁰ dos mais resplandecentes na cabeça, garganta e costas; o peito tem uma cor adorável: vermelho *Bullfinch*⁶¹. As asas são ardósio escuras, delicadamente barradas com branco. O bico é muito pequeno, mas a boca é tão grande quanto à dos curiangos. Os pés e pernas parecem desproporcionalmente fracos e delicados para o tamanho da ave. A fêmea é muito mais sobriamente vestida do que o macho: um simples e monótono marrom tomando o lugar do lindo conjunto vermelho, roxo e dourado daquele. As asas de ambos os sexos são exatamente iguais.

Os hábitos dessas aves são peculiares. Seu principal alimento é constituído de borboletas e outros insetos voadores de corpo pequeno e o único momento em que eles exibem qualquer atividade é quando em busca de sua presa. Em todas as outras vezes, pousam imóveis em algum ramo ou galho de uma árvore, geralmente a cerca de 30 pés acima do solo. A percepção do estampido de uma arma não irá levá-los a fazer mais do que virar a cabeça e eu deflagrei, em mais de uma ocasião, um tiro a um pássaro, enquanto o seu companheiro manteve-se sentado na mesma árvore a nem meia dúzia de jardas de distância, mantendo-se olhando em silêncio. O som dos nossos machados pareciam criar uma atração especial para o surucuá. Frequentemente, enquanto algumas árvores tremiam em seu trono sob os golpes poderosos do machado, uma dessas aves vinha voando rapidamente, estabelecendo-se confortavelmente em um dos ramos do monarca cambaleante, como se tivesse fugido de algum perseguidor e já alcançando um refúgio seguro. Eu acho que, possivelmente, a vibração das folhas sob os golpes do machado sobre o tronco, engana-o fazendo imaginar que as borboletas estão voando ao redor da árvore, daí a sua pressa para vir e inspecioná-la. Certamente, o

⁶⁰ Aqui Bigg-Wither refere-se ao brilho do ouro e não à cor.

⁶¹ Alude aos pássaros europeus do gênero *Pyrrhula*, conhecidos em Portugal como “dom-fafe”.

My companions told me that the Suruquá was always to be found in the localities resorted to by Jacutingas, and that it was, in fact, the great enemy of this latter bird, and that the object for which it sat, so patiently watching, hour after hour, was that it might pounce upon any passing Jacutinga, and, having secured a position under the wing of its prey, cling there and tear its vitals out at leisure. This, many Brazilians who believe in the truth of the story say, is the use to which the Suruquá puts its sharp beak and abnormally big mouth. My own experience of the bird is that it is utterly unfitted by nature for so bold a profession. So delicate is it that one shot in the body suffices to bring it to the ground dead.

In skinning specimens of it, I always had to use the utmost care and skill, the slightest awkwardness in handling causing the feathers to come out in handfuls, the skin itself being almost as fine and delicate as gold-beater's.

pássaro parece bobo e estúpido o suficiente para qualquer coisa.

Meus companheiros me disseram que o Suruquá era sempre encontrado nos pontos onde as jacutingas descansavam, e que era, na verdade, o grande inimigo delas, e que o objetivo pelo qual ali pousou tão pacientemente, hora após hora, era poder atacar a qualquer jacutinga que passasse, e, uma vez assegurada uma posição sob a asa de sua presa, se agarrariam ali, rasgando suas entranhas para fora, por pura diversão. Isso, para muitos brasileiros que acreditam na veracidade da história – dizem – é o uso que o surucua faz de sua anormalmente grande boca, enfiando o afiado bico. Minha própria experiência da ave é que ele é totalmente incapacitado por natureza para uma tarefa tão ousada. Tão delicado é que um tiro no corpo parece mais do que suficiente para trazê-lo já morto ao chão.

Na taxidermia de espécimes, eu sempre tive que tomar o máximo cuidado e usar de habilidade, visto o menor descuido faria com que as penas saíssem aos punhados, além do que a própria pele é tão fina e delicada quanto o goldbeater⁶².

Um fato curioso ocorreu em 25 de outubro, quando Thomas adoeceu, caindo de febre altíssima, calafrios e sofrendo desmaios. Resolveu, por alguma razão, beber “sangue de jacutinga”, atribuindo ao líquido poderes terapêuticos (p.295):

Lying on my back, I happened to notice several Jacutingas or wild turkeys in the trees above, and I told Jaca, who was bathing my face with water, to shoot one and give me its blood to drink. Two were

Deitado de costas, aconteceu de eu perceber várias jacutingas (um tipo de peru selvagem) nas árvores acima e eu disse a Jaca, que estava lavando seu rosto, para abater um desses e dar-me o sangue para

⁶² *Goldbeater's skin* é um fragmento delgadíssimo oriundo do intestino grosso de certos animais (por exemplo bois, carneiros etc), usado na construção de higrômetros de precisão, visto sua sensibilidade sob diferentes condições de pressão atmosférica, graças à delicada membrana. Também são utilizadas em ourivesaria, para separar lâminas muito finas de ouro.

shot, and their blood brought to me warm, which I eagerly swallowed. This blood, I fully believe, saved my life, for it gave me strength enough to last through the next two hours, which time it took for me to be taken down by canoe to the sitio of Maruca's son at the mouth of the Doutor.

beber. Dois foram caçados e seu sangue foi-me trazido ainda quente, que eu ansiosamente ingeri. Este sangue, e eu acredito nisso plenamente, salvou a minha vida, pois me deu força suficiente para durar até as próximas duas horas, dando-me tempo para que eu fosse retirado em direção ao sítio do filho de Maruca, na boca do [rio do] Doutor.

Recuperado, Bigg-Wither menciona uma pescaria no rio Ivaí e, nessa situação, a presença de andorinhas, que bem poderiam ser a andorinha-do-rio (*Tachycineta albiventer*) que é bastante comum nesses ambientes e, por nossa experiência, também naquela região (p.299):

Sometimes we used to attempt fishing with a fly, but this was never very successful on account of the number of small brown swallows which were always skimming along just above the surface of the water. These swallows were constantly darting at the fly, and so getting themselves caught on the hook.

Por vezes usávamos uma mosca para tentar pescar, mas isso nunca foi bem sucedido, considerando-se o número de pequenas andorinhas que encontravam-se ali deslizando ao longo da superfície da água. Estas andorinhas estavam constantemente movendo caça aos insetos voadores e, assim, capturavam-nos agilmente com seus bicos.

Segundo o autor, em 1º de novembro deixou novamente a Barra do Doutor, para retornar ao acampamento onde havia ficado enfermo e reiniciar suas tarefas. Esse local, segundo ele, ficava no ponto de convergência entre três riachos, levando-nos a acreditar que fosse a confluência dos rios Caju, Ubazinho e Maria Flora, perto do Faxinal de Catanduvás⁶³. Volta a capturar aves: “*Of birds, Jacutingas or Jacús, Suruquás and hummingbirds of several species were especially numerous*” (p.304) e, durante uma incursão para levar alimentos a um dos grupos,

⁶³ Essa localidade é a mesma que Arkady Fiedler esteve em 1929, quando visitou um aldeamento indígena lá estabelecido.

assim descreve o lugar, situado a alguns quilômetros (quatro milhas) abaixo, pelo rio Ivaí (p.318):

The little river was wonderfully rich in birds. Solitary king-fishers reigned over each little reach of water. Sturdy bitterns and long-necked cranes of various species kept guard over each rapid and waterfall. I shot one or two as specimens, but there was little time for delay of this kind.

O pequeno rio era maravilhosamente rico em pássaros. Martins-pescadores solitários reinavam sobre cada trecho de água. Socós robustos e “grous”⁶⁴ de pescoço longo mantinham guarda em cada corredeira e cascata. Eu abati um ou dois como espécime, mas havia pouco tempo para me dedicar à tarefa.

De volta à base, prosseguem as descrições sobre aves (p.326):

Parrots of many colours swooped out from the edge of the forest as we passed by, saluting us with the harshest and most discordant of screams, and then again swiftly returning to their cool coverts in the thick-foliaged trees and relapsing into silence. Biguás, or big divers, moved uneasily on their tocos, or tree-stumps, as we approached, finally spreading their wings and skimming off up or down stream, and never failing to dip their tails into the river at the commencement of their flight.

Papagaios de muitas cores voavam para fora da borda da floresta quando nós passávamos, saudando-nos com gritos intensos de protesto e, em seguida, retornando rapidamente retornar a seus abrigos confortáveis nas árvores de densas folhagem e retornando ao silêncio. Biguás, os grandes mergulhadores, moviam-se inquietos em seus tocos, ou pontas secas de árvores, quando nos aproximávamos e finalmente abriam suas asas, voando para cima ou para baixo do curso fluvial, sem deixar de tocar suavemente com suas caudas no rio, no início do voo.

Com o tempo, o grupo estabeleceu outro acampamento, situado a quatro milhas abaixo do “Barra Batista”, alusão à foz de um certo rio Batista (talvez o rio Batista perto da cidade de Pitanga). É nesse trecho da narrativa que faz menção a “papagaios” que, pela descrição, se tratavam de jandaias (*Aratinga auricapillus*) (p.329-331):

⁶⁴ É provável aqui, que Bigg-Wither tenha relacionado os “cranes” (vide acima) com as aves paludícolas de bico curvado da família Threskiornithidae. Sendo porém essas aves notavelmente vageis, não se descarta que o nome tenha sido conferido simplesmente a garças (Ardeidae), as quais efetivamente permanecem grande parte do seu tempo, pouco móveis na margem de corpos d’água.

Between the animal life of the inner forest and of the river banks, there is a wide and marked difference —more especially with respect to bird life. One noteworthy instance of this is in the case of the parrot tribe. These birds were extremely rarely seen by us at any distance away from the river banks. The solemn stillness of the depths of the forest was seldom disturbed by their harsh cries, whereas on the river banks they formed the chief, and certainly the most prominent feature of animal life. Here their shrieks were often deafening, and their flights frequently quite darkened the air. I have already incidentally mentioned their habit of shrieking when on the wing, and relapsing into silence when they have again returned to their covert. This seems to be a very general instinct with all the smaller and weaker varieties of parrots, if not also of the larger kinds. This latter is the instinct of self preservation, induced by the vague knowledge of enemies existing within hearing of their cries, and whose approach they can neither see because of the dense forest surrounding them, nor hear, without themselves preserving silence.

Besides this instinct of silence under certain circumstances, parrots have another great protection against their enemies given them in the colours of their plumage. Although green of various shades is the characteristic hue, like that of the forests they inhabit, many species are gaudily marked with yellow, purple, and red, one particular bird which I have often seen having a head the exact colour of a certain bright yellow and pink fruit called the guariroba⁶⁵, upon which it exclusively feeds during the months of November and December.

Entre a vida animal do interior da mata e a das margens do rio há uma grande e significativa diferença, mais especialmente no que diz respeito à vida das aves. Um exemplo notável disso é o caso do grupo dos papagaios. Estas aves foram muito raramente vistas por nós, em qualquer distância das margens do rio. O silêncio solene das profundezas da floresta raramente foi incomodado por seus gritos agressivos enquanto que, nas margens do rio, eles formaram o elemento principal e certamente a característica mais proeminente da vida animal. Aqui, seus gritos eram muitas vezes ensurdecedores e seus voos, com frequência, bastavam para escurecer o ambiente. Eu já havia incidentalmente mencionado seu hábito de gritar quando em voo e o subsequente silêncio quando mais uma vez retornava ao seu esconderijo. Este parece ser um instinto muito geral observado em todas as variedades menores e mais fracas de papagaios, senão também dos tipos maiores. Trata-se de um instinto de aluto-proteção, induzido pelo conhecimento vago de inimigos existentes, que possam ouvir seus gritos e cuja abordagem eles não poderiam ver, por causa da densa floresta em torno deles; tampouco ouvir, sem que preservassem o silêncio.

Além desse instinto de silêncio em determinadas circunstâncias, os papagaios têm uma outra grande proteção contra os seus inimigos que lhes foram dadas nas cores da sua plumagem. Apesar dos vários tons de verde serem-lhes a cor característica, tal como a dos que habitam as florestas, muitas espécies são vestidos com marcas amarelas, roxas e vermelhas; uma dessas aves em particular, que eu tenho visto frequentemente, tem a cabeça com a cor exata de um certo fruto amarelo e róseo brilhante chamado de guabiroba, do qual se alimenta exclusivamente durante os meses de novembro e dezembro.

⁶⁵ Leia-se guabiroba, ou guavirova, uma mirtácea (*Campomanesia pubescens*).

In this ease its gaudy topknot is a real protection against its enemies, the hawks and kites. It will generally be observed, however, that all the more striking colours and markings are altogether absent from the most exposed parts of the bird, and are confined chiefly to the breast, neck, and the wings and tail, when these latter are spread open for flight. The brilliant blue and scarlet macaws, with which we were to meet in great numbers in other parts of the forests, are an exception to this rule; but, on the other hand, these birds are powerful enough to cope with any hawk or eagle of the country on equal terms, and therefore have less need of concealment.

Essa condição de suavizar a sua vestimenta vistosa é uma proteção real contra os seus inimigos, os gaviões pequenos e grandes. Ela vai ocorrer, no entanto, somente se as cores mais destacadas e as marcas estiverem completamente ausentes nas partes mais expostas do pássaro, mantendo-se confinadas principalmente ao peito, pescoço e às asas e cauda, quando estes últimos detalhes estão expostos para o voo. As araras-azuis brilhantes e vermelhas, com as quais se reuniam em grande número em outras partes das florestas, são uma exceção a esta regra, mas, por outro lado, são poderosas o suficiente para lidar com qualquer falcão ou águia da região em igualdade de condições e, portanto, têm menos necessidade de ocultação.

No mesmo local também menciona os tucanos, comparando seus hábitos com os da jandaia (p.331-332):

It is remarkable that with the toucan tribe—another harsh-screaming bird—the rule observed in the case of the parrots is reversed in one noteworthy particular. This bird screams when it is sitting, and performs its short and clumsy flight in perfect silence. It screams only in the early mornings and evenings, when seated on the extreme tops of the highest trees, enjoying the first or last rays of the sun, and while it has a full and unimpeded view above and all around it. When a bird of prey appears, attracted perhaps by the screaming, the toucan sees it at once from afar, and quietly drops down into the thick covert beneath, till the coast is again clear. Parrots therefore scream only when in flight, because at that time no enemy dares to attack them, in face of their compact numbers and rapid powers of wing; while the toucan, which is a bird of feeble flight, and of a less gregarious nature, carefully avoids attracting attention by screaming, except on the occasions noticed. A knowledge of

É notável que comparada com o grupo dos tucanos – outro pássaro de grande intensidade vocal – a regra observada no caso dos papagaios é revertida em um aspecto especial. Aquelas aves [tucanos] gritam quando estão pousadas, e realizam seus vôos curtos e desajeitados em perfeito silêncio. Vocalizam apenas no início da manhã e à noite, quando empoleirados no topo extremo das árvores mais altas, apreciando os primeiros ou os últimos raios do sol e ao tempo em que tem uma visão completa e livre acima e ao redor dele. Quando uma ave de rapina aparece, atraída talvez pelos gritos, o tucano a observa de longe e silenciosamente desce para as ramagens mais densas, até que esteja a salvo. Papagaios gritam somente quando em voo, porque nesse momento os inimigos não se atrevem a atacá-los, em face de seus pequenos números do poder rápido das asas; no entanto, o tucano, que é uma ave de voo fraco e de natureza menos gregária, evita cuidadosamente atrair a atenção por meio de gritos, exceto nas ocasiões acima indicadas.

peculiarities such as these, in the habits of birds, is sometimes very useful to the human inhabitant of the forest, who has to read such signs to lead him to his dinner, or perhaps even to save him from some danger.

O conhecimento de peculiaridades como essas dos hábitos dos pássaros, é às vezes muito útil para o ser humano que vive na floresta, o qual precisa compreender esses sinais, que o dirigem para um item do jantar ou até mesmo o salvem de algum perigo.

Em seguida descreve uma enigmática espécie grande de papagaio (p. 332-333), que sem dúvida era uma papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*) sobre a qual não soube explicar a razão pela qual casais voavam juntos, mantendo-se assim mesmo quando formando bandos:

There is a certain species of large parrot, a specimen of which I never succeeded in obtaining, which may be seen at all hours of the day, high above the river and forest, flying either in pairs, trios, or quartettes, steering always one straight, unswerving course, ignoring alike friend or foe, except the partner by its side. I never observed less than two or more than four of them together. Very frequently they fly in threes, two in front and one close behind. When four are together, they keep religiously in pairs, one behind the other, like a four-in-hand harnessed to an invisible car. They exhibit none of the exuberance of spirits so characteristic of the smaller parrots of the river banks.

Even their cries are cut and dried by rule, and are heard proceeding from them only at perfectly regular intervals. The midday sky is seldom without two or three such pairs or quartettes in view, each following its own distinct, separate course. In the deep shades of the silent forest, the only sounds that used to reach us from the outer world were the screams of these great parrots flying overhead. Whence they came and whither they went on their long, steady flights was one of the many insoluble problems of this wild land. Nobody could answer the question, not even the Brazilians themselves.

Há uma certa espécie de papagaio grande, um tipo que eu nunca consegui obter e que pode ser visto em todas as horas do dia, bem alto sobre o rio e a floresta, voando em pares, trios ou quartetos, sempre em linha reta, em inabalável curso e ignorando tanto amigo quanto inimigo, exceto o parceiro que segue a seu lado. Nunca observei menos de dois ou mais do que quatro deles juntos. Muito frequentemente voam em grupos de três, sendo dois na frente e um terceiro por perto. Quando quatro estão juntos, eles permanecem religiosamente aos pares, um atrás do outro, como que na ideia de um carro invisível sendo rebocado pelo outro. Eles não exibem nenhuma das características dos papagaios menores das margens do rio.

Até mesmo os seus gritos são, em regra, cortados e secos, sendo ouvidos apenas em intervalos perfeitamente regulares. O céu do meio-dia raramente passa sem dois ou três desses pares ou quartetos à vista, cada um seguindo a sua própria rota, em cursos separados. Nos tons profundos da floresta em silêncio, os únicos sons que tomávamos a partir do mundo exterior eram os gritos desses grandes papagaios voando acima de nós. De onde eles vieram e para onde iam em seus vôos longos e estáveis foi um dos muitos problemas insolúveis desta terra selvagem. [E] Ninguém podia responder à pergunta, nem mesmo os próprios brasileiros .

Passamos agora ao dia 16 de fevereiro de 1873, a uma localização indicada como cinquenta milhas (80,4 km) abaixo da colônia Teresa Cristina, correspondendo aproximadamente ao Salto da Pindaíba, situado perto de Ivaiporã. Aparentemente, os exploradores tiveram alguma monotonia nesse intervalo de tempo, contrastando bastante com as tantas novidades vividas nos primeiros momentos da expedição. Segue-se, então, a descrição de uma caçada de veado, relatando o encontro com um barreiro frequentado também por aves (p.368-369):

On our return we landed again at the great barreiro, and shot a brace of Jacus, which, in company with many parrots, doves and other birds, were there feeding. It is surprising what a liking so many birds and animals have for dirt-eating : for those that I have mentioned as frequenting the barreiro, do not merely lick the soil, but actually bite it off and eat it in large quantities. A Jacu's crop is often found full of it ; and the marks of the front teeth of tapirs, pigs and deer, cover the side banks of a barreiro. It does not appear that beasts of prey or even birds that feed on worms or insects, have any taste for dirt eating. As far as my observations go, it is only vegetarian animals that do so. The popular idea is that a barreiro contains common salt. I dare say this is correct, but on the one occasion when I had the curiosity to lixivate a small quantity of barreiro soil, I could only discern a sweetish taste in the water of lixiviation. Barreiros are very numerous all along the banks of the Ivahy river, and I always intended to experiment more fully upon the earth they contained, before I departed ; but this was one of many good intentions which, from being too long deferred, was never fulfilled. I think Humboldt somewhere gives an account of men who eat dirt ; it would be curious to know if

Em nosso retorno paramos novamente no grande barreiro e atiramos em um par de jacus que, em companhia de muitos papagaios, pombos e outros pássaros, estavam se alimentando. É surpreendente o gosto que tantos pássaros e outros animais têm pela sujeira para comer: para aqueles que já mencionei como frequentadores do barreiro, eles não apenas lambem o solo mas, na verdade, abocanham-no e o comem em grandes quantidades. O papo do jacu é frequentemente encontrado repleto desse item e as marcas dos dentes da frente de antas, porcos e veados, recobrem toda a margem lateral de um barreiro. Não parece que os animais de rapina, ou até mesmo pássaros que se alimentam de vermes ou insetos, têm qualquer gosto por comer essa sujeira. De acordo com as minhas observações, apenas os animais vegetarianos o fazem. A ideia popular é que um barreiro contém sal comum. Atrevo-me a dizer que isso é correto mas, em uma ocasião, quando tive a curiosidade de lixiviar uma pequena quantidade de solo de barreiro, só pude perceber um gosto adocicado na água. Barreiros são muito numerosos ao longo das margens do rio Ivai e eu sempre quis experimentar com mais cuidado a terra que eles continham antes de partir, mas, esta foi apenas uma das muitas boas intenções que, por ser exigiu muito

these men were, like the dirt-eating animals of the Ivaí, vegetarians in their ordinary diet.

tempo, nunca foi cumprida. Eu acho que em algum lugar Humboldt dá conta dos homens que comem terra e seria curioso saber se esses homens eram, tal como os animais comedores de lama do Ivaí, vegetarianos em sua dieta normal.

No dia seguinte, Thomas resolve ficar por algum tempo no acampamento, fazendo anotações e desenhos. Aí passa a descrever o comportamento que uma ave que mantinha ali como mascote (p.369-371) e que provavelmente se tratasse do tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*):

The toucan, which I have already mentioned, now became a great pet of mine, and I found in it a very amusing and intelligent companion. It came to know exactly the hours of my meals, and would come into my hut as regularly as clockwork to them, taking up its place oil a box on the corner of the rancho, and occasionally screaming to attract attention. It became an expert catcher, never missing the food thrown to it, if it came within reach of even the tip of its great bill. Its powers of digestion were abnormally rapid, and it was consequently always hungry. Though it quickly became friendly and even intimate with any person that took notice of it, and was land to it, yet it was very easily offended, and the offence used to rankle in its little bosom for many hours after its committal. Once I threw a bit of charred wood at it at breakfasttime, which it caught as usual, but when it tasted the gritty flavour of the charcoal it screamed angrily, hopped quickly out of the rancho, and did not reappear till roosting-time, when it went sulkily up to its perch on one of the cross timbers of the hut, without uttering its customary salutations. [...]

Toucans are far more intelligent and amusing birds than parrots, as far as my

O tucano, que eu já havia mencionado, agora tornou-se um grande animal de estimação e eu encontrei nele um companheiro muito divertido e inteligente. Sabia exatamente as horas de minhas refeições, entrando em minha cabana tão regularmente quanto um relógio, postando-se em seu lugar, uma caixa de óleo que havia no canto do rancho e, ocasionalmente, gritando para chamar a atenção. Tornou-se um expert coletor, nunca perdendo o alimento jogado a ele, desde que viesse ao alcance da ponta de seu bico. Seus poderes de digestão eram anormalmente rápidos e, consequentemente, estava sempre com fome. Apesar de rapidamente ter se tornado amigável e até íntimo com qualquer pessoa que tomasse conhecimento dele e que chegasse perto, ficava muito facilmente ofendido, e mantinha-se assim por muito tempo depois da ofensa. Uma vez eu joguei um pouco de madeira queimada para ele no café-da-manhã o que foi apreendido como de costume; mas, quando senti o sabor do carvão vegetal, ele gritou com raiva, pulou rapidamente para fora do rancho e não reapareceu mais, até a hora de dormir, quando manteve-se mal-humorado em seu poleiro, em uma das vigas transversais da cabana, sem proferir suas saudações habituais. [...]

experience goes. I do not, however, suppose that they would stand the cold climate of England, as they are more delicate in themselves, and less stoutly plumaged than the latter.

Tucanos são aves muito mais inteligentes e divertidas do que os papagaios, até onde vai minha experiência. Eu não creio, no entanto, que eles se habituariam ao clima frio da Inglaterra, visto que eles são em suma mais delicados e menos robustamente emplumados do que os últimos.

A partir de então, abre-se o segundo volume da obra. O tom inicial é algo melancólico, primeiro por causa do fim do verão que os privava de certos sons, como “*the wail of the summer goat sucker...*” (p.1), segundo pela notícia sobre o falecimento (4 de fevereiro de 1873), no Rio de Janeiro, do capitão Palm, vitimado pela febre amarela. E terceiro pela necessidade de viagem do seu colega Curling, situação que deixaria Bigg-Wither apenas acompanhado por um colega patricio, que se encontrava adoentado.

Mas o trabalho continuava e, alguns dias depois, ele decidiu descer o rio Ivaí com uma equipe para nova incursão. Ali deparou-se com um pato-do-mato (*Cairina moschata*) (II, p.20-21):

“For the first time, since coming upon this river, I saw the great Brazilian “Pato,” or wild goose. A small family of five of these beautiful birds were floating unwarily and unsuspectingly within a mouth of a little stream flowing into the river on the right bank. As my canoe, which was in front of the others, arrived opposite this little stream, the birds all got up simultaneously with a tremendous noise, offering a splendid mark for a shot as they wheeled round past our bows at thirty yards. I fired and brought down the biggest bird of the lot, which was probably the “pater familias;” “the remaining four meanwhile continuing their flight down stream, when, at a distance of a mile, I marked them again drop into the water.

The plumage of the Pato is superb. At a short distance it appears to be coal black,

Pela primeira vez desde que cheguei nesse local do rio, vi o grande pato brasileiro, ou ganso selvagem. Uma pequena família de cinco dessas belas aves estavam flutuando cautelosamente e confiadamente na foz de um pequeno córrego que flui para a margem direita do rio. Como a minha canoa, que estava à frente da dos outros, chegou antes a esse pequeno riacho, os pássaros todos voaram simultaneamente e com um tremendo barulho, oferecendo uma marca excelente para um tiro, visto que circundaram nosso campo por uns trinta metros. Eu atirei e derrubei o maior pássaro do grupo e que era, provavelmente, o pai da família; os quatro remanescentes, entretanto, prosseguiram a sua fuga a jussante quando, a uma distância de uma milha, eu mirei novamente em direção à água.

white snow white marks. On close inspection, however, the black turns out to be dark purple of the richest hue. The head of the bird is surmounted by a topknot black curly feathers, very similar to those worn by the "Curassow." The individual which I shot on this occasion proved delicious eating. Its skin I preserved and afterwards brought home with me to England"

A plumagem do pato é superba. A uma curta distância parece ser preta como carvão, com marcas brancas de neve. Com uma inspecção mais de perto, porém, o negro mostrasse de um púrpura escuro do mais rico matiz. A cabeça do pássaro é encimada por um topete encaracolado de penas pretas, muito semelhantes aos apresentados pelos mutuns⁶⁶. O indivíduo que abati nessa ocasião provou ser delicioso. Sua pele eu preservei, depois trazendo para casa, na Inglaterra.

Na companhia do pato, surge agora o corocoró (*Mesembrinibis cayennensis*) (II, p.21):

Besides the "Pato" another most delicately flavoured bird, whose presence we had long missed on the river, now reappeared. This was the dark green Ibis, or, as the Brazilians called it, Corvo d'água. This bird delights in the muddy banks of smoothly flowing rivers, fleeing from the sight and sound of Corredeiras and Cachoeiras, which always betoken rocky margins. Notwithstanding its delicious flavour, which is very like that of woodcock, the Brazilians refuse to eat it, calling it a Corvo, an unkind name which it is far from deserving. Its food consists really of nothing more objectionable than earth-worms, which it extracts from the soft mud of the river banks by means of its long slender curved bill. Sometimes, though rarely, I have come across this Ibis deep in the forest, a mile or more from the main river, but in these cases there is always sure to be some muddy-stream close at hand, of whose near neighbourhood the harsh and sudden cry of "kurruck, kurruck, kurruck," from the bird as it rises from the ground is perhaps one's first warning.

Além do pato, outro pássaro com sabor mais delicado, cujo contato tínhamos perdido há muito tempo no rio, agora reapareceu. Era o íbis verde escuro ou, como os brasileiros chamavam, corvo-d'água. Este pássaro deleita-se nas margens lamacentas dos rios de correnteza suave, fugindo das visões e do som de corredeiras e cachoeiras, as quais sempre apresentam margens rochosas. Não obstante o seu delicioso sabor, que é muito parecido com o das *woodcocks* [narceja], os brasileiros se recusam a comê-lo, chamando-o de corvo, nome inadequado que está longe de merecer. Sua alimentação consiste realmente em nada mais desagradável do que minhocas, que extrai da lama macia das margens do rio, por meio de seu bico longo, fino e recurvado. Às vezes, embora raramente, eu me deparei com esse íbis no meio da floresta, a uma milha ou mais de distância do rio principal mas, nesses casos, há sempre a certeza de haver algum riacho enlameado por perto, de cujas adjacências o áspero e repentino grito "*kurruck*,

⁶⁶ Aqui seria tentador supor que Bigg-Wither, ao longo de sua peregrinação, tenha encontrado e caçado mutuns (*Crax fasciolata*), ave de grande interesse conservacionista e outrora abundante nas matas do rio Paraná, inclusive na foz do Ivai. No entanto, essa é a única menção à espécie em toda a obra e não se sabe a origem da observação que, embora correta, não encontra-se acompanhada de nenhum indício de constatação *in situ*.

kurruck, kurruck”, emitido pelo pássaro à medida que voa a partir do solo é, talvez, uma das primeiras advertências [de sua presença].

Em seguida, a ave tratada é o biguá (*Phalacrocorax brasilianus*) (II, p.21-22):

The Corvo d'agua is generally found singly, though sometimes in pairs. When suddenly flushed from its feeding ground on the river bank, it does not follow the course of the river either up or down stream, like the Pato, the Marreca (wild duck), the Biguá, the Cigonia (heron), or even the kingfisher, but rises straight up and turns sharply into the forest, where it generally perches on some tree not twenty yards inland, there to wait till the supposed danger has passed by.

O corvo-d'agua é geralmente encontrado solitário, embora às vezes em pares. Quando é repentinamente privado de sua área de alimentação na margem do rio, não segue o curso do rio a montante ou jusante como o pato, a marreca (pato selvagem), o biguá, o a cegonha (garça) ou mesmo a martim-pescador, mas voa para cima, fazendo uma curva acentuada para dentro da floresta, onde geralmente empoleira-se em uma árvore a pelo menos vinte metros para o interior, quando aguarda que o suposto perigo tenha passado.

Passados alguns dias, o grupo decide reconhecer uma corredeira do rio Ivaí, conhecida como Salto de Ubá, localizada pouco a montante da foz do rio Ubazinho, próximo de onde hoje está a cidade de Cândido de Abreu e, também de onde a rodovia BR-487 cruza do rio Ivaí. Ali notou grande quantidade de biguás (II, p.43): *“These gannt skeletons, which had long since been stripped of all their beauties of foliage, twig and bark were thronged with Biguás, which stood on rows upon each blackened trunk and bare arm, sunnign themselves, with wings outstretched, after the manner of the carrion birds of the prairies”*.

Passava o tempo e chegava abril de 1873, quando o grupo já se encontrava a cerca de nove milhas (14,5 km)

acima do Salto do Ubá⁶⁷. Depois de várias descrições de caçadas, não propriamente ornitológicas, há um momento em que relata o abate de uma jaguatirica (*Leopardus pardalis*) quando o autor menciona um dos itens da alimentação desse felídeo (p.82), informando – inclusive – sobre o declínio em decorrência das caçadas.

The chief food of the Ocelot is the Jacu (Penelope), which, as before stated, is very abundant in these forests, and as easy of destruction as a barn-door fowl. The presence of our expedition had the effect of considerably diminishing the number of these birds round their favourite resorts on the banks of the river, and as a necessary consequence the various species of Ocelots, which preyed upon them, found their sources of supply grievously diminished.

O alimento principal da jaguatirica é o jacu (*Penelope*) que, como anteriormente referido, é muito abundante nas florestas, e tão fácil de abater quanto aves domésticas à porta de seu viveiro. A presença de nossa expedição teve o efeito de diminuir consideravelmente o número destas aves em seus refúgios prediletos, nas margens do rio e, como consequência, também as várias espécies de jaguatiricas, que dependiam deles, encontraram as suas fontes de alimentação gravemente reduzidas.

No ponto indicado acima, obviamente ainda muito distante do destino planejado, Thomas resolve mudar os planos da viagem. O objetivo agora seria dedicar todas as forças para chegar ao rio Paraná, ponto final do trajeto, para dali retornar abrindo os caminhos como previsto e estabelecendo acampamentos-base.

Ainda nos arredores do Salto de Ubá, em 1º de maio de 1873, Bigg-Wither encontra uma nova espécie para seu inventário de curiosidades, um grupo de urus (*Odontophorus capueira*) (p.93-94):

Besides fish and big game, there was another very delicate dish that occasionally appeared upon our table.

Além de peixes e caças de grande porte, havia outro prato muito delicado que aparecia ocasionalmente em nossa mesa.

This was a bird, something like a small

Era uma ave algo semelhante na

⁶⁷ Note-se que Bigg-Wither (1878:84) dá outras referências de distância, mais à frente: entre a Colônia Teresa Cristina e a Corredeira do Ferro haviam 300 milhas (483 km) e, desta até a foz do Ivai, no Rio Paraná, pouco menos de 100 milhas (161 km).

partridge in appearance, called Urú, an Indian word of the meaning of which I am ignorant. This bird we had not before encountered. Indeed, it is never to be found except in the immediate proximity of the bigger falls and cataracts. It runs about upon the ground in coveys of from eight to a dozen individuals. When disturbed, the birds generally fly up from the ground, one after the other, with loud twitterings, and settle for a minute or two upon the low bushes and shrubs around, after which they fly a few yards and again drop down upon the ground. Their habits are insectivorous. They never leave the shelter of the forest, and, as far as I know, never go farther inland from the bank of their especial cataract, than from fifty to a hundred yards. Of what nature the peculiar attraction of a cataract is to the Urú I cannot guess, unless it is that the food upon which it lives is found only in such neighbourhoods, and not in any other localities.

aparência à pequena *partridge* [perdiz], chamada Urú, uma palavra indígena cujo significado desconheço. Este pássaro não tínhamos antes encontrado. Na verdade, jamais seria encontrado, exceto nas imediações das quedas maiores e cachoeiras. Ela corre por sobre a terra em grupos de oito a uma dúzia de indivíduos. Quando perturbadas, as aves voam geralmente a partir do solo, uma após a outra, com agudos assobios e mantêm-se paradas, por um ou dois minutos perto de arbustos baixos ao redor, voando em seguida para poucos metros adiante, novamente baixando ao chão. Seus hábitos são insetívoros. Eles nunca deixam o abrigo da floresta e, tanto quanto sei, nunca vão mais do que 50 a 100 jardas para o interior da mata a partir das margens do rio onde está sua cachoeira preferida. Qual a tração peculiar que os urus têm pelas quedas d'água eu não posso imaginar, exceto pelo fato do alimento de que vivem seja encontrado apenas nesses sítios e não em quaisquer outras localidades.

Chega o dia 7 de junho e Bigg-Wither decide abandonar novamente o acampamento do Ubá e dirigir-se vinte milhas rio abaixo, ao Salto da Ariranha. Aqui novo intervalo sem anotações com Bigg-Wither informando que já teriam visitado essa cachoeira (agora novo acampamento-base) e, também, as ruínas de Vila Rica e mesmo a Corredeira do Ferro. O dia era 16 de agosto.

Depois de uma incursão pelos arredores do Ariranha, encontram com um grupo de índios que possivelmente eram Xetás. Nesse sentido, é notável a descrição – ainda que superficial – de um certo detalhe (p.114): “*On each side of the head, secured to the hair with lumps of bees’ wax, were the skins and feathers of several toucans’ breasts*”⁶⁸. Esse

⁶⁸ “A cada lado da cabeça, presas ao cabelo por bolas de cera de abelha, haviam peles e penas do peito de vários tucanos”.

tipo de adorno plumário, altamente rústico e primitivo, formado pelo simples couro curtido de pássaros, mantidas as penas, é típico dos Xetás, grupo pesquisado por Wladimir Kozák, Loureiro Fernandes, dentre vários outros. Outro detalhe interessante sobre esses índios, que Bigg-Wither chamou de “botocudos”, era a habilidade das crianças em imitar aves (p.144):

Both the children were first rate mimics, and were keen to pick up any familiar cry of bird or beast in the forest behind the camp, imitating it and then telling its name to anyone who happened at the time to be taking notice of them. The various melancholy notes of the Pombas they were especially fond of imitating. Evidently they had learnt to produce these sounds almost as soon as they had begun to talk. By hearing the two children imitate sounds, and then repeat the names of the animals to which they belonged, I soon began to know a number of Botocudo equivalents.

As crianças foram as primeiras a esboçar imitações, e estavam ansiosas para pegar captar qualquer grito conhecido de pássaro ou animal na floresta atrás do campo, imitando-o e, em seguida, dizendo seu nome na hora de mostrar seu conhecimento sobre a presença deles. As várias notas melancólicas das pombas eram especialmente apreciadas por serem imitadas. Evidentemente, elas haviam aprendido a produzir estes sons tão logo começaram a falar. Ao ouvir as duas crianças imitar sons e, em seguida, repetir os nomes dos animais a que pertenciam, logo comecei a conhecer um número de equivalentes botocudos.

Chega o mês de setembro e nosso cronista resolve, por alguma razão, concluir o seu relato sobre o rio Ivaí, nitidamente de forma abrupta e definitiva. Já de algum tempo para trás, as suas descrições passaram a ficar superficiais e restritas a episódios marcantes, com grande prejuízo para o conhecimento das características ambientais daquela interessante região no último quartel do Século XIX. Ao fim da segunda parte de seu livro, Bigg-Wither assume que seu livro teria um objetivo maior do que um testemunho pessoal da vida selvagem compartilhada, obrigando-se a alterar o estilo para deixar espaço a outras cenas.

Inicia-se então, a terceira parte (a última em formato sequencial) do livro, cujo intuito principal gira em torno da

expressão “Rumo ao [vale do rio] Ribeira”. O relato inicia-se novamente na colônia Teresa Cristina, na data de 3 de outubro de 1873 quando Thomas segue paralelamente a montante do curso do rio Ivaizinho. Passa por Campinas Belas e, em seguida, na aldeia denominada “Capela do Pinheirinho”. De lá dirige-se a Ponta Grossa (chegando ali na tarde do dia seguinte), cruza o rio Tibagi e atinge Palmeira, onde pernoita. Rumo a leste, visita um engenho de erva-mate nos arredores de Campo Largo e, em 8 de outubro, descansa à beira do rio Barigui, segundo ele, situado a uma légua de Curitiba. Quatorze meses depois de sua última estada na capital, retorna à cidade, novamente hoppedando-se no Hotel Leitner.

De Curitiba, Bigg-Wither decide tomar caminho para a região do Açungui, no dia 12. De antemão distingue dois povoados com o mesmo nome, Colônia e Freguesia do Açungui⁶⁹. Se todo o primeiro capítulo do volume II foi completamente dedicado ao seu retorno para Curitiba, os dois capítulos seguintes agora narram tão somente as questões de colonização europeia daquela região, sem nenhuma informação sobre a natureza ali encontrada.

A descrição agora dirige-se ao caminho existente entre a vila de Votuverava (hoje em Rio Branco do Sul) e as margens do rio Ribeira correspondendo ao trecho que acompanha o rio Ponta Grossa ao que hoje se conhece como Estrada da Ribeira, com destino à atual cidade de Cerro Azul. É bem próximo deste local que o cronista indica a presença de papagaios (que aqui seriam distintos daqueles vistos no Ivaí: *Amazona vinacea*) e, dedica algumas linhas à araponga (*Procnias nudicollis*) (II, p.193-194).

A flock of screaming parrots now and then Um bando de papagaios passou gritando

⁶⁹ Referem-se respectivamente ao distrito de Açungui, hoje em Rio Branco do Sul e ao nome antigo da cidade de Cerro Azul, originalmente uma colônia agrícola planejada pela princesa Isabel (1853) e estabelecida em 1860.

enlivened us for a moment with their harsh music as they hurried past in full flight towards some favourite feeding-ground. With this exception the forest through which we were passing seemed to be given up entirely to the dominion of the ferreiro or bell-bird, whose note, resembling much the shrieking of the ungreased axles of a bullock cart, sounded far and wide on either hand. The bell-bird is not known in the Ivahy valley, and I had not heard it before. It is almost impossible to do more than catch an occasional glimpse of it when it is in its wild state, for, in the first place, it is, like the musical frog of the prairie, a ventriloquist of very high powers, and, secondly, being a sun-loving bird, it frequents only the highest tree-tops, where, in the bright sunlight, its snow-white plumage and transparent wings render it almost invisible, even when in motion. In size it is but slightly bigger than a starling, while its voice is fully as powerful as that of a peacock.

I once saw a bell-bird in captivity at Antonina, where the cage in which it was confined was suspended outside a window of a house in one of the streets. The cry of this bird could be distinctly heard in every quarter of the town, and even at some distance beyond its outskirts. For a long time I used to think it was a wild one, for its notes sometimes seemed to come from the mountains at the back of the town, fully a quarter of a mile distant from where the bird was actually engaged.

agora e, por um momento, deixou-nos animado com sua sonoridade áspera em pleno vôo apressado em direção a algum pouso favorito para alimentação. Com esta exceção a floresta pela qual passávamos parecia estar inteiramente sob domínio do ferreiro ou araponga [pássaro-sino], cuja nota, assemelhando-se muito ao ranger de eixos não-lubrificadas de um carro de boi, soava distante, porém, potente. A araponga não é conhecida no vale do Ivai, e eu não a tinha ouvido antes. É quase impossível obter sequer um vislumbre ocasional de sua presença quando está em seu estado selvagem. Isso porque, em primeiro lugar, é um ventríloquo das mais altas potências sonoras, tal como a rã musical dos campos; em segundo lugar, por ser uma ave que aprecia o sol, frequentando apenas as mais altas copas das árvores, onde a luz do sol brilha, além de sua plumagem branca de neve e das asas transparentes, que a tornam quase invisíveis, mesmo quando em movimento. Em tamanho é um pouco maior do que o *starling*⁷⁰, embora sua voz seja tão poderosa quanto a de um pavão.

Certa vez, vi um araponga em cativeiro em Antonina, onde a gaiola em que estava confinada encontrava-se suspensa ao lado de fora da janela de uma casa em uma das ruas. O grito dessa ave pode ser claramente ouvido em todas as quadras da cidade, e até mesmo a uma certa distância para além dos seus limites. Por um longo tempo eu costumava pensar que era um selvagem, por suas notas que, por vezes, pareciam vir das montanhas na parte de trás da cidade, a mais de um quarto de milha de distância de onde a ave estava realmente aprisionada.

Depois disso, passam ao local chamado Capela do Ribeira e, depois, às vilas de Apiaí e Iporanga, todas situadas já no estado de São Paulo. Em seguida, Bigg-

⁷⁰ *Starling* é o nome inglês do estorninho (*Sturnus vulgaris*).

Wither retorna à colônia Teresa Cristina, datando precisamente sua chegada: 22 de novembro de 1873.

Se o leitor interessado nas informações biológicas sentira-se empolgado com o início do livro e um tanto desanimado conforme a obra chegava à sua segunda parte, o mesmo – ou pior – pode-se dizer da Quarta e última parte, que tem como subtítulo “*Précis from November '73 to June '74*”.

Sem maiores explicações, Bigg-Wither passa agora a narrar outra expedição, pensando em um roteiro alternativo para aquele que fôra dado como malogrado e que coincidia com o vale do Ivaí. O trecho a ser avaliado, agora, era a bacia do rio Tibagi, vislumbrada do alto de uma montanha perto da cidadezinha que leva o mesmo nome. Ali Thomas encontra Herbert Harrison Mercer⁷¹, também inglês, que lhe serve de fonte de informações.

A partir de então, com sua atenção voltada ao Tibagi, passaremos a analisar o livro *Pioneering* também amparados pelo artigo alusivo (Bigg-Wither, 1876a, 1876b). Tudo começa em maio de 1874 com a viagem de Curitiba até a antiga vila de Conchas, certamente após passar todos os mesmos pontos já percorridos três anos antes. Depois, ainda passa pela foz do Pitangui e, enfim, chega à cidade de Tibagi onde se encontra, além de Mercer, com o sertanista Telêmaco Borba que rapidamente se prontifica a seguir até a colônia do Jataí para organizar a viagem fluvial planejada: rumo ao rio Paranapanema.

Era 3 de junho e, alguns dias depois, Bigg-Wither deixa Tibagi seguindo viagem por terra e chegando dois dias depois à fazenda Fortaleza. Nas imediações avistaram algumas aves (p.247): “...*till the very birds were startled from their hidden recesses, multitudes of blue jays and*

⁷¹ Era pai de Edmundo Alberto “Toca” Mercer, cuja contribuição será tratada em volumes futuros desta obra.

gaudy-crested woodpeckers coming flying away past us...". Na sequência, passam por "Monte Alegre" e "Alagoa", duas sub-sedes que ainda faziam parte do grande latifúndio chamado Fazenda Fortaleza⁷²; em seguida, cruzam o pequeno povoado de "Alambary" (atualmente Lambari, no município de Sapopema), situado nos contrafortes da Serra da Esperança, e chegam ao aldeamento de São Jerônimo. Ali ocorre o encontro histórico de Bigg-Wither com John H. Elliot e por vários dias os exploradores trocam idéias e informações. Em 16 de junho segue o último em frente para finalmente aportar na Colônia de Jataí (sede do município de Jataizinho) apenas dois dias depois.

Ali une-se a Telêmaco Borba e mais cinco índios cauiás, provavelmente os mesmos que auxiliaram em viagem realizada dois anos mais tarde até Guaíra, para viajarem até a foz do Tibagi, no Paranapanema. Depois de alguns percalços em decorrência de corredeiras e cachoeiras, chegam à pequena ilha das Araras (*vide* Straube, 2010) cuja etimologia é novamente tratada (p.281-283):

Shortly after this occurrence, after again resuming our course, we passed a small island, known as the Ilha das Araras, from which a flock of many hundreds of blue and scarlet macaws (araras) rose from the trees and from the ground where they had been dirt eating. On the bank we observed a schosse which had been built by the Coroados Indians for the purpose of capturing these magnificent birds, whose flesh they much enjoy, and whose feathers they use on the festive garments. A schosse of this land is merely a tiny hut

"Pouco depois desta ocorrência, depois de novamente termos retornado ao nosso curso, passamos por uma pequena ilha, conhecida por Ilha das Araras, onde um bando de muitas centenas de araras azuis e vermelhas voaram a partir das árvores e do solo onde estavam comendo no barreiro. Nas margens observamos uma choça construída pelos índios Coroados com o propósito de capturar essas aves magníficas, cuja carne eles muito apreciam e cujas penas usam em suas vestimentas festivas. A choça ali situada é meramente uma cabana pequena

⁷² Essas localidades hoje em dia situam-se na "Fazenda Monte Alegre", propriedade que deu uma grande alavancada para o desenvolvimento local, depois de ser adquirida pela família Klabin no início dos anos 30. Essa iniciativa culminou, inclusive, com a fundação da sede municipal, hoje cidade de Telêmaco Borba. Em Bigg-Wither (1876a, 1876b), o autor cita as corredeiras ali adjacentes: Salto da Conceição e Salto Grande. Esse último corresponde ao local onde construiu-se nos anos 50, a pequena hidrelétrica Getúlio Vargas, mais conhecida como Salto Mauá.

constructed of bamboo stems, and thinly roofed over with palm-leaves resting on a bamboo framing. It is made of the smallest possible size so as just to admit one man ; the sides also are carefully draped with palm-leaves, so as perfectly to conceal the hunter inside from the birds. The macaws when first the schosse is built naturally fight shy of it, and the hunter keeps away. In a day or two, however, they become accustomed to the new erection, and begin to perch upon its roof as a convenient resting-place near to their favourite dirt. The hunter now comes at earliest dawn and conceals himself within the schosse. As soon as it is daylight the macaws come as usual in crowds from the forest, some perching, all ignorant of the lurking foe within, upon the covering of the schosse. A sudden jerk, a shriek abruptly stifled, and down one disappears, through the treacherous palm leaves, spreading a momentary alarm amongst the others which rise up for a moment, screaming like a flock of rooks, to look around them. Finding, as they think, all quiet, they again descend to their feeding-places. The operation is repeated—another bird disappears through the roof of the schosse—and again the flock takes alarm. This time it is rather slower in returning to the ground, and many of the older and wavier birds steer away for the forest and return no more. The concealed hunter meanwhile watches quietly through the interstices of the leaves of his abode till once more an unwary bird alights upon the roof. Thus he goes on bagging the birds, till, after about the sixth or seventh alarm, the entire flock takes wing to the forest and returns no more that day. Now it is time to give the schosse a rest, or the macaws will forsake the spot for good and all; once a fortnight being generally as much as they will stand of this nervous kind of work.

construída com bambus e finalmente coberta com folhas de palmeiras, repousadas sobre a estrutura de bambus. Ela é feita com dimensões menores possíveis, de forma a abrigar apenas uma pessoa; os lados são cuidadosamente recobertos com folhas de palmeiras, de forma a ocultar totalmente o caçador para as aves. As araras, quando a choça foi construída, tornaram-se primeiro naturalmente tímidas, forçando o caçador a manter-se distante. Em um dia ou dois, porém, elas passam a se acostumar com a nova edificação e, então, chegam a pousar em seu telhado adotando-o como poleiro adequado nas proximidades dos barreiros preferidos. O caçador então, para lá dirige-se logo ao amanhecer e esconde-se dentro da choça. Logo aos primeiros raios de sol, as araras chegam em multidões a partir da floresta, algumas pousando na cobertura do casebre, mas todas ignorando o inimigo ali oculto. Um movimento repentino, um som qualquer sufocado e uma delas desaparece através das traiçoeiras folhas de palmeira, espalhando um alarme momentâneo para as demais, que voam por alguns momentos, gritando como um bando de corvos e observando ao redor. Julgando, como elas pensariam, tudo tranquilo e calmo, retornam de novo aos seus locais de alimentação. A operação é repetida: outra ave desaparece por cima da cobertura da choça e novamente o bando dá o alarme. Dessa vez elas demoram mais tempo para voltar ao chão e muitas das mais velhas e mais tímidas recolhem-se para a mata, sem retornar. O caçador escondido, enquanto isso, observa quieto através dos interstícios das folhas até que outro pássaro desatento pouse na cobertura. Então ele vai capturando as aves até que, perto do sexto ou sétimo alarme, todo o bando alce voo para a floresta e não mais retorne naquela dia. Então agora é tempo da choça descansar, caso contrário as araras irão todas embora; esse período é de cerca de uma quinzena de dias, sendo o tempo suficiente para realizar esse tenso tipo de trabalho.

Bigg-Wither ficara realmente tão impressionado com as aves belíssimas e com a técnica usada para capturá-las, que solicitou a um índio que capturasse uma daquelas para levar à Inglaterra (p.283):

On my return to Jatahy, ten days later, I engaged a Coroado Indian to capture one of these birds for me alive. He did so, and I gave him 3\$000 (say 6s.) as payment. He was much astonished at the munificence of the sum, and offered to get me as many more as I liked for a milreis (2s.) apiece. Unfortunately, as it happened, I declined the offer. The individual I had thus obtained escaped about a month later, and when afterwards I tried to replace it from the live stock market in Rio de Janeiro, I found I could not buy one under £5.

Ao retornar a Jataí, dez dias depois, eu encarreguei um índio Coroado de capturar uma destas aves viva para mim. Ele assim o fez e dei-lhe 3\$000 (leia-se 6 s[hillings].) como pagamento. Ficou muito espantado com a minha generosidade e ofereceu-se para apanhar quantas eu quisesse por mil réis (2 s.) cada uma. Infelizmente, como realmente aconteceu, eu declinei da oferta. O exemplar que eu assim obtive escapou um mês depois e quando, mais tarde, eu tentei substituí-lo no mercado do Rio de Janeiro, notei que não encontraria outro para comprar por menos de 5 libras esterlinas.

Seguindo viagem, chegam os expedicionários à foz do Tibagi, no ponto que atualmente é a divisa dos municípios de Primeiro de Maio e Sertaneja, já na atual Represa da Usina Hidrelétrica de Capivara. Ali acamparam e, já no dia seguinte (25 de junho) retornaram, após um jantar feito com *“two tapirs and numerous Jacus”*.

No trecho de volta até Jataí, nenhuma observação é incluída, exceto a afirmação de que fizeram o trecho por via fluvial, portanto remando contra a correnteza do Tibagi⁷³. Nessa vila, Bigg-Wither ainda permaneceu por quase um mês, esperando que as águas do grande rio baixassem um pouco, visto ter havido naquele tempo uma grande

⁷³ Note-se, porém, que a exemplo de outros exploradores que se aventuraram pelos grandes rios planálticos paranaenses, era necessário abrir picadas pelo mato para dar passagem às canoas e suprimentos de forma que, a viagem nunca poderia ter sido feita totalmente pelo curso do rio, exigindo manobras – via de regra bastante penosas. Isso aparece claramente na passagem pela cachoeira pouco a jusante de São Jerônimo, cujo obstáculo demorou dez longos dias para ser vencido.

inundação. Segundo ele, pôde visitar a aldeia de índios ali existente (aldeamento de São Pedro de Alcântara, na época chamado de “Colônia Nova” segundo Bigg-Wither 1876a), de onde inclusive, obteve uma curiosa roupa enfeitada com penas de aves (p.287) que ilustra o seu livro.

I made a collection of their several manufactures, which included a beautifully woven shirt and various fancy costumes and head-dresses of feathers. In the illustration I have shown one of these curious feather-dresses, which are manufactured entirely of bark-fibre and the feathers of toucans, macaws (araras) and other bright-plumaged birds.

Fiz uma coleção de várias manufaturas, incluindo uma vestimenta lindamente tecida, várias fantasias e um ornamento cefálico de penas. Na ilustração eu mostro uma dessas curiosas roupas feitas de penas, que são feitas inteiramente de penas de tucanos, araras e outras aves de plumagem brilhante.



Índio coroado paramentado com roupa feita de penas de várias espécies de aves (“Coroado dressed in festive costume”) (Fonte: Bigg-Wither, 1878:288).

Em 25 de julho prossegue sua epopéia, acompanhado pelo mesmo grupo que o acompanhara até o Paranapanema. Em 10 de agosto cruzam os cânions do rio Tibagi, ao longo da Serra dos Agudos que, segundo consta, comportava quase 200 milhas de corredeiras e cachoeiras; em 1º de setembro já estavam novamente em São Jerônimo para novo encontro com Elliot. Nesse momento, novamente Bigg-Wither interrompe a crônica. Agora passa simplesmente para uma “Conclusão”, contida no Capítulo IX e informando que chegara outra vez à Colônia Teresa Cristina em 25 de setembro e, no dia 6 de mês seguinte já encontrava-se *en route* para o Rio de Janeiro.

Essa lacuna, porém, pode ser parcialmente suprida pelas informações oferecidas no seu artigo complementar, publicado dois anos antes (Bigg-Wither, 1876a, 1876b). Foi nessa ocasião que o explorador inglês visitou, por exemplo, os “Campos do Inhonhô” (vide John H. Elliot), depois passou pelo rio Imbauzinho (divisa dos municípios de Ortigueira e Telêmaco Borba) e, em 8 de setembro, estava novamente na cidade de Tibagi.

Ao chegar – em 10 de novembro de 1874 – na capital do Império, tomada pela epidemia de febre amarela que custara a vida de seu líder, capitão Palm, Bigg-Wither forçou-se a ali permanecer, situação que para ele foi terrível e ao mesmo tempo temerosa. Apenas em abril do ano seguinte é que zarpou definitivamente para sua terra natal, deixando o seguinte escrito conclusivo (p.297):

Apart from the last days that have been thus briefly alluded to, I ever recall the times spent in the Empire of the Southern Cross with an inward hope that I may some day revisit its great prairies and grand, silent forests, and perhaps smoke another cigarro de milho with a Brazilian camarada beside a lonely camp fire.

Com exceção dos últimos dias a que aludi brevemente, sempre recordo dos tempos vividos no Império do Cruzeiro do Sul, com a íntima esperança de algum dia voltar às suas grandes pradarias e suas imensas e silenciosas florestas e, talvez, fumar outro cigarro de palha de milho com um camarada brasileiro ao lado de uma solitária fogueira de acampamento.

O legado de Thomas P. Bigg-Wither, pelos trechos aqui transcritos e também pela magnitude de sua expedição, parecem auto-explicativos. Lamentamos, porém, que ele tenha abreviado sua crônica a partir de certo trecho da obra o que, para nós, parece mera consequência do temor de estar sendo repetitivo. Não resta dúvida que muitas informações colhidas, por exemplo, no terço médio do rio Ivaí poderiam ser de grande interesse, visto que essa região quase que por inteiro foi – nos tempos modernos – totalmente devastada, restando diminutos fragmentos de mata original sem, todavia, nada daquilo que podia ser contemplado no Século XIX. O mesmo pode-se afirmar, categoricamente, sobre o Tibagi e o Ribeira que, para o cronista, mereceram pouquíssimas informações, comparativamente ao que ocorreu com o percurso entre sua chegada no litoral do Paraná e o início do rio Ivaí.

Diversas espécies de aves citadas permanecerão com a identificação pendente, por causa da sua completa ignorância (ao menos inicialmente) acerca da fauna neotropical, forçando-o a comparar com elementos sem nenhum parentesco ou afinidade que lhe eram familiares na Europa. Essa, aliás, é somente mais uma das lacunas deixadas pelo grande engenheiro.

Uma visão geral do seu livro, e do artigo referente ao rio Tibagi, nos levam a imaginar o quanto de vida, de natureza e de futuro o progresso privou definitivamente dos cidadãos paranaenses e brasileiros como um todo. Nisso o seu legado supera muito o deixado por vários de seus contemporâneos. Seu testemunho é parte de um grande sistema de informações dispersas na literatura, mormente apresentadas rápida e sinteticamente. Ele, pelo contrário, foi profundo em muitas situações, provando ser minucioso e detalhista, inclusive e especialmente nos assuntos ligados à

avifauna e não somente aquela de interesse cinegético, como seria de se esperar.

Pela sua contribuição ao conhecimento de diversas áreas do conhecimento biológico cabe-lhe, desta forma, e com todos os méritos, o título de naturalista viajante, no mais puro sentido da palavra.

Cronologia

- 1873** Conclusão da reforma da “Estrada da Graciosa” (atualmente Rodovia PR-410) utilizando partes dos caminhos anteriormente traçados, todos eles amplamente usados por tropeiros entre a capital do Paraná e os municípios litorâneos. Foi a primeira estrada pavimentada do Paraná e, durante muitas décadas, serviu-se como rota de escoamento de café, erva-mate, madeiras e muitos outros produtos.
- 1873** O naturalista italiano (e cônsul da Inglaterra em Belém) Edgard Leopold Layard publica algumas anotações colhidas durante sua permanência no Brasil em 1872 em *“Notes on birds observed at Para”*.
- 1873** Chega ao Brasil Albert Loefgren, que aqui ocupa o cargo de engenheiro da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Depois torna-se botânico e meteorologista da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo e, por fim, pesquisador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, quando falece em 1918. Junto a ele, vem o também botânico sueco Carl Wilhelm Hjalmar Mosén, que permanece até 1876.
- 1873** Hans von Berlepsch publica *“Zur Ornithologie von Santa Catharina, Südbrasilien”*, obra seminal sobre Ornitologia catarinense.
- 1873** Após curto intervalo no Rio de Janeiro, o médico italiano GIUSEPPE FRANCO GRILLO se radica no Paraná, inicialmente no litoral e, em seguida, realizando viagens pelo interior quando – enfim – se estabelece definitivamente na cidade de Palmeira
- 1873** CARL AUGUST WILHELM SCHWACKE, botânico alemão, chega ao Brasil, onde fixa residência até seu falecimento, em 1904; nesse ínterim, visita várias regiões brasileiras, com destaque para Minas Gerais – mas também o Paraná, no ano de 1874.

1873 a 1903

FRANCO GRILLO

GIUSEPPE FRANCO GRILLO⁷⁴ (Melicuccà, Calábria Itália, 8 de maio de 1842; f. Curitiba, 1º de fevereiro de 1903), foi um médico, naturalista e político italiano de grande destaque na história do Paraná⁷⁵, lembrado e citado em várias obras, sendo também homenageado em alguns logradouros da capital e de municípios do interior do estado. Não obstante, é pouquíssimo o que se conhece sobre sua biografia. Segundo Vellozo (1903), ele formou-se em medicina pela universidade de Nápoli em 1868, passando a atuar como médico da marinha mercante até 1871. Dois anos depois já estava clinicando, sob contrato do governo imperial, na colônia Nova Itália, um núcleo criado em Morretes em 1872 e destinado a receber grande contingente de imigrantes italianos, em parte transferidos da colônia Alexandra, em Paranaguá. Nessa atividade manteve-se por uma década, quando requisitou licença para tratamento de saúde (Pimentel, 1881), emitida pelo ministro da agricultura

⁷⁴ Miretzki (2001) aportuguesa o nome original para “José Francisco Grillo” mas “Franco Grillo” é um sobrenome composto; quando atuante na política (mas também na maçonaria), o nome utilizado era José Franco Grillo, grafia repetida em uma rua curitibana, localizada no bairro Santa Cândida. No seu modesto jazigo no cemitério municipal de Curitiba, há uma placa de mármore com os dizeres: “*Á saudosa memoria do medico humanitario D’ José Franco Grillo a colonia italiana, o povo paranaense reconhecidos dedicam/ MCMIII*”. Leão (1924-1928) atribui a Grillo o título nobiliárquico de “Barão de Sant’Agata”, porém, não pudemos esclarecer as razões e tampouco a fidedignidade dessa informação, embora a sua “origem nobre” mencionada por Dario Vellozo e relações com a dinastia dos Bourbon tenham sido ventiladas na literatura.

⁷⁵ Declaro aqui meu reconhecimento a Beatriz Pellizzetti Lolla pela doação de magnífico acervo documental sobre Franco Grillo ao Instituto Histórico e Geográfico do Paraná; esse material foi de grande utilidade na produção deste capítulo.

do Império em 27 de agosto de 1881. Em Morretes (ou Antonina, para alguns autores), além de exercer a medicina, demonstrava nítido interesse político ligado à imigração⁷⁶, via de regra motivado pelo estado calamitável em que se encontravam as colônias do litoral. Na ocasião, ele também dedicou parte de seu tempo à exploração de “ouro e outros minerais”, tal como comprova uma autorização expedida pelo Decreto Imperial n° 8274 de 8 de outubro de 1881⁷⁷.



Giuseppe Franco Grillo (1842-1903), médico, naturalista e geógrafo italiano
(Fonte: *Esphyngue*, ano 4, n° 4, fevereiro de 1903) e seu modesto jazigo no Cemitério
Municipal de Curitiba (Foto: F. C. Straube em 2014)

Segundo Rossi (2000:48), Grillo teria se estabelecido na “longínqua colônia militar de Chopim, no meio de terras inexploradas”. Entretanto, essa colônia, embora fundada em

⁷⁶ Segundo Grosselli (1989:188): “*Secundo la rappresentanza municipale di Morretes anche un certo dottor Franco Grillo, evidentemente italiano, che risiede ad Antonina, cercava di convincere gli italiani a ribellarsi*” (p.188).

⁷⁷ De acordo com o volume II da “Coleção das Leis do Imperio do Brazil de 1881”, publicada pela Imprensa Nacional (Rio de Janeiro) em 1882.

16 de novembro de 1859 por decreto imperial de Pedro II, com a finalidade de proteger as fronteiras da região sudoeste, estabeleceu-se de fato apenas em 1881 com a chegada dos militares e colonizadores. Em 1909 passou para o domínio civil, com a criação de um distrito policial (Chopim). O local, originalmente pertencente ao município de Palmas, é atualmente a sede municipal de Chopinzinho.

Alguns anos depois, seu nome é associado a algumas menções, agora na literatura técnica. Tratam-se de fragmentos publicados no *Bollettino della Società Geografica Italiana*, onde consta material etnográfico por ele obtido na “região de Guarapuava” (SGI, 1885:722). De acordo com Vellozo (1903:49-50):

“Em Guarapuava encetou pacientes e luminosos estudos paleontologicos e zoologicos, dedicou-se á investigação das raças humanas prehistoricas (paleoethnologia), despertando em respeitaveis centros scientificos de Europa a atenção para este Estado, que tornou conhecido desse ponto de vista, enriquecendo varias collecções de muzeos estrangeiros com especimens da fauna paranaense. Procurou classificar as raças autochtones, inquirio dos fosseis a edade remota, não se poupando labores e sacrificios, vizitando grutas e cavernas do interior e numerosos sambaquis do littoral”.

Essa contribuição rendeu-lhe a admissão no quadro de sócios da sociedade geográfica italiana, por aprovação na sessão de 15 de julho de 1886, constando como residente na cidade de Chapecó (atualmente pertencente a Santa

Catarina): “*Franco Grillo dott. Giuseppe, Chapeco (Brasile)*” (SGI, 1886: 509)⁷⁸.

Nesse mesmo volume do periódico, a instituição se manifesta sobre a dita coleção de objetos indígenas dos Kaingang que Grillo remetera no ano anterior, com informações sobre a origem e alguns outros detalhes (SGI, 1886:808-809)⁷⁹:

F. – ALCUNI SAGGI ETNOGRAFICI DEGLI INDIANI DEL PARANÀ.

Il nostro socio dott. Giuseppe Franco Grillo c'invio in dono alcuni oggetti etnografici dalla Colonia militare brasiliana di Chopim, provincia di Paraná accompagnandoli con alcuni importanti cenni illustrativi che qui tacciamo seguire.

La Colonia militare di Chopim trovasi circa 160 chilom. al S.-O. di Guarapuava, piccola città di 2000 abitanti, presso il confine del Brasile colla Repubblica Argentina, sul fiume Chopim, che è un affluente di sinistra del'Iguassu.

Gli oggetti consistono in due canne bucate, un camiciotto, una coperta e due ornamenti a forma di grossi spilli.

Le due canne bucate, più grossa l'una, l'altra più sottile, sono flauti dei Coroados e sono da essi chiamate Nuan. Questi indigeni no traggono un suono dolce, ma monotono, soffiando nel buco maggiore, non colla bocca, ma col naso; e con tal suono accompagnano i loro balli.

Il camiciotto e la coperta provengono dalla stessa tribù e sono tessuti con uno filo che i Coroados tirano

F. ALGUNS ENSAIOS ETNOGRÁFICOS DOS ÍNDIOS DO PARANÁ.

O nosso sócio Dr. Giuseppe Franco Grillo enviou-nos como doação alguns objetos etnográficos da colônia militar do Chopim, na Província do Paraná, acompanhados de algumas indicações importantes que ilustram o que aqui segue apresentado.

A Colônia Militar do Chopim localiza-se a cerca de 160 km a sudoeste de Guarapuava, pequena cidade de 2000 habitantes, perto da fronteira do Brasil com a República Argentina, no rio Chopim, um afluente da margem esquerda do rio Iguaçu.

Os referidos objetos consistem de dois bastões perfurados, uma vestimenta, uma coberta e dois adornos com formato alongado.

Os dois bastões perfurados, um deles maior, o outro pouco menor, são flautas dos Coroados, que as denominam *Nuan*. Deles, os nativos não tiram nenhum som doce, e sim monótono, assoprando no orifício maior não com a boca, mas com o nariz; o som dali emitido acompanha as suas danças.

A vestimenta e o cobertor

⁷⁸ Essa informação complementa-se com outro texto publicado no mesmo número (SGI, 1886:909), onde Grillo afirma “*La provincia brasiliana del Paraná, in cui risiedo...*” [o grifo é meu]. É possível que Rossi tenha se enganado quanto ao real local de residência do médico italiano, que seria a colônia de Chapecó e não a do Chopim, ambas mais ou menos contemporâneas. A chamada “região de Guarapuava”, no caso, seria uma referência mais geral e, obviamente, mais compreensível do ponto de vista geográfico.

⁷⁹ A remessa desses itens é documentada a partir do Rio de Janeiro, de onde Grillo enviou em 1886 uma caixa com insetos e objetos variados para o acervo da SGI. No arquivo virtual denominado “*Archivo del Novecento*” (<http://www.archividelnovecento.it>), há menção a duas cartas de sua autoria solicitando fundos para a remessa.

da un'ortica. Le fibre dell'ortica sono filate e ridotte a fili della grossezza di uno spago, arrotolando un po' per volta sul ginocchio. Lo spago è poi intrecciato, pure a mano, perchè essi non conoscono nè il telaio. La tela che ne fanno è chiamata Curiù, nome che adoperano anche per gli oggetti di vestiario che vedono usarsi dai bianchi.

Finalmente i due spilli, detti dai Botocudos Scirimbità, hanno la lunghezza di mm. 145 e 114 l'altro, sono affusolati, con un diametro massimo, rispettivamente, di mm. 11 e 9, sono estremamente lisci e trasparenti, con qualche boliccina nell'interno. I Botocudos li usano come ornamenti, infilandoli nel foro che sogliono praticarsi nel labbro superiore; e li fabbricano d'una resina, che cola dalle incisioni fatte nella scorza del l'Araucaria Brasiliensis.

I Botocudos che abitano i boschi bagnati dal Rio Negro, (affluente di sinistra dell'alto Iguassu), sono molto più dissidenti e selvaggi dei Coroados ed hanno fama di antropofaghi. Però il dott. Franco-Grillo, che da parecchi anni abita una zona da essi frequentata, non potè mai accertarsi di tale asserzione. Solo osserva, che i pochi prigionieri botocudi che egli potè vedere, non si assuefecero alla loro sorte e morirono dopo poco tempo di cattività, al contrario dei Coroados, i quali sono più socievoli ed entrano volentieri in relazione coi bianchi, chiamati da loro indistintamente Portoghesi.

Il dott. Franco-Grillo intendeva di prender part ad una spedizione che doveva partire nel passato giugno da Chopim per esplorare le parti ancora ignote del Rio Chopim. La Colonia trovasi a circa 26°20' latitudine S. e 53° 5' long. O. Gr.

provenientes desta mesma tribo são tecidos com um fio que os Coroados obtêm de um tipo de urtiga. Essas fibras são fiadas da urtiga e reduzidas à espessura de um fio de corda, após tecerem um pouco sobre o joelho. O fio é então tecido a mão, uma vez que eles desconheciam a existência de teares. O tecido que confeccionam é chamado *Curiù*, nome que utilizam também para os objetos de vestuário que observam utilizarem os brancos.

Finalmente os dois adornos, chamados de *Scirimbità* pelos Botocudos, um deles com 145 mm e, o outro, com 114 mm de comprimento, são cônicos, com um diâmetro máximo, respectivamente, de 11 e 9 mm; são extremamente lisos e transparentes, com algumas bolhas em seu interior. Os Botocudos os usam como ornamentos, inserindo-os no orifício que normalmente possuem no lábio superior; e os fabricam a partir de uma resina, que flui a partir de incisões feitas na casca do pinheiro (*Araucaria Brasiliensis*).

Os Botocudos habitam as matas que margeiam o Rio Negro (afluente da margem esquerda do rio Iguçu), e são os mais rebeldes e selvagens dentre todos os Coroados, tendo fama de canibais. Entretanto, o Dr. Franco-Grillo, que viveu por muitos anos numa área frequentada por eles, nunca pôde confirmar essa afirmação. Apenas observa que, os poucos prisioneiros botocudos que ele pôde ver não resistiram ao seu destino e morreram pouco depois em cativeiro, ao contrário dos Coroados, que são mais sociáveis e, de bom grado, mantêm relações amistosas com os brancos, chamados por eles de forma indiscriminada de “Português”.

O Dr. Franco-Grillo pretendia tomar parte de uma expedição planejada para sair em Junho passado da Colônia do Chopim, para explorar as partes do Rio Chopim ainda desconhecidas. A Colônia localiza-se a cerca de 26°20' de latitude S e 53°05' de longitude a Oeste de Greenwich.

Nesse caso, em particular, confirma-se que Grillo também visitou a colônia militar do Chopim, colhendo amostras diversas, que destinou à Itália. Cabe lembrar que, nessa época, ele era habitual correspondente de outras entidades científicas italianas, via de regra enviando descrições dos locais por ele visitados e que eram editadas e incluídas à temática editorial, raramente com autoria indicada. Outro documento interessante⁸⁰ está, por exemplo, no volume 25 do *Annuario Scientifico ed Industriale*, editado em Milão (ASI, 1889:609):

“Un nostro connazionale, dott. G.Franco-Grillo, per incarico d'uno speculatore di terre brasiliane, visitò il bacino del Rio Chopim, un fiume appena conosciuto che attraversa la colonia alla quale dà nome della nella provincia di Santa Caterina del Brasile. La sede della colonia è a circa 150 chil. ad ovest di Guarapuava ed a 50 a nord-ovest della Manzeirinha, che le sovrasta di circa 90 m. Il Chopim corre sopra un letto di pietre, e non è più basso di 90 m. dove è stata fondata la nuova colonia visitata dal nostro concittadino. Il fiume mette foce nell'Iguassu a ovest nord-ovest da questa, ad una distanza di 20 leghe, che percorre quasi sempre incassato fra alte rive e per una serie di rapide e di salti. Il clima, molto variabile, ha frequenti alternative di caldo e di freddo e non consente punto la coltura della canna da zucchero e del caffè, come si pretendeva”.

"Um nosso contrerrâneo, o dr. G.Franco-Grillo, a mando de um especulador de terras do Brasil, visitou a bacia do Rio Chopim, rio pouco conhecido que atravessa a colônia que lhe dá o nome, na Província de Santa Catarina, no Brasil. A sede da colônia está a cerca de 150 quilômetros a oeste de Guarapuava e a 50 quilômetros a noroeste de Manguierinha, que está a cerca de 90 metros mais alta. O Chopim corre sobre um leito de pedras e sua profundidade não é inferior a 90 metros onde fundou-se a nova colônia visitada pelo nosso contrerrâneo. A sua foz está a NNW da foz do rio Iguaçu, a uma distância de 20 léguas, estando encaixado sob o curso de afluentes e entremeado por uma série de corredeiras e cachoeiras. O clima varia muito, há frequentes alternâncias de calor e frio e não é apropriado para o cultivo de cana-de-açúcar e café, como se imaginava.

Além do Chopim, alguns outros indícios apontam para um considerável deslocamento por toda essa região, tal como se observa em um artigo geográfico descritivo de sua autoria (Franco-Grillo, 1888). Um desses sítios seria o curso

⁸⁰ Esse texto é baseado, como textualmente indicado em nota de rodapé, no artigo SGI (1886:145-146).

do “rio Jordão” em abril de 1888, talvez nos arredores de Guarapuava, de onde – já na qualidade de membro da Sociedade Geográfica Italiana - teria obtido fotografias, técnica pouco conhecida na época (Isenburg, 1991).

Durante todo esse período em que viajou pelo Paraná, Grillo demonstrou profundos conhecimentos sobre as condições naturais, políticas, sociais e econômicas do estado por ele escolhido como residência. Em 1886, publicou uma descrição da Província do Paraná, conteúdo de grande valor corográfico (SGI, 1886:908-910):

“LA PROVINCIA DEL PARANA NEL BRASILE
– *I seguenti cenni sul Paraná brasiliano sono estratti da una lettera di recente inviata dal nostro socio dott. Franco Grillo nell'accompagnarci alcuni saggi di collezioni scientifiche da lui inviati in dono alla Società: 'La provincia brasiliana del Paraná, in cui risiedo, in superficie uguaglia quasi l'Italia. La sua popolazione non arriva ai 170 mila abitanti. – Come prodotti non esporta che solo erva matte, il cui commercio però in questi ultimi anni è di molto scaduto. Dà pure canna da zucchero, caffè, granturco e fagioli; ma di questi generi non ne esporta, perchè le braccia son poche e quei pochi che coltivano la terra si contentano di produrre il tanto che possono consumare, perchè il Brasiliano in generale è pigro, e accostumato a veder lavorare il negro schiavo, crede avvilirsi imitandolo. – Nell'interno della provincia esistono magnifici campi, ove crescono rigogliose molte graminacee ed ove vagano lasciate a sè stesse mandrie di buoi, che bastano appena al consumo della provincia. Di quando in quando se ne esporta qualcheuno per la vicina provincia de S. Paolo. – Le campagne sono interrotte qua e là da piccole foreste, come oasi che rallegrano la vista nella monotonia dell'estesa pianura. Il grano crescerebbe bene tanto da poterne esportare, anzi questa coltura fu tentada, ma subito abbandonata, per la solita ragione che cioè*

“NA PROVÍNCIA DO PARANÁ NO BRASIL -
As seguintes notas sobre Paraná brasileiro são extraídas de uma carta recentemente enviada para nós do nosso sócio Dr. Franco Grillo em ensaios que acompanham coleções científicas por ele enviadas como doação à Sociedade: “A província brasileira do Paraná, onde resido, tem superfície quase igual à da Itália. Sua população não chega aos 170 mil habitantes. - Como produto de exportação há apenas a erva-mate, cujo comércio, nos últimos anos, tornou-se muito promissor. Produz cana-de-açúcar, café, milho e feijão, mas esses gêneros não exporta, porque só dão em pequena quantidade e os poucos que cultivam a terra contentam-se em produzir apenas o que será consumido; isso porque o brasileiro, em geral, é preguiçoso e acostumado a viver do trabalho escravo, coisa que o desencoraja por parecer estar fazendo o mesmo que fazem os negros. - No interior existem belas áreas de campos, onde muitas gramíneas crescem viçosas e onde vagueiam rebanhos de bois, que servem-se apenas para o consumo local e às vezes são exportados para a província vizinha de São Paulo. - A paisagem é interrompida aqui e ali por pequenas matas, como um oásis que alegra a vista na monótona visão das extensas áreas planas. Ali o trigo cresce o suficiente para ser exportado, e essa cultura foi realmente tentada, mas logo abandonada, simplesmente quando as

a questa gente sa duro il lavorare. In piccola scala si sperimentò anche la vigna, dai nostri connazionali, che in tutta la provincia sono in numero di circa 6000, e pare che darebbe buoni risultati. – Fra le città principali di questa provincia trovasi Curitiba, capital della provincia, che conta circa 8000 abitanti, nella maggior parte stranieri, fra cui predomina l'elemento tedesco venendo immediatamente dopo l'italiano e il polacco. Essa è molto ben costruita, ma molto mal situata, perché il terreno su cui giace male assorbe le acque che stagnano, essendo la città circondata da colline che non ne permettono lo scolo; di modo che in estate si vedono frequenti casi di febbri infettive. Essa ha una ferrovia, che la mette in comunicazione con la città di Paranaguá, porto di mare. Questa ferrovia dell'estensione de 110 chilometri e che attraversa la magnifica cordigliera chiamata 'Serra do Mar', varcando profondi burroni e paurosi precipizi, può ben dirsi gloria italiana, perché ingegneri nostri compatrioti ne fecero il progetto e l'eseguirono in gran parte, essendone direttore l'egregio commendatore Ferrucci, Ispettore del nostro Genio Civile. – Abbiamo poi Paranaguá e Antonina, ambedue situate nella baja che prende il nome dalla prima, magnifico estuario, formato dalla riunione di 80 fiumi. Questo sono due cittadine di quasi 3000 abitanti ciascuna, sono frequentate da navi di lungo corso e sono i punti da dove s'imbarca l'ervamate per l'Argentina, per la Repubblica dell'Uruguay e per il Chili. Dalla stessa baja la provincia riceve le merci che vengono importate, che nello stretto senso della parola sono tutte le merci possibili. – Nell'interno vendosi altre ville, che chiamano città, ma son tutte di poca o niuna importanza; a 20 chilometri da Paranaguá sta la colonia Alessandra, fondata dal nostro sventurato concittadino Savino Tripoti. I 110 coloni che ancora vi esistono traggono bastante profitto dalla coltivazione della canna, del caffè, del tabacco, abbenchè non abbiano strade, neppure mediocri, per trasportare le loro derrate al vicino mercate di Paranaguá.

As pessoas tomaram conhecimento sobre o trabalho duro que exigia. Em pequena escala, houve também experiências com a viticultura, pelos nossos compatriotas que, em toda a província, são em número de cerca de 6000, e parece que houveram bons resultados. - Entre as principais cidades desta província está Curitiba, capital da província, que tem cerca de 8000 habitantes em sua maioria estrangeiros, dentre os quais predomina o elemento alemão, imediatamente seguido pelo italiano e polonês. A cidade é muito bem construída, mas muito mal situada, porque a terra em que se encontra absorve a água estagnada, uma vez que a cidade é cercada por morros que não permitem o escoamento, de modo que, no verão, ocorrem frequentes surtos de febres infecciosas. Há uma ferrovia que a liga com a cidade de Paranaguá, um porto marítimo. Essa ferrovia tem extensão de 110 quilômetros, atravessando a magnífica cordilheira chamada 'Serra do Mar', que atravessa desfiladeiros profundos em perigosos precipícios e que pode muito bem ser chamada de "glória italiana", porque os nossos compatriotas fizeram o projeto e o executaram em grande parte, durante o período comandado pelo egrégio Comendador Ferrucci, inspetor de nossos engenheiros civis. - Em seguida estão Paranaguá e Antonina, ambas situadas na baía que leva o nome da primeira, um magnífico estuário formado pelo encontro de 80 rios. Estas são duas cidades de quase 3000 habitantes cada uma, são visitadas por navios de grande porte e são os pontos onde a erva-mate embarca para a Argentina, República do Uruguai e Chile. Desses mesmos países a província recebe também os bens que são importados o que, no sentido estrito da palavra, são todos os bens possíveis - No interior da Província há outras vilas, que chamam de cidades, mas têm pouca ou nenhuma importância; a 20 quilômetros de Paranaguá, está a colônia Alessandra, fundada pelo nosso conterrâneo desafortunado Savino Tripoti. Os 110 colonos que ali ainda vivem, obtêm bastante lucro a partir do cultivo de cana-de-açúcar, café, tabaco, embora não

Questa colonia, viste le condizioni del paese in cui si trova, può dirsi una colonia-modello, ed oggi sarebbe floridissima, ove il fondatore fosse stato meno sventurato e il Governo Brasiliano l'avesse aiutato come meritava. – Intorno alla capitale esistono varî nuclei coloniali, composti di Polacchi, Francesi e Italiani; questi ultimi ne forniscono il mercato di verdura. – La provincia possiede una strada che dicono carrozzabile, della estensione di circa 200 chilometri, ma l'infelice che si arrischia a viaggiare su di essa paga ben presto il fio della sua temerità, ammaccandosi le costole, quando non si rompa l'osso del collo. E veramente se si provvedesse alla necessità di avere buone strade, questo sarebbe paese adattatissimo per la nostra emigrazione, perchè il clima è magnifico, specialmente nell'interno, e la terra fertilissima' ”.

tenham estradas nem sequer para transportar a sua produção para o mercado próximo de Paranaguá. Esta colônia, visto as condições do país onde ela está, pode ser chamada de colônia-modelo, e hoje seria florescente, se o seu fundador tivesse sido menos infeliz e se o governo brasileiro houvesse ajudado como merecia. - Ao redor da capital, existem vários núcleos coloniais, constituídos de poloneses, franceses e italianos; estes últimos fornecer itens para o mercado de produtos hortícolas. - A província tem uma estrada carroçável com extensão de cerca de 200 quilômetros, mas o infeliz que se atreve a viajar por ela logo paga o preço de sua ousadia, machucando costelas, quando não quebrando algum osso do pescoço. E, se realmente se fosse cumprida a necessidade de ali existirem boas estradas, o local seria perfeito para a nossa emigração, porque o clima é magnífico, especialmente no interior; e, as terras, fertilíssimas”.

Por volta de 1890, ou alguns anos antes, Franco Grillo se estabeleceu na cidade de Palmeira, próxima de Ponta Grossa. De acordo com as palavras de seu sobrinho-bisneto, Paulo E. Vanzolini: “*Comprou uma fazenda lá e chegou a ser deputado. Depois deixou a filha – minha avó – com a velha mãe dele na Itália* (Carvalho, 2005:147)”. Tratava-se da Fazenda Palmeira, uma propriedade fundada em 1738⁸¹ e por ele adquirida ao chegar no Brasil. Segundo consta, teria comprado o local “*atraído pelo delírio de um velho preto a quem assistira, como clínico, nos seus últimos momentos*” (Leão, 1924-1928); seu informante teria indicado o local exato – entre uma laranjeira e uma jaboticabeira – em que um “*sinhô moço*” enterrou uma

⁸¹ Seu primeiro proprietário foi o capitão Diogo da Costa Rosa que a vendeu ao capitão Domingos Ignacio de Araújo (Leão, 1924-1928:1447). Há uma foto, com baixa definição, da sede da propriedade em Schnell (2013).

panela onde “*havia qualquer cousa que soava como dinheiro amoeado*”.

Segundo relata Leão (1924-1928:1448):

“A séde da fazenda fica a 2 kilometros da cidade, em um alto, de altitude superior a 100 metros da povoação, gozando de um clima delicioso. [...] A fazenda comprehende uma zona de matto, (capão) e outra mais vasta de campo: nella se depara uma curiosa lagoa no alto de uma cochilha proxima á casa de morada e uma grande pedra movel de grés, o que constituia um dos phenomenos geologicos mais interessantes do Estado”.

É a esse local que se sugere a remissão dos exemplares colecionados por Grillo, espólio que é adiante melhor discutido. Atualmente, o ponto onde situava-se a fazenda encontra-se na zona urbana de Palmeira (J. C. Veiga Lopes, *in litt.*, 2010), no bairro Rincão dos Buracos. Isso pode ser facilmente concluído com base na descrição de Ermelino de Leão (1924-1928:1448): “*A séde da fazenda fica a 2 kilometros da cidade, em um alto, de altitude superior a 100 metros da povoação, gozando de um clima delicioso. Parte da fazenda, denominada Rincão dos Buracos foi doada a N. S. da conceição para séde da freguezia que se transferiu de Tamanduá para ahi; e, nesse local, foi fundada a cidade. A fazenda comprehende uma zona de matto, (capão) e outra mais vasta de campo: nella se depara uma curiosa lagoa no alto de uma cochilha proxima á casa de morada e uma grande pedra movei de grés, o que constituia um dos phenomenos geologicos mais interessantes do Estado*”.

Uma das aquarelas feitas pelo pintor Jean Baptiste Debret e denominada “*freguezia dos Bouracos*” (vide Bandeira & Lago, 2008:p.289)⁸² é tida pelo Instituto Histórico e Geográfico de Palmeira como a “primeira imagem que se tem de Palmeira/PR”. Esse lugar foi visitado por Saint-Hilaire em fevereiro de 1820 e provavelmente também por Sellow em 1828. Cabe ressaltar, porém, que Debret não esteve naquele local, como se sabe nos dias de hoje. Seus desenhos sobre várias regiões brasileiras (particularmente todos os que aludem ao Paraná), como afirmamos anteriormente, são inequivocamente baseados em esboços ou mesmos obras definitivas de terceiros, notadamente de Sellow (Straube, 2012).

Voltando a Franco Grillo, é imperativo lembrar que, além de médico atuante, arqueólogo e antropólogo dileitante⁸³, bem como naturalista colecionador e colega de discussões com vários intelectuais de sua época, ele teve participação importante no estabelecimento, no Brasil, do movimento anarquista.

Cabe lembrar que em sua busca pelas melhorias das relações humanitárias, o Anarquismo iniciou no país em 1890, na chamada “Colônia Cecília”, projeto liderado pelo conde italiano (também médico veterinário e auto-didata em

⁸² Essa ilustração, no catálogo *raisonnée* de Bandeira e Lago (2008:figura {A-198}) consta ser uma “Aquarela sobre papel, 13,8 x 22,5 cm; assinada e datada embaixo à direita na margem inferior, ‘J.B.Debret au Bresil 1827’”.

⁸³ Em maio de 1900, por convite do amigo Dario Vellozo, publicou o opúsculo “Paleoethnologia do Paraná” tratando dos sambaquis do litoral do Paraná. Esse artigo foi lançado em um volume especial da “Revista do Club Coritibano” publicado em homenagem ao quarto centenário do Descobrimento e denominado “O Paraná no 4º Centenário”. Esse texto, com algumas modificações, foi republicado no Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (Franco-Grillo, 1917), órgão do qual ele era “sócio auxiliar”. Embora existam diversas menções ao seu interesse pela Paleontologia, não consegui localizar nenhuma conexão entre Grillo e essa ciência, seja como estudioso, seja como coletor de amostras; também não é citado, sob esse contexto, no criterioso estudo de Lange (1954).

ciências naturais) Giovanni Rossi (Neto, 1996)⁸⁴. A iniciativa, cercada de lendas e preconceitos, baseava-se no socialismo e na “vida em comum”, “solidariedade de interesses” e na “aplicação prática do conceito de liberdade” (Felici, 1998).

No Paraná acabou ligando-se, devido às contingências cronológicas, com a imigração italiana que, na época, atingia seu auge⁸⁵. Também associa-se à Revolução Federalista, causa a que alguns anarquistas aderiram e que contribuiu para o fim do movimento (1893), assim como o desvio dos conceitos originais, a falta de matéria-prima, de alimentos e de condições mínimas de sobrevivência devido ao excesso de colonos⁸⁶.

Rossi já tentara concretizar seu plano na Itália e, depois do malogro, chegou a sugerir o mesmo na Polinésia e, finalmente, decidiu vir ao Brasil, onde estabeleceu o que chamava de “comunidade anárquica experimental”. Seus planos iniciais eram criar a colônia no Uruguai e, em busca de um local adequado, passou pelo Rio de Janeiro, Paranaguá, Curitiba, São Mateus do Sul e, enfim, chegou a Palmeira. Segundo Felici (1998), citando o próprio Rossi (1891):

“A pequena cidade de Palmeira, onde eles chegaram após dois dias de viagem, agradou muito a Rossi, que recenseou todas as vantagens que ela apresentava, da igreja à agência de correio e telégrafo, passando

⁸⁴ Em 2013, a RPCTV financiou a produção, por meio da GP7 Cinema, de uma minissérie intitulada “Colônia Cecília – uma história de amor e utopia”, sob direção de Guto Pasko. Grillo foi interpretado pelo ator italiano Pietro Barana. Aqui uma pequena crítica à seleção do ator que, embora italiano, em nada condiz com o aspecto etário e as descrições físicas de Grillo (vide adiante).

⁸⁵ Uma das famílias que chegou ao Brasil e instalou-se em Cecília, foi a dos avós de Zélia Gattai, razão pela qual a autora inspirou-se para produzir a obra “Anarquistas, graças a Deus”.

⁸⁶ A Colônia chegou a contar com 150 a 200 habitantes, em maio de 1891 (Felici, 1998).

pelo clube literário e a sociedade de teatro, e, sobretudo, ‘o que mais a torna admirável, um grupo de pessoas notáveis, algumas das quais fizeram seus estudos nos Estados Unidos da América do Norte ou na Europa, mas que demonstram todos muita inteligência e excelente cortesia’ ”.

Referia-se, dentre outros, ao médico Grillo que, embora não tenha aderido diretamente ao projeto, tornou-se amigo pessoal de Rossi, fornecendo-lhe apoio logístico local:

“Médico em Palmeira, o Dr. Franco Grillo, é um italiano corajoso e bondoso, ao qual a ciência é grata pelas informações e coleções que tem enviado à Sociedade Italiana de Geografia e ao Museu de Ciências Naturais de Gênova. Esse homem de coração de ouro, que está no Brasil há 17 anos, abriu-nos sua morada como amigos, como irmãos e prestou uma grande ajuda à nossa iniciativa. Quando lhe agradecemos, ele respondeu: ‘Vocês são meus irmãos porque são filhos da mesma terra e dos mesmos ideais: na política eu sou republicano mas, na economia, sou socialista’ ”⁸⁷.

Equívoco eventual, dessa forma, é associar Grillo ao movimento anarquista, do qual ele não participava diretamente. Uma prova disso está no jornal “A Republica”⁸⁸ que divulga seu nome dentre os interessados na fundação do Partido Republicano da Comarca,

⁸⁷ Traduzido da fonte: Felici (2007).

⁸⁸ Ano 5, n° 82, publicado em Curitiba em 7 de abril de 1890, página 2.

convocando para eleição de cargos diretivos durante reunião realizada em 30 de março de 1890.

Pouco menos de um ano depois (5 de janeiro de 1891), Grillo é nomeado pelo governo paranaense, médico das colônias de Santa Bárbara e Cantagalo (ambas em Palmeira), o que parece ser o momento em que vinculou, pela primeira vez de forma oficial, ao funcionalismo público local⁸⁹.

Em diversas passagens da sua produção literária, Giovanni Rossi dá detalhes interessantes sobre Franco Grillo, que servem-se como fragmentos de seu perfil e mesmo constituição física (Rossi, 2000:143):

“Como em sonho, eu fitava sua testa larga de pensador; atrás dos óculos, grandes olhos bovinos, semelhantes aos de um míope pároco do interior; suas costeletas de militar, o ventre proeminente, as perninhas curtas e, enfim, o inseparável cachimbo na mão. Era ele, sem dúvida alguma”.

Na mesma fonte, o narrador também menciona a descrição, feita por Grillo, de um momento da história do Paraná, quando – ao fim do Século XIX – ocorreu uma forte oposição ao sistema de governo, em decorrência das atitudes da classe política; nesse momento, consta ter ocorrido uma grande manifestação popular, largamente difundida no sul do Brasil e no Paraná em particular:

“Paralelamente à propaganda popular, a propaganda científica ficou mais intensa. Foram divulgadas as obras de Darwin,

⁸⁹ Segundo o jornal “A Republica” (ano 5, nº 326, p.1), publicado em Curitiba a 30 de janeiro de 1891, com o seguinte teor: “O governador do estado do Paraná nomeia o dr. José Franco Grillo para o lugar de medico dos nucleos coloniaes de Santa Barbara e Santa Gallo com os vencimentos de rs. 250\$000 – Comunicou-se.”

Wallace, Spencer e Letourneare sobre a evolução natural e social. Foi explicada a doutrina de Marx sobre a gênese do capital. As teorias anarquistas, de Diderot a Fourier e a Prodhon, Bakunin, Réclus, Kropotkin e Grave acabaram por fim estudadas. Foram atentamente acompanhadas as descobertas da antropologia e da psicologia. De todas as ciências sociais nasceu a convicção da necessidade e da iminência de uma grande transformação das estruturas econômicas e burguesas. [...] Esse movimento científico, do qual participou a intelectualidade do Paraná, não só possuía suas próprias bibliotecas, suas associações, seus jornais e suas reuniões como também exercia tamanha influência na opinião pública que foi instituída uma cadeira de sociologia na Universidade do Paraná. [...] A questão social foi, então, estudada e discutida de todos os ângulos possíveis, tornando-se para todos os paranaenses a preocupação dominante. Em Curitiba, publicou-se um jornal socialista em edição portuguesa, italiana, alemã e polonesa. Esse jornal chegou até os lugares mais distante do Estado e trouxe as novas idéias, os elementos de estudo e de discussão, as informações sobre o movimento social. Em 1916 já existia um número muito grande de associações artesanais e profissionais, que se uniram para formar um grande partido socialista.”

Prosseguindo o discurso, Grillo dirige-se a Rossi, agora tratando dos processos de evolução e da metáfora política envolvida:

“Você se me lembra, Gianni [apelido de Giovanni], como a única coisa que nos fazia perder o fio do discurso era o argumento estúpido a que recorriam as ciências naturais para negar o socialismo? O lobo em relação à propriedade, a pomba ao amor, as abelhas à autoridade, etc... Que besteiras! Ah, Natura non facit saltus?”⁹⁰ E a variabilidade, essa força criadora inata ao plasma nuclear, que tem povoado de formas novas e bizarras as épocas que agora jazem nos estratos paleontológicos, e que forma ainda hoje variedades novas e novas espécies? Essa força, que tem influído sobremaneira na diferenciação dos tipos, assim como o lento e contínuo efeito das causas externas da adaptação, da seleção natural...?”

Franco Grillo foi também maçom, constando como membro fundador – e depois decano – da *Loja Unione e Fratellanza* de Curitiba, iniciada em 5 de abril de 1902 e que funcionava exclusivamente em língua italiana. Participou de várias iniciativas ligadas à intelectualidade da época, dentre elas – como colaborador – da revista literária “O Cenáculo”, que circulou por dois anos (1895-1897) sob coordenação de Dario Vellozo⁹¹.

⁹⁰ Princípio filosófico da história natural criado no tempo de Aristóteles e que se refere ao fato das modificações da natureza ocorrerem gradualmente e não de maneira abrupta.

⁹¹ Esse periódico (que também contou com a colaboração de seu genro, Camillo Vanzolini) nada mais seria do que uma manifestação do movimento simbolista em Curitiba. Segundo as palavras de Vellozo, na abertura do primeiro número (1895): “Fundada embora despretenciosamente por modestos moços estudiosos, — unidos por íntima afinidade de ideias e sentimentos, [...] O Cenaculo não vem pugnar dogmaticamente por nenhuma escola philosophica ou litteraria, porquanto não admitte o

Embora tenha transitado, por razões políticas, na capital (onde se encontra sepultado, no Cemitério Municipal), não se sabe se ele chegou de fato a residir em Curitiba. Na apresentação dos candidatos do Partido Republicano Federal⁹², publicado em 28 de agosto de 1901, seu nome aparece como “residente em Palmeira”. No referido pleito (gestão 1902-1904) elegeu-se na 13ª colocação (dentre 30 eleitos), com 7.310 votos (Silva, 1901), valor substancial levando-se em conta a população da pequena cidade de Palmeira (11.321 habitantes em 31 de dezembro de 1900), seu principal reduto eleitoral. De filosofia anti-clerical, Grillo lutou, durante seu mandato, contra as subvenções do governo aos seminários, igrejas e outras estruturas da igreja católica, repasses por ele considerados inconstitucionais (Balhana, 1981).

Algo importante é que seus interesses, quando de visita à cidade de Curitiba, se estendiam à Geologia, tendo sido lembrado na obra de Carvalho (1910:294-295):

“Le bassin de Curitiba, si l’on en croit le naturaliste italien Franco Grillo, serait formé d’anciens bassins lacustres desséchés dont les eaux auraient été naturellement drainées par l’Iguassú. Les campos de la région curitibana sont constitués de marnes quaternaires

“A Bacia de Curitiba, como acredita o naturalista italiano Franco Grillo, teria sido formada a partir de antigas bacias de lagoas secas, cujas águas eram naturalmente drenadas para o [rio] Iguaçu. Os campos da região curitibana são constituídos de margas⁹³ quaternárias

exclusivismo partidário, nem reza liturgicamente as litanias psalmodiadas pelo fanatismo orthodoxo ; quer o Sentimento pelo Sentimento e a verdade pela Verdade : traz a enérgica abnegação heróica dos agitadores que reagem contra a inércia e apathia da ignorância perniciosa e sudarísadora, a bôa vontade dos simples que luctam pertinazmente pela insigne victoria das justas causas magnânimas. Procurará, corajosamente, aproveitando os mineiros,—heterogêneos embora,—que constituirão quicá o período primordial da litteratura paranaense,—concorrer também ao certame scientifico-litterario que já se vae accentuando em alguns dos demais Estados da Republica”. Como se vê, é o ponto de partida para o movimento que ficou conhecido como Paranismo (vide adiante sob Sebastião Paraná).

⁹² Junto a ele, aparecem também nomes como os de Carlos Cavalcanti, Cândido de Abreu, Sebastião Paraná, Reinaldo Machado, José Cândido da Silva Murici e vários outros (Fonte: jornal “A Republica” (ano 16, nº 195, p. 1, de 28 de agosto de 1901).

⁹³ Rocha sedimentar formada de carbonato de cálcio e argila em proporções razoavelmente semelhantes.

reposant sur un épais banc de sable. La couche limoneuse, dont parle Franco Grillo, est surtout visible dans le municipe de Castro, où le limon atteint dix méttres de profondeur et repose sur un lit pierreux”.

respousando sobre uma areia grossa. A camada de lodo de que Franco Grillo fala, é mais visível no município de Castro, onde atinge dez metros de profundidade e assenta-se sobre uma cama de pedra. ”

No que tange a outros aspectos da História Natural, parece que o interesse do médico Franco Grillo era mais voltado aos insetos, dos quais consta uma série representativa no *Museo Civico di Storia Naturale “Giacomo Doria”* (Gênova, Itália), mas há uma notável coleção de mamíferos – especialmente morcegos – obtidos durante sua permanência em Palmeira (R.Poggi, 2008, *in litt.*)⁹⁴. Assim Miretzki (2001) resume o legado de Grillo:

“A coleção de Grillo compreendia 122 mamíferos de 22 espécies, das quais 14 eram morcegos (Thomas, 1899). Ainda que não tenha havido registro de novas espécies, a coleção se revestia de especial interesse, como ressaltou Thomas: ‘...muitos são raros e interessantes [e.g. Pygoderma bilabiatum]. Grillo foi especialmente feliz ao obter as três espécies conhecidas de morcegos sugadores de sangue, o comum Desmodus rotundus, o muito raro Diphylla ecaudata e o segundo exemplar conhecido de Diaemus youngi [(= Desmodus)]...’, caso único de simpatria entre essas espécies no Paraná, até o momento”.

⁹⁴ Pouco foi possível apurar sobre as contribuições de Grillo a outros campos das ciências naturais. Há, porém, dois lagartos descritos em sua homenagem: *Anisolepis grilli* e *Ophiodes grilli* (atualmente sinônimo de *O. striatus*), ambos por Georges Boulenger, baseados em material da Palmeira (Beolens *et al.*, 2009). Além disso, ele foi, de fato, um dos poucos coletores de organismos do filo Nematomorpha brasileiros, rendendo publicação de registro (*Gordius paranensis* Camerano, 1892). Consta também ter recebido o título de “benemérito da ciência” pelas coleções que enviara a Gênova e pelos relatos publicados pela Sociedade Geográfica Italiana (Boni & Costa orgs., 1996).

Oldfield Thomas, conhecido por suas intervenções junto a museus europeus buscando pela aquisição de espécimes (por troca ou compra) para o Museu Britânico, reteve parte da série de Grillo para a sua instituição, embora todos os exemplares do coletor figurem na sua monografia alusiva (Thomas, 1899). A coleção Grillo deu entrada no Museu junto a um total de 269 espécimes de mamíferos de várias localidades (inclusive da Ásia: Burma, Papua Nova Guiné, Sumatra, etc) e de vários colecionadores, permutados ou doados por intervenção direta do diretor do Museu de Gênova, Giacomino Doria desde 1869 (Thomas, 1906:34).

Das aves paranaenses, foi possível encontrar ⁹⁵ apenas seis exemplares (cinco espécies) colecionados por Grillo em 1890 e em cujos rótulos consta como procedência: “*Brasile, Paranà, Palmeira*”. São eles: MSNG-51347 *Stephanophorus diadematus*; MSNG-51348 *Pipraeidea melanonota*; MSNG-51349 *Pyrrhocomma ruficeps* (identificado como *Piranga flava*), MSNG-51351 *Leucochloris albicollis* e MSNG-51353 *Tachyphonus coronatus*. Todos os espécimes encontram-se conservados em álcool, exceto um quinto (MSNG-51350 *Leucochloris albicollis*), que é pele da coleção seriada.

A contribuição de Grillo, além das poucas informações disponíveis, permanece fragmentada e desconhecida. Uma parte de suas idéias e mesmo de observações sobre animais, vegetação e outros detalhes naturais do Paraná no início do Século XX, é relatada por Giovanni Rossi, acima citado. O próprio Rossi teria feito anotações sobre a *naturalia* das imediações de Colônia Cecília, sob a atenta supervisão de Grillo (Rossi, 2000:48):

⁹⁵ Graças à intervenção de Roberto Poggi que, a meu pedido, pesquisou pessoalmente a base de dados do Museu Nacional de História Natural de Gênova (Itália).

“Durante seis meses percorri os campos e a mata nos arredores da nossa Colônia e, ainda que seja míope em altíssimo grau, não cheguei a ter nenhum mau encontro com animais perigosos. Um dos nossos companheiros atirou, pouco tempo atrás, num gato selvagem, outros avistaram duas ou três cobras, mas tais ninharias não chegam a fornecer matéria suficiente para tratar de um assunto sobre o qual obtive informações de pessoas do lugar e do meu bom amigo Dr. Grillo, que vive no Paraná já há alguns anos.”



Parte da pequena coleção de aves obtidas em Palmeira por Franco Grillo (1890) e guardadas no Museu de Gênova (Foto: Roberto Poggi, outubro de 2008).

No contexto naturalístico são valiosas as informações sobre a presença da onça-pintada (*Panthera onca*) naquela região (Rossi, 2000:48):

“O tigre do Paraná ou onça (felis uncia) habita as regiões ainda não desbravadas e naquelas em que acabam de se estabelecer os primeiros núcleos de pioneiros. Onde estamos nós⁹⁶, vêem-se a cada ano uma ou duas que saem das vizinhas florestas virgens de Cantagalo e São Mateus. É alta e com boas garras, a julgar pela pele que vi na sala do Dr. Grillo”.

No mesmo fragmento ainda informa sobre a presença, naquela região, de pumas (*Puma concolor*), tamanduás-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), queixadas (*Tayassu pecari*) e de cobras como a cascavel (*Crotalus durissus*; uma das quais medindo “1,40m de comprimento e 0,30m na maior circunferência”), “jararaca, o jararacuçu, a jararaca-preguiçosa, a jararaca-comum [...], a cotiara e o urutu”. Também faz menção a aranhas-caranguejeiras, lacraias, escorpiões, moscas-varejeiras, mosca-de-berne, bicho-de-pé (nesse caso, informando serem mais comuns no litoral, mas também encontradas na colônia russa de Santa Quitéria, em Curitiba). Excetuada uma única citação para uma perdiz caçada nos arredores da colônia, nada mais se indica sobre avifauna. No entanto, as descrições sobre a fisionomia da vegetação e algumas espécies de plantas mais relevantes (por exemplo, pinheiro, erva-mate, sassafrás, xaxins arborescentes, taquaras, orquídeas etc), permitem facilmente que se imagine as condições do ambiente natural da região na última década do Século XIX (Rossi, 2000:48):

⁹⁶ Portanto na Colônia Cecília, em Palmeira, entre 1890 e 1893.

“Raras vezes tive emoções tão fortes, tão profundas e duradouras como as das primeiras vezes que entrei nas matas virgens do Paraná. Chegando-se a elas vindo do campo, em cujamargem se erguem firmemente como muralhas altíssimas de troncos e copas verdes, entre as quais as milenárias araucárias levantam o pescoço sutil e os largos guarda-chuvas ao contrário, tem-se – eu, pelo menos, tenho isso – um sentimento de respeito a tão imensa e solene grandeza”.

Quando do falecimento de Grillo, o jornal “A Republica”⁹⁷, estampou uma homenagem ao médico e naturalista italiano:

Dr. Franco Grillo

Falleceu hontem nesta capital, victimado por cruel enfermidade, o illustre e humanitario medico, dr. José Franco Grillo.

Italiano de nascimento, há muitos annos viera o dr. Franco Grillo para o Brazil, fixando sua residencia aqui no Paraná, onde muitos serviços tem prestado, quer ao nosso Estado, que elle considerava a sua patria de coração, quer a todos aquelles que precisavam de seus serviços profissionaes, quer especialmente á distincta colonia italiana aqui residente.

Como medico, com especialidade na cirurgia, era o dr. Francisco Grillo acatado entre seus collegas e não poucas são as operações em que á sua intervenção, sempre util e proveitosa, deveram os

⁹⁷ Ano 18, nº 27, p.2: 2 de fevereiro de 1903.

operados o restabelecimento da saude, que parecia perdida.

Homem de lettras e de sciencia, por muitas vezes o illustre medico, que hoje baixa á sepultura, revellou pela imprensa os seus vastos conhecimentos a respeito do Transformismo, que elle muito contribuiu a propagar neste Estado, já em varias polemicas que sustentou sempre com superioridade de vistas, já em artigos de pura propaganda.

Ultimamente fôra o dr. Franco Grillo eleito deputado estadual e nesse posto muitos serviços prestou ao Estado do Paraná e especialmente á colonia italiana, que nelle perde um dos seus mais distinctos, laboriosos e illustres membros. Ainda recentemente contribuiu efficaçmente o dr. Grillo para o estabelecimento de uma linha de navegação directa entre a Italia e o porto de Paranaguá, neste Estado, empreza essa de real utilidade para o nosso commercio.

Geralmente estimado pelos seus bellos dotes de espirito e de coração e pelo seu trato afavel e lhano, o dr. Franco Grillo sabia captar a amisade de todos quantos delle se aproximavam e desde hontem a 1 hora da tarde, momento em que se deu o fatal desenlace, tem sido imensa a manifestação de pesar da população curytibana.

Deixando nestas linhas a expressão do nosso profundo pesar, apresentamos os nossos sentidos pesames a sua exma. familia e á laboriosa colonia italiana, desoladas pelo fatal acontecimento.

O enterro effectuou-se hoje ao meio dia, sahindo o feretro da rua da Liberdade para o cemitério municipal e passando pela loja maçónica Fraternidade, onde lhe foram prestadas as homenagens do ritual maçónico.

Acampanhou o cortejo funebre a banda musical do Regimento de Segurança.

Notamos, no grande acompanhamento, o exm. dr. Governador do Estado e seu ajudante de ordens, o exm. sr. General commandante do districto e seus ajudantes de ordens, grande numero de deputados federaes e estadoes, militares, homens de letras e muitos outros cidadãos de todas as nacionalidades.

A secretaria do interior suspendeu o expediente em demonstracção de pesar pelo triste acontecimento.

Na sessão de hoje do Congresso foram pronunciados discursos pelo sr. dr. vice-presidente, Machado Beltrão, e pelo sr. dr. Julio Pernetta, a respeito do illustre morto dr. Franco Grillo, quer como deputado que soube bem cumprir o seu mandato, quer como homem social, digno de toda consideração.

Foi suspensa a sessão e lançado na acta um voto de profundo pezar como homenagem á memoria do morto.

Fizeram-se representar no enterro as sociedades Regina Margarita, Garibaldi e

*Loja maçônica Fratellanza Paranaense,
com os respectivos estandartes.
No cemiterio, ao baixar o feretro á
sepultura pronunciaram sentidos discursos
os srs. dr. Heitor Telles, Henrique Dacheux,
Luiz Zanello e outros.*

Genro de Grillo era o também médico Camillo Vanzolini, professor de História Natural⁹⁸ do antigo Ginásio Paranaense entre 1894 e 1900 e, pouco depois, radicado em Campinas, onde se fixou com a família e lecionou língua italiana no ginásio local (antigo “Gymnasio de Campinas”⁹⁹, hoje Escola Estadual Culto à Ciência) até sua aposentadoria, em 11 de outubro de 1938. Embora tenha produzido uma tese de concurso intitulada “Critica da classificação genealogica dos vegetaes” (Vanzolini, 1894), foi também um pesquisador de linguística, produzindo obras sobre o assunto, dentre elas “Hellenismos na Syntaxe das Proposições Relativas” e “Curso theorico-pratico da lingua italiana para uso dos alumnos dos gymnasios e estabelecimentos de ensino particular do Brasil” (1905, com várias edições).

Pouco conhecida é a relação existente entre ele e o fundador da coleção zoológica de Gênova, Giacomo Doria, o que nos faz concluir que a ligação entre Oldfield Thomas e a mastozoologia paranaense seja muito mais decorrente de laços de amizade existentes entre Camillo e Doria do que propriamente com Franco Grillo (Gestro, 1926:46):

*“Il 1° Maggio 1886 torna a Genova e fa
una fermata a Nervi per abbracciare la
veneranda madre sua, vecchia di 81 anni.*

“Em 1° de maio de 1886 [Doria] retorna a
Gênova e faz uma visita para abraçar sua
venerável mãe, idosa de 81 anos. As

⁹⁸ Foi também um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, mas não foi possível obter informações sobre suas datas e local(is?) de nascimento de falecimento.

⁹⁹ Segundo palavras do próprio autor (Vanzolini, 1941:13), ele foi nomeado a esse cargo (“lente catedratico de língua italiana”) em agosto de 1901.

Le visite di Oldfield Thomas, l'insigne mammalogo del Museo Britannico e di G. E. Dobson, monografo degli Micromammiferi e l'arrivo delle belle tavole che il suo antico e rimpianto collaboratore professore Peters aveva preparato per la sua grande monografia dei Chiroterteri, non fa che accrescerla, ed anzi carezza l'idea di corredare le tavole di un testo, progetto che disgraziatamente egli non può realizzare, impedito dalla persistenza del suo stato patologico. Questo suo risveglio chiroterterologico è favorito dall'intervento di un egregio connazionale, il prof. Camillo Vanzolini, insegnante a Campinas nello Stato di S. Paulo (Brasile), il quale non solo concorrere personalmente col fornire esemplari di quei paesi, ma crea una proficua relazione col suo suocero il Dott. Giuseppe Franco-Grillo residente a Palmeira nella provincia del Paraná”.

visitas de Oldfield Thomas, o insigne mastozoologista do do Museu Britânico e de G. E. Dobson¹⁰⁰, monógrafo de pequenos mamíferos, assim como a chegada das belas pranchas que seu antigo e estimado colaborador professor Peters havia preparado para sua grande monografia de Chiroptera, não resultam em nenhum acréscimo, nem mesmo estimulado pela ideia de anexar a elas um texto, resultando em um projeto que ele infelizmente não pode realizar, impedido que se encontrava pela persistência de sua condição patológica. Este interesse quiropterológico é favorecido pela intervenção de um querido compatriota, prof. Professor Camillo Vanzolini, professor em Campinas, no Estado de S. Paulo (Brasil), que não apenas esforçou-se pessoalmente por entregar-lhe exemplares desse país, como criou uma profícua relação com seu sogro, o Dr. Giuseppe Franco Grillo residente em Palmeira, na província do Paraná”.



Camillo Vanzolini

(Fonte: <http://www.cultoaciencia.net>)

¹⁰⁰ George Edward Dobson (1848-1895), zoólogo irlandês, também fotógrafo e médico cirurgião.

Neto de Camillo (portanto bisneto de Grillo) era Paulo Emílio Vanzolini (1924-2013), um dos mais conhecidos e renomados zoólogos brasileiros, especializado em Herpetologia e, por quase 30 anos, diretor do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Médico por formação, o “Vanzo” – como era conhecido por alguns – tornou-se célebre internacionalmente por suas pesquisas com os répteis e pela participação com fundamentos para a conhecida “Teoria dos Refúgios”, desenvolvida por ele em conjunto com Aziz Ab’Saber (1924-2012). Vanzolini também ficou muito conhecido no cenário musical e boêmio, graças ao grande círculo de amigos constituído e a autoria de clássicos da música popular brasileira, como “Ronda” e “Volta por Cima”.

Cronologia

- 1874** Nasce JOÃO LEONARDO DE LIMA.
- 1874** É lançado o primeiro volume (Falconiformes) do “*Catalogue of the birds in the British Museum*”, série de 27 volumes (1874-1898) liderada por Richard Bowdler Sharpe.
- 1874** Nasce o historiador ALFREDO ROMÁRIO MARTINS.
- 1874** Nasce Alípio de Miranda Ribeiro.

1874 e 1880

CARL SCHWACKE

CARL AUGUST WILHELM SCHWACKE (Alfeld, Hannover, Alemanha: 29 de julho de 1848; Barbacena, MG: 11 de dezembro de 1904) foi um dos naturalistas que visitaram o Brasil e acabaram por aqui se radicar até o fim da vida. Estudou nas universidades de Göttingen e Bonn, tornando-se especialista em Botânica e, em 1873 (ou 1872), emigrou para o Brasil em virtude da guerra Franco-Prussiana, da qual consta ter participado (Stafleu & Cowan, 1985). Estabeleceu-se no Rio de Janeiro e, em 1874, foi contratado como naturalista-viajante do Museu Nacional¹⁰¹, responsabilizando-se pelo herbário, onde atuou por quase vinte anos (até 1891) (Sampaio, 1919). Durante este tempo, viajou para os arredores da cidade do Rio de Janeiro, mas também para outros pontos da Amazônia, Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil (Urban, 1908).

Em 1892 transferiu-se para a cidade histórica de Ouro Preto (Minas Gerais), trabalhando como professor¹⁰² na Escola de Farmácia (criada em 1839) e fundando o acervo que hoje é denominado “Herbário José Badini” (OUPR) do Instituto de Ciências Exatas e Biológicas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Na ocasião

¹⁰¹ Onde era conhecido como “Guilherme Schwacke”; sobre a contratação de naturalistas-viajantes, durante a gestão de Ladislau Netto no Museu Nacional, veja sob Gustavo Rumbelsperger (Straube, 2013).

¹⁰² Segundo Stafleu & Cowan (1985), ele foi também vice-cônsul da Alemanha em Minas Gerais.

dedicou-se firmemente à pesquisa florística das regiões de grandes altitudes de Minas Gerais, obtendo exsicatas valiosas destas regiões pouco exploradas e conhecidas. Um de seus grandes feitos, agora como diretor da faculdade, foi a exigência aos estudantes daquela instituição, de participarem de excursões de pesquisa, criando uma rotina didática de grande utilidade, inclusive para o aumento do acervo do herbário.

Schwacke tornou-se célebre por essa característica, obtendo espécies raras ou pouquíssimo conhecidas das zonas rupestres do Sudeste, como a pteridófita *Huperzia rubra* (Vasconcelos *et al.*, 2002). Dedicou-se principalmente à taxonomia, mas divulgou várias informações colhidas em suas viagens, como o uso do curare pelos índios Tecuna e estudos sobre a composição florística de Manaus, da Serra do Caparaó e de vários locais de Minas Gerais.

Seu material foi depositado principalmente no Jardim Botânico e Museu Nacional do Rio de Janeiro, mas também no museu de Berlim (maior parte destruído pela Segunda Grande Guerra) e vários outros, somando cerca de 20 mil números ao total (Urban, 1908).

Aparentemente não colecionava nem tampouco incluía elementos faunísticos nas suas anotações, mas pelo que se pode apurar, visitou o Paraná em 1874, quando contemplou a região da Serra do Mar e os planaltos, mormente no rio Tibagi e Campos Gerais. Na ocasião, ele visitou o aldeamento de São Pedro de Alcântara, de onde trouxe um machado de diorito, colecionado juntos aos indígenas, e que consta no acervo etnográfico do Museu Nacional (Hartt, 1876:50)¹⁰³. Foi nessa viagem que obteve alguns exemplares de briófitas raros, como a ortotricácea *Schloteimia tecta* (MO-90222753, ou Schwacke-14142, no herbário do *Missouri Botanic Garden*, coletado por ele em

¹⁰³ “Achado pelo Sr. Schwacke em S. Pedro de Alcantara na Provincia do Paraná”

“Brazil, Paraná”¹⁰⁴); outros representantes do mesmo grupo foram coletados em “Serra Graciosa”, “Campos Gerais”, “Carambeí (ant. Carambehy)” (Vattimo-Gil & Vattimo, 1980).

Há diversas menções na literatura sobre uma segunda estada de Schwacke em território paranaense, datada de janeiro de 1880. Essa visita teria ocorrido, portanto, quando ainda na qualidade de naturalista do Museu Nacional. As localidades apontadas seriam Castro (dia 2), “São Bento, Rincão das Pedras” (dias 8 e 9), Ponta Grossa (dia 13) e Cambijú (dia 15). Particularmente do segundo sítio, provém o holótipo da melastomatácea *Leandra microphylla*, atribuído textualmente a “*in rupibus ad Rincão das Pedras prope São Bento*” (Reginato & Goldenberg, 2012)¹⁰⁵. Do mesmo local são também os tipos das orquídeas *Cleistes aphylla*¹⁰⁶ e *C. paranaensis*, ambas descritas por João Barbosa Rodrigues em 1881 (Pansarin, 2005).

Soma-se aos indicativos acima apontados, o holótipo da piperácea *Sarcorhachis schwackei* Yunck. (hoje no Herbário do Museu Nacional), que teria sido coletado em 18 de dezembro de 1879 em “*Antonina: em matas nos morros*” e que parece imprimir uma certa lógica ao caminho percorrido no Paraná, como se verá adiante.

No entanto, esses *vouchers* indicados como coletados em “*I.1880*”, conflitam como o itinerário sumarizado por Urban (1908:104), no qual as localidades em que Schwacke coletou não são apresentadas sob uma lógica geográfica satisfatória. De acordo com esse autor,

¹⁰⁴ Nas coordenadas informadas pelo MOBOT (<http://192.104.39.83/Specimen/90222753>), consta: “26°26’S 051°48’W”, indicando que o local de coleta seria nas proximidades da cidade de Palmas, sul do Paraná. Desconhecemos as razões para essa localização *a posteriori*, cuja autenticidade deve ser considerada provisória.

¹⁰⁵ Segundo Renato Goldenberg (*in litt.*, agosto de 2011), baseado nas etiquetas do herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro).

¹⁰⁶ Segundo o *Flora Brasiliensis* (p.131): 130-131

primeiramente alude-se a um intervalo entre 1873-1891, mencionando-se diversos pontos do Sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo), além do Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) (nenhum deles datado), que são seguidos por localidades mineiras, agregando períodos que vão de abril de 1887 até julho de 1891. Em seguida são apontadas visitas ao Maranhão, Piauí, Pará e Amazonas (inclusive o alto Solimões) entre 1877 e 1888 e, então, refere-se a uma estada no Pará e “*Alto Amazonas (Manáos [sic!])*” em 1882. Essas últimas datas, como se vê, são incluídas ao período apresentado para a dita primeira viagem.

Considerando-se que ele residia no Rio de Janeiro, parece sugestiva um cronologia alternativa para uma viagem que, a partir da capital do império, se iniciasse no porto paranaense mais importante da época, ou seja, Antonina (dezembro de 1879). Passando pelos Campos Gerais do Paraná (janeiro de 1880), adentraria o Estado de São Paulo e, então, rumaria para Minas Gerais. Dessa forma, o trajeto tentativamente elaborado por Urban, parece ter incluído as excursões pequenas que ele teria feito aos arredores do Rio de Janeiro (quando ali residente) e também a alguns pontos de Minas Gerais (no momento em que se transferiu para esse estado). Há, porém, um outro problema que é a indicação de estada em Santa Catarina (sem data) e na Serra do Tapes (Rio Grande do Sul) em “*III.[18]80*”, sugerindo que Schwacke teria rumado, em vez do Sudeste, para o Sul.

Parece óbvia, dessa forma, a necessidade de uma revisão acurada dos percursos que ele tomou, assim como das datas em que permaneceu em cada local. O resultado de diligências desse tipo poderiam elucidar diversos detalhes da distribuição de algumas plantas coletadas por ele. E isso tem ligação direta mesmo com a conservação, haja vista que muitas delas apresentam distribuições restritas e

provavelmente sejam tidas como extintas em locais onde sequer existiram.

Segundo Pansarin (2005), por exemplo: “[Barbosa] Rodrigues (1882) designou como holótipo de *Pogonia aphylla* o material Schwacke 72, depositado no herbário do Museu Nacional do Rio de Janeiro (R). No herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (RB) há uma duplicata, cuja etiqueta foi refeita posteriormente à ocasião da coleta, indicando como coletor Schwacke 2510 (II 72). Outra etiqueta, localizada abaixo daquela, indica 2510 como número do herbário Schwacke e o número de coletor (72) está entre parênteses, abaixo do número do herbário”.

Essa questão intrigante, oportunamente levantada por esse autor, explicita uma “numeração baixa” para o número de coleção, bem como um número substitutivo. Cabe destacar a cronologia biográfica de Schwacke que, logo ao ser admitido no Museu Nacional, passou a realizar várias expedições para colecionamento em todo o Brasil tendo, como dito, visitado o Paraná precisamente no mesmo ano em que foi contratado naquela instituição. Em nada faria sentido que seu número de coleta “72” se referisse a um espécime obtido oito anos depois de sua chegada ao Brasil, após ter percorrido o Sudeste, Sul, Nordeste e expressiva área amazônica. E isso tratando de um coletor que contribuiu com várias dezenas de milhares de exsicatas, distribuídas por vários herbários do mundo.

Segundo Stafleu & Cowan (1985:415-416), em certo momento Schwacke colocou uma série de exsicatas à disposição do botânico Auguste Glazieu¹⁰⁷ que, segundo

¹⁰⁷ Auguste François Marie Glazieu (1833-1906) era engenheiro civil, mas tornou-se botânico depois de trabalhar no museu de história natural de Paris, com nítida inclinação pela agricultura e horticultura. Em 1858, graças ao seu desempenho na reforma do jardim público de Bordeaux (França) foi convidado por Pedro II a vir ao Brasil e, em 1869 passou a diretor dos parques e jardins da Casa Imperial. Descobriu várias espécies de plantas e destacou-se como paisagista urbano, pelo pioneirismo no plantio de árvores em praças e ruas do Rio de Janeiro.

consta, teria granjeado para si o mérito das descobertas por ter alterado o nome do colecionador e mesmo várias de suas procedências na etiqueta original¹⁰⁸.

No caso particular de “*Pogonia paranaensis*” isso parece claro, quando avaliado o conteúdo textual do volume de Orchidaceae do *Flora Brasiliensis* (p.131): “[...] *in Brasília austro-orientali loco haud indicato* [“no Brasil austro-oriental, nos locais acima indicados”, referindo-se aos exemplares-tipo de Schwacke, usados por Barbosa Rodrigues]: *Glaziou n. 17806 et 17807* [...]”. Ressaltamos, ainda, que Glaziou – embora tenha visitado várias regiões entre 1861 e 1895 – jamais esteve no sul do Brasil (Urban, 1908) e muito menos nas mesmas localidades sabidamente amostradas por Schwacke.

¹⁰⁸ De acordo com Wurdack (1970) não foi só Schwacke que se submeteu à desonesta manobra de Glaziou, mas diversos outros botânicos, dentre eles Freire Allemão, Mosén, Riedel, Spruce e Ule. Alterações das localidades de Schwacke por Glaziou, segundo aquele autor, causaram erros de milhares de quilômetros em diversas procedências e “*Glaziou's published data thus give erroneous amplification to the otherwise well-established phytogeographic linkage of coastal rainforest-Amazon valley floras, a pitfall that should be noticed by theoreticians*”.

Cronologia

- 1875** Sob o financiamento dos irmãos Branicki, Jan Sztolcman e JOZÉF SIEMIRADZKI visitam o Peru e o Equador até o ano de 1884, colecionando valioso material biológico e notadamente de Ornitologia, especialidade do primeiro pesquisador.
- 1875** É criada a “Sociedade de Aclimação”, entidade que deu origem ao Museu Paranaense, fundado no ano seguinte. O objetivo institucional original seria o de introduzir, aclimatar, domesticar, propagar e melhorar espécies, raças ou variedades de animais e vegetais em toda a Província do Paraná.

[1875]

Anônimo

Como é amplamente conhecido e documentado pela história, a imigração não-portuguesa no país não foi somente espontânea, mas idealizada oficialmente desde o Brasil colônia, em 1818. A presença de estrangeiros, no entanto, recebeu um grande impulso a partir da segunda metade do Século XIX, com a chamada “Lei de Terras” (Lei nº 601 de novembro de 1850), que deu especial atenção e favorecimento à colonização, ofertando propriedades aos interessados (especialmente alemães, italianos, poloneses e ucranianos) e algumas condições para estabelecimento de frentes agrícolas.

Aqui é importante frisar que o processo imigratório europeu mostra grande relação com a presença de naturalistas no Sul do Brasil, o que contribui significativamente com a ampliação do conhecimento geográfico e principalmente biológico do país. Cabe notar, que isso se deu por diversas frentes e, naturalmente, com várias consequências. Uma delas foi simples a abertura para que estudiosos de outras nações para cá se dirigissem, uma vez que encontrariam a hospitalidade necessária e uma comunicação facilitada com seus patrícios. Esse processo levaria a pontos habitados, onde os viajantes poderiam encontrar descanso e também adquirir diversos itens, indispensáveis para sua atividades em campo (p.ex. alimentação, animais de carga, equipamentos e utensílios em geral). Também se espera que propiciasse a cessão de

informações sobre trajetos ou pontos geográficos-chave (portos, corredeiras) e mesmo localização de determinados organismos de interesse.

Um número considerável de naturalistas que chegaram ao Paraná, desde a abertura dos portos, fixaram-se aqui por tempo variável (e mesmo até seu falecimento) ou, ainda, transferiram-se a outras cidades brasileiras. Pode-se dizer que é realmente importante a contribuição estrangeira para o avanço das ciências naturais no Brasil, no tocante a pessoas que decidiram se fixar no território brasileiro, abandonando por completo suas vidas passadas na Europa.

Há, também, uma outra leva de visitantes que aqui aportaram, provisoriamente, por outros interesses ligados ao processo migratório. Eram emissários oficiais que visavam fiscalizar ou mesmo produzir relatórios sobre as condições oferecidas aos imigrantes dos respectivos países. Exemplos amplamente conhecidos foram o de Avé-Lallemant e Tschudi (Straube, 2013), mas também Siemiradzki, que é abordado neste volume, e mesmo – ainda que voluntariamente – Franco-Grillo e Tadeusz Chrostowski. Todos esses, sabidamente inclinados à história natural, produziram textos explicitamente dirigidos à situação das colônias, tanto relatando o potencial que ali havia, quanto relacionando as dificuldades que seriam encontradas, pelo clima ou deficiências sociais, de comunicação e urbanização.

Uma das maneiras de se estimular a imigração europeia consistia da publicação de materiais de divulgação que eram distribuídos largamente pela Europa, muitas vezes por interesses particulares de companhias de colonização. Esse *teasers* eram produzidos – no Brasil e mesmo nos países de origem – sob a forma de folhetos, comunicados em periódicos e até mesmo livros, muitas vezes carregados de fantasia e de imagens visivelmente manipuladas.

Sob esse contexto é que partiu, em 1875, do governo provincial do Paraná, a impressão de um livro, com 141 páginas, intitulado “*Informações para os emigrantes: publicação oficial*”¹⁰⁹, impresso no Rio de Janeiro na tipografia de Georg Leuzinger¹¹⁰.

Esse opúsculo trazia uma série de informações úteis ao viajante que pretendesse se estabelecer no Paraná. É aberto com a apresentação de agências oficiais de colonização (inglesa e alemã) e com uma descrição geográfica do território estadual, incluindo superfície, população, relevo, hidrografia, clima e outros detalhes.

A parte de história natural, bastante resumida, porém valiosa, inicia-se com o “Reino Mineral”, focalizando jazidas e águas minerais e é seguida pelo “Reino Vegetal” que trata de madeiras de lei, frutíferas e outras plantas de interesse econômico e medicinal. Já no campo faunístico, o capítulo é aberto com a abundância e diversidade da caça, uma propaganda que, para os dias atuais, seria considerada uma verdadeira heresia (PARANÁ, 1875:42):

“Nos planaltos a caça é a mesma, que se encontra nos paizes do Centro e do Sul da Europa, cumprindo mencionar os veados de muitas espécies (*Cervus campestris*, *Cervus rufus*, *Cervus palustris*, *Cervus remorivagus*); as **perdizes**; as Becasses e Becassines¹¹¹, que os naturaes denominam **Catuyras**; nos lagos ha **patos**, **gansos**, **marrecos**, **frangos d'agua**, etc, etc.

¹⁰⁹ A contracapa traz mais detalhes: “*Dados estatísticos e esclarecimentos para os emigrantes, publicados por ordem do Ministério dos Negócios, da Agricultura, do Commercio e das Obras Publicas*”.

¹¹⁰ Que era sogro de Franz Keller (vide Straube, 2013).

¹¹¹ *Becasse* é uma palavra francesa antiga que alude à narcejas, que têm equivalente brasileiro na *Gallinago paraguaiæ*, sabidamente cincegética, como já tratado acima por Bigg-Wither (1878). *Becassine* é o diminutivo dessa ave, que refere-se aos representantes menores da família Scolopacidae, portanto, as batuíras (e não “*catuyras*”).

*Ha caças especiaes do Brasil e superiores ás da Europa; entre ellas as antas (Tapirus americanus), que equiivalem a uma vitella; as pacas, (Cañogenis fulvus, Coelogenis subniger), que valem os leitões; os **jacús (Penelope)** que rivalisam com as mais saborosas peruas; os **inhambús**, superiores ás **perdizes**; os **macucos**, os **jahós**, os **mutuns**, as **araras**, e um sem numero de outros, que seria quasi impossível enumerar sem incorrer em omissão.*

*Além das aves de caça, ha principalmente nas margens dos grandes rios, **pássaros de uma beleza indescritivel**, como será fácil reconhecer na collecção ornithologica da Exposição Brasileira no Palácio de Philadelphia”.*

Há, ainda, outro trecho em alusão às aves, na descrição do rio Ivaí (PARANÁ, 1875:30):

*“No emtanto alguns pássaros e alguns animaes ainda denunciam a natureza temperada do clima; ha **pássaros de pennas brilhantes e de variegadas cores**; mas são abundantes as **perdizes**, as **narcejas**, as **tarambólas**, as **gallinhas do mato**, os **jacús**¹¹², as lebres e os coelhos (sic!), etc, etc.”*

Não se sabe ao certo a origem dessas informações, ainda que vários autores que efetivamente fizeram menções a esses animais (p.ex. Keller, irmãos Rebouças e Lloyd) sejam indicados ao longo do livro.

¹¹² Obviamente uma descrição bastante leiga, com registro do vocábulo tarâmbola que, em Portugal, refere-se a espécies aquáticas e limícolas, via de regra migratórias – especialmente do gênero *Pluvialis*.

Cronologia

- 1876** TELÊMACO e NESTOR BORBA, saindo da Colônia Militar do Jataí, no rio Tibagi, realizam expedição para a região de Sete Quedas, em Guaíra, pelos rios Paranapanema e Paraná.
- 1876** Fundação do Museu Paranaense, por iniciativa de AGOSTINHO ERMELINO DE LEÃO e José Cândido Murici (pai), contando com acervo original de 600 peças, entre artefatos indígenas, moedas, rochas, insetos, aves e borboletas. Instala-se no Largo da Ponte, atual Praça Zacarias.
- 1876** William Graham Bell patenteia sua invenção: o telefone.
- 1876** Reorganização do Museu Nacional, com a criação de sua revista *“Archivos do Museu Nacional”*, a mais antiga publicação científica seriada do Brasil.
- 1876** Fritz Müller, residindo em Blumenau, assume o cargo de naturalista-viajante do Museu Nacional, ocupação que preencheu até 1891.
- 1876** Publicação, pela Inspetoria Geral das Terras e Colonização, do **“Mappa topographico da Provincia do Paraná”**, pelo cartógrafo Carlos Rivierre com base nos levantamentos realizados por vários engenheiros topógrafos, dentre eles os IRMÃOS KELLER e os IRMÃOS REBOUÇAS. No mesmo ano, surge o **“Mappa geral da Provincia do Paraná, com os caminhos de ferro estudados e projectados”**, indicando os percursos planejados para ligar o “Mato Grosso” ao litoral paranaense. No ano seguinte, o Ministério da Agricultura, Comércio e das Obras Públicas republica o primeiro mapa, incluindo breve descrição das riquezas minerais e vegetais e com detalhes para navegação dos rios; em 1881 sai nova edição, agora com ênfase às colônias de imigrantes estabelecidos no estado.

- 1877** Fundação do Teatro São João na cidade da Lapa, moderno centro cultural do Paraná colonial.
- 1877** Em Buenos Aires é fundado o *Museo de La Plata*, inicialmente com enfoque antropológico e arqueológico, passando a dedicar-se às ciências naturais apenas no ano de 1906.
- 1877** O engenheiro civil Edward Dukinfield Jones de Liverpool (Inglaterra) chega ao Brasil para longa estada e, por conta própria, obtém itens de naturália, em especial do estado de São Paulo¹¹³. Publica em [circa] 1894 um livro-álbum ("*Views in the state of Paraná*") com 86 fotos captadas no Paraná, especialmente em Castro, mas em grande parte alusivas à Revolução Federalista de 1894.
- 1878** Nasce TADEUSZ CHROSTOWSKI.
- 1878** Fundação da Colônia Murici (São José dos Pinhais), como ponto de assentamento da terceira leva de imigrantes polacos ao Paraná.
- 1878** BIGG-WITHER publica o "*Pioneering in South Brazil*", descrevendo com minúcias os detalhes de sua viagem ao

¹¹³ Embora residente por vários anos nesse local, grafa "Santo Paulo" (Jones, 1882). Não se sabe por quanto tempo ele estabeleceu-se no Brasil, mas em Jones (1882) há referência a intervalos de coleta entre 1878 e 1881. Isso é também notado com um acréscimo na introdução de seu artigo, por Thomas J. Moore (curador do Museu de Liverpool): "*Since this paper was first put in print for the Proceedings of the Literary and Philosophical Society of Liverpool, Mr. Jones was arrived home*". Dedicava-se principalmente aos lepidópteros (mas também descreve o modo singular de um louva-a-deus beber água!), publicando artigos, inclusive com descrições de espécies novas, em parte nos *Proceedings of the Literary and Philosophical Society of Liverpool*. Aparentemente se transfere para o Paraná onde obtém em 1899, no "*Salto Grande do Rio dos Patos (upper water of River Ivahy)*", os exemplares-tipo do molusco *Bulimulus dukenfieldi*, descrito por Melvill (1901; vide Pilsbry, 1902:146). Com isso deduz-se que sua estada no Paraná tenha ocorrido em uma ocasião subsequente, cujos detalhes desconhecemos mas que parece ter se estendido por vários anos. De fato, foi ele que obteve os únicos exemplares paranaenses conhecido da raríssima borboleta *Orobassolis ornamentalis* (Stichel, 1906), coletados em Castro, no "início do século XX" (Mielke & Casagrande, 2004:723). Consta também ter coletado em companhia de William J. Kaye, quando de sua permanência no Paraná, entre março e abril de 1910.

	Paraná.
1878	Nasce Carl Eduard Hellmayr.
1879	Início do montanhismo no Brasil, quando uma equipe liderada por Joaquim Olímpio de Miranda conquistou o Pico Marumbi, em Morretes (Paraná).
1880	Visita de Pedro II e Teresa Cristina ao Paraná, quando se deu por iniciada a construção da Estrada de Ferro Curitiba-Paranaguá, concluída cinco anos depois. O imperador esteve em diversos locais paranaenses, enfatizando Curitiba, onde – inclusive – esteve no Museu Paranaense.
1880	Chega ao Brasil, o naturalista alemão HERMANN VON IHERING, onde se estabelece até meados da década de 10; transfere-se, em seguida para o Chile e Argentina, fixando residência na Alemanha e falecendo em 1930, após compor vastíssima obra zoológica.
1881	O comendador Norberto Marcondes percorre grande extensão do rio Piquiri, explorando-o desde suas nascentes até a foz, no rio Paraná.
1881	Nasce Adolf Schneider, líder da expedição do Museu de Berlim (1939) que trouxe Helmut Sick ao Brasil.
1881	O anatomista britânico William Alexander Forbes publica <i>“Eleven weeks in North-eastern Brazil”</i> , com descrições de novas espécies de aves do estado de Pernambuco (antes visitada apenas por G. Marcgrave e W. Swainson), por ele visitado em 1880.
1881	O barão Ramiz de Galvão, diretor da Biblioteca Nacional, publica o <i>“Catálogo da 1ª Exposição de História do Brasil”</i> em dois volumes e totalizando 1758 páginas, incluindo itens alusivos à zoologia, botânica, mineralogia e geologia.
1881	Com o lançamento de <i>“Memórias póstumas de Brás Cubas”</i> ,

Machado de Assis inaugura o Período do Realismo no Brasil, seguido pelas obras de Raul Pompeia e VISCONDE DE TAUNAY. Quase ao mesmo tempo surge o Naturalismo, considerado uma radicalização do Realismo, baseada na observação fiel da realidade e, ainda, de utilização de conceitos científicos; como autor destaca-se Aluísio de Azevedo.

1881 Chega ao Paraná o naturalista HERBERT HUNTINGDON SMITH, antecedendo a sua longa estada na Chapada dos Guimarães (Mato Grosso).

1881

HERBERT SMITH

HERBERT HUNTINGDON SMITH (Manlius, EUA: 21 de janeiro de 1851; Tuscaloosa, EUA: 22 de março de 1919¹¹⁴) era um dos alunos prediletos de Charles Hartt¹¹⁵ na Universidade de Cornell (Ithaca, EUA), onde estudou. Foi por meio deste geólogo que, ainda estudante, uniu-se à equipe da Expedição Morgan (1870-1871), financiada pelo mecenas novaiorquino Edwin Barber Morgan¹¹⁶. Junto a ele, vem o também jovem Orville Derby¹¹⁷ com o qual explora as regiões nordeste (Pernambuco) e norte (baixo rio Tapajós) com o objetivo primevo, apesar de basicamente

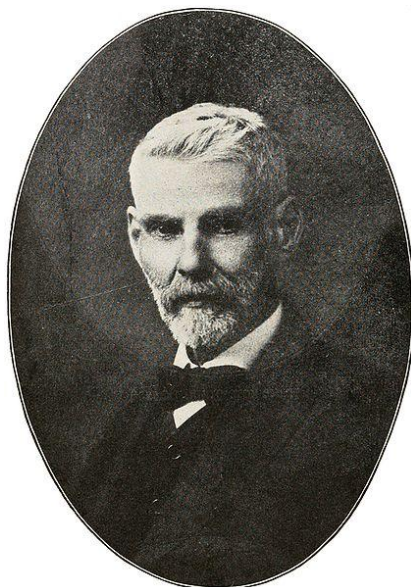
¹¹⁴ Smith faleceu ao ser atropelado por um trem quando dirigia-se pela manhã ao museu da universidade do Alabama (EUA) (Holland, 1919a,b,c; Cunha, 1989). Ocorre que ele não percebeu a locomotiva se aproximando, em razão de sua quase completa surdez, deficiência de que sofria desde a juventude. De acordo Nomura (1997), a grafia de seu segundo nome é controvertida; “Hungtingdon” e “Huntington” também são utilizadas por outros autores.

¹¹⁵ O canadense Charles Frederick Hartt (1840-1878), que estudou com Louis Agassiz no *Museum of Comparative Zoology* da Universidade de Harvard, era um naturalista primariamente dedicado à Geologia e Paleontologia. Seu primeiro contato com o Brasil foi por meio da “Expedição Thayer” que buscava provas para a teoria criacionista em 1865. Depois disso, já adepto do darwinismo, acabou chegando ao cargo de chefe da famosa Comissão Geológica do Brasil; seus estudos granjearam-lhe o título de Patrono da Geologia no Brasil.

¹¹⁶ Empresário milionário que foi um dos fundadores do *New York Times* e *American Express*, dono de uma enorme mansão em Aurora (NovaYork), às margens do Lago Cayuga, hoje conhecida como “*EB Morgan House*”.

¹¹⁷ Orville Adelbert Derby (1851-1925) foi um dos mais produtivos geólogos que o Brasil já hospedou (174 artigos e outros estudos sobre geologia e geografia), também diretor da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo e chefe do Serviço Mineralógico do Brasil. Derby esteve no Paraná fazendo ampla pesquisa, acompanhada de publicação, sobre a região diamantífera da então Província (Derby, 1878).

geológico, de obter “*a large quantity of specimens of all departments of nature*” (Hartt, 1874 in Papávero, 1971).



Herbert H. Smith (1851-1919) (Fonte: Wikipedia)

De acordo como Manthorne (1996), os nomes do geólogo John Mawe, do cronista Daniel Kidder e do zoólogo Louis Agassiz se associam a uma nova percepção da natureza, estabelecida entre os anos de 1850 e 1860 nos Estados Unidos da América. Recém-saídos de um mundo que adotava um tom moralizante para seus trabalhos, representavam uma nova tendência, agora preocupada com as fases da natureza que apresentavam uma face indiferente e até mesmo hostil ao homem. Associada à arte pictórica, que norteou a atividade da maior parte desses viajantes, atividades comerciais e militares passavam a concorrer com os objetivos puramente científicos das expedições.

Concluída a viagem, Smith prosseguia com seu interesse pela Amazônia e, como consequência, apressou-se para preparar uma nova expedição para aquela região, agora usando de seus próprios recursos. Chegando ao Pará, permaneceu dois anos nos arredores de Santarém e, em Belém, fez grande amizade com Domingos Ferreira Penna¹¹⁸, “tornando-se assíduo colaborador do Museu Paraense, ora orientando em diversas questões, ora oferecendo coleções zoológicas” (Cunha, 1989).

Pouco depois (1875), por intervenção de seu amigo, foi admitido pelo governo provincial do Pará, para realizar estudos diversos e colecionar espécimes da fauna amazônica. Nesta ocasião, dirigiu-se à região setentrional do afluentes do rio Amazonas, permanecendo ali por quase um ano. Neste mesmo ano foi criada a “Comissão Geológica do Império”, ligada ao Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, tendo Hartt como diretor e, obviamente, seu aluno Smith como participante. Assim permaneceu no Rio de Janeiro por um período de quatro meses, retornando aos EUA em 1877.

No ano seguinte (1878), aceitou um importante encargo: escrever uma série de artigos sobre o Brasil para a *Scribners Monthly* (Ayers & Boufford, 1988)¹¹⁹. A longa pauta incluía descrições sobre a situação industrial, condições sociais e políticas e uma investigação

¹¹⁸ Domingos Soares Ferreira Penna (1818-1888), também naturalista-viajante do Museu Nacional no tempo de Ladislau Netto como tantos outros destacou-se como estudioso das questões amazônicas e foi um dos fundadores do Museu Goeldi. Tão fortes foram os laços entre ele e Smith, que esse último (Smith, 1879) dedica seu livro “*Brazil: the Amazons and the Coast*” para o amigo: “*To Senhor D.S.Ferreira Penna, of Pará, as a mark of sincere admiration for his geographical studies on the lower amazons, and as an acknowledgement of my gratitude for his many kindnesses, this book is dedicated*”.

¹¹⁹ Revista mensal estadunidense (“*Scribner's Monthly: An Illustrated Magazine for the People*”) que circulou entre 1870 e 1881 sob o comando da família de Charles Scribner e sócios, portanto a mesma casa editorial que publicou (porém em outro veículo: *Scribner's Magazine*, com o qual não deve ser confundido) os relatos de Theodore Roosevelt e consagrou autores como Ernest Hemingway, Scott Fitzgerald e Stephen King.

aprofundada sobre as secas sazonais do estado do Ceará (Papávero & Ibañez-Bernal, 2003). O resultado foi publicado no livro “*Brazil: the amazons and the coast*” (Smith, 1879), ilustrado por J. Wells Champney, desenhista que o acompanhou em uma das viagens.

Em 1880, Herbert casou-se com Amelia Woolwirth, natural do Brooklin (Nova York) e que era interessada em História Natural e, como ele, uma taxidermista habilidosa (Papávero & Ibañez-Bernal, 2003). Desde então, o nome do coletor Smith passou a ser vinculado à presença constante da esposa em suas viagens, surgindo na literatura inúmeras menções aos “Smiths”.

No ano seguinte, o agora casal chega ao Brasil, instalando-se por alguns meses em Belém e rumando para o estado de Pernambuco, onde permanecem por alguns dias e, depois, Rio de Janeiro por seis meses. Ali, ao fim de 1881, graças aos esforços de Pedro II, foi contratado como naturalista do Museu Nacional, com o objetivo de obter coleções de animais, plantas e amostras petrográficas para a instituição¹²⁰.

Graças ao seu novo encargo, realiza ampla viagem pelo Brasil, visitando os arredores das cidades portuárias ao sul da capital (Santos, Paranaguá, Antonina, Curitiba, Florianópolis e Rio Grande). É nessa situação, então, que contempla o estado do Paraná em data não conhecida entre o fim de 1881 e o início de 1882, não deixando, porém, nenhuma notícia sobre material colecionado.

¹²⁰ Neste momento ocorreram alguns problemas, nunca muito bem esclarecidos na literatura. Smith ficara incumbido de destinar toda a coleção de insetos por ele obtida a especialistas da Europa e América do Norte para montá-los e identificá-los. Entretanto, consta não ter cumprido o acordo, resultando na perda total da importante coleção, nunca mais resgatada (Cunha, 1989), o que acabou se perpetuando na literatura, inclusive associando seu nome como alguém de idoneidade moral duvidosa. Essa questão é muito bem avaliada por Kunzler *et al.* (2011) em um estudo primoroso e repleto de fontes de grande interesse para a história da zoologia no Brasil.

Essa excursão dos Smith durou até setembro de 1886, depois de explorarem todo o leste do Rio Grande do Sul, depois Pelotas, Montevideu e Buenos Aires. Da capital argentina subiram pelo rio Paraná, passando por Rosario, Corrientes, chegando ao Paraguai (Humaitá, Assunção e Conceição) e novamente adentrando o Brasil por Porto Murtinho (inclusive visitando o Fecho dos Morros) e Corumbá (também a Serra do Amolar), aí subindo o rio São Lourenço até Cuiabá e, por fim, chegando à Chapada dos Guimarães (Papávero, 1971; Papávero & Ibañez-Bernal, 2003).

Durante esse tempo, Smith publicou suas crônicas de viagem no jornal fluminense “Gazeta de Notícias” (entre 21 de julho de 1886 e 20 de outubro de 1887) e todo esse volume foi republicado em 1922 na forma de um livro traduzido para o português por Capistrano de Abreu¹²¹, com o título “Do Rio de Janeiro a Cuyabá: notas de um naturalista” (Smith, 1922). Quando de sua viagem de volta para os EUA, o editorial do periódico assim se manifestou na edição de 6 de setembro de 1886 (ano XII, nº 249):

Parte hoje para os Estados-Unidos o nosso distinto collaborador Herbert H. Smith.

É esta a quinta excursão científica que faz ao Brazil. A primeira foi em 1870, como ajudante do professor Hart, e passou quatro mezes no Pará.

A segunda foi de 1873 a 1877, tempo de que passou a maior parte no Pará, na comissão geológica, e algum no Rio.

Em 1873 fez duas pequenas excursões commissionado pelo Scribners Monthly, uma ao Para, outra ao Rio de Janeiro.

¹²¹ É desse autor, aliás no prefácio da referida obra, a vívida descrição do tipo físico de Smith e de algumas circunstâncias envolvidas em seu interesse pelo Brasil.

Na volta passou por Pernambuco e pelo Ceará, onde estudou a secca e a epidemia que então assolavam a provincia.

A ultima excursão começou em maio de 1831. Depois de alguns mezes passados no Pará esteve dez dias em Pornambuco, seis mezes no Rio de Janeiro, seis no Rio Grande do Sol e quatro annos em Matto-Grosso.

Dedicando-se de primeiro aos estudos geológicos, passou depois á zoologia, principalmente á distribuição geographica dos animaes. Sua collecção zoologica é a mais rica que se tem feito no Brazil, pois contem 40,000 espécies de insectos, 10.000 specimens de pássaros, 150 de mammiféros, muitos reptis e bacracios.

Tem além d'isso muitos objectos ethnographicos e uma grande livraria brasileira.

Na ultima excursão, foi acompanhado por sua jovem senhora e um cunhado.

A ausencia de nosso distincto collaborador em nada influirá quanto á regularidade da publicação de seus artigos. Antes de partir deixou promptos os 27, de que se compõe “Do Rio de Janeiro a Cuyabá “que depois serão reunidos em volume.

Logo que chegar aos Estados-Unidos, mandar-nos-ha elle outra serie de artigos relativos á provincia de Matto-Grosso, de que é hoje um dos mais profundos conhecedores sob os mais variados aspectos.

Desejamos boa viagem ao nosso illustre collaborador e que não domore muito a sua sexta excursão e a sua segunda serie”.

Nessa obra, menciona muito menos de história natural do que se esperaria e, sobre o Paraná (tratado entre as páginas 16 e 20), esse assunto é absolutamente ausente, visto dedicar-se enfaticamente na elaboração de uma crítica à construção da ferrovia Curitiba-Paranaguá. Em um momento descreve o cotidiano portuário de Paranaguá e Antonina e a aparência urbana, comparando com a paisagem natural (Smith, 1922:16-17):

“Nada tem feito a arte por estas duas cidades; mas a natureza tem feito muito. Nenhuma arte poderia igualar ou estragar a gloria d'estas montanhas cobertas de matas, a plácida belleza da bahia. A natureza vai dia a dia expungindo OS borrões que o homem fez em seu painel: a verdura desce, aos precintos das cidades e invadiria as ruas mal calçadas, se lh'o deixassem; os telhados estão cobertos de musgo; moitas e trepadeiras alisam as angulosidades das paredes; mesmo as caiaduras tornam-se attractivas sob o toque da artista mestra, onde quer que ella teve tempo para suavisal-a com a armação preta da idade. Em summa: dois sitios pittorescos, Paranaguá e Antonina; a ultima sobretudo, com sua antiga igreja, com suas ruas de grama crescida, é um prazer para os olhos.”

Chega a visitar Curitiba, descrevendo com algum detalhe o visual que colheu da viagem através da Serra do Mar:

“O passeio a Curitiba dá excellente idéa da forma d'esta parte da cordilheira marítima. A principio a estrada atravessa terreno

baixo, plano, mais ou menos paludoso, de mata pouco elevada, estendendo-se até o pé da serra, que n'esta região ergue-se de súbito qual muralha; a bahia de Paranaguá demora entre morros mais baixos, espécie de contrafortes, ladeados de terrenos alluviaes. Subindo a serra, tirou-se proveito de um longo valle e de seus braços, em torno de cujos lados enroscam-se os trilhos com muitos desvios e declive por vezes de 3% tudo através de magnificas florestas alterosas.

Escalada a montanha, começa a estrada a descer, porém muito mais lentamente e sem curvas, seguindo a inclinação natural do terreno: a floresta vai rareando, dando margens a campinas abertas, onduladas, em que destacam capões de Araucária.

Estes terrenos, próprios para o pastio, alongam-se para Santa Catharina e Rio Grande do Sul, sempre encostando mansamente para os rios Paraná e Uruguay, e terminando abruptamente para a costa, no paredão montanhoso, coberto de florestas. São os campos de cima da serra, os pastos altos, de vegetação que se assemelha antes á do Estado Oriental, do que á do chapadão de Matto –Grosso” (Smith, 1922:19-20).

No mesmo livro, há cinco apêndices pouco conhecidos, tratando-se de reimpressões de artigos já publicados. Um deles é sobre a Geologia do Paraguai (datado de 1884), outro analisa a paisagem, flora e fauna dos campos e cerrados do Brasil (1885) e há, ainda, descrições sobre o ceramismo dos Kadiweu (1886), generalidades sobre a cidade de Cuiabá, incluindo a descrição sobre sua estada ali.

Ao retornar definitivamente do Brasil, Smith realizou outras viagens de porte ao México, Caribe e várias regiões dos EUA, entre 1888 e 1908. Em seguida (1910), tornou-se curador do *Carnegie Museum* (Pittsburgh, EUA) e, posteriormente, do *Alabama Museum of Natural History* (Tuscaloosa, EUA).

Notamos que Smith inicialmente tinha interesse em Geologia e Paleontologia¹²² mas, aos poucos, foi destacando-se como coletor de todos os tipos de organismos, notadamente insetos. Suas grandes coleções foram destinadas a vários museus estadunidenses, tendo ele também participado do programa “*Biologia Centrali Americana*”, realizando coletas no México (1889), da “Comissão das Índias Ocidentais” (1889 a 1895), organizada pela *Royal Society* (Reino Unido), obtendo material em Trinidad, Saint Vicent e ilhas Windward e trabalhando também na Colômbia (especialmente na região de Santa Marta: 1898 a 1902) a serviço do *American Museum of Natural History* (Papávero & Ibañez-Bernal, 2003).

Como um todo, lembramos que a maior parte do material que Smith coligiu era entomológico, do qual obteve quase 40.000 espécies (Holland, 1919b)¹²³, mas também outros grupos foram seu propósito de trabalho, estimando-se sua contribuição total em mais de 500.000 espécimes, dos quais 10.000 aves, 450 mamíferos, grande número de répteis e anfíbios (Cunha, 1989)¹²⁴, 2.000 aracnídeos e 250 crustáceos (Holland, 1919a,b).

¹²² Também tinha inclinações para a linguística, segundo se pode observar das anotações do Visconde de Taunay (1888a:253) que, erradamente grafa seu nome como “*Herbert Spencer*”. Há, porém, uma correção a esse equívoco, em Taunay 1888b:310.

¹²³ Seu biógrafo era o jamaicano William Jacob Holland (1848-1932) que foi, dentre outros cargos, reitor da universidade de Pittsburgh e diretor dos museus Carnegie, vinculados à mesma instituição.

¹²⁴ Nomura (1997) estima em 30.000 espécies de insetos de um total de 200.000 exemplares, ou 300.000 segundo Papávero & Ibañez-Bernal (2003).

Sua contribuição à Ornitologia brasileira foi mais destacada para a região da Chapada dos Guimarães, onde deteve-se por cinco anos (1882 a 1886) (Miranda-Ribeiro, 1928). A coleção daquele local foi estudada com detalhes por Joel Asaph Allen (1889a,b,c, 1891, 1892, 1893a,b), em cujos estudos constam descrições de novos táxons. Desconhecemos menções a espécimes de aves em outras publicações. O Rio Grande do Sul foi o estado sul-brasileiro contemplado com maior número de visitas a localidades do interior e litoral (Papávero, 1971), mas até o momento nada se conhece sobre o conteúdo ornitológico sulino de suas coleções (Belton, 1984).

Seu material, entomológico ao menos, dispersou-se por vários museus, dentre eles o Museu Nacional do Rio de Janeiro (onde não há espécimes desse coletor proveniente do Paraná), o *Natural History Museum* de Tring (Inglaterra), o *Carnegie Museum of Natural History* de Pittsburgh (EUA), o *American Museum of Natural History* de Nova York (Papávero, 1971) e, talvez, também o *Museum of Comparative Zoology* de Cambridge (EUA) (Paynter-Jr. e Traylor-Jr., 1991).

Como dito, Smith coletou uma grande variedade de organismos e muitos deles foram estudados posteriormente por especialistas. Dos insetos destacam-se os himenópteros, dípteros, lepidópteros, coleópteros, hemípteros, ortópteros e neurópteros (para citação a revisores *vide* Papávero & Ibañez-Bernal, 2003). Além destes forneceu matéria-prima para estudos sobre répteis e anfíbios (Cope, 1885, 1887; Vanzolini, 1953), mamíferos (Cope, 1889), moluscos (Pilsbry, 1898) e plantas (Ayers & Boufford, 1988). Suas anotações de viagem (Smith, 1883a,b,c,d; 1884a,b; 1885, 1897) foram muito utilizadas por vários autores, inclusive sobre geografia da Amazônia, cujos dados foram aproveitados pelo mestre Hartt (1872).

Cunha (1989) considera que:

“Dos muitos naturalistas da segunda metade do Século XIX que visitaram a Amazônia, Herbert Smith foi dos mais completos, não apenas pelas observações realizadas, mas principalmente no que diz respeito à fidedignidade das informações. Parecia mostrar muita simpatia pelos brasileiros e pelo Brasil, em especial pela Amazônia, onde trabalhou com mais agudeza de espírito”

Segundo Hamilton (1960), Smith alertava para que o povo brasileiro nunca fosse pré-julgado pelo viajante, por comparação com os costumes de si próprio, muito menos que se imaginasse o Brasil inteiro com base em observações feitas em uma única cidade. Além disso, tinha uma visão profética do Brasil, no tocante à questão econômica e social: previra a decadência do ciclo da borracha, as reformas de Pedro II, as mudanças políticas decorrentes do início da república e várias outras situações que se concretizaram muitos anos depois de seu retorno. Seu tino de observador, desta forma, alargava-se muito além da História Natural e, sem dúvida, o legado por ele deixado merece novas pesquisas em diversos campos do conhecimento.

Uma das provas de sua vastíssima erudição, produtividade e abnegação é a participação na equipe que produziu o *“The Century Dictionary and Cyclopedia”*¹²⁵, uma das maiores e mais completas enciclopédias já produzidas em língua inglesa. Dessa obra magnificente, Smith escreveu os textos de quase a totalidade dos verbetes alusivos à fauna e flora da América do Sul (Holland, 1919c).

¹²⁵ Também conhecido como *Whitney's Dictionary*, por ter a primeira edição (1889) coordenada pelo linguista William Dwight Whitney.

Quando de uma de suas viagens ao Brasil, cita Capistrano de Abreu (Smith, 1922: Prefácio), Smith foi assim descrito por um observador anônimo:

“Descreve-o bem um fino observador que o conversou bastante naquella época. ‘Quando o conheci, escreve-me Castro Fonceca, poderia ter pouco mais ou menos uns trinta e cinco annos de idade. Era de estatura mediana, secco de corpo, mas de magreza rija. Sempre severamente trajado de sobrecasaca preta, um tanto longa talvez e um tanto usada, si bem que sem demonstrar a minima discrepância do aceio. Para a impressão geral, contribuía juntamente com a firmeza dos traços a accentuada pallidez do semblante, orlado por uma pequena barba negra, pouco densa e ligeiramente hispida, pallidez em que não seria errado divisar um leve tom de ascetismo, ou extremado devotamento pela sciencia. Todavia o que á primeira vista nelle ainda mais impressionava era a fixidez do olhar de raro brilho e de uma serenidade penetrante, por onde deixava perceber o continuo esforço não só de procurar ouvir fallar pelos olhos, á maneira dos surdos de viva intelligencia e este era seu caso, sinão também como um sincero desejo de perscrutar a sinceridade do acolhimento dos que com elle tratavam’”.

Cronologia

- 1882** Por iniciativa do coronel Amazonas Marcondes, inicia-se a navegação fluvial ao longo do rio Iguaçu, ligando as cidades de Porto Amazonas a União da Vitória e servindo-se, por muitos anos, como via fundamental para o escoamento de erva-mate, madeira e produtos de subsistência.
- 1882** Com a proposta de proteger a área de litígio com a Argentina, no sudoeste do Paraná, o império cria as colônias militares do Chopim e de Chapecó ambas, na época, pertencentes ao Paraná.
- 1882** Falece Charles Darwin.
- 1883** O jornalista e político Carl Julius Christian Adalbert Heinrich Ferdinand von Koseritz (1830-1890), ou Carlos von Koseritz visita rapidamente (e apenas a região litorânea) o Paraná por duas rápidas ocasiões (16 de abril e 24 de junho), onde relata ter notado apenas “Ruínas e urubus”.
- 1883** O médico e botânico alemão Ernst Heinrich Georg Ule chega ao Brasil, onde permanece até 1903 após produtiva coleta, em particular de fungos. Reside por oito anos em Santa Catarina e, então, é contratado como naturalista viajante do Museu Nacional. Depois disso empreende viagens para o Nordeste e diversos países setentrionais da América do Sul, retornando à Alemanha em 1912. Publicou diversos estudos florísticos, mas também sobre a exploração da borracha e sua importância para a economia sulamericana.
- 1883** Três anos após chegar ao Brasil, HERMANN VON IHERING é contratado como naturalista viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro. No mesmo ano, nasce seu filho Rodolpho, que se tornou um dos mais conhecidos estudiosos e divulgadores da natureza brasileira.

- 1883** Auguste von Pelzeln publica “*Brasilische Säugethiere*”, revisão dos mamíferos colecionados por JOHANN NATTERER no Brasil.
- 1883** Nasce Eurico de Oliveira Santos, divulgador da natureza brasileira, autor de milhares de artigos e livros.
- 1883** Passa a residir na região do alto Amazonas, o coletor alemão Gustav Garlepp, quando fornece material ornitológico para o Conde Berlepsch.
- 1883** Chega à Argentina, o naturalista alemão GUSTAV NIEDERLEIN, inicialmente como explorador e botânico e, em seguida, comissionado pelo governo daquele país. Passa a contribuir com estudos e coleções de naturália na região fronteiriça e também a participar de discussões sobre as questões de limites de fronteiras.

1883, 1887 e 1892

GUSTAV NIEDERLEIN

GUSTAV NIEDERLEIN (n. Berlim, Alemanha: 1º de janeiro de 1858; f. Santiago del Estero, Argentina: 23 de março de 1924) foi explorador, naturalista e geógrafo. Visitou a Argentina em 1878 quando, em companhia do botânico Georg Hyeronimus, percorreu grande parte do país, colecionando plantas para o herbário da *Universidad Nacional* de Córdoba. Em seguida, participou da chamada *Campaña del Desierto*, uma intervenção militar liderada pelo general Julio Argentino Roca (então ministro da Guerra e Marinha) que, entre 1878 e 1895, investiu contra os povos ameríndios, buscando a conquista e consolidação dos territórios nas regiões do Pampa e Patagônia argentinos.

Essa participação originou-se de uma solicitação de Adolfo Doering, então presidente da *Academia Nacional de Ciencias* da Argentina¹²⁶, que se manifestou sobre a relevância de ter um grupo de pesquisadores atuando junto à ação militar. Para o momento foram então convocados o próprio Doering como zoólogo e geólogo, auxiliado por Federico Schulz¹²⁷ como preparador, além de Paul (“Pablo”) Günther Lorentz, auxiliado por Niederlein.

¹²⁶ Também autor de títulos de Ornitologia (Dabbene, 1910:6).

¹²⁷ Federico Schulz era um naturalista alemão radicado em Córdoba (onde ocupava, na universidade local, o cargo de preparador), tendo empreendido várias viagens pelo território argentino. Segundo Dabbene (1910), ele realizou em 1881 uma ampla expedição por áreas montanhosas das províncias do norte, descobrindo várias espécies. Dentre elas inclui-se *Cinclus schulzii*, descrita por Cabanis (1882) que o tratou como “Fritz Schulz”. Não pude obter mais informações biográficas, mas sabe-se que ele teria sido trazido de Berlim à Argentina em 1864 para atuar como preparador do Museu Nacional de Buenos Aires, por indicação de Hermann von Burmeister (Castello, 2012).

A expedição ocorreu entre abril e junho de 1879, quando desenvolveram-se coletas de amostras em regiões praticamente desconhecidas da história natural que perfizeram um itinerário circular de quase 1.000 km. Graças à oportunidade, Niederlein aproveitou para realizar um amplo colecionamento de exemplares botânicos como continuidade ao trabalho já realizado por Holmberg¹²⁸. Espécimes colecionados e preparados pela dupla foram depositados no *Museo Botánico* da *Universidad Nacional de Córdoba* e os animais e rochas acabaram guardados na mesma instituição, nos respectivos acervos temáticos, ou remetidos a especialistas (para revisão, vide Doering & Lorentz, 1916 e Espinar, 2010).

Os resultados dessa empreitada foram publicados em obra de quatro volumes denominada “*Informe oficial de la Comisión Científica Agregada al Estado Mayor General de la Expedición al Río Negro (Patagonia)*”, dos quais ele assina o que trata da botânica, junto com Lorentz, o que lhe garantiu grande prestígio político e científico¹²⁹.

Em 1880, retorna à Europa e, por três anos, prossegue seus estudos botânicos em Berlim, na universidade e escola superior de agricultura e sob a tutela de Gustav Nachtigal, presidente da Sociedade Geográfica Alemã. E um certo momento, em que visitava Leipzig, travou contato com estudiosos de políticas coloniais, como Ernst Hasse (1846-1908) e Wilhelm Hübbe-Schleiden (1846-1916), oferecendo-se para organizar uma expedição exploradora colonizadora alemã para o antigo “império

¹²⁸ O bonairense Eduardo Ladislao Holmberg (1852-1837) era membro de uma família de naturalistas e exploradores. Realizou viagens por quase todo o território argentino, publicando vasta obra científica e tornando-se personalidade icônica da intelectualidade nacional.

¹²⁹ Interessante recordar que a piúva, ou ipê-roxo (*Tabebuia avellanediae*, hoje *Handroanthus impetiginosus*), foi descrita por Lorentz, em homenagem ao presidente argentino Nicolás Remigio Aurelio Avellaneda Silva (1837-1885) que antecedeu, no cargo, o próprio Julio A. Roca.

sulamericano dos padres jesuítas”. Em 1883, acaba tomando parte dessa empreitada na qualidade naturalista, publicando os resultados de sua exploração (Niederlein, 1883a, 1883b, 1890; Niederlein & Hyeronimus, 1889).

Naturalizado argentino¹³⁰, foi contratado como inspetor federal de bosques do ministério de Agricultura daquele país, quando emitiu uma nota sobre “*cerca de 30,000 kilómetros cuadrados de tierras argentinas ocupadas por parte del Brasil*” no território de Misiones (Niederlein, 1910) (ver adiante). Graças a isso, passou a ser requisitado em outras intervenções oficiais do governo local.

Munido de tais credenciais, Niederlein acaba em 1885 convocado para uma comissão binacional entre Brasil e Argentina que visava a realização de um levantamento de campo, a fim de dirimir questões do litígio de fronteiras entre ambos os países¹³¹, que se arrastava desde 1857¹³². O episódio ficou conhecido como a “Questão de Palmas” e foi amplamente estudado e merecedor de diversos estudos de revisão (Hermes, 1945; Wachowicz, 1985; Ferrari, 2005 dentre vários outros).

Graças a essa oportunidade, foi contratado – para os anos de 1886 e 1887 – como naturalista *ad hoc* da *Comisión Argentino-Brasileira* (sic) *de Limites* (órgão temporário do Ministério das Relações Interiores), o que lhe permitiu explorar e colecionar naturália em uma vasta região ainda pouco conhecida do território argentino, bem como de diversos setores limítrofes do Paraguai, Uruguai e Brasil.

Niederlein era principalmente um coletor botânico. Os exemplares colhidos foram depositados no *Botanischer*

¹³⁰ Quando passou a ser tratado como “Gustavo Niederlein”. Como premiação ganhou, além de condecorações militares, uma área de 4.100 hectares, bem como o título de major honorário do exército argentino.

¹³¹ Totalizando uma superfície de 30.621 km², hoje no oeste de Santa Catarina e sudoeste do Paraná.

¹³² Ou melhor, desde o tempo em que ambos os países eram colônias espanhola e portuguesa, respectivamente.

Garten und Botanisches Museum (Berlim-Dahlem), no *Museo Argentino de Ciencias Naturales Bernardino Rivadavia* (Buenos Aires) e no *Museo Botánico* da *Universidad Nacional de Córdoba*) mas, também, nos herbários de Edinburgo (Reino Unido), Nova York (EUA) e do *Instituto de Botánica Darwinion* (San Isidro, Argentina) (Staflou & Cowan, 1981:749-750). Em sua homenagem foi descrito um gênero (*Niederleinia*), pertencente à família Frankeniaceae, que compreende um grupo de plantas sulamericanas peculiares de ambientes quentes e desérticos; há plantas com epíteto específico a ele atribuído nos gêneros *Dyckia* (Bromeliaceae), *Oxalis* (Oxalidaceae), *Lessingianthus* (Asteraceae), *Eleocharis* (Cyperaceae), *Agarista* (Ericaceae), *Peperomia* (Piperaceae), *Mimosa* (Fabaceae) e várias outras.

Ele também se destacou como pesquisador, descrevendo muitas espécies novas de plantas, uma delas bastante popular no sul do Brasil, o vacunzeiro (*Allophylus edulis*, Sapindaceae). Afora essas contribuições produziu textos narrativos de viagem, relatando sua passagem pela província de Misiones¹³³ (Niederlein, 1883a, 1883b, 1890).

Além da botânica, porém, se dedicava ocasionalmente a coletas faunísticas¹³⁴, possivelmente como participação colaborativa ao trabalho de Doering e ao menos peixes, aves, insetos (Trelles, 1939) e moluscos estiveram em sua pauta de coletor.

Interessante notar que parte de seu legado que deveria ser consignado ao Brasil, confunde-se na literatura por ser atribuído à Argentina, em virtude das questões de disputa fronteiriça da época¹³⁵. Varella (2011:146-147), em

¹³³ Resenhado na *Revista Argentina de Historia Natural*, volume 1 (p.59) de 1891; não consultado.

¹³⁴ E também geológicas, como mencionado por Holmberg (1887:373).

¹³⁵ Aqui cabe uma referência a um fragmento escrito alhures (Straube, 2011:32), aludindo a Azara e cabendo com precisão nesse tópico, que é da maior importância na história da

sua revisão do gênero *Crenicichla* (peixes ciclídeos), por exemplo, discorre precisamente sobre o assunto, munido de valiosa pesquisa histórica (diga-se de passagem incomum em estudos taxonômicos modernos):

“Na descrição original de Acharnes niederleinii, Holmberg (1891:182) escreveu em relação à localidade-tipo:

‘Patria: República Argentina, Misiones. Al entregarme NIEDERLEIN esta especie que obtuvo en Misiones en 1887, cuando acompañó a la Comisión Argentina de límites con el Brasil, agregó a estos datos: ‘Fué obtenido en el Río Pequirí, en Misiones, y en otros inmediatos. Los primitivos exploradores de aquellas comarcas hacen ya mención de esta especie’.

Kullander (1981) assumiu que não encontrou qualquer rio de nome Pequirí ou Piquiri em Misiones, fazendo menção apenas ao rio Piquiri que está mais ao norte, já no Estado do Paraná, e que deságua no rio Paraná em Guaíra. A partir da comparação com outras espécies do rio Paraná e do rio Iguaçu descritas até aquele momento, considerou o seu material como Crenicichla niederleinii.

Zoologia no Brasil: “Aqui é forçoso lembrar que maior parte dos revisores brasileiros suportam-se em documentos portugueses, o que não condiz propriamente com a condição territorial observada, que oscilava com os tratados e acordos firmados e com as frequentes entradas em grandes áreas além-fronteiras. Praticamente intocadas estão muitas obras publicadas (e quem dirá documentos inéditos!) produzidos por espanhóis, muitos deles totalmente ignorados em nossa História”. Não resta dúvida que há uma infinidade de textos, documentos e mesmo espécimes aguardando a revisão que merece, no tocante à sua situação política atual. Um desses, leia-se Holmberg (1887), se não passou pelo Paraná (como se pode depreender de sua obra), navegou em águas fronteiriças, de forma que sua contribuição é merecedora de reavaliação, ainda que como fonte de indicações marginais.

No presente estudo, foi levantada a bibliografia sobre o litígio entre Brasil e Argentina na época da delimitação da fronteira entre os dois países na região de Misiones (ou região chamada de território de Palmas pelos brasileiros). A questão conflitante era a delimitação do território leste da Argentina e oeste do Brasil que seria limitado, pelo Tratado de Madri, na região do 'rio Peperi-Guaçu ou Pequiri' e do 'rio desconhecido que fosse mais próximo de desembocar no Iguazu (Rodrigues, 1995; Didone, 2006). Em 1857, foi assinado um tratado de limites entre o Império do Brasil e a Argentina, negociado pelo Visconde do Rio Branco¹³⁶, na qual era mencionado os rios Pequiri e Santo Antônio como os rios assinalados pelos demarcadores de 1759 (do Tratado de Madri). A Argentina não ratificou este tratado e, em 1881, reivindicou que a fronteira seria nos atuais rios Chapecó (chamado de Pequiri-Guazu pelos argentinos) e Chopim (chamado de Santo Antonio-guazú) (Didone, 2006). Para investigar este problema, foram nomeadas duas comissões de limites, uma do Brasil, outra da Argentina, na qual Gustav Niederlein fez parte, para explorar e demarcar corretamente estes quatro rios no período de 1886 até 1889, a fim de fornecer subsídios necessários para o acordo. Resumindo as etapas finais do litígio, os interesses brasileiros foram favorecidos pelo Presidente dos EUA que elaborou laudo

¹³⁶ Embora o Visconde do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos: 1819-1880) tenha certa participação nesse evento como pesquisador e entusiasta da causa, coube a seu filho, o Barão do Rio Branco (José Maria da Silva Paranhos, filho: 1845-1912), todo o mérito de documentação e na própria participação diplomática envolvida. O embroglio resultou em posição favorável ao Brasil, graças à arbitragem do então presidente dos EUA, Grover Cleveland, que deu como encerrada a disputa em 1895 (Hermes, 1945).

arbitrário, e os limites foram traçados no rio Pepiri-Guaçu (ou Pequiri), afluente do rio Uruguai e no rio Santo Antônio, afluente do rio Iguaçu.

O breve resumo da história desta demanda diplomática e o trabalho que abre o diário do segundo chefe da Comisión Argentina de límites com ele Brasil, o Tenente de Navío Manuel Domecq García (Domecq, 2007), permitem concluir que os rios que poderiam ser chamados de Pequiri por Niederlein são os atualmente denominados rio Pepiri-Guaçu ou rio Chapecó, ambos afluentes da margem direita do rio Uruguai”.

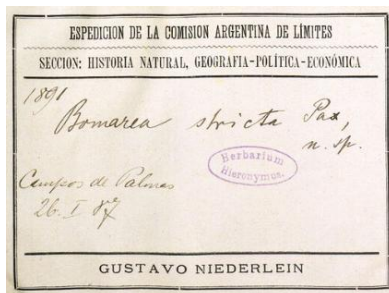
Não resta dúvida que vários outros organismos, alguns deles raros e com poucas representações em museus, podem estar sendo ignorados como ocorrentes no Brasil, por esse descuido histórico. A dioscoreácea *Dioscorea praetervisa*¹³⁷, por exemplo, consta ter sido “...descrita por Knuth (1924) com base em dois materiais provenientes da Argentina, coletados por *Niederlein 2065* (B), em Palmas no ano de 1887¹³⁸, e por *Osten 8164* (B), na Província das Misiones no ano de 1915, citando como holótipo o material de *Niederlein 2065*” (Couto, 2010) que é, conforme explicado, genuinamente brasileiro.

¹³⁷ Sinônimo de *D. monadelpha*, segundo Kirizawa *et al.* (2013).

¹³⁸ Na mesma obra consta (Couto, 2010:78): “Tipo: Argentina, Palmas, [Estância Faina e Campos Altos], 05.II.1887”. Esse autor, no entanto, não ateu-se aos fragmentos apresentados por Xifreda & Kirizawa (2003), tanto no que diz respeito à grafia da localidade: “Misiones, Palmas, Estancia Foína y Campo, 5-II-1887, Niederlein 2065”, quanto à sua localização: “En verdad, corresponde a la expedición que hiciera Niederlein (1890) a un territorio en litigio entre Brasil y Argentina; dicho territorio fue otorgado a Brasil de acuerdo a la resolución establecida por el arbitraje del año 1895”.



Rótulo original de coleta do holótipo de *Dioscorea praetervisa* Knuth. (Dioscoreaceae), obtido por Niederlein em 5 de fevereiro de 1887 na “Estancia Foina y Campo Alto, Palmas. Misiones” (Fonte: site do Botanischer Garten und Botanisches Museum de Berlim-Dahler: <http://ww2.bgbm.org>).



Rótulo original de coleta do lectótipo de *Bomarea stricta* Baker (Liliaceae), obtido por Niederlein em 26 de janeiro de 1887 (a indicação de 1891 no canto superior esquerdo refere-se à numeração de coleção de Niederlein), nos “Campos de Palmas” (Fonte: site do Botanischer Garten und Botanisches Museum de Berlim-Dahler: <http://ww2.bgbm.org>).

No texto referente à orquídea *Pogonia paranaensis* do *Flora Brasiliensis* (p.131) isso também é nítido: “... *Etiam in Argentina ad Cabecera de los Rios Chopim y Chapeco, Campos de Palmes* [sic] *Altas: G. Niederlein n. 1892*”. Todo o curso fluvial do rio Chopim, cabe lembrar, está inserido em território paranaense, sendo que suas nascentes fazem divisa entre os atuais municípios de Palmas e General Carneiro em uma região que ultrapassa os 1.300 metros de altitude; as cabeceiras do rio Chapecó estão muito próximas, porém, em território catarinense.

Sob raciocínio homólogo, há que se considerar uma ligação pouco esclarecida de Niederlein com a Ornitologia. Trata-se do inusitado registro histórico do tié-sangue (*Ramphocelus bresilius*) para a Argentina, atribuído a “...*un único ejemplar capturado el 25 de abril de 1887 por G. Niederlein en el río Alto Uruguay, provincia de Misiones y depositado actualmente en las colecciones de Federico*

Schulz, conservadas em la Universidad Nacional de Córdoba” (Chebez *et al.*, 1984).

Esse local foi tentativamente localizado por Paynter (1995:820) como situado na fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai, nas coordenadas canônicas de 34°12’S e 58°18’W, indicando o sítio visitado por Niederlein como “...on upper Uruguay, in Misiones”. No entanto, o rio Uruguai nasce na Serra Geral pela junção dos rio Canoas e Pelotas, na divisa entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Se considerado o seu principal afluente (o rio Pelotas), no entanto, essas nascentes (daquilo que seria o “alto rio Uruguai” em um sentido amplo) poderiam ser transferidas para a região do Parque Nacional de São Joaquim (Santa Catarina). Esse lugar está a uma altitude aproximada de 1822 metros, porém, a pouco mais de 65 km da costa catarinense, região onde o pássaro ocorre naturalmente, sendo inclusive abundante.

Chebez (1996, 2009) menciona três municípios argentinos para a espécie, enriquecendo o corolário com uma quarta menção, para o Parque Nacional de Iguazú. Essas indicações (Barnett & Pearman, 2001:102; Chebez, 2009:278) são atribuídas a escapes ou solturas deliberadas de aves de cativeiro, mas nenhum desses autores se ateve ao fato do registro de Niederlein ser datado de 1887, portanto, em um momento em que tal origem seria absolutamente inesperada.

A resposta para esse impasse aparentemente ainda carente de esclarecimento na literatura técnica, provém de um exemplar da fabácea *Calliandra parviflora* (Hoc, 1992:214), coletado em “R. Alto Uruguay, Salto Moconá, IV-1887, Niederlein 1061 (BA)”¹³⁹. Essa localidade, sobre a qual parece ser impossível distinguir se argentina (margem

¹³⁹ Portanto depositado no *Museo Argentino de Ciencias Naturales* “Bernardino Rivadavia” em Buenos Aires.

direita) ou gaúcha (margem esquerda), é um importante ponto turístico tratado no país vizinho como “*Saltos del Moconá*” (ou Salto Yucumã no Parque Estadual do Turvo, município de Derrubadas, Rio Grande do Sul)¹⁴⁰.

Sob esse fundamento, parece lícito admitir a ocorrência espontânea, ainda que acidental, nesse sítio, embora se mantenha, curiosamente, a dúvida sobre a legitimidade da nação em que se deu a ocorrência.

A estada de Niederlein no atual território brasileiro, desta forma, é assunto a ser ainda investigado, tanto no que diz respeito aos resultados obtidos para a história natural de ambos os países, quanto para a documentação histórica, que parece repleta de informações dispersas.

Segundo Teixeira Soares (1970), as primeiras tentativas para definir as fronteiras no chamado “território das Missões” culminaram em 1885 na formação de uma comissão mista binacional, coordenada pelo Barão de Capanema (Guilherme Schüch) e o coronel José Ignacio Garmendia. De acordo com Wachowicz (1985), porém, os trabalhos de campo se iniciaram apenas em 1887, ficando concluídos em 1890.

Essa datação concorda com o momento em que Niederlein foi contratado para o trabalho mas, evidencia que ele se encontrava na região litigiosa já em 1883 o que parece ter gerado um problema diplomático. Nesse sentido o jornal catarinense “O Despertador” (ano 23, nº 2306, edição de 4 de junho de 1885, página 3), faz menção a um desentendimento entre Niederlein e o presidente da província do Paraná¹⁴¹, trazendo informações que podem ser de alguma valia para desvendar as datas e mesmo as regiões por ele visitadas:

¹⁴⁰ Salienta-se, ainda, que em vez de “alto rio Uruguay” (gerando “*upper Uruguay*”), o nome do local é “rio Alto Uruguay”, como bem grafado por Chebez et al. (1984).

¹⁴¹ O paulistano Brasília Augusto Machado de Oliveira (1848-1919), também advogado e professor.

“A questão das Missões.- Na Folha Nova de 26 do mez findo lemos o seguinte:

Aquelle celebre explorador Gustavo Niederlein, engenheiro allemão e commissionario argentino, que há tempos declarou, pela imprensa allemã do Rio da Prata, ter arvorado a bandeira argentina no Campo Eré, no Paraná, com o consentimento das autoridades brasileiras, declaração esta que foi desmentida pelo Diario Official e pelo presidente do Paraná, acaba de publicar no Argentinische Wochenblatt, folha bonaerense, a seguinte carta contestando o desmentido do presidente do Paraná:

‘A declaração ou informação do Sr. Presidente do Paraná, não é veridica. Tanto em Campo Eré, quanto em Palmas, fui hospede das autoridades brasileiras. Em Campo Eré estive alguns dias em casa do inspector de quartierão Sr. Domingos Cordeiro, e em Palmas estive e passei uma noite em casa do subdelegado, então em exercicio, Pedro Carneiro de Marcondes, que por ordem do governo brasileiro, no anno de 1864, em comissão do ministerio da guerra, abrindo picadas, invadia terras argentinas por Palmas e Campo Eré, chegando até a costa do Paraná – e collocou em Campinas da America, S. Pedro e Facão, em territorio argentino, marcos com as armas brasileiras e o distico D. Pedro II.

O citado Sr. Domingos Cordeiro, com quem tratei em 25 e 26 de Agosto de 1884, do seu eventual emprego como autoridade argentina no Campo Eré, ficando elle de accordo commigo, era n’aquella época inspetor de

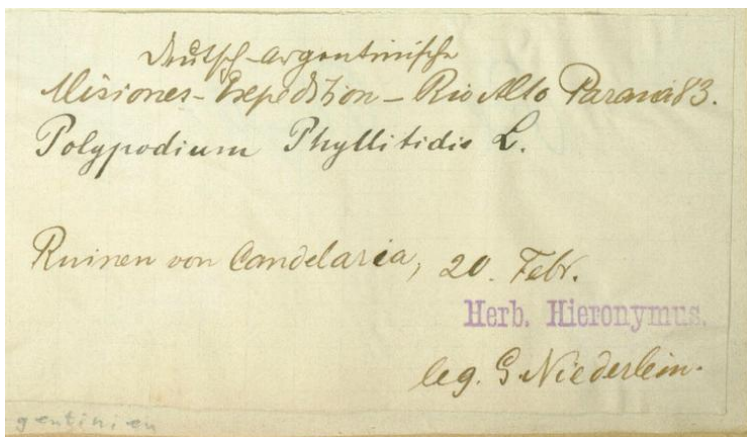
quarteirão e como tal nomeado pelo juiz municipal de Palmas e por elle juramentado. Já dei os passos necessarios para obter satisfação devida pela calúnia que me foi irrogada pelo presidente do Paraná.

Não estou autorizado a fazer desde já revelações sobre a questão de limites, que está inteiramente em nosso favor e por isto me limito ao meu presente protesto contras as declarações sufficientemente falsas ou erroneas, por más informações do Sr. Presidente da provincia do Paraná, no Brasil. – Gustavo Niederlein’

N’aquella carta formula-se claramente uma accusação contra uma autoridade prazileira, que nenhuma repugnancia mostraria em aceitar dos argentinos edentica investidura, como ‘prato de lentilhas’ annexa á transacção. Seja verdadeira ou não, o facto convém delcaral-o, e mais que nunca, não perder de vista os nossos excellentes visinhos argentinos”.

Esses dados não permitem reconhecer com a precisão necessária, qual seria o momento em que Niederlein realizou suas coletas nos campos de Palmas e oeste catarinense. A verdade é que ele lá esteve em 1883, porém na qualidade de naturalista da expedição de colonização alemã e, em seguida, como efetivo do ministério da agricultura argentino.

Enriquecem a pesquisa alguns vestígios encontrados em exemplares de museu e mesmo na literatura contemporânea, como aqueles alusivos a essa viagem de 1883, a qual ficou conhecida como “*Deutsche-argentinische Misiones Expedition to Alto Parana*” (vide p.ex. Henrard, 1927:379).



Rótulo original de coleta do sintipo de *Polypodium phyllitidis* Hieron. ex Hicken (Polypodiaceae), obtido por Niederlein em 12 de fevereiro de 1883 (Fonte: site do Botanischer Garten und Botanisches Museum de Berlin-Dahle: <http://ww2.bgbm.org>).

Mesmo antes da Questão de Palmas ter sido considerada unanimemente resolvida, os esforços argentinos por explorações no território de *Misiones* (*sensu lato*) prosseguiram. Tinha o governo de Buenos Aires interesse por disseminar a pretensa soberania sobre a área junto à opinião pública internacional. Uma nova forma de divulgação, seriam as exposições universais, eventos multidisciplinares de interação entre os países do mundo, iniciados na Inglaterra em 1851.

Assim, em 1888, Niederlein recebeu o encargo de coletar e classificar, em Misiones e diversas outras províncias argentinas, uma série de produtos nacionais para a Exposição de Paris¹⁴², momento em que produziu um

¹⁴² Essa exposição ficou marcada na história pela inauguração da Torre Eiffel, em comemoração ao centenário da Revolução Francesa. O Brasil foi representado, além do imperador Pedro II, por uma comitiva composta, dentre outros, por Ladislau Netto, então diretor do Museu Nacional.

catálogo revelando os seus valores práticos e utilitários¹⁴³ (Niederlein, 1910). Na capital da França, durante esse evento, também foram divulgados, pela primeira vez no âmbito internacional, os resultados científicos da “*Expedición al Rio Negro*” (vide acima).

Em 1890, depois de uma breve permanência como diretor científico do *Museo de Productos Argentinos* e de participações exploratórias para identificar áreas potenciais à colonização judaica na Argentina¹⁴⁴, trabalhou então, na preparação oficial do governo argentino para a Exposição Universal de Chicago (EUA), realizada em 1893.

Para tanto, criou-se uma comissão destinada a colecionar produtos naturais e industriais, especialmente exemplares da flora e fauna argentina. O grupo, denominado “*Comisión Científica Recolectora*”, tinha como membros o próprio Niederlein como coordenador e auxiliado por **PEDRO SERIÉ**¹⁴⁵ (este com apenas 18 anos de idade) na qualidade de preparador. Além disso, contava com várias outras pessoas, incluindo turistas, caçadores e artistas profissionais argentinos e estrangeiros. Esses membros complementares tiveram participação decisiva, cabendo a Augusto Ballerini a produção de obras artísticas de pintura e

¹⁴³ Essa obra foi intitulada “*La riqueza forestal de la República Argentina*” (101 páginas) contendo o excerto “*Notes upon Argentina flora*”, o qual tornou-se posteriormente um clássico para o conhecimento florístico da região.

¹⁴⁴ Refere-se à iniciativa do empresário e banqueiro alemão Maurice de Hirsch (barão Hirsch) (1831-1896) que capitaneou a proposta de colonização do Gran Chaco com judeus perseguidos na Rússia e Europa oriental.

¹⁴⁵ Naturalista célebre na Argentina, por sua passagem no museu de Buenos Aires, para o qual foi introduzido por Hermann von Burmeister para atuar como taxidermista. Tornou-se ali chefe honorário da seção de Herpetologia, campo em que publicou vários artigos, inclusive uma lista de ofídios argentinos. Atuou também na ornitologia, sendo contemporâneo de Pereyra, Andrés Gai, Luis Dinelli, Angel Zotta e vários outros (Di Giácomo & Di Giácomo, 2008). Nessa área, além de presidente da *Sociedad Ornitologica del Plata* (atualmente Aves Argentinas) e editor do periódico *El Hornero*, publicou notas variadas sobre avifaunas, descrições de ninhos e um breve manual de preparação de espécimes ornitológicos. Nasceu em Charante (França: 4 de janeiro de 1875) e faleceu em Buenos Aires em 23 de novembro de 1951.

a Enrique C. Moody a captura de imagens fotográficas, uma verdadeira novidade para a época¹⁴⁶.



Pedro Serié (1865-1951), que acompanhou Gustav Niederlein na expedição pelo rio Paraná em 1892 (Fonte: Freiberg, 1954)

A expedição durou cinco meses (agosto e dezembro de 1892) e, em duas embarcações, percorreu um vasto caminho fluvial do rio Paraná, com incursões por diversos afluentes como os rios Paraguai e Iguaçu. Ao longo do trajeto, colecionaram amostras das mais diversas, dentre fragmentos de madeiras e espécimes de plantas e animais.

¹⁴⁶ A produção desses artistas pode ser considerada precursora da divulgação do turismo na região das Cataratas do Iguaçu. Segundo Zusman (2012a): as imagens “...*presentadas en la exhibición de Chicago de 1893 a través de los cuadros de Augusto Ballerini o las fotografías de Enrique Moody, su divulgación en esta exposición tuvo un fin específico que era el de atraer los turistas norteamericanos que, según las palabras del responsable de la representación argentina, eran 'os más grandes paseanderos del mundo'*”.

Uma parte do diário de Serié¹⁴⁷ foi publicada, mais de meio século depois, na *Revista Geográfica Americana*, periódico que pretendia seguir a linha editorial da *National Geographic* (Zusman, 2012a).

A parte destinada ao território brasileiro ocorreu quando da viagem de retorno do grupo, no mês de outubro, segundo relata Serié:

Octubre 19 - Boca del Iguazú. Se navega hasta Tacurú Pucú (3 leguas al norte) y Puerto Francés, de los Sres. de Blosset, instalados con aserradero, fábrica de fariná y plantaciones. Al pasar, se envía un saludo a la Comisión Ambrosetti, del Museo de La Plata, huésped de la Colonia militar brasileña.

Octubre 21 - Preparativos para llegar a las cataratas, remontando un trecho del Iguazú con canoas y cables. Después se abren picadas en la selva bajo la lluvia, llegando después de dos días al Salto Victoria. El cuadro estupendo hace olvidar las fatigas del viaje.

Octubre 23 a 26 - Se ejecutan maniobras penosas y complicadas para instalarse frente al salto central. Se cortan árboles y tienden puentes para cruzar los arroyos. Moody y Ballerini son ascendidos mediante cuerdas a la copa de los árboles para cumplir su misión artística, resistiendo los asaltos de barigües y

19 de outubro. Desembocadura do Iguacu. Navega-se até Tacurú Pucú (3 léguas a norte)¹⁴⁸ e Porto Francês, dos senhores de Blosset, instalados com serraria, fábrica de farinha e plantações¹⁴⁹. De passagem, envia-se saudações à Comissão Ambrosetti, do Museu de La Plata, hóspede da colônia militar brasileira¹⁵⁰.

21 de outubro. Preparativos para chegar às cataratas, subindo um trecho do rio Iguacu com canoas e cabos. Depois abrem-se picadas na mata, sob chuva, chegando depois de dois dias ao Salto Vitória. O quadro estupendo faz esquecer dos cansaços de viagem.

23 a 26 de outubro. Executam-se manobras difíceis e complicadas para se instalar defronte ao salto central. Cortam-se árvores e colocam-se pontes para cruzar os riachos. Moody e Ballerini são erguidos por meio de cordas para a copa das árvores, para cumprir sua missão artística,

¹⁴⁷ Não tive acesso a esse documento. No entanto, ele encontra-se transcrito no site de “*Historia y Arqueologia Marítima*”, organizado por Carlos Mey (*Fundación Histarmar*): URL: <http://www.histarmar.com.ar/InfHistorica/ExpCientParaguay1892.htm>; acessado em 5 de agosto de 2013.

¹⁴⁸ *Takuru puku* é o nome antigo da cidade de Hernandarias (Alto Paraná), situada atualmente nas margens do reservatório de Itaipu, a 22 km a norte da foz do rio Iguacu.

¹⁴⁹ Hoje Porto Meira, bairro em Foz do Iguacu, lugar onde antigamente se fazia a travessia fluvial do Brasil para a Argentina. O nome vem do francês José Robert de Blosset, comerciante e político local, ali residente.

¹⁵⁰ Refere-se à presença de Juan Bautista Ambrosetti, quando de sua pesquisa arqueológica na então colônia militar de Foz do Iguacu (Ambrosetti, 1895). Esse pesquisador argentino era correspondente de Telêmaco Borba (vide Straube, 2013), também entusiasta da Arqueologia (Ceccon, 2011).

jejenes, con tules en la cara y manos. Ausencia completa de aves, que no podrían tampoco cazarse, dado lo tupido de la vegetación. Encima de las piedras húmedas una profusion de mariposas de colores vivos.

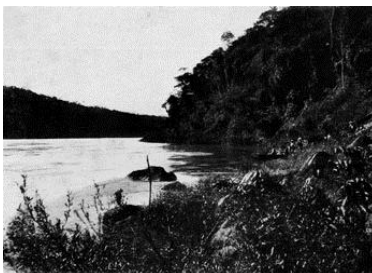
Regreso a la boca del Iguazú, en donde nos esperan Ambrosetti y el médico de la Colonia brasileira, da Fonseca. Se pesca con dinamita y se prepara el regreso el 27, visitando de nuevo Villa Azara y los ingenios de Bember y de Texo (primer colono misionero), llegando a Posadas el 31 de Octubre.

resistindo ao ataque de biriguis e [outros] mosquitos com redes-de-tule no rosto e mãos. Ausência completa de aves, as quais era impossível caçar pelo adensamento da vegetação. Sobre as pedras úmidas, uma profusão de borboletas de cores vivas.

Regresso à foz do Iguazu, onde nos esperam Ambrosetti e o médico da colônia brasileira, da Fonseca. Pesca-se com dinamite e prepara-se o retorno no dia 27, visitando novamente a Vila Azara e os engenhos de Bember e de Texo (primeiro colono missioneiro), chegando a Posadas em 31 de outubro.



A Expedição Científica pelo rio Paraná em 1892, tendo Niederlein no extremo direito
(Fonte: Wikipedia apud. Revista Geografica Americana n° 27, 1935; foto de E. C. Moody).



Flagrantes fotográficos colhidos por Moody no rio Iguacu, perto de Foz do Iguacu. À esquerda: “Puerto Frances (costa Brasileña) aguas arriba del Iguazú. El establecimiento de los Sres. de Blosset; la barranca es muy elevada, de tupida vegetacion, con una via decauville y un pequeño muelle. En la costa, una canoa típica hecha con un tronco de árbol”.; à direita: “Remontando el Iguazú. Un descanso en un remanso del río, después de salvar un paso peligroso y las enormes piedras de la orilla. Puede observarse la vegetación exuberante, típica de la selva virgen, a través de la cual la Comisión tuvo que abrirse paso para llegar hasta las Cataratas” (Fonte: Fundación Histarmar, baseada no diário de Serié, disponível online em <http://www.histarmar.com.ar>; acessado em 5 de agosto de 2013)



“La cascada del Iguazú”, óleo de Augusto Ballerini (1892), no Museo Nacional de Bellas Artes de Buenos Aires.

Pouco depois, em 1893, Niederlein foi encarregado de organizar um museu comercial universal, quando emprestado pelo governo argentino, galgou o cargo de chefe do departamento científico do “*The Philadelphia Museums*” (órgão municipal da cidade de Filadélfia, EUA). Nessa

condição, segundo sua própria narrativa autobiográfica (Niederlein, 1910):

“Se vio entonces obligado á hacer repetidas viajes por los principales países europeos para reunir toda clase de material y estudios y entablar todo género de relaciones para la Oficina de Informaciones, consagrada al fomento del comercio universal. En esta ocasión visitó también 36 de los más importantes Estados de Norte-América, y algunos pedazos del Canadá, atravesó en misión especial Méjico, y las diferentes Repúblicas de Centro-América, y como ‘Chief of the U. S. Commercial Commission to China’, reconoció en un viaje al rededor del mundo casi todas las provincias de la China, grandes zonas del Japón, parte de Corea, algunas regiones de Siberia y de las Islas Filipinas, etc.”.

Durante essa efervescente participação em inúmeras atividades expositivas e diplomáticas, intercâmbios comerciais, técnicos e, novamente, repetidas viagens a todo o território argentino e muitos outros países do mundo, Niederlein ainda publicou várias obras, incluindo livros corográficos sobre países como a Nicarágua, Guatemala, Costa Rica e as Filipinas, bem como estudos sobre produtos agropecuários da Argentina e das colônias francesas no mundo, sendo vários deles reeditados.

Em 1907, ele retorna ao país que o acolheu, primeiro em Buenos Aires e, em seguida, realizando novas missões. Estabelece-se afinal em Santiago del Estero, onde falece aos 66 anos de idade.

Cronologia

- 1884** Fundação do “Theatro São Theodoro” (Curitiba), reinaugurado em 1900 como “Theatro Guayra” (hoje Teatro Guaíra), ocupando o espaço que seria originalmente destinado ao Museu Paranaense.
- 1884** Em Viena (Áustria), realiza-se o primeiro *Congressus Internationalis Ornithologicus*, presidido por Gustav F. R. Radde. O Brasil foi representado pelo Barão de Carvalho Borges (Antônio Pedro de Carvalho Borges), militar, matemático e diplomata carioca - ao que parece sem nenhuma ligação com a Ornitologia.
- 1884** Emil A. Goeldi estabelece-se no Brasil, na região serrana do Rio de Janeiro, sendo nomeado chefe da Sub-Seção de Zoologia do Museu Nacional no ano seguinte.
- 1884** É lançado o primeiro número da revista “*The Auk*”, editada pela *American Ornithologists’ Union*.
- 1884** Chega ao Brasil, proveniente de Dresden (Alemanha), o engenheiro-geógrafo, farmacêutico e naturalista Sigismund Ernst Richard Krone. É contratado como agrimensor e engenheiro pela Província de São Paulo e estabelece-se na cidade de Iguape, litoral paulista, até seu falecimento em 1917. Embora tenha tido uma pequena produção científica escrita, colaborou com estudiosos de vários campos, em especial, a zoologia, geologia e antropologia, por meio de exemplares remetidos a vários museus do mundo.
- 1884** Após ter realizado vários trabalhos no Brasil retratando cenas do cotidiano urbano e da natureza, o fotógrafo carioca Marc Ferrez (1843-1923) registra a construção da ferrovia Curitiba-Paranaguá. O resultado permitiu a produção de obra

iconográfica de grande valor documental. Aprendiz de FRANZ KELLER-LEUZINGER, tornou-se célebre internacionalmente, inclusive por seu pioneirismo em técnicas de cinema.

1884 A Princesa Isabel e seu esposo, o Conde d'Eu, visitam o Museu Paranaense, durante breve estada em Curitiba.

1884 Clarence B. Riker, coletor estadunidense, visita a Amazônia por quatro anos (1887), enviando material para Frank Chapman, do *American Museum of Natural History*.

1884 O naturalista francês Pierre Émile Gounelle chega ao Brasil para longa estada com a finalidade de coletar insetos, sua especialidade, mas eventualmente também outros elementos zoológicos, além de plantas. Visita o Sudeste, Nordeste e Amazônia, encaminhando seus espécimes para o Museu de História Natural de Paris.

1885 O capitão José Francisco Thomaz do Nascimento realiza viagem exploratória pelo interior do Paraná a partir de Guarapuava e pelo rio Piquiri, visando a região de Foz do Iguaçu. No ano seguinte publica o artigo *“Viagem feita por José Francisco Thomaz do Nascimento pelos desconhecidos sertões de Guarapuava, Província do Paraná e relações que houve com os índios Coroados mais bravios daquelles lugares”*, na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

1885 Nasce WILHELM SCHÜTTE WITTE, depois frei Miguel Witte.

1885 HERMANN VON IHERING, junto a Hans von Berlepsch, publica *“Die Vögel der umgehende von Taquara do Mundo Novo”*, contendo a lista do material colecionado pelo primeiro pesquisador naquela localidade do Rio Grande do Sul.

1885 e 1886

VISCONDE DE TAUNAY

ALFRED D'ESCRAGNOLLE TAUNAY, o Visconde de Taunay (Rio de Janeiro/RJ: 22 de fevereiro de 1843; Rio de Janeiro/RJ: 25 de janeiro de 1899), foi um político e militar de grande destaque na segunda metade do Século XIX no Brasil, com participação ativa na Guerra do Paraguai e ocupando cargos políticos importantes como presidente das províncias de Santa Catarina (1876-1877) e Paraná (1885-1886). Era neto de Nicolas Antoine Taunay, famoso desenhista que veio ao Brasil com a Missão Artística Francesa de 1818 (*vide* Debret) e, portanto, sobrinho de Aimé Adrien Taunay, pintor da equipe do barão Langsdorff¹⁵¹. Seu pai, Félix Emilio Taunay (barão de Taunay), era consultor pessoal de D. Pedro II e dirigiu por longo tempo a Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, fundada em 1890.

Alfred d'E. Taunay também era escritor (foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras), destacando - em seu legado - as obras “A retirada da Laguna” e especialmente “Inocência”, publicada em 1872. Nesta obra, passada no interior do Mato Grosso do Sul, faz menção a um naturalista alemão que, encantado com a filha (de nome Inocência) de um fazendeiro que o hospedou, acabou

¹⁵¹ Não bastasse a ascendência, também foi pai de Affonso d'Escragnolle Taunay (1876-1958), pesquisador incansável e produtivo, dedicado à historiografia, literatura, artes e especialmente à terminologia científica. Além disso foi engenheiro civil, professor, arquivista e, dentre outras posições de destaque, diretor do Museu Paulista entre os anos de 1917 e 1939.

descrevendo uma borboleta em sua homenagem (*Papilio innocentia*). Não só nesta passagem de sua vida literária é evidente a inclinação digamos, hereditária, do Visconde para a história natural.



Alfred d'Escagnolle Taunay (1843-1899) (Fonte; Wikipedia, a partir de óleo do Museu Imperial de Petrópolis)

De seu perfil biográfico¹⁵² consta:

“Taunay foi um infatigável trabalhador, patriota, homem público esclarecido e apaixonado homem de letras. Teve a plena realização do seu talento no terreno literário. Sua obra de ficção abrange, além

¹⁵² Da homepage da Academia Brasileira de Letras: URL <http://www.academia.org.br> > Acadêmicos > Membros; acessada em 5 de março de 2014.

do romance, as narrativas de guerra e viagem, descrições, recordações, depoimentos, artigos de crítica e escritos políticos. Foi também pintor, restando dele telas dignas de estudo. Era grande apaixonado da música, tendo deixado várias composições. Estudioso da vida e da obra dos grandes compositores, manteve com escritores e jornalistas polêmicas sobre essa arte, notadamente com Tobias Barreto”.

Alfred, embora por pouco tempo como presidente da Província do Paraná (pouco mais de sete meses), realizou várias obras, dentre elas a inauguração do Passeio Público, que depois transformou-se em um zoológico de Curitiba. O local escolhido era estratégico, visando o “saneamento” dos brejos que abundavam a região central da cidade no mesmo lugar, aliás, onde Bigg-Wither (*vide* sob este), pôde caçar narcejas às centenas, pouco menos de uma década antes.

Ele era um assíduo escritor, tendo publicado vários artigos e crônicas de viagem, destacando-se um estudo¹⁵³ (Taunay, 1886) intitulado “Viagem Presidencial ao Rio Iguassú”. Nessa expedição, partiu de Curitiba até a atual União da Vitória, estendendo-se “...*a mais alem da estrada de Palmas uma duas leguas, completando, em menos de 7 dias, quasi 159 leguas de ida e volta*”. Ali pouco se refere à fauna, restringindo-se basicamente às questões de infraestrutura e assinalando detalhes especiais da vegetação e paisagem, dos quais alguns fragmentos destacados são (p.VI):

¹⁵³ Trata-se de um anexo (18 páginas) ao relatório com que Taunay passa a presidência da Província ao seu vice Joaquim de Almeida Faria Sobrinho.

“Innumeros branquilhos, elegantissimos cambuhys, e outras myrtaceas, angicos e varias acacias, os tarumans, de cerne quasi indestructivel, mas formas tortuosas, e cujos fructos adocicados são tão apreciados dos passaros...”

Para a manhã do dia 4 de março (em São Mateus do Sul), faz outra menção, desta vez, mais objetiva da avifauna (p. IX-X):

“O dia vinha nascendo claro, limpido e fresco; e os primeiros clarões da madrugada acordavão já os passaros e aves proprias d’aquelas paragens, patos, garças, soccós, biguás, martin-pescadores e outros de habitos aquaticos”.

Alguns anos após (1889) deixar o cargo de presidente de Província do Paraná, leu, em sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, uma memória denominada *"Curiosidades naturaes da Provincia do Paraná"*, que foi publicada na revista daquela entidade (Taunay, 1889). Neste estudo, faz descrições particularizadas sobre alguns locais mais peculiares ou célebres do Paraná que faltaram-lhe à sua descrição anterior. A primeira parte do trabalho é descrição pura e simples, baseada em indicações de seu amigo Manoel Eufrásio Correia e em escritos de Nivaldo Braga, ambos intelectuais destacados na capital paranaense.

Referindo-se aos "Buracos" (poços de desabamento, atualmente atrações turísticas próximas de Vila Velha, denominadas "Furnas") cita que as suas paredes são *"formadas de camadas estratificadas de barro vermelho,*

cheias de anfractuosidades e reentrancias, em que se aninhão não poucas aves, como corvos, curucacas e outras". Até o presente não temos registro de nidificação recente dessas duas espécies (respectivamente *Coragyps atratus* ou *Cathartes aura* e *Theristicus caudatus*) na fuma maior, talvez por - atualmente - a visitaão turística ser grande, impedindo tal fenômeno.

Em seguida, intercalando informações da literatura com suas observaões pessoais, passa a descrever aspectos interessantes de suas viagens pelo Paraná. Em uma delas, que fez à região da Lapa, particularmente à Gruta do Monge (18 de fevereiro de 1886), faz menção a uma observaão de andorinhões que utilizam-se dos paredões rochosos peculiares para descanso e nidificação (Taunay, 1889:205-206):

"O unico incidente mais digno de nota que lá se deu á nossa chegada, foi incomodarmos numeroso bando de passaros que ergueo apressado vôo, a bater as azas na estreiteza das rochas e levantando estridula grita.

Erão tapemas, especie de andorinhões, branco grisalhos, de cauda bi-partida e que vivem um tanto á laia de gaviões, na caça continua de insectosinhos e cobras: com o frio emigrão em bando".

Naturalmente (abstração feita ao hábito de comer cobras, que é irreal) que refere-se a uma ou algumas espécies da família Apodidae que ocorrem em grandes números nos campos gerais do Paraná, notadamente a mais comum localmente: *Streptoprocne zonaris*, mas talvez

também *Streptoprocne biscutata*, *Cypseloides senex* e *Cypseloides fumigatus*.

Depois disso, empenha-se em descrever a mesma viagem que fizera pelo rio Iguaçu, quando saiu de Curitiba (3 de março de 1886) em direção à cidade de Porto Amazonas e, de lá, até União da Vitória, seguindo por terra até os campos de Palmas. Meio à crônica, após uma breve, mas interessante, descrição da flora local, Taunay cita para a cidade de "São Matheus" (hoje São Mateus do Sul): "...os primeiros clarões da madrugada acordavam os passaros e aves proprias daquellas paragens, patos, garças, socós, biguás, martim-pescadores e outros de habitos aquaticos" (Taunay, 1889:228-229). Na nota de rodapé referente aos "patos" descreve: "*Esses patos sylvestres, muito parecidos com os domesticos, têm plumagem uniforme verde-escura, bem carregada. São por ariscos, mui difíceis de alcançar, embora tenham vôo pesado, igual e um tanto moroso*". É uma indiscutível referência de que se refere ao pato-do-mato (*Cairina moschata*), espécie incomum naquela região e que ressalta, por esse motivo, a importância da crônica.

Já na outra nota, alusiva aos "biguás", que provou ser a cientificamente conhecida como *Phalacrocorax brasilianus*, arrisca a identificação: "*Palmipede do genero carbo (c.brasiliensis), ave de vôo muito rapido e trefego em todos os seus movimentos...*".

Um aspecto interessante sobre o texto "*Curiosidades naturaes do Paraná*" aparece quando o autor remete, em 31 de maio de 1890, uma separata a D. Pedro II "*...não só como respeitossissimo preito ao illustre exilado e inclyto soberano, mas também em obediência ás ordens que me dera de escrever quanto pudesse a respeito do Brasil, e logo lh'o remetesse*". O resultado foi uma verdadeira resenha produzida (textualmente em 3 de julho do mesmo ano) pelo ex-imperador com anotações no canto das páginas e a nota:

“*É muito interessante*”; esses escritos foram publicados *post mortem* por seu filho Affonso Taunay (Taunay, 1914:89-124) com copiosas anotações, de grande interesse, inclusive sobre a relação com e as opiniões do monarca sobre o Visconde. Os dois pequenos fragmentos remetidos ao Paraná, e de relevância aqui, são: 1. Sobre os andorinhões (tapemas): “*Virá de taba, aldêa, eim, sem? Sem habitação?*”; 2. Sobre a origem do topônimo Guarapuava: “*Guarapuava de U-ara, voador, puá, poan, redondo (donde caá-poan, capão; caá, matto, poan, redondo ou também paún, cercado fechado), aba, terminação indicativa de lugar, isto é, passaro redondo logar*”.

Taunay (1888) também produziu uma monografia sobre os Kaingang de Guarapuava, baseada em suas próprias anotações, colhidas em abril de 1886¹⁵⁴; ali ele lista uma série de espécies de aves na língua destes índios.

Nomes de aves, em língua kaingang, citados pelo Visconde de Taunay (1988a,b) para a região de Guarapuava, confrontadas com a revisão do frei Mansueto e de Telêmaco Borba (Taunay, 1918a,b).

VERBETE	Taunay (1888)	Taunay (1918)	
		Alterações do frei Mansueto	Adições de Borba (1882)
Arára ¹⁵⁵	<i>Caég</i>	<i>Kaég</i>	<i>Kaéi</i>
Anús	<i>Tifú</i>	<i>Ti fu-ti</i>	-
Gralha	<i>Chanchó</i>	<i>Xanxó</i>	-
Jacotinga	<i>Pein</i>	<i>Koiü</i>	
Jacú	<i>Pei</i>	- ¹⁵⁶	-

¹⁵⁴ Aqui consigno o ano de 1885 para sua presença física no Paraná e não o momento em que iniciou a colher as informações linguísticas dos Kaingang. Utilizo suas próprias palavras (Taunay, 1888a:254) como referência: “*Logo que cheguei à província do Paraná, de que fui presidente pouco mais de sete mezes, de 28 de Setembro de 1880 a quatro de Maio de 1886, tive que me avir com os chamados índios de Guarapoava.*” A grafia “Guarapoava” é usada nesse momento, mas no título, ela aparece tal como modernamente: “Guarapuava”.

¹⁵⁵ Note-se aqui o reconhecimento de uma denominação local para “arara”, assunto já abordado em Straube (2010a) e que enriquece a discussão da presença dessas aves para a região central do Paraná.

Macuco	<i>Uó</i>	-	-
Marakanan	<i>Kentekére</i>	<i>Kankére</i>	-
Marreco	<i>Pembên</i>	<i>Pen béne</i>	-
Nhambú	<i>Uochím</i>	<i>Uoaxim</i>	-
Papagaio	<i>Ianguió</i>	<i>Kantó</i>	<i>Kantou</i>
Perdiz	<i>Coïampêpé</i>	<i>Koaimpapé</i>	-
Periquito	<i>Caioié</i>	<i>Krikrijé</i>	-
Pica-pau	<i>Jacringó</i>	<i>Jakringó</i>	-
Pombo	<i>Pentecoin</i>	<i>Petküin</i>	-
Sabiá	<i>Gonoãn</i>	<i>Gonoá</i>	-
Tucano	<i>Grô</i>	<i>Grôn</i>	-
Uru	<i>Pepeêre</i>	<i>Pütüpüre</i>	-

Esse estudo, porém, foi republicado em 1918 quando da gestão de seu filho, Affonso, como diretor do Museu Paulista¹⁵⁷. O documento – cabe ressaltar – sofreu intervenções do frei Mansueto Barcata de val Florianana (conforme explanado no mesmo volume do periódico às páginas 565 a 568 (sob “*Uma critica ao ‘Vocabulario da lingua dos Kainjgang [sic] do visconde de Taunay’*”) que, segundo suas próprias palavras atuou não em Guarapuava, mas em Tibagi. Com isso, a grafia foi alterada e algumas outras alterações (por exemplo adição das informações da obra de Telêmaco Borba, em 1882: vide Straube, 2013).

Em 1926, seu filho Affonso d’E.Taunay¹⁵⁸ organizou uma parte desses dois textos e adicionou outro capítulo inédito, tudo isso compondo a obra “*Paizagens brasileiras*” (Taunay, 1926), com alguma atualização, revisão ortográfica e notas de rodapé. Duas dessas anotações

¹⁵⁶ Frei Mansueto anota: “1. Talvez seja a mesma palavra *pai* e *pein* para exprimir jacu e jacutinga.”

¹⁵⁷ Revista do Museu Paulista 10:569-628, como “*Os índios Kaingangs (Coroados de Guarapuava); monographia. Acompanhado de um vocabulario do dialecto de que usam*”.

¹⁵⁸ Affonso (1876-1958) foi um grande historiador, lexicógrafo, escritor e naturalista florianopolitano que, além de vasta obra, ficou célebre pelas duras críticas emitidas ao dicionarista português Cândido de Figueiredo, várias delas alusivas à História Natural (Straube & Seripierri, 2007).

aludem à avifauna (Taunay, 1926:12-rodapé): “(1) Curucácas ou curicacas, diz o Dr. Visconde de Beaurepaire Rohan, no seu Dicionário de Vocabulos Brasileiros, são aves ribeirinhas do genero Ibis (*Ibis albicollis*). Etym. É voz onomatopaica. No Paraná as ha muitas, e a sua presença nesses Buracos indica grande quantidade de peixes, ou ahi, ou perto. Com effeito, na Lagôa encontrarão extraordinaria abundancia, como adiante veremos”.

Naturalmente que os conhecedores dos mínimos detalhes da biologia das curucacas (*Theristicus caudatus*) observam que elas, campícolas – e não paludícolas – por natureza, não se alimentam de peixes como alegado e sim de pequenos invertebrados e eventualmente animais maiores, como anfíbios, roedores e lacertílios. A grande concentração refere-se certamente por terem essas aves, ao menos naquele período, escolhido as furnas como ponto de descanso noturno, situação em que costumeiramente as faz convergir em grandes números para pontos pré-estabelecidos que lhe dêem segurança contra predadores naturais.

Com relação ao capítulo inédito, intitulado “*Impressões e reminiscências da costa sul e de Santa Catharina*” (Taunay, 1926:61 adiante), destaca-se uma breve descrição de sua visita ao Superagui em 14 de novembro de 1885, assunto abordado no item alusivo a William Michaud (ver Straube, 2013), personagem esse que tinha Taunay como protetor ou, no mínimo, um grande admirador.

Cronologia

- 1886** O general Belarmino de Mendonça lidera um grupo empenhado no projeto para uma estrada estratégica entre Guarapuava e o Rio Paraná.
- 1886** Por iniciativa do presidente da Província do Paraná, ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY, é criado o "Passeio Público", o mais antigo espaço de lazer curitibano, com amplos jardins e pequeno zoológico. O terreno pertencia à família Hauer e ao governo estadual e sua utilização baseou-se na tentativa de drenagem de uma área alagada e brejosa (denominada "banhado do Bittencourt", nas várzeas do rio Belém) por iniciativa do empresário Francisco Fasce Fontana (que tinha relações familiares com Pierre Aloys Scherer¹⁵⁹). Digno de nota é que bem à frente do logradouro instalou-se o primeiro poste de iluminação pública com energia elétrica no Paraná, ao ano de sua inauguração.
- 1886** Nasce Cândido Firmino de Mello Leitão.
- 1886** Chega ao Brasil o botânico alemão Johann Heinrich Rudolf Schenck, que realiza grande excursão, primeiro acompanhado por Andreaz Franz Wilhelm Schimper e, depois, por Fritz Müller. Retorna à Alemanha no ano seguinte e, em seguida, realiza expedição botânica para o México.
- 1886** O VISCONDE DE TAUNAY, durante sua breve gestão como presidente da Província do Paraná, realiza expedição de exploração e observação ao longo do rio Iguaçu, descendo por via fluvial o trecho entre Porto Amazonas e União da Vitória.

¹⁵⁹ Tanto Fontana quanto Scherer são antepassados de Pedro Scherer Neto, pioneiro da Ornitologia paranaense contemporânea, e Fernando Fido Fontana, proprietário da Fazenda Chapada de Santo Antônio (em Jaguariaíva), onde foram realizados os primeiros estudos sobre a avifauna no cerrado do Paraná.

1886 THEODORO SAMPAIO empreende uma extensa viagem, pelo “Serviço Geographico e Geologico” de São Paulo, ao longo do vale do Rio Paranapanema.

1886

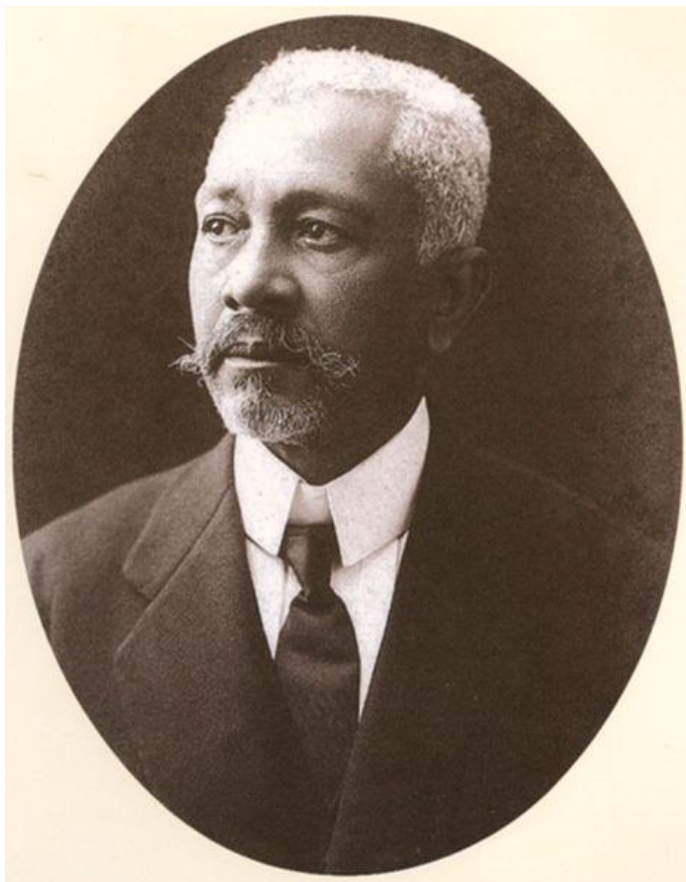
THEODORO SAMPAIO

THEODORO FERNANDES SAMPAIO (n. Santo Amaro, Bahia: 7 de janeiro de 1855; f. Rio de Janeiro, RJ: 11 de outubro de 1937)¹⁶⁰, foi um notável geógrafo, historiador e linguista que se destacou, dentre muitas outras obras, pelo excelente “O tupi na geographia nacional” (Sampaio, 1901), mas sendo sabidamente um dos mais influentes colaboradores do livro “Os sertões” de Euclides da Cunha. Também são de sua autoria, pelo menos 21 títulos (entre relatórios, transcrições de discursos concluídos entre 1890 e 1937), dentre eles os livros “Corographia do estado de S.Paulo” (1896), “O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina” (1906) e o “Atlas dos Estados Unidos do Brasil” (1908)¹⁶¹.

Em sua adolescência, passou a residir em São Paulo e, depois, no Rio de Janeiro, onde frequentou o curso de Engenharia na Escola Politécnica, também trabalhando como desenhista do Museu Nacional. Filho da escrava Domingas da Paixão do Carmo com o padre Manuel Fernandes Sampaio, Theodoro retornou - já formado engenheiro civil - para a Bahia, quando comprou a carta de alforria de seus três irmãos.

¹⁶⁰ Há uma biografia publicada anonimamente como apêndice da edição de 1987 (Instituto Nacional do Livro, coleção Brasileira, volume 380, p.350-353) do “O tupi na geografia nacional” que serviu-se aqui como fonte.

¹⁶¹ Em 1955, foi publicada uma edição *post mortem*, como resultado da participação do linguista Carlos Teschauer e intitulada “Os naturalistas viajantes do século XVIII e XIX e a etnografia indígena” (Sampaio & Teschauer, 1955).



Theodoro F. Sampaio (1855-1937) (*Fonte: Wikipedia*)

No ano de 1879, ele assume a chamada “Comissão Hidráulica”, iniciativa criada por D.Pedro II, visando a investigação das condições de navegabilidade e estabelecimento de portos fluviais pelo interior do Brasil. Em seguida realiza várias viagens de reconhecimento, inclusive como membro de comissões ou outros cargos similares. Nomeado engenheiro chefe da Comissão para a Desobstrução do Rio São Francisco, acaba por conhecer o

geólogo novaiorquino Orville Adalbert Derby que o indica como participante (cartógrafo-chefe) da famosa “Comissão Geographica e Geológica” do Estado de São Paulo.

É nessa condição que, entre agosto e setembro de 1886, realiza uma viagem de reconhecimento pelo Rio Paranapanema, que resultou na publicação do opúsculo “*Considerações geographicas e economicas sobre o valle do Rio Paranapanema*” (Sampaio, 1890), estudo apresentado em sessão especial do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, entidade que o tinha como sócio-fundador.

Essa obra é um tipo de apêndice complementar a um relatório anterior publicado pelo mesmo autor, que – segundo ele – tratava dos detalhes absolutamente “técnicos dos rios”. Já na abertura do trabalho, Sampaio refere-se ao estado de absoluta conservação do Rio Paranapanema, cujo vale é tido como “...um verdadeiro deserto, de que apenas se conhecem as linhas representando o curso dos rios principaes”. E adiciona: “Assim tambem é o territorio paranaense entre o Tibagy e o rio das Cinzas, um grande vasio no mappa destas regiões”.

Maior parte do documento relata diversas características físicas (relevo, hidrografia, geologia, edafologia) e sociais (demografia, antropologia, linguística, uso do solo), mas também biológicas, como distribuição, breve caracterização e extensão das vegetações de florestas e campos desde o interflúvio com o rio Ribeira, passando por Itararé e atingindo as terras roxas do norte do Paraná e sul de São Paulo. Nesse sentido, o autor é bastante preciso ao informar os pontos exatos de ocorrência das fitofisionomias desta região, no tempo em que ainda pouco se havia realizado de antropismos. Trata-se de uma descrição preciosa e precisa, vívida e detalhista, do aspecto vegetacional de muitos locais ao longo do rio

Paranapanema, tanto de seu curso quanto de zonas mais interioranas.

Alguns topônimos mencionados ligam-se à avifauna, como os ribeirões Macuco e Jacutinga e a “Fazenda Anhumas” (hoje município paulista, uma alusão óbvia a *Anhima cornuta*), situada pouco adiante da foz do Tibagi, localidade citada por Telêmaco Borba (1908). Sobre esta ave em particular, Sampaio (1890:33) dá mais informações, infelizmente não indicando em qual margem do rio a teria observado: “...entre as aves vê-se nas mattas a anhuma, grande ave que vae se tornando rara, do tamanho de um peru, as suas azas abertas tem mais altura que um homem, notavel pelo seu canto aflautado, um tanto soturno...”.

Outras espécies citadas, também sem apontamentos geográficos estão no trecho: “...a jacutinga, o jacú, enorme variedade de papagaios e pombas. Nos barreiros, pontos da margem do rio, onde o barro é salitrado, o ajuntamento da caça em certa hora do dia é couda extraordinaria. todos os animaes ahi vem comer sua ração, desde a anta corpulenta até a pomba esquiva. Nos campos as perdizes a suas variedades são a caça mais abundante e cobiçada; apparecem ahi tambem bandos de emas, com especialidade nos campos sujos e cerrados” (Sampaio, 1890:33-34).

Ao fim da obra, Teodoro Sampaio também junta uma coleção de palavras colhidas de três índios Caiuás do aldeamento Piraju (São Paulo, próximo à divisa com o Paraná) que o acompanharam na viagem. Algumas poucas aves são citadas, embora sem uma associação lógica à classificação técnica tampouco ao local de origem: beija-flôr=mainó; gavião=nhapucanin; papagaio=paracáu; passarinho=guirá; pato=ipêhe; periquito=behim-behim e pomba=apicassú.

Também do seu “O tupi na Geographia Nacional” (Sampaio, 1901) ¹⁶², especificamente no apêndice “Vocabulario Geographico Brasilico” é possível pinçar algumas menções à natureza e à avifauna do Paraná. Nesse fragmento, Sampaio inclui não somente os topônimos do tronco tupi por ele analisados mas também dá a origem etimológica e geográfica dos nomes. Três dos exemplos clássicos da toponímia paranaense estão ali figurados (Sampaio, 1901:127): Guarapuava (“**Guarapuava**, corr. *guará-puaba*, *guará*=*guirá* passaros, *puaba* ou *mbuaba* rumor, barulho, ruído, canto, som; portanto, *guirapuaba*, o rumor dos passaros, o canto das aves; Paraná”), Guaraqueçaba: (“**Guaraquissava**, c. *guará-kiçaba* ou *guirá-kiçaba*, ninho dos passaros ou dormida das aves; nome de um rio que desemboca na baía de Paranaguá, Paraná”) e Guaratuba (“**Guaratiba**, corr. *guará-tyba*, os guarás em abundância; pode ser corrupção de *guirá-tyba*, a passarada, as aves em abundância; [...] Paraná”).

¹⁶² Do qual constam, pelo menos, cinco edições.

Cronologia

- 1887** HERMANN VON IHERING publica “*Ornithologische Forschung in Brasilien*”, um artigo contendo o estado da arte da Ornitologia brasileira lançado pelo periódico austríaco *Ornis: Internationale Zeitschrift für die gesammte Ornithologie*. A obra foi recentemente traduzida por Walter A. Voss, com notas explicativas dele e de Glayson A. Bencke.
- 1887** Em Varsóvia, é criada a coleção particular dos irmãos Branicki, capitaneada pelo conde Constantin Branicki. O acervo passou à guarda governamental apenas em 1918 com a criação do Museu Nacional de História Natural, em 1953 incorporado à Academia Polonesa de Ciências como Museu e Instituto de Zoologia.
- 1888** Abolição da Escravatura, pela Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel.
- 1888** O cartógrafo alemão Henry Lange publica “*Südbrasilien: Die Provinzen São Pedro do Rio Grande do Sul, Santa Catarina und Parana mit Rücksicht auf der deutsche Kolonisation*”, abordando a colonização alemã no Sul do Brasil e incluindo farto material fotográfico de sua autoria e também de Marc Ferrez.
- 1888** O zoólogo dinamarquês Herluf Winge, conhecido pelas investigações sobre mamíferos e aves da Groenlândia, descreve a primeira ave fóssil conhecida para o Brasil, o anatídeo *Neochen pugil*.
- 1888** Durante quatro meses, a princesa Teresa da Baviera (1850-1925), que também era etnóloga e admiradora da botânica e zoologia, realiza grande viagem pelo Brasil, visitando a

Amazônia e partes do Nordeste e Sudeste do Brasil¹⁶³. Deposita o material colecionado em várias coleções europeias e publica a obra *“Meine Reise in den brasilianischen Tropen”*.

- 1888** Início do povoamento de Foz do Iguaçu e descoberta oficial da confluência do rio Iguaçu, pelos exploradores chefiados pelo tenente José Joaquim Firmino, em local habitado por indígenas desde 6.000 a.C. Um dos narradores do episódio é o sargento JOSÉ MARIA DE BRITO.

¹⁶³ Sua presença no Brasil não incluiu o Paraná, ainda que a resenha alusiva (redigida por Hermann von Ihering em um de seus dias de mau-humor) (Ihering, 1898b:538-539), sugira isso: *“A figura do pinhal é provavelmente do Estado do Paraná”*. Essa figura aparece de fato na obra (Thereza zu Princessen von Bayern, 1897: 454) com a legenda: *“Aracuarienwald in São Paulo (nach Reelus)”*, mas alude claramente ao intervalo percorrido entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo e, assim, refere-se possivelmente à Serra da Mantiqueira. O Paraná é de fato mencionado, porém, em um trecho que refere-se à continuidade da formação campestre daquela região (*op.cit.*:453): *“Das Binnenplateau wird von Campos bedeckt, welche gegen Paraná zu immer mehr den Charakter reiner Glasfluren annehmen”*.

1888

JOSÉ MARIA DE BRITO

JOSÉ MARIA DE BRITO (n. Piauí)¹⁶⁴ era o 2º sargento que participou das primeiras investidas que visitaram a foz do rio Iguaçu e, assim, deram início ao estabelecimento de populações naquela região.

Em 1888, ele deixou o Rio de Janeiro em missão oficial, demandando ao pequeno núcleo de Guarapuava onde, naquele mesmo ano, havia sido criada a Comissão Estratégica do Paraná¹⁶⁵, instituição oficializada pelo então ministério de Guerra e comandada pelo capitão (depois general) Bellarmino Augusto de Mendonça Lobo, personalidade que ficou famosa, no Exército brasileiro, quando da criação do tiro de guerra.

¹⁶⁴ Pouco foi possível apurar sobre sua biografia (que não consta no dicionário de Sacramento Blake), embora seja nome de uma importante avenida em Foz do Iguaçu. Na abertura da transcrição de 1977 (Brito, 1977:47), que parece ter sido escrita em 1938, consta ter sido “[...] nomeado chefe dos toldos de índios do sertão guarapuavano, tendo Catanduvas e Formigas como centro de ação. Constitui família pelo casamento com uma índia, de cuja união tem descendentes. Exerceu varios cargos publicos, tendo sido nestes ultimos annos professor publico rural em Fóz do Iguassú. Exonerado violentamente desse cargo já a idade e a saude não lhe permitem trabalhar em outro mistér, encontra-se hoje [leia-se 1938] o veterano descobridor e fundador da Fóz do Ifuassú, privado dos mais indispensaveis recursos para sua subsistencia”.

¹⁶⁵ A partir de 1892, essa comissão foi desmembrada e reformulada. Sua atribuição origina, enfim, era a delimitação e construção de vias de acesso pelo sul-sudoeste (Porto União/SC a Palmas), centro-norte (Salto do Cobre, no rio Ivaí), noroeste (foz do rio Piquiri) e oeste (Guarapuava a Foz do Iguaçu) do Paraná, razão pela qual acabou conhecida informalmente como “*comissão de estradas*”. O objetivo magno, no entanto, era a consolidação definitiva daquela antiga ideia de um canal de ligação entre o Paraná e o “Matto-Grosso” (leia-se cidade de Miranda/MS), buscada por tantos exploradores, geógrafos, militares ao longos dos séculos e repetitivamente citada nesta obra.

Como um dos primeiros trabalhos do grupo, Mendonça planejou uma expedição dali saindo em direção a oeste, por meio do destacamento liderado pelo tenente e engenheiro José Joaquim Firmino. A viagem partiu, a 25 de novembro de 1888, do ponto que depois sediou a Colônia Militar do Chopim e tinha o culto observador e narrador sargento Brito em suas fileiras. O objetivo da empreitada era claro: a formação de uma via de acesso (picada) para formalizar a “descoberta” da foz do rio Iguaçu, consolidando os limites brasileiros dali para norte, pelo Rio Paraná, até Guaíra. Esse local tinha especial interesse estratégico e econômico, visto se encontrar sob total domínio de uma população com mais de 320 pessoas, em sua maioria argentinos e paraguaios, que se dedicavam à extração da erva-mate e madeira, embarcadas no rio Paraná sem nenhum tipo de controle alfandegário.

O destino foi enfim alcançado em 15 de julho de 1889 após sete meses e vinte dias de trabalho, com a formação de uma picada de 39.892 léguas (cerca de 263,3 km) e três metros de largura, entre a colônia do Chopim e Foz do Iguaçu¹⁶⁶.

Alguns meses depois, em 13 de setembro de 1889, nova expedição foi organizada, agora deixando Guarapuava sob a direção do tenente José Baptista da Costa Júnior, constituindo-se no primeiro trabalho da “*Comissão Fundadora da Colonia Militar da Fóz do Iguassú*” que, como o próprio nome indicava, tinha a finalidade de estabelecer as bases para a fundação de uma colônia militar naquele lugarejo.

¹⁶⁶ A distância entre Foz do Iguaçu e Guarapuava foi estimada em 59.892 léguas (395,3 km). No entanto, leia-se como Guarapuava, o local chamado “Bocca da Picada” (ou “Bocca do Sertão”) que situava-se na “Fazenda do Chagú” (cerca de 30 km a norte da foz do Rio Chagu), hoje município de Laranjeiras do Sul e distando 186 km da sede daquela cidade (vide Camilo Léllis da Silva). Nessa fazenda é que, em 1859, foi instalado o Aldeamento do Chagu, de efêmera duração.

Brito, conhecedor da região, estava presente e, após percorrer um trajeto com “*60 léguas pelo sertão desconhecido e só habitado por animais selvagens, feras bravias e bugres que nunca antes tiveram contacto com civilizados*”, chegaram ao destino 69 dias depois, na histórica data de 22 de novembro de 1889 (Brito, 1977).

Ambas as viagens, bem como alguns apontamentos adicionais, constam de um opúsculo de pequena tiragem e distribuição modesta, deixado por ele e datado de 1938, pouco antes de seu falecimento. Esse trabalho acabou sendo transcrito e publicado em 1977 pelo Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná¹⁶⁷ e, em 2005, ganhou formato de livro graças à iniciativa da editora curitibana Travessa dos Editores¹⁶⁸. Nessa última edição os organizadores Beto Maciel e Fábio Campana ainda incluíram documentação inédita: um anexo oriundo do acervo do Ministério do Exército que continha a transcrição de um manuscrito de audiências particulares com colonos da “Colônia Militar do Iguassu”; esse material, datado de 1907, foi encontrado por acaso no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (Sbardelotto, 2009).

A rota percorrida por Brito não era nova, seguida que foi por engenheiros militares como Beaurepaire Rohan, Aloys Scherer, Camillo Lélis da Silva e outros (Straube, 2013); tampouco pode-se atribuir à expedição o caráter de descobrimento da foz do rio Iguaçu, conhecida desde Azara já no Século XVII. O sentido mais importante do evento era o cunho oficial do projeto, interligando a disseminação de ideais republicanos à colonização oficial da região, aspectos que – nesse sentido – podem ser considerados pioneiros.

¹⁶⁷ Toda a narrativa aqui considerada baseia-se nessa transcrição de 1977.

¹⁶⁸ Sbardelotto (2009) resenhou a edição atualizada, destacando: “Publicada pela primeira vez em 1938, em tiragem muito pequena – encontramos um exemplar original apenas no Arquivo Público do Paraná –, esta obra é rara e retrata na forma de testemunho parte da história do estado do Paraná e principalmente de sua região”

Por algum motivo Brito dedicou-se firmemente ao propósito de descrever suas experiências quando de sua chegada a Guarapuava e, depois, a Foz do Iguaçu e provavelmente abandonou e retomou o projeto várias vezes, visto que foi publicado apenas 48 anos depois. Mas seu intuito é claramente revelado já na abertura da obra (Brito, 1977:49):

Diz-me a consciencia não caber ao obscuro autor destas linhas esta tarefa, por falta de idoneidade, mas sim aos letrados que, por considerarem-na de pouca importancia talvez, não tomaram a iniciativa até este momento!

Dos que assistiram e tomaram parte nos acontecimentos que motivaram esta narrativa, existe um sobrevivente apenas e este no ultimo quartel da vida. Por este motivo, antes que a trombeta do destino toque a chamal-o, resolveu ele assumir a responsabilidade da úblicação dos referidos acontecimentos e assim ficar conhecido o fáto historico. Este sobrevivente é José Maria de Brito, autor desta narrativa”

O que é realmente interessante no trabalho de Brito, para os nossos propósitos, são as ocasionais descrições que faz da natureza, vegetação, relevo, hidrografia e alguns poucos detalhes da fauna, notadamente mamíferos e particularmente (leia-se repetitivamente) do mais temido dentre todos: a onça-pintada (“tigre”, segundo Brito).

Algumas informações geográficas são também úteis; consta, por exemplo, ter atravessado – entre Guarapuava e Foz do Iguaçu – um total de 210 cursos d’água, sendo dezesseis mais volumosos. Tais informações poderão ajudar

um muito a elucidação de certos itinerários semelhantes, aos quais – porém – falta a indicação mais precisa.

Infelizmente, se há prolixidade e tentativa de erudição no autor, pouco se aproveita sobre a avifauna. A primeira delas refere-se às menores altitudes, a partir da cidade de Palmas, quando o narrador percebe a mudança da vegetação, antes dominada pelos pinheiros e, agora, constituindo as florestas estacionais: “*D’ahi para baixo já pertencente ao vale do Paraná, nota-se mudança em tudo, não só em altitude, como na fauna e flora. No reino animal então e mudança é patente: bandos de **araras** adejavam vôo e desferiam-no rumo ao grande rio em um grasnar ensurdecedor, assustadas, dando a entender desconhecer aquelles homens que penetravam em seus dominios para perturbar a paz de que gozavam desde eras remotas!* (Brito, 1977:67). Naturalmente que essa indicação pouco ajuda, uma vez que sequer sugere qual tipo de arara foi observada e também a localização do contato é ausente.

Em seguida, detém-se nos papagaios (*Amazona aestiva*), comparando-os com a espécie mais comum na região planáltica: “*Bandos de papagaios de peito, encontros e cabeça amarelas, que o sertanejo guarapuavano denomina ‘Curraleiro’, especie esta que no Municipio de Guarapuava não há, ou há raramente em algum rincão mais afastado! Os curraleiros são mais bonitos e inteligentes do que os peito roxos e xom especial dom para expressar-se* (Brito, 1977:67)”.

É possível que Brito tenha deixado outros escritos, talvez inéditos até os dias de hoje. No entanto, o que se aproveita de sua narrativa disponível são duas únicas menções de aves, ambas relativas à família dos psitacídeos, que observou em algum lugar do terceiro planalto paranaense.

Cronologia

- 1889** O VISCONDE DE TAUNAY publica *“Curiosidades naturais da Província do Paraná”*, crônica sobre suas viagens à antiga Província, relatando características de paisagem e alguns animais por ele constatados.
- 1889** Proclamação da República pelo marechal Deodoro da Fonseca. O antigo presidente da Província do Paraná, Jesuíno Marcondes entrega o cargo ao coronel Francisco José Cardoso Júnior.
- 1889** O então tenente-coronel Francisco Raimundo Everton Quadros, participando da comissão de construção de um ramal da linha telegráfica entre Uberaba (MG) e Cuiabá (MT), realiza uma expedição entre Sorocaba (SP) e a margem paulista do rio Paranapanema, defronte à foz do Tibagi. Procede investigações sobre o uso do solo, mineralogia, botânica, fauna e especialmente sobre os indígenas ali encontrados, elaborando glossários. Publica seu relatório na revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
- 1889** Início da colonização judaica no Paraná, na região de Rolândia.
- 1889** Primeiro número da revista *“The Wilson Bulletin”*, lançado pela *Wilson Ornithological Society*.
- 1889** Lionel Walter Rothschild (Barão de Rothschild) cria um museu particular de história natural em Tring (Inglaterra), cuja coleção de aves foi depois (1931) vendida ao *American Museum of Natural History* de Nova York.
- 1889** Falece JOHANN TSCHUDI.
- 1889** Joel A. Allen publica a primeira revisão dos exemplares-tipo da

	coleção do Príncipe de Wied-Neuwied.
1890	Nascimento do naturalista curitibano GUIDO STRAUBE.
1890	Início das colonizações sírio-libanesa e espanhola no Paraná.
1890	Inicia-se, no Brasil, o período do Parnasianismo, com destaque para a obra de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia mas também do paranaense Emílio de Menezes.
1890	Experiência anarquista no Paraná, como decorrência de imigração européia e de baluartes como o agrônomo e músico Giovanni Rossi, que estabeleceu a Colônia Cecília, na região de Palmeira (Campos Gerais). Rossi havia sido mencionado por Carlos Gomes a Pedro II, quando de visita a Milão, na Itália.
1891	Início da colonização ucraniana no Paraná, principalmente em Curitiba, Prudentópolis e Mallet.
1891	É criado o Museu Paulista, com base no acervo comprado do coronel Joaquim Sartório. Seu primeiro diretor foi, a partir de 1893, o zoólogo alemão HERMANN VON IHERING que manteve-se no cargo até 1916, ampliando magnificamente as coleções zoológicas e criando o Jardim Botânico de São Paulo.
1891	Morre Pedro II, em seu exílio, na França.
1891	O farmacêutico e naturalista alemão Carl Ernst Otto Kuntze chega ao Brasil, onde permanece até o ano seguinte após longa peregrinação pelo interior e litoral do País. Com base nessa viagem e em numerosas outras, realizadas por vários países do mundo, ele publicou a obra <i>“Revisio generum plantarum”</i> (1891-1898), em três volumes.
1891	Joel A. Allen publica, em três fascículos (1891-1893), o artigo <i>“On a collection of birds from Chapada, Matto Grosso, Brazil, made by Herbert H.Smith”</i> , transformada em fonte de referência valiosa para o conhecimento da avifauna do Brasil Central.

1891 Primeira visita de JOZÉF SIEMIRADZKI ao Paraná, onde investiga a geologia local e coleciona material em São Mateus do Sul. Ali permanece até o ano seguinte, mas retorna, com os mesmos propósitos em 1896.

1891 e 1896

JÓZEF SIEMIRADZKI

JÓZEF SIEMIRADZKI¹⁶⁹ (n. Carcóvia [= Charków], na República Polônia-Lituânia¹⁷⁰, hoje Ucrânia: 28 de março de 1858; f. Varsóvia, Polônia: 12 de dezembro de 1933) era doutor em geologia e especialista em emigração, tendo lecionado geologia e paleontologia da Universidade Jan Kazimierz em Lwów (Polônia). Como positivista era fortemente engajado na política, procurando expressar seus conceitos entre as mais importantes entidades científicas polacas da época, das quais era membro e participante assíduo. Trata-se de mais um exemplo de personalidade que, embora muitíssimo celebrada e reconhecida em sua pátria, permaneceu vergonhosamente omitida na maior parte das revisões brasileiras, não obstante tenha contribuído de forma decisiva e especialmente rica para vários assuntos importantes para a história natural.

No anúncio de seu falecimento, publicado em um jornal de Varsóvia consta (Glowniak, 2007): “*Professor at Jan Kazimierz University, Member of the Polish Academy of Arts and Sciences, Honorary Member of the Polish*

¹⁶⁹ Wachowicz & Malchewski (2000) grafam “Siemieradzki”, mas a forma Siemiradzki parece ser a correta (Sztolcman, 1926b), inclusive com base nas suas próprias assinaturas em correspondências (Glowniak, 2007) e como ele próprio grafava em suas obras. A declinação (“*Józefa Siemiradzkiego*”) aplicada à autoria nominal de vários estudos, pode dificultar buscas pela internet. Joséf era filho de um coronel e comandante do Regimento Hussar e membro da nobreza polaca; o irmão de seu pai era o famoso pintor Henryk Heक्टर Siemiradzki (Glowniak, 2007).

¹⁷⁰ Que era ocupada, na época, pelo reino da Rússia; não confundir com *Kraków* (= Cracóvia), que fica na Polônia.

Geological Institute, Commander of the Order of Polonia Restituta, Defender of Lvov, awarded the Cross of Valour, died on 12 December 1933, at the age of 74.”.

Em 1882-1883 viajou por uma grande área incluindo América Central (Panamá), Antilhas e a Amazônia (Colômbia, Peru, Equador e Venezuela) junto com o ainda jovem Jan Sztolcman (Berlepsch & Taczanowski, 1883, 1884; Domaniewski, 1929) que, muitos anos depois, ficou conhecido como o revisor do material ornitológico colecionado pela Terceira Expedição de Tadeusz Chrostowski ao Paraná (Jaczewski, 1925; Sztolcman, 1926a). Dessa viagem publicou um livro (Siemiradzki, 1885), cujo título pode ser traduzido como “*De Varsóvia ao Equador: memórias de uma viagem à América do Sul feita entre os anos de 1882 e 1883*”. Nele, o enfoque concentra-se nas Américas Central e do Sul, com ênfase na República do Equador, com abordagens a alguns da natureza, mas também da questão social, imigração e detalhes peculiares de paisagem.

Siemiradzki esteve no Paraná em duas ocasiões. A primeira delas (1891-1892) teria sido em companhia de Witold Lazniewski e Antony Hempel, compondo uma delegação oficial destinada a averiguar o processo de imigração polonesa. Para isso, percorreu todos os estados meridionais do Brasil, extensa área da Argentina, incluindo a Patagônia (P.K., 1893; Wachowicz & Malchewski, 2000), além do Chile e Paraguai (Graniczny *et al.*, 2008). Sua passagem por Curitiba teria a finalidade de estabelecer o consulado austro-húngaro, para atender os imigrantes polacos quando do processo de ocupação deste país (Głowniak, 2007), iniciado no Paraná por volta de 1870 (Kania, 2004; Oliveira, 2009).



Józef Siemiradzki, no início do Século XX (direita); Jan Sztolcman e Józef Siemiradzki no norte dos Andes (1882-1883) (esquerda) (Fonte: Glowinski, 2007).

Referente a essa estada, publicou (Siemiradzki, 1896) uma obra que tangencia diretamente o Paraná, versando especificamente a questão imigratória e cujo título pode ser traduzido como: “*À margem da civilização: cartas de uma viagem à América do Sul feita no ano de 1891*”.

Posteriormente, entre 1896 e 1897, retornou ao Sul do Brasil, como os mesmos objetivos, porém, agora trabalhando com o padre Jan Wolanski. Sobre essa estada publicou, ao que se sabe, uma obra em dois volumes (“*Nas trilhas dos emigrantes: memórias de uma viagem pelo Brasil, feita em nome do Governo Regional da Galícia*”) (Siemiradzki, 1900). Há também uma impressão de seu relatório, divulgado como uma separata de um periódico sobre comércio e geografia (“*Relatório de Józef Siemiradzki e padre Jan Wolanski sobre uma viagem ao sul do Brasil*”).

Desse último observa-se claramente a preocupação do autor em alertar os imigrantes sobre o Brasil fantasioso

que era anunciado na Europa, bem como os aspectos sociais, econômicos e políticos do país. Há uma descrição de aspectos corográficos da região Sul eventualmente tratados de forma negativa, ainda que absolutamente verdadeiros, do ponto de vista dos imigrantes, imaginando o que iriam se deparar frente a situações completamente diferentes daquelas conhecidas em suas pátrias. Há, por exemplo, indicação a animais “perigosos” (leia-se “pragas”), como onças, pumas, lobos (textualmente “*cani-azarae*”, ou seja, *Cerdocyon thous*), raposas e lontras, os quais demandariam o uso de armas de fogo e cães, a fim de mantê-los afastados. Também são mencionados animais prejudiciais à agricultura como capivara, antas, veados, coelhos, macacos e papagaios que, aos milhares, invadem as lavoura de milho e as árvores frutíferas (Siemiradzki & Wolanski, 1902:49).

Pelo observado, concluímos que Siemiradzki agia e pensava como um observador indignado que, mesmo a par do vasto campo científico proporcionado pelo Brasil, expressava-se, com a máxima sinceridade possível, sobre o que havia encontrado no lugar para onde grande parte de sua gente estava pretendendo emigrar.

Segundo Wachowicz & Malchewski (2000), Siemiradzki aproveitou para fazer várias observações etnológicas e geográficas, durante suas duas estadas no Paraná. É difícil, porém, visualizar esse tipo de contribuição, ou melhor, algo que – inédito – se sobressaísse do conjunto já conhecido para o Paraná do fim do Século XIX. Seus relatos e crônicas parecem muito bem fundamentados, mas – a rigor – reúnem informações compiladas de terceiros, eventualmente enriquecidas com suas observações próprias, que não eram muito ricas.

Por outro lado, sabe-se que ele se dedicou com profundidade à Geologia, publicando seus resultados em alemão, francês, espanhol e polonês (Maack, 1981) e, de

fato, nesse campo a sua contribuição pode ser considerada particularmente importante. Sua obra “*Geologische Reisebeobachtungen in Südbasilien*”¹⁷¹, por exemplo, contém “o primeiro esboço de perfil geológico-tectônico através da região do Estado do Paraná” (Maack, 1981), resultado de especial valor para o conhecimento da geologia do estado do Paraná. E vai além disso¹⁷² (Ihering, 1898b:522):

“O autor viajou nos Estados meridionaes desde S. Paulo até o Rio Grande do Sul. Chama a attenção a um facto até agora despercebido, tal como a existência de diversas extensas perturbações geológicas, apresentando-se como fendas que separam as serras e planaltos. O autor examinou os depósitos devonianos do Estado do Paraná, que consistem em schistos argillosos de côr pardo-escura em Palmeira com Spirifer antarcticus e em schistos pretos em Ponta Grossa com petrefactos pertencentes aos géneros Ligula e Discina. Ao devoniano pertencem também segundo Derby as camadas diamantíferas de Tibagy. Camadas carboníferas existem no Estado do Paraná no curso inferior do Rio Tibagy em Guarapuava, no Rio Ivaí, na colónia Prudentópolis e no Rio Iguassú (Porto Amazonas). As figuras da estampa carecem da explicação, não se sabendo pois a que espécie se referem.

A respeito dos sambaquis diz o autor que a maior parte entre elles, especialmente os maiores, são de idade quartario-antiga, formados pelo mar e de modo algum pelos indígenas”.

O que não resta dúvida é que sua rotina de campo, quando livre dos afazeres políticos para os quais havia sido designado, era de estudar a geologia dos pontos por onde passava e, ainda, colecionar espécimes, notadamente de aves. Graças a isso pôde reunir um montante razoável de dados que posteriormente estudou e publicou, entregando os exemplares para que seus colegas estudassem. Segundo

¹⁷¹ “Viagem de observação geológica no Sul do Brasil”.

¹⁷² Mais detalhes sobre o legado geológico e paleontológico de Siemiradzki, estão em Lange (1954:5-6).

Wachowski & Malchewski (2000), ele publicou dezenas de artigos e livros, versando sobre geologia, paleontologia e memórias descritivas da colonização polaca na América do Sul. Glowniak (2007), sua biógrafa, contou 117 artigos, 5 traduções de livros e, ainda, sete estudos que deixou em preparação. Por essa razão é celebrado como precursor de teorias ligadas a diversos campos do conhecimento das geociências (Maack, 1981; Ab'Saber, 2007).

Também publicou, como visto acima, obras narrativas sobre suas viagens, incluindo diversas observações e relatos, material que se assemelha, de certa forma, ao de Arkady Fiedler, embora sob outro contexto e com divulgação muito mais restrita, devido ao idioma em que a maior parte foi publicada¹⁷³.

Não há dúvidas de que Siemiradzki coletou aves no Paraná¹⁷⁴, em pelo menos uma de suas estadas. Isso pode ser comprovado pelo exemplar citado por Sztolcman (1926b) e que consiste do tipo de *Cranioleuca obsoleta siemiradzkii* (PAS-2348), coletado em “*San Mateus, Paraná, Brésil mér.*”¹⁷⁵. No Museu de Zoologia da Academia Polonesa de Ciências, Varsóvia, há outros exemplares por ele obtidos¹⁷⁶.

¹⁷³ Somente por esse último motivo é que, aqui, não pude decifrar uma infinidade de informações lá contidas. Com isso, deixo o espaço aberto a investigadores que, versados na língua polonesa, estejam aptos a filtrar, nos modos como se tem feito na presente obra, os elementos alusivos à história natural.

¹⁷⁴ Assim como o fez na Argentina (Sztolcman, 1926b). Há pelo menos um exemplo de nome válido de ave em sua homenagem: *Carduelis siemiradzkii*, de distribuição restrita a uma pequena área da costa do Equador. Outros organismos que podem ser citados são *Cyclanthera siemiradzkii* (Cucurbitaceae) e fósseis como *Zychaspis siemiradzkii* (Agnatha) e *Rhynchospirina siemiradzkii* (Brachyopoda).

¹⁷⁵ Segundo Mlikowsky (2009:103), no rótulo original consta “*S. Matheo*”. É de nossa opinião (discordante, portanto, daquela oferecida por Mlikowsky, 2009) que se trata de um exemplar jovem de *Cranioleuca pallida*, conforme já divulgado alhures (Straube & Bornschein, 1991b).

¹⁷⁶ Sem data nem procedência informada constam: PAS-14324: *Euphonia violacea*, PAS-27696: *Phaethornis eurynome*, PAS-35395: *Stephanoxis lalandi*, PAS-37366: *Thraupis ornata*, PAS-37593: *Tersina viridis* e PAS-40956: *Phyllomyias virescens*; apenas com informação sobre localidade estão PAS-30304: *Turdus amaurochalinus* (coletado em “*Kurytyba*” = Curitiba), PAS-40911: *Anthus nattereri* (localidade “Parana”), PAS-41088: *Xiphocolaptes albicollis* (“*San Mateo*” = São Mateus do Sul), PAS-37233: *Buteo*

mas apenas após uma revisão detalhada de identificações e resgate de localidades é que seria possível considerá-los como tal.

Sobre essa contribuição, é possível que ele tenha aplicado a influência de colecionamento de espécimes trazida do amigo Jan Sztolcman durante sua primeira viagem pelo norte da América do Sul onde, além de estimulado por seu interesse geológico, também visou secundariamente a coleta das centenas de espécimes ornitológicos, hoje em grande parte depositados no Museu de Varsóvia (Głowniak, 2007). O estudo aprofundado desse material, somados àqueles obtidos por outros naturalistas poloneses contemporâneos na América do Sul era, aliás, um dos projetos de Tadeusz Chrostowski (TSP, 1925), que chegou ao Paraná explicitamente inspirado, dentre outros, em seu terrâneo.

Algo pouco conhecido é que coube também a Siemiradzki a preparação de uma versão polonesa ao livreto publicado pelo governo do Paraná (Correia, 1895)¹⁷⁷ e que trazia inúmeras informações para orientar os imigrantes europeus, quando da chegada ao estado. No conteúdo desse documento em polaco, a menção à avifauna aparece da seguinte maneira:

albicaudatus (“Matheo” = São Mateus do Sul), PAS-19384: *Lepidocolaptes falcinellus* (“Sao Mateos” = São Mateus do Sul) (GBIF Data Portal: <http://www.gbif.net>, acessado em 21 de julho de 2008).

¹⁷⁷ Esse documento consiste de uma tradução adaptada que, em grande parte (e também nos propósitos), assemelha-se a PARANÁ (1875, vide acima), porém, com diferenças muito nítidas para que pudessem ser consideradas a mesma obra porventura revisada. Na comparação entre as duas, há algumas diferenças que podem ter sido oriundas de uma terceira versão (inglesa, como indicado na contracapa) usada por ele e que aparecem claramente por um número menor de páginas e algumas intervenções, no tocante à história natural. Desconsiderados os aceitáveis erros gráficos, parece que Siemiradzki não era muito afeito à Ornitologia, considerando terem se passado quatro anos desde sua primeira estada em solo paranaense.

“**Ptaki.** Bocian (*Mycteria americana*), liczne gatunki czapel¹⁷⁸, gesi, kaczek wielkich i małych, dwa gatunki kuropatw (*Crypturus*) czajki (*Vanellus, cayennensis jacutinga* (*Urax* i *Crax*), Macuco (*penelope*), kacyki (*icterus*), dziecioly, papugi rozmaitych rozmiarów i kolorów, tukany, golebie, kolibry i t. d.”

“**Aves.** Cegonha (*Mycteria americana*), várias espécies de garças, gansos, patos grandes e pequenos, duas espécies de perdiz (*Crypturus*) abibe¹⁷⁹ (*Vanellus, cayennensis Jacutinga* (*Urax* e *Crax*), Macuco (*penelope*), kacyki (*icterus*), pica-paus, papagaios de vários tamanhos e cores, tucanos, pombas, beija-flores e etc”

¹⁷⁸ Atualmente “czapla”.

¹⁷⁹ Parece ser essa a melhor tradução, para o português de Portugal, do nosso quero-quero (*Vanellus chilensis*).

Cronologia

- 1892** Chegada, ao Paraná, do pintor, escultor, desenhista e professor norueguês Alfredo Andersen, após breve permanência em Paranaguá. Considerado o patrono da pintura no Paraná, foi premiado em diversas exposições e contribuiu, como poucos, para a sedimentação das artes plásticas no Estado. Atuou vários anos como professor de pintura, fazendo vasta escola e formando diversos artistas contemporâneos.
- 1892** Os botânicos suecos Carl Axel Magnus Lindman e Gustaf Orkar Andersson Malme chegam ao Brasil, onde permanecem até 1894 com o financiamento de Anders Friedrik Regnell (Expedição Regnelliana), após visitar os estados do Rio Grande do Sul e Mato Grosso e também o Paraguai. Colecionaram cerca de 5000 exemplares, destinando-os ao *Naturhistoriska riksmuseet*, ou Museu Sueco de História Natural.
- 1892** JOSÉ CÂNDIDO MURICI (Filho) realiza uma expedição exploratória entre Guarapuava e Foz do Iguaçu, que rendeu a publicação póstuma de seus resultados no clássico livro *“Viagem ao país do jesuítas”*.

1892 e 1896

JOSÉ CÂNDIDO MURICI (FILHO)

JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICI, filho ¹⁸⁰, o “General Murici” (n. Curitiba: 30 de julho de 1863; f. Rio de Janeiro: 11 de julho de 1943), era militar e foi um dos participantes da revolução que derrubou a monarquia. Além disso fez o primeiro levantamento topográfico da região das Cataratas do Iguaçu em 1892, no cargo de auxiliar técnico da Comissão Estratégica do Paraná. Três anos depois foi eleito deputado estadual, cargo ocupado por cinco legislaturas. Publicou diversas contribuições, desde relatórios de viagens, poesias, contos e artigos variados sobre história, assuntos militares e também pecuária e equitação.

¹⁸⁰ Ravazzani (2008) corrige a grafia tradicionalmente usada para o nome familiar: “*Muitas vezes seu nome é escrito incorretamente com y, inclusive na ‘Alameda Doutor Muricy’, com o que a Câmara Municipal o homenageou, através da Lei Municipal 353, de 2 de dezembro de 1912*”. Aqui acatamos essa indicação, ainda que sob certa contradição aos métodos utilizados desde o início da obra que inclui a adoção de nomes tal como foram escritos nas fontes primárias; a respectiva referência bibliográfica, no entanto, mantém a forma original utilizada. Também é importante lembrar que a história do Paraná conta com pelo menos quatro personalidades homônimas – ou quase – da família Murici. José Cândido da Silva Murici (pai), conhecido localmente como “Dr. Murici” (é homenageado em importante logradouro do centro de Curitiba), era soteropolitano (1827-1879) e foi um dos médicos mais destacados no estado. É de sua autoria (com Monteiro Tourinho e Sá Ribas) o “*Relatório da descrição geral da Província do Paraná*” de 1867 e, com Agostinho Ermelino de Leão, foi um dos fundadores do Museu Paranaense, criado em 1876 (Trevisan, 1976). O irmão do biografado era João Cândido da Silva Murici, também militar e curitibano (nascido em 1895) que foi comissionário de terras e chefe da polícia estadual paranaense. Há ainda o filho de José Cândido (filho), chamado José Cândido de Andrade Murici, ou “Andrade Murici”, crítico literário e musical e um dos fundadores de Academia Paranaense de Letras, falecido em 1984 com 99 anos de idade.

Sua viagem a Foz do Iguaçu rendeu a publicação de um artigo (Muricy, 1896), pouco conhecido, e que alude a uma série de detalhes observados no trecho entre Guarapuava e a então colônia militar fronteiriça¹⁸¹. De acordo com a resenha apresentada no editorial do periódico “O Cenáculo” (1896; vol. 20:157-158): *“O Sr. Muricy interpreta com nitidez e brilhantismo o extraordinario segredo dos sertões primitivos; e dá-nos o tom exacto das florestas virgens. De amena leitura, a Viagem á foz do Iguassú traz, além da descripção do itinerario, tão attrahente e pittoresca, - preciosos dados a respeito da flora e fauna daquella zona do Estado, tão rica e tão pouco explorada ainda”*.



José Cândido da Silva Muricy (circa 1893), na época primeiro-tenente, auxiliar da Comissão Estratégica do Paraná (Fonte: Muricy, s.d.).

¹⁸¹ Não tive acesso a essa obra; as informações alusivas a ela baseiam-se em fontes secundárias.

Além desse estudo, Murici ficou mais conhecido nos círculos intelectuais curitibanos pelo manuscrito de uma obra que denominou “*Viagem á Republica Theocratica do Guayra*”, onde faz uma crônica de uma expedição realizada em 1896 da qual teria participado com 33 anos de idade, ainda sob patente de primeiro-tenente e em pleno exercício de seu primeiro mandato como deputado provincial. O livro, de conteúdo análogo ao estilo de Bigg-Wither, acabou sendo publicado apenas em 1975, com o título de “Viagem ao País dos Jesuitas”, por iniciativa da Imprensa Oficial do estado do Paraná.

Teve essa viagem o claro objetivo de realizar uma “pesquisa arqueológica nas velhas reduções jesuitas do Guaíra” (segundo Andrade Murici, na apresentação de Muricy, 1975), mas também era claro o intento de uma busca por tesouros e riquezas abandonadas na cidade colonial espanhola de *Villa Rica del Espiritu Santo*¹⁸², quando de sua destruição pela bandeira de Raposo Tavares. Em vários trechos relativos à sua presença em Vila Rica isso é mencionado e mesmo a coleta de amostras para pesquisa mineral aparece com destaque na passagem (Muricy, 1975:337):

"Entretanto, as nossas canoas estavam carregadas de sacos contendo amostras de minérios para serem estudados no Museu [Paranaense?] e na Casa da Moeda do Rio de Janeiro e, por intermédio de amigos nossos e do Tomascheck, na Alemanha".

¹⁸² Esse local, hoje em dia, está protegido pelo Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo, no município de Fênix.

Levando-se em consideração o perfil do autor, porém, pode-se afirmar que a expedição visava também ao reconhecimento geográfico daquela vasta e inabitada região, além da menção à fauna e flora que era constatada ao longo do percurso.

Cabe ressaltar, porém, que as crônicas de Murici merecem tratamento especial, haja vista a suspeita clara quanto à fidedignidade de certas descrições, algumas delas referentes a espécies de presença duvidosa em território paranaense, particularmente no caso de mamíferos.

Tal como procedido em várias corografias da época não havia, por parte do viajante, nenhum interesse que fosse além do épico, em registrar espécies, associando tais informações a localidade e datas. Muitos organismos, por assim dizer, são citados em sua nomenclatura latina - obviamente ultrapassada - mas mostrando que houve uma leitura ao menos superficial, de livros de história natural disponíveis na época. Esse preparo, destinado à redação do livro, indica que seus apontamentos estão repletos de teoria e, desta forma, muitos exemplos de animais citados no decorrer o documento podem ser fictícios ou, pelo menos, tratarem-se de identificações tentativas de organismos visualizados durante o percurso.

Na região de Vila Rica, por exemplo, são citados “jacamins”, aves restritas à Amazônia (família Psophiidae) e cuja denominação não pudemos sequer comparar com outra espécie de ocorrência local.

Uma avaliação crítica do livro demonstra claramente que animais eram apenas dignos de menção quando possuíam interesse cinegético e, desta forma, servindo-se à alimentação do grupo ou compunham um panorama sonoro (sempre noturno) pretensamente complexo e baseado apenas na audição. Muito raramente, aves notáveis quando

flagradas foram citadas, ainda assim, imprecisamente citadas.



José Cândido da Silva Murici
(Fonte: Muricy, 1975).

Preocupa-se mais o cronista em descrever diálogos entre os expedicionários e as atribulações decorrentes da viagem fluvial, eventualmente oferecendo descrições de animais mais notáveis; isso é evidente se considerarmos a pequena quantidade de animais mencionados, não obstante a primitividade da vegetação nativa naquela época.

Outro detalhe liga-se ao ano da publicação - 1975 - sob os auspícios da Secretaria de Estado dos Transportes, ou seja, quase 80 anos depois de ter ocorrido a expedição e 32 anos após o falecimento do autor. Esse aspecto é importante

se não definitivo, uma vez que não se pode resgatar o nomes dos responsáveis pela redação, atualização ortográfica e demais revisões, omitidos no corpo do livro. Nem mesmo a abertura - aparentemente redigida por algum membro da referida secretaria - é assinada e tampouco em seu conteúdo há qualquer indicativo que permita uma avaliação biblioteconômica mais adequada.

Não obstante todas essas limitações da referida obra, Pachaly *et al.* (2005) parecem não ter tomado nenhuma precaução acerca desses registros, tidos por esses autores como certos e indubitáveis, identificando onze espécies de aves na narrativa, que passamos a revisar com o critério desejável. Note-se que algumas aves mencionadas devem ser descartadas de início, uma vez que não se trataram de constatações obtidas *in situ* durante a expedição e sim de exemplos generalistas, colhidos em outras regiões e apresentados à guisa de exemplos. Um destes trechos pode ser transcrito, servindo-se como reflexão: “*Abundam, também, [...] , mutuns, jacús, jacutingas, nambus, urús, macucos, perdizes, codornas, jaós, patos, marrecos e centenares de outras aves, além da incrível variedade de pássaros*” (Muricy, 1975:230-231). As espécies não eram, nesse fragmento, tratadas como registros locais e sim como argumentos destacando as qualidades do Brasil, e do Paraná em particular, na qualidade de espécies cinegéticas. Mais adiante, isso fica ainda mais claro, quando trata das espécies de peixes e de sua riqueza nos vários rios paranaenses: “*Aos amantes da pesca que rivaliza com a caça em riqueza, temos os piscosos Piquiri, Ivaí, Cinzas, Paranapanema, Paraná e outros muitos, verdadeiras piscinas de riqueza assombrosa, onde proliferam os enormes mangurujús, jaús...*”.

Não obstante, à figura de diversas crônicas clássicas, científicas ou não, daquela época, são presentes algumas

menções aproveitáveis a espécies de importância no conhecimento ornitogeográfico paranaense. Incluem-se nesse sentido, a jacutinga (*Aburria jacutinga*), mencionada em vários locais da obra. Alguns detalhes adicionais, trazem informações sobre as aves na cultura do sul do Brasil, inclusive os hábitos do “carancho” (*sic*) (*Milvago chimachima*) e o temor do caboclo ao canto plangente da “urutágua” (*Nyctibius griseus*), tida como ave de mau-agouro.

Revisão e identificação tentativa das aves (alegada e efetivamente avistadas) citadas em ordem de aparição, por José Cândido da Silva Murici (filho) (Muricy, 1975) quando de sua expedição pelo Paraná, realizada em 1896.

MENÇÃO	PÁGINA(S)	IDENTIFICAÇÃO TENTATIVA
“Corujas”	30	Strigidae ou Tytonidae “Aparvalhadas, espectrais, pousadas e tristemente encolhidas nas erosões e desvãos das pedras, desconfiadas corujas , com gestos míopes, seguem todos os nossos movimentos, co olhares esgazeados, soltando agudos gritos e estríduos pios”
“Taperás”	31	Apodidae, talvez <i>Streptoprocne</i> spp. “...entremeados dos estridentes gritos dos taperás e sibilos de morcegos...”
“Canários”	36	<i>Sicalis flaveola</i> “...o chilrear dos canários e chopins;”
“Chopins”	36	Icteridae, talvez <i>Gnorimopsar chopi</i> “...o chilrear dos canários e chopins ;”
“Andorinhas”	36	Hirundinidae, talvez <i>Pygochelidon cyanoleuca</i> “...o pipilo das andorinhas esvoaçantes no beiral das casas...”
“Papagaios”	121,190	<i>Amazona aestiva</i> ou <i>A. vinacea</i> “...a estrídula gritaria dos papagaios , baitacas, tirivas e periquitos que em enormes bandos verdes cruzavam pelos ares o rio, em busca da zona onde dá pinhão”. “Grandes bandos de papagaios , periquitos e tirivas baixavam a todos os instantes sôbre os barreiros, cobrindo-os de uma alcatifa verde, fazendo revoar assustadas, num entrevêro multicolor, miríades de borboletas polimorfas e multígenas, para voltarem pouco depois quando aquêles, levantando vôo, iam guarnecer como se fôsem fôlhas e frutos, a galharia do arvoredo marginal”.
“Baitacas”	121	<i>Pionus maximiliani</i> “...a estrídula gritaria dos papagaios, baitacas , tirivas e periquitos [...]”.
“Tirivas”	121,190	<i>Pyrrhura frontalis</i> “...a estrídula gritaria dos papagaios, baitacas, tirivas e periquitos [...]”.

“Grandes bandos de papagaios, periquitos e **tirivas** baixavam a todos os instantes sôbre os barreiros, cobrindo-os de uma alcatifa verde, fazendo revoar assustadas, num entrevêro multicolor, miríades de borboletas polimorfas e multígenas, para voltarem pouco depois quando aquêles, levantando vôo, iam guarnecer como se fôsssem fôlhas e frutos, a galharia do arvoredo marginal”.

“Periquitos”	121, 190	<i>Brotogeris tirica</i> ou <i>Aratinga leucophthalma</i> “...a estrídula gritaria dos papagaios, baitacas, tirivas e periquitos [...]” “Grandes bandos de papagaios, periquitos e tirivas baixavam a todos os instantes sôbre os barreiros, cobrindo-os de uma alcatifa verde, fazendo revoar assustadas, num entrevêro multicolor, miríades de borboletas polimorfas e multígenas, para voltarem pouco depois quando aquêles, levantando vôo, iam guarnecer como se fôsssem fôlhas e frutos, a galharia do arvoredo marginal”.
“Urutáuas”	152	<i>Nyctibius griseus</i> “...o silêncio da mata era quebrado pelo prantivo clamar das Urutáuas , [...]”
“Jacutingas”	175, 182	<i>Aburria jacutinga</i> “...chegaram quase à noite trazendo algumas jacutingas e uns dois macucos [...]” “O Cirino contara-nos que, nesse dia, ouvindo piar uma jacutinga quando andava procurando por mel para nós, buscou por ela e matou-a com um tiro”.
“Jacu”	182	<i>Penelope</i> sp. “Ouvindo em seguida gritar um jacu , não foi logo apanhar a primeira caça, contando apanhá-la depois, mas não alcançando o jacu , retornou para tratar disso e muito admirado ficou de só encontrar algumas penas espalhadas”.
“Macucos”	175, 182	<i>Tinamus solitarius</i> “...chegaram quase à noite trazendo algumas jacutingas e uns dois macucos [...]” “...quando escuítei, ali anexinho d’úa veis, o pio dum macuco [...]”
“Marrecos”	187	Anatidae, talvez <i>Amazonetta brasiliensis</i> “Grandes bandos de marrecos , patos selvagens de plumagem negro-furta côr [...]”
“Patos selvagens”	187, 245	<i>Cairina moschata</i> “Grandes bandos de marrecos, patos selvagens de plumagem negro-furta côr [...]” “...no grasnado dos patos selvagens [...]”
“Biguás”	187	<i>Phalacrocorax brasilianus</i> “...bem como de biguás e mergulhões que formavam grandes manchas à superfície das águas levantando vôo pesado e ondulante, enchiam por momentos o espaço, abatendo-se pouco adiante sôbre os sécos esqueletos das árvores ribeirinhas, que vestiam a animavam com movimentos as asas e pescoços, e de onde eram, em brevem desalojadas pelas nossas balas”.
“Mergulhões”	187	Não identificável “...bem como de biguás e mergulhões [idem acima]”
“Aves notívagas”	245	Talvez Strigiformes ou Caprimulgiformes “...nos pios das aves notívagas [...]”

“Corujas”	281	Strigidae	“...os pios agudos das corujas ”.
“Urutáuas”	281	Nyctibius griseus	“...e o plangente clamar das urutáuas , [...]”
“Nambus”	296	Tinamidae, talvez Crypturellus obsoletus	“...e agora só poderíamos fazer uma pequena refeição, com dois nambus que Colaço matara para se distrair [...]”
“Nambuzada”	297	Tinamidae, talvez Crypturellus obsoletus	“Mecê ôie o piá da nambuzada , da macucada, e intê bacurau tá cantando! Não hai tanta caça junto!”
“Macucada”	297	Tinamus solitarius	“Mecê ôie o piá da nambuzada, da macucada , e intê bacurau tá cantando! Não hai tanta caça junto!”
“Bacurau”	297	Caprimulgidae	“Mecê ôie o piá da nambuzada, da macucada, e intê bacurau tá cantando! Não hai tanta caça junto!”
“Corujas”	301	Strigidae	“...os pios das corujas , [...]”
“Biguás”	301	Phalacrocorax brasilianus	“o grasnado dos biguás e mergulhões, [...]”
“Mergulhões”	301	Não identificável	“o grasnado dos biguás e mergulhões , [...]”
“Inambus”	303	Tinamidae, talvez Crypturellus obsoletus	“Tôdas as turmas que saíram nesse dia voltaram trazendo abundante caça, de pena e de pele: inambus , [...]”
“Jacutingas”	303	Aburria jacutinga	“Tôdas as turmas que saíram nesse dia voltaram trazendo abundante caça, de pena e de pele: [...], jacutingas , [...]”
“Macucos”	303	Tinamus solitarius	“Tôdas as turmas que saíram nesse dia voltaram trazendo abundante caça, de pena e de pele: [...], macucos , [...]”
“Pombas torcaz”	303	Columbidae (Patagioenas sp.)	“Tôdas as turmas que saíram nesse dia voltaram trazendo abundante caça, de pena e de pele: [...], pombas torcaz , [...]”
“Macuco”	306	Tinamus solitarius	“ Macuco , inambu, uru, jaó, pro mode as laranja e os ingá que caia das arvre, tavam se tecendo por o chão, c’a gente.”
“Inambu”	306	Tinamidae, talvez Crypturellus obsoletus	“Macuco, inambu , uru, jaó, pro mode as laranja e os ingá que caia das arvre, tavam se tecendo por o chão, c’a gente.”
“Uru”	306	Odontophorus capueira	“Macuco, inambu, uru , jaó, pro mode as laranja e os ingá que caia das arvre, tavam se tecendo por o chão, c’a gente.”
“Jaó”	306	Crypturellus undulatus (?)	“Macuco, inambu, uru, jaó , pro mode as laranja e os ingá que caia das arvre, tavam se tecendo por o chão, c’a gente.”
“Jacu véio”	306	Penelope obscura	“Antãoce jacu véio e jacutinga, era aos bando por as arvres, misturando c’a macacada que se balançava por os cipó, vê volantim. Intê tava importante de se vê. De certo êles não nos tinham enxergado inda, e era aquêles brinquedos, aquêles pio e aquelas gargaiaada de

		<i>jacu por tudo. Mais de repente, deu de se ouvi uns pio meio assustado dum jacu véio que, de certo, tava de bombêro ansim p'rua banda".</i>
"Jacutinga"	306	<i>Aburria jacutinga</i>
		<i>"Antãoce jacu véio e jacutinga [...]"</i>
"Inambus"	327	<i>Crypturellus sp.</i>
		<i>"Os inambus escalavam os seus pios com o gritar dos jacamins"¹⁸³ saudando a madrugada [...]"</i>
"Urutauas"	327	<i>Nyctibius griseus</i>
		<i>" [...] enquanto as urutauas, na plangência dos últimos queixumes, despediam-se da noite e dos outros notívagos"</i>
"Jacutingas"	339	<i>Aburria jacutinga</i>
		<i>" [...] e mais seis jacutingas, muito grandes e gordas, e com que nos banqueteamos ao jantar e ao almoço do dia seguinte, entre canjas e assados".</i>
"Jacutingas"	373	<i>Aburria jacutinga</i>
		<i>" [...] e alguns jacutingas, caçados também nesse dia [...]"</i>
"Sabiá"	380	<i>Turdidae, talvez Turdus rufiventris</i>
		<i>"se não fomos agradavelmente despertados pelo canto de um canoro sabiá. Pousado no mais denso daquela imensa folhagem, a ave solitária despedia-se do sol que mansamente se apagava. Acalentando talvez, carinhoso, a companheira aninhada nalgum emaranhado de orquídeas, em guarda, quem sabe, à prole implume, desferia pelo espaço aquela mágica melodia suave e triste, que nos enchia o íntimo da mais maviosa evocação. Ela indicava que perto, muito perto talvez, havia uma habitação humana, em cujos lavradores ele ia catar os insetos de que se alimentava e aos seus. É hábito certo dessa aves o seu paradeiro em torno de roças e quintais, de fazendas e sítios".</i>
"Carancho"	393	<i>Milvago chimachima</i>
		<i>"CARANCHO – Ave de rapina que é vista, geralmente, nos campos, catando sôbre os bois, carrapatos, cheios de sangue de que são extremament ávidos".</i>
"Chimango" ¹⁸⁴	393	<i>Milvago chimachima</i>
		<i>"CHIMANGO – Ave de rapina, variedade de carancho [...]"</i>
"Suindara"	400	<i>Tyto alba</i>
		<i>"SUINDARA – Espécie de coruja que tem o pio lúgubre. O povo acredita que, na casa em que há defunto e devido ao seu pio, ela vai para o telhado cortar a mortalha".</i>
"Urutágua (urutago, urutau)"	401	<i>Nyctibius griseus</i>
		<i>"URUTÁGUA – Urutago, urutau. Espécie de coruja grande que nas noites de luar e nas madrugadas claras solta gritos de tal plangência que mais parecem lamentações"</i>

¹⁸³ Sobre essa denominação, vide acima.

¹⁸⁴ Não há nenhuma razão para supor que o observador tenha flagrado um *Milvago chimango*, considerando as imperfeições de suas descrições. Ocorre que a única menção a "chimango", no texto, aparece na página 319 e não se trata de menção à espécie: "A carne dêsse lamão véio tá que nem chimango, [...]".

Como se percebe, a avifauna nessa obra pode ser considerada como mero coadjuvante poético, ilustrativo e sem muito detalhamento, tampouco geográfico, que possa adicionar detalhes de relevo ao conhecimento ornitológico contemporâneo. Destaco uma menção em particular para o “jaó”, que poderia ser atribuído ao *Crytorellus undulatus*, espécie confinada à região noroeste do Paraná e tida com provavelmente extinta na atualidade¹⁸⁵. No entanto, a admissão de tal indicativo, frente ao universo confuso e impreciso oferecido pelo autor, parece no mínimo temerosa.

¹⁸⁵ A espécie é oficialmente conhecida em apenas três localidades paranaenses (Straube *et al.*, 2004), sendo uma delas (Mata dos Godoy) digna de suspeita pela falta de detalhamento e aparentemente inexistência de documentação (vide Vallejos & Morimoto, 2013).

Cronologia

- 1893** É criado o *Columbian Museum of Chicago*, nos EUA, depois transformado no *Field Museum of Natural History*.
- 1893** Inicia-se a Guerra de Canudos, revolução social e religiosa concentrada no interior da Bahia e liderada por Antônio Conselheiro que se estendeu até 1897.
- 1893** No Brasil, surge o movimento literário do Simbolismo, por influência da obra do francês Charles Beaudelaire e que destaca nomes como os de Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens.
- 1894** É inaugurado o trecho ferroviário ligando Curitiba a Ponta Grossa.
- 1894** Tropas da Revolução Federalista surgem em território paranaense, colocando frente a frente os maragatos (tropas federalistas contra o governo de Floriano Peixoto) e os picapaus (tropas legalistas). Gumerindo Saraiva toma Curitiba, causando a fuga de Vicente Machado, que transfere a capital do Paraná para Castro. Na ocasião, Gumerindo saqueia peças do Museu Paranaense e, para compensá-las, entrega a Ermelino de Leão a espada e o chapéu que utilizara na campanha até aquele momento. O monge José Maria chega à Lapa junto com as tropas federalistas, onde se estabelece posteriormente como um dos principais personagens do conflito do Contestado. No mesmo ano ocorre o episódio conhecido como “Cerco da Lapa”: tropas do governo capitulam e rendem-se, como a morte do General Carneiro, líder militar.
- 1894** Demitido do Museu Nacional, Emil A. Goeldi é admitido como diretor do Museu Paraense, com apoio irrestrito do governo para transformar a entidade em um centro científico de

destaque internacional.

1894 Nascimento de ARKADY FIEDLER.

1894 Emil Goeldi publica a primeira adição do livrinho “***Aves do Brasil***”. A segunda parte, com o encarte “***Álbum das Aves Amazonicas***”, seria publicada em 1900. No mesmo ano assume a direção do recém-inaugurado Museu Paraense.

1894 HERMANN VON IHERING visita brevemente o Paraná, estudando os sambaquis litorâneos.

1894 e 1910

HERMANN VON IHERING

HERMANN FRIEDRICH ALBRECHT VON IHERING (Kiel, Alemanha, 9 de outubro de 1850; Giessen, Alemanha, 24 de fevereiro de 1930) é celebrado no Brasil como um dos mais importantes estudiosos de todos os tempos, por sua imensa contribuição a vários campos da Zoologia além de outros campos, como a Paleontologia, Antropologia e a Arqueologia ¹⁸⁶. Era descendente de uma família de intelectuais, na qual destacou-se seu pai, Caspar Rudolf von Ihering (1818-1892), proeminente jurista alemão, autor de obras de grande influência no direito ocidental.

Hermann, após um curto período em Viena, diplomou-se médico pelas universidades de Berlim e Göttingen, alcançando o doutorado em 1876, quando passou a ministrar aulas de zoologia na Universidade de Leipzig. Em 1880 ele emigrou para o Brasil, e para sobreviver, tinha o propósito inicial de praticar a medicina em um hospital gaúcho em Taquara (antiga “Taquara do Mundo Novo”), em substituição a um médico local (Azevedo, 2000). Três anos depois, já contratado naturalista viajante do Museu Nacional, transferiu-se para Guaíba, também na região metropolitana de Porto Alegre e, em seguida, para Rio Grande (1884-1885) e São Lourenço do Sul (1885).

¹⁸⁶ Há inúmeras biografias de Ihering, inclusive em renomados periódicos de circulação internacional (p.ex. no editorial da *Nature* n° 125 – 1930; p.678-679); baseamo-nos aqui – em grande parte – no relato familiar de sua neta Maria von Ihering Azevedo e também nos preciosos materiais fornecidos por Hitoshi Nomura.

Aparentemente também tencionava realizar colecionamento de exemplares de história natural (preferencialmente aves e aranhas), para vendê-los ou simplesmente remetê-los a museus europeus a título de intercâmbio. É sabido, por exemplo, de suas remessas de aracnídeos para o conde Alexander von Keyserling, de aves para Richard Bowdler Sharpe (*British Museum*), além das coleções particulares do amigo conde Hans von Berlepsch (depois vendida ao Museu Senckenberg de Frankfurt am Main) e do famoso oologista Adolf Nerckhorn (depois vendida para o museu de Berlim).



Hermann von Ihering (1850-1930)

(Fonte: Wikipedia)

Ihering, como dito, tornou-se uma das personalidades científicas mais conhecidas na história da Zoologia no Brasil, dele resultando uma infinidade de homenagens eponímicas (p.ex. *Myrmotherula iheringi* de Emilie Snethlage e *Formicivora iheringi* de Charles Hellmayr) e vasta documentação biográfica. Sozinho ou com seu filho Rodolpho, descreveu pelos menos seis espécies de aves brasileiras atualmente válidas, bem como uma notável quantidade de obras revisivas sobre aspectos de biologia e distribuição geográfica.

Eclético por natureza, inaugurou vários campos do conhecimento no Brasil, em especial a Zoologia e Antropologia, produzindo as primeiras obras alusivas e mesmo revisões críticas sobre o que, em seu tempo, encontrava-se disponível na literatura. Transitava com grande facilidade pela comunidade científica internacional, desde museus, entidades, universidades e pesquisadores independentes, adquirindo o respeito de seus pares, inclusive personalidades de destaque mundial.

Ihering, como se sabe, tinha ideias bastante radicais contra algumas populações indígenas do sudeste e sul do Brasil. Certa vez publicou as seguintes palavras (Ihering, 1907:205)¹⁸⁷:

“Os actuaes Índios do Estado de S. Paulo não representam um elemento de trabalho e de progresso. Como também nos outros Estados do Brazil, não se pode esperar trabalho sério e continuado dos Índios civilizados e como os Caingangs selvagens são um impecilio para a colonização das regiões do sertão que habitam, parece que não ha outro meio, de que se possa lançar mão, senão o seu exterminio.”

¹⁸⁷ Tradução do alemão do texto apresentado por ocasião da Exposição Universal de Saint Louis (EUA) realizada em 1904 (Ihering, 1907:13, nota de rodapé).

Como seria de se esperar, em um país onde o Positivismo e seus ideais de igualdade e fraternidade começavam a se tornar fortalecidos, surgiu – no ano seguinte – uma grande onda de manifestações contrárias a tais assertivas. Uma delas partiu de Cândido Rondon, que redigiu telegrama a João Batista Lacerda, então diretor do Museu Nacional. Essa entidade, por meio de sua congregação, manifestou-se diretamente a Ihering, com missiva crítica.

Em maio de 1910, na primeira parte do Congresso Internacional da Americanistas realizada em Buenos Aires, o assunto voltou à tona. Naquele encontro, Ihering era um dos membros da delegação brasileira. Para a viagem, além de ter aproveitado a ocasião para uma rápida excursão às Cataratas do Iguaçu (vide adiante), cujo conteúdo, além de focar o estado de conhecimento da época, aproveitou para tocar novamente no assunto da situação dos indígenas sulinos (Ihering, 1912:262), porém, agora mudando o discurso:

“No estado do Rio Grande do Sul todos esses Cainganges são aldeados, mas no estado de Santa Catharina so há indios bravios e independentes. No Estado do Paraná e São Paulo parte des Cainganges é aldeada e os restantes vivem em densas mattas de grande extensão onde se tornam perigosos por assaltos aos viajantes, colonos e sertanejos. [...] O actual ministro de agricultura do Rio de Janeiro liga atenção especial a catechese dos indios e assim podemos esperar que elle conseguirá transformar a actual anarchia em condições favoraveis, não só para os indios, mas tambem para a população rural da zona por elles habitada.”

Esse momento foi particularmente importante para uma série de desmembramentos que determinaram o pensamento (e a política nacional) moderno sobre a relação com o indígena¹⁸⁸. No âmbito internacional, um dos mais importantes e ferrenhos discordantes do ponto de vista de Ihering foi o etnólogo¹⁸⁹ tcheco Albert Vojtech Fric (1882-1944) e cabe lembrar que uma das consequências da repercussão nacional da polêmica foi a criação do SPI (Serviço de Proteção aos Índios) que depois deu foi transformado na Funai (vide Hoerhann, 2012).

Algo que merece discussão é sobre a confusa alusão à presença de Hermann von Ihering no Paraná, que aparece apenas em menções isoladas em artigos e livros específicos de algumas áreas do conhecimento.

¹⁸⁸ No Paraná, essa pequena revolução de conceitos já havia sido iniciada pela inclusão – em pleno despertar do movimento simbolista – das ideias positivistas apoiadas por grupos de intelectuais ligados à maçonaria e outros movimentos, como o neopitagorismo de Dario Vellozo. Veja-se, por exemplo, os inúmeros artigos publicados no periódico “O Cenáculo” (e também nas revistas do *Club Coritibano*) a respeito da causa indígena a partir de 1895: “O Cenáculo, em reunião de 7 de Dezembro do anno passado, deliberou, om vista de proposta que tive o prazer desubmitterlhe, pugnar pelo nosso pobre Selvagem, violentado e zurzido pelos coripheos do cosmopolitismo que se não dignam, entretanto, lançar os olhos para as nossas llorestas e procurar trazer para a civilização os preciosos destroços de altiva e sobranceira raça, dizimada cruelmente em pelejares heróicos, na defeza instinctiva do solo que lhes foi berço e conserva os sagrados manes de suas gerações extinctas”.

¹⁸⁹ Também botânico, visto seu grande interesse pelas cactáceas, grupo no qual tornou-se especialistas de renome mundial. Ele tinha forte relação com o Paraná, notavelmente com Dario Vellozo, que conheceu em um congresso de livres pensadores maçônicos em Buenos Aires, em 1906. Segundo Trevisan (2002:218-219): “Dario, já em vésperas de arregimentar o movimento neo-pitagórico e Fric dedicadamente sob a influência das idéias positivistas e anticlericais, que também no Paraná tanta força tiveram naquela época. Já se vê, portanto, que não fôra um encontro casual esse que reunira a ambos, nem estaria ele fadado a esmaecer no tempo suas consequências dentro da exist-encia de cada um. Dario, ao trazer Fric ao Paraná, não só seguia um gesto de simpatia mútua, no terreno da convicção filosófica de ambos, como nutria o desejo de exibir ao jovem Fric todas as características que o Paraná, em sua pré-história, naquele tempo desconhecida, e em sua formação étnica sui generis, bem poderia proporcionar à curiosidade científic daquele viajante da Boêmia, cuja atuação no congresso que se encerrava fôra decisiva em favor das populações indígenas”.

Sabe-se, no entanto, que ele esteve em 20 de outubro de 1894 estudando os sambaquis do rio Boguaçu, na baía de Paranaguá, assunto sobre o qual publicou nota dissertativa (Jhering [= Ihering], 1898)¹⁹⁰. Nessa ocasião, aproveitou-se do trabalho lá realizado em um forno para a produção de cal, mediante o uso dos sambaquis, cujos depósitos eram escavados para o beneficiamento. Graças à oportunidade, pôde identificar os organismos animais presentes, especialmente conchas de moluscos e ossos de peixes mas, também, gastrópodos terrestres, esqueletos, peças anatômicas humanas e mesmo certos instrumentos. Após uma rápida análise, segundo ele provisória, conclui que as porções mais basais desses sambaquis foram formadas por depósitos naturais e não humanos, os quais aproveitaram-se do acúmulo como sítio de descarte e mesmo sepultamentos.

Posteriormente, consta ter ocorrido uma nova visita ao Paraná, em julho de 1898, da qual conclui-se desavisadamente que obteve inúmeros espécimes de moluscos terrestres, alguns deles representando formas novas para a ciência.

No entanto, não parece real a sua estada no território paranaense, ao menos nesse ano indicado¹⁹¹. É necessário considerar que muitos exemplares que poderiam sugerir que Ihering fosse o coletor, parecem ter sido simplesmente remetidos por ele para o especialista, a partir de material obtido por outros pesquisadores e mantidos, sob sua guarda, no então Museu Paulista, onde era diretor – além de dileitante da malacologia. A maior parte desse acervo foi estudada por Henry A. Pilsbry, curador do *Academy of Natural Sciences of Philadelphia* (EUA) que, em diversas

¹⁹⁰ Esse viagem, foi uma das primeiras por ele realizadas, na condição de diretor do Museu Paulista, cargo assumido em janeiro do mesmo ano (Pinto, 1945).

¹⁹¹ O que inclusive pode ser deduzido a partir do próprio Ihering (1900) que, no relatório que produziu para o ano de 1898 das atividades do Museu Paulista, não aponta sequer indícios de que tivesse visitado o Paraná.

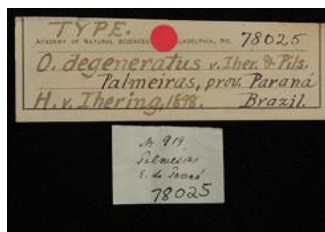
de suas contribuições, menciona textualmente o intercâmbio entre ele e Ihering, inclusive nos agradecimentos de sua obra catalográfica (Pilsbry, 1902).

Diversos espécimes, alegada ou implicitamente coletados por Ihering, são citados como “...*from specimens supplied by Dr. von Ihering*”, “...*sent by Dr. H. von Ihering*” (formato repetido várias vezes no catálogo), “*The specimen was received from Dr. v. Ihering*” (Pilsbry, 1902:25, 43, 134 e várias outras)¹⁹². No entanto, indicações ao seu nome como coletor no Paraná, ao menos no acervo do coleção malacológica do *Academy of Natural Sciences* da Filadélfia (EUA) são várias¹⁹³.

Considerando, porém, a descrição de *M. paranaguensis* (Pilsbry, 1900:390-391; ver também Pilsbry, 1902:124), observa-se que não há nenhuma menção – na obra original – a *voucher*, tampouco a coletor, ainda que se saiba que o exemplar, procedente de “*Paranagua, coast of Prov. Parana, Brazil*” e depositado na Filadélfia (ANSP-72646), é o holótipo. Embora o padrão de apresentação da etiqueta sugira que Ihering tenha sido o coletor, essa informação não consta nos arquivos do ANSP que, em seu *database*, atribui a ele a qualidade de “*Donor/Search*”.

¹⁹² Um exemplo sugestivo está em “[*trophocheilus*]. *milleri* var. *kronei* v. Ihering” que indica “Rio Grande do Sul” como localidade-tipo e que antecede outra forma tida como nova: “Var. *iguapensis*”, esse último com pátria atribuída a “*Iguape, S. Paulo (Dr. H. von Ihering)*” (Pilsbry, 1902:118-119). No entanto, é amplamente sabido o volume do trabalho do naturalista Ricardo Krone como coletor na região de Iguape (litoral de São Paulo), de onde procede a grande maioria de espécimes de quase todos os grupos zoológicos depositados no Museu Paulista (Nomura, 2012). Segundo Pinto (1945:9-10), Krone exercia, naquela cidade paulista, a profissão de farmacêutico, dedicando os seus lazeres ao estudo da natureza. “*Muitos dos exemplares de Krone datam da época remota de 1893, anterior portanto à da própria existência do Museu como repartição independente. Isso é fácil de explicar, sabendo-se que Krone possuía em sua casa numerosa coleção particular, pacientemente feita no decorrer de vários anos. A maior parte, porém, figura no livro de registro sob a data de 1900, correspondente sem dúvida à época em que deram entrada, mas não à de seu colecionamento*”.

¹⁹³ Por exemplo e além dos mencionados abaixo: “*Punta Grossa*” (*Drymaeus acervatus* Pfeiffer, 1857: ANSP-72645), “*Curilyba (sic)*” (ANSP-72643: *Cyclodontina catharinae* Pfeiffer, 1856 [nesse caso, em 18.VII.1898]) (Colley, 2013).



Rótulos originais dos holótipos de *Megalobulimus paranaguensis* Pilsbry & Ihering, 1900 (ANSP-72646) e *Odontostomus (Macrodonates) degeneratus* Pilsbry, 1898 (ANSP-78025) (Fonte: Database das coleções da ANSP: <http://clade.ansp.org/malacology/collections/> acessado em 11 de novembro de 2013).

É provável que o mesmo tenha ocorrido no acervo do MZUSP, onde há outros exemplares de moluscos como oriundos de Paranaguá (p.ex. lote MZUSP-476, com 34 exemplares tendo como coletor Ihering [?]) porém, sem indicação de data (Colley, 2013).

Um outro caso semelhante alude a *Odontostomus (Macrodonates) degeneratus* Pilsbry (1898:473) (ver também Pilsbry, 1899:35), cujo holótipo (ANSP-78025) é apontado como procedente de “Palmeiras [sic, = Palmeira], Province of Paraná (Dr. H. von Ihering)”. Em condição quase análoga, está *Drymaeus papyraceus* var. *papyrifactus* Pilsbry (1898:252), mencionado textualmente como coletado em “Curitiba, prov. Parana, Brazil (H. von

Ihering)”¹⁹⁴, porém, constituindo-se de um lote que inclui lectótipo e dois paralectótipos (ANSP-72656) explicitamente tidos como obtidos por Ihering em “*Curityba e. do. Parana Braz*” em 19 de julho de 1898.

Dessa forma, observa-se que, intencionalmente ou não, Ihering acabou ficando subentendido como coletor em diversos casos e isso provavelmente repetiu-se em acervos de outros grupos zoológicos. Essa condição poderia mesmo ser interpretada pelo preenchimento errôneo de rótulos originais (de campo, de remessa ou de entrada nas coleções) ou mesmo de registros de livros-tombo, pela simples confusão de um fornecedor por um colecionador¹⁹⁵.

Caso diverso ocorreu em 1910, quando Ihering retorna, ainda que brevemente, ao Paraná, como parte de um itinerário cumprido para atender o XVII Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Buenos Aires¹⁹⁶. Essa viagem foi amplamente noticiada, inclusive no relatório institucional publicado apenas quatro anos depois, mas que inclusive comprova a discussão elaborada acima (RMP, 1914:6-7; o grifo é meu):

“Em Maio de 1910 o director, dr. H. von Ihering, seguiu para Buenos-Aires, onde foi tomar parte no Congresso internacional dos Americanistas, aproveitando em seguida as facilidades que o Governo argentino proporcionou aos congressistas, para realizar uma excursão ao Alto Paraná, attingindo não só a celebre cachoeira do Iguassú e a respectiva

¹⁹⁴ Um dos parátipos refere-se ao lote com três exemplares (ANSP-72656), datado de 1898 (Colley, 2013).

¹⁹⁵ Seja fato verídico ou não, Pilsbry contribuiu muito com essa confusão, p.ex. em “*Dr. von Ihering has found it at various localities and it seems to be not uncommon in the province of Sao Paulo*”. (Pilsbry, 1898:288).

¹⁹⁶ Nesse evento apresentou um artigo intitulado “A ethnographia do Brazil meridional”, redigindo 15 páginas (250-264), que foram publicadas nas atas do evento.

Colônia Militar¹⁹⁷, como também o ponto final da navegação. O nosso director, que até aquella época nas suas excursões só havia percorrido a região do litoral do nosso paiz, teve assim excellente oportunidade de conhecer também a parte occidental do Brazil meridional”.

Não se sabe de Ihering coletou aves em alguma – ou ambas – as suas permanências no Paraná. O “Catálogo de Acesso” (“*Eingang Catalog der Vögel*”, instituído pelo mesmo Ihering) da coleção ornitológica do Museu de Zoologia (MZUSP), no entanto, sugere que não. Segundo essa fonte, a primeira ave paranaense¹⁹⁸ ali mencionada é um *Ramphastos dicolorus* (MZUSP-1738) colecionado em “Ourinho” (= Jacarezinho) por João Leonardo de Lima e Wilhelm Ehrhardt em abril de 1901.

Nesse sentido, algumas informações presentes no catálogo de Ihering & Ihering (1907) sobre outras aves tidas como procedentes do Paraná não puderam ser confirmadas. Isso se deu, inclusive, pelo próprio (ou provável) desaparecimento de certos exemplares, cujos indícios eventualmente disponíveis nos rótulos originais, poderiam contribuir com a solução dessa dúvida. Um desses casos (Ihering & Ihering, 1907:96 e 410), refere-se a um exemplar do gavião-caramujeiro *Rostrhamus sociabilis* alegadamente oriundo de “*Curityba*” nas coleções do Museu Paulista, informação essa (desavisadamente) considerada como autêntica na revisão da avifauna de Curitiba (Straube *et al.*, 2009:76).

¹⁹⁷ Na ocasião parece ter também estado em Guaíra (e provavelmente em Sete Quedas), onde teria coletado um outro odontostomídeo (*Bahiensis guarani* Orbigny, 1835), conforme atesta o exemplar MZUSP-7858 (Colley, 2013).

¹⁹⁸ E o primeiro exemplar de todo o acervo data de 1897 (Pinto, 1945).

Essa indicação aparece sob “*Rostrhamus hamatus* Temm.” no trecho¹⁹⁹ “*Mus. Paul : Est. S. Paulo, Iguape, Itapura ; Est. Paraná, Curityba*” (Ihering & Ihering, 1907:96). Na “Addenda” (p.410) a identificação é corrigida para “*Rostrhamus sociabilis* (Vieill.)”, com a inclusão de outro espécime: “*Mus. Paul. : Est. S. Paulo, Iguape, Itapura; Est. do Paraná, Curityba ; Est. Maranhão, Boa Vista*”²⁰⁰. Ambos são mencionados (com a respectiva fonte) por Conover (1949) na sinonímia de *R. s. sociabilis*. Observa-se, porém, que o referido exemplar não aparece no catálogo das aves do Museu Paulista (Pinto, 1938:65) que agrupa os espécimes daquele acervo que foram registrados até dezembro de 1937 (Pinto, 1938:vi); e de fato não consta atualmente na referida coleção (L.F.Silveira, *in litt.*, 2012)²⁰¹.

Tais casos não parecem de todo isolados e apenas uma pesquisa mais profunda em documentação histórica irá revelar os aspectos necessários. Veja-se por exemplo, a citação de Ihering (1898a:375-376), sobre a garça-morena (*Egretta caerulea*), cuja distribuição seria “...desde a Patagonia até a America do Norte. Obtive-a no Estado do Paraná”, porém, apontando apenas uma única localidade para o Museu Paulista: “*Mus. Paul. Iguape*”.

Semelhantemente, refere-se à coleta de *Mergus octosetaceus* (Ihering, 1904:340) como: “Obtive esta

¹⁹⁹ Sobre o método utilizado na obra, vide Ihering & Ihering (1907:xix), particularmente em: “sob [a abreviatura] *Mus. Paul. : registramos as localidades de onde possuímos exemplares dela*”.

²⁰⁰ Paynter-Jr. & Traylor-Jr. (1991:177) indicam, inclusive, o fato de Ihering (1899b – e não 1899a) ter “...places Curityba in Sao Paulo”, portanto apontando a capital paranaense como uma das localidades “paulistas” de *Elaenia parvirostris*.

²⁰¹ Uma última hipótese seria de um exemplar que pudesse ter sido cedido (ou simplesmente informado) ao Museu Paulista por Romário Martins, na época diretor do Museu Paranaense e que, a partir de 1906, passou a manter correspondência com Ihering (Carneiro, 2001; Straube, *em prep.*). No entanto, a espécie não é mencionada por Martins (1906), no inventário do acervo do Museu Paranaense, naquela que seria considerada a primeira lista de aves paranaense (Straube & Scherer-Neto, 2001).

*espécie do Salto Grande do rio Paranapanema, no Est. de S. Paulo*²⁰². *O Sr. E. Garbe observou-a neste anno em Itararé, sem comtudo poder obtel-a*”.

Na revisão histórica da coleção ornitológica do Museu Paulista (Pinto, 1945), além disso, não há nenhuma menção a material que tenha dado entrada no acervo por intermédio de Ihering até 1907, tampouco de viagem que ele pudesse ter realizado com o fito de obtê-lo. Aparece, isso sim (Pinto, 1945:11-12), o interesse do “[...] *dr. Ihering em representar na coleção do Museu Paulista a fauna alada de outros Estados*”, bem como a indicação de outros exemplares sulinos que ali deram entrada, porém, sem exceção adquiridos de terceiros.

²⁰² Os dois casos são de certa forma compreensíveis, embora possam gerar especulações de várias naturezas. É possível que o autor tenha mesmo coletado a referida garça e, por alguma razão, não a conservou ou, simplesmente, o exemplar se deteriorou, ainda que desejasse ter preservado o registro, como o fez textualmente. Da mesma forma, a indicação ao espécime de *Mergus octosetaceus* (que sabemos tratar-se de coleta de Adolpho Hempel em 30 de maio de 1903 [MZUSP-4292]) no Paraná, onde de fato situa-se Salto Grande (vide Straube *et al.*, 2002) aponta para ele ter sido obtido “do” (e não “no”) Salto Grande.

Cronologia

- 1895** Nascimento de Frederico Lange de Morretes, malacólogo e desenhista paranaense que, além de ampla obra artística, assina o primeiro catálogo de moluscos do Brasil (1949), publicado nos Arquivos do Museu Paranaense.
- 1895** É lançado o primeiro volume da “Revista do Museu Paulista”.
- 1896** Segunda visita de JOZÉF SIEMIRADZKI ao Paraná, onde realiza observações geológicas.
- 1896** Nascimento de Eurico Alves de Camargo, ornitólogo do Museu Paulista.
- 1896** Nascimento de Olivério Mário de Oliveira Pinto, ornitólogo – e depois diretor – do Museu Paulista, sendo considerado um dos mais produtivos e qualificados estudiosos da avifauna brasileira, graças a publicação de centenas de artigos e do clássico “Catálogo das aves do Brasil” em dois volumes (um deles reeditado).
- 1896** É lançado o primeiro volume do “Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnografia”.
- 1896** JOSÉ CÂNDIDO DA SILVA MURICI (filho) realiza grande expedição de Curitiba para as ruínas de Vila Rica.
- 1896** Os engenheiros Alberto e Cândido Ferreira de Abreu e Manuel Ferreira Correia, lançam o “**Mappa do estado do Paraná**”, constando inclusive uma parte atualmente consignada a Santa Catarina, ali denominada: “território invadido pelos catarinenses”.
- 1897** Nascimento do cinegrafista VLADIMÍR KOZÁK.

- 1897** É fundada a “Academia Brasileira de Letras”, após várias reuniões preparatórias realizadas desde o ano anterior.
- 1897** Por dois anos (até 1898), o naturalista Eugène André visita as Guianas e a foz do Orinoco recolhendo informações sobre história natural as quais, junto com as obtidas em outra expedição (1900) resultam no livro *“A naturalist in the Guianas”* (1904).
- 1898** Inicia-se a coleção de aves do Museu Paulista, hoje Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo.
- 1898** Emile de Saint Denis, sob o pseudônimo de Saint Martial, publica em Paris o livro *“Au Brésil de Rio de Janeiro à Paranaguá”*.
- 1899** Nasce ÁLVARO AGUIRRE.
- 1899** Nasce Alphonso Maria Olalla, naturalista viajante, colecionador e preparador, natural do Equador. Especializado na Amazônia (Brasil, Venezuela, Colômbia, Peru), também percorreu outras vastas extensões do território sulamericano, incluindo a Bolívia e o Brasil Central e Atlântico, onde se dedicou principalmente às aves e mamíferos. Além de ser considerado um dos mais produtivos coletores desses grupos para o acervo do Museu de Zoologia de São Paulo, também publicou alguns títulos.
- 1899** Surge o primeiro número da revista especializada em ornitologia *“The Condor”*, editada pela *Cooper Ornithological Society*.
- 1899** Nasce TADEUSZ JACZEWSKI, entomólogo russo naturalizado polaco, que acompanhou CHROSTOWSKI em sua terceira expedição ao Paraná.
- 1899** ROMÁRIO MARTINS apresenta um projeto, não aprovado, para o escudo de armas oficial do Paraná, tendo como timbre uma “arara”.

[1899]

SEBASTIÃO PARANÁ

SEBASTIÃO PARANÁ DE SÁ SOTTOMAIOR (Curitiba, 19 de novembro de 1864; Curitiba, 8 de março de 1938), um dos fundadores da Academia Paranaense de Letras, era bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, também professor de Geografia Geral e do Brasil, deputado estadual e autor de várias obras didáticas, em grande parte voltadas ao Paraná (p.ex. o manual didático “O Brasil e o Paraná” de 1903-1941 com 22 edições, “Galeria Paranaense” de 1922, dentre outras).

É de sua autoria o clássico tratado “Chorographia do Paraná” é um dos livros mais celebrados na historiografia paranaense e obra de referência para qualquer pesquisa histórica e mesmo geográfica referente ao estado. Trata-se de uma compilação subdividida em duas partes, a primeira contendo valiosas transcrições de crônicas oficiais do Século XVIII e a segunda com uma descrição geográfica e histórica do estado do Paraná e de seus municípios (Paraná, 1899).

Ocorre que o autor, que também foi professor da Universidade Federal do Paraná e diretor do Museu Paranaense entre 1930 e 1931, possuía inclinações por várias áreas do conhecimento, inclusive a História Natural, assunto que tangenciou vários momentos de sua carreira

literária e mesmo política²⁰³. As aves, de fato, merecem destaque em vários trechos da sua “Chorographia”, havendo para elas um subcapítulo, desta forma iniciado:

"Bem variada e exuberante é a fauna ornithologica do Paraná, não só pela multipla diversidade de fôrmas e côres da plumagem, como ainda pelo mavioso canto de muitos de seus innumeros representantes".



Sebastião Paraná de Sottomaio (1864-1938)

(Fonte: acervo do Museu Paranaense).

²⁰³ Por coincidência, era propriedade de seu avô (o coronel de milícia Inácio de Sá Sottomayor) o “sítio Ferrara” (hoje distrito de Ferrara em Campo Largo), visitado por Auguste de Saint-Hilaire em fevereiro de 1820 (Straube, 2012).

No entanto, as espécies que Sebastião Paraná menciona parecem obedecer o mesmo padrão de estudos semelhantes contemporâneos que, apesar da pouca informação disponível, encontravam em outras fontes bibliográficas os respectivos pareceres, frequentemente utilizados de maneira errônea. Tal como Murici, é nítido que houve consulta a livros especializados mas o seu uso é notadamente mal-utilizado, em particular quanto aos nomes científicos.

Também são desconhecidas as fontes que serviram-se a Sebastião Paraná quanto à ocorrência de tal e tal espécie em território paranaense. Entretanto, dá a entender que o autor era conhecedor dos nomes populares e, com base nisso, teria consultado obras especializadas daquela época, procurando dar um aval técnico às espécies citadas. Com raras exceções, as aves mencionadas efetivamente ocorrem no Paraná sendo algumas mais raras, outras mais comuns.

A avifauna paranaense, ao autor, resume-se a espécies paludícolas (*jaburú, garças, cegonha, frango d'agua, marreco, patos selvagens, sócós e guarás*), cinegéticas (*mutuns, perdizes, codornizes, pombas, jacus, macucos, urús e inhambús*), vistosas pela plumagem colorida (*aráras, maracanãs, papagaios, periquitos, tucanos-assú, arassarys, suruquás e beija-flores*), de interesse para o cativo (*pintasilgos, patatibas, caboclinhos, coleiros, inhapins, gaturamos, coriós, tangarás, chopins pretos e amarelos, arapongas, canários, pardaes e sabiás, sairas e tiés*), ou rapinantes (*urubú, urubú-tinga, carácarás, gaviões e aguia vulgar*).

Mais adiante, novas citações a espécies de aves são adicionadas, nos subtítulos alusivos às descrições de topônimos municipais. Para Guarapuava cita:

"Na classe das aves sobresaem: a perdiz; a codorniz; o inhambú; o

macuco; o jacú; o jacu-tinga; o mutum; o quero-quero, que vive nos campos, ao redor das lagoas; a saracura; a cegonha; o colhereiro; a garça branca e cinzenta; o guarauna; o pato; a marreca; o mergulhão; o papagaio, muito abundante e de diferentes espécies; a maracanã, o xará, o periquito; a arára; o sabiá; o inhapim, a araponga; o urubú; o caracará; o gavião de pennacho e branco; o caburê; a curuja; o tucano; o pica-pau; o cuco; e esplendida variedade de colibris".

Essa, que parece uma repetição da sua descrição resumida sobre a avifauna do Paraná, mostra também uma carência de nomes mais específicos nas denominações. Um destes exemplos refere-se aos três tipos de inambus lá ocorrentes (*Crypturellus obsoletus*, *C. parvirostris* e *C. tataupa*) e que, sem dúvida, seriam notados por qualquer viajante ou mesmo por informantes que poderiam ter-lhe oferecido tais indicativos de ocorrência. Há, ainda, espécies que lá não ocorrem (p.ex. mutum), espécies que dificilmente ocorriam (p.ex. arara, xará) e outras que, definitivamente, não servem como indicadoras de avifauna, visto sua raridade na região (p.ex. cegonha, colhereiro).

Passando aos dois outros municípios para os quais há aves citadas (Guaratuba²⁰⁴ e Guaraqueçaba²⁰⁵), o panorama se repete, com o uso de quase todas as mesmas já apontadas

²⁰⁴ "Entre as aves se notam: jacú-assú, jacú-pemba, jacú-tinga, garças de diversos tamanhos, colhereiro, biguá, pato, marreco, socó, pavão, tucano, pombas, macuco, inambú, urú, papagaios, periquitos e outras muitas." (Paraná, 1899:680).

²⁰⁵ "Quanto às aves abundam as seguintes: macuco, urú, jacú-tinga, jacú-assú, jacú-pemba, araponga, pombas de diferentes espécies, inhambú, papagaio, maracanã, periquito, tié-preto, pardo e sangue, tucano, gralha e diferentes passaros cantores. Entre as aves aquáticas notam-se: o mergulhão, a garça, o martim pescador, o biguá, o frango d'água, o colhereiro, socós de diversas espécies e tamanhos, o guará, o guará-una, o pato, o marreco, a saracura, a baturra, etc." (Paraná, 1899:687).

anteriormente, com raras adições que possam indicar uma preocupação biogeográfica.

Uma das contribuições importantes, do ponto de vista histórico, é o tom conservacionista pregado pelo autor:

*"Infelizmente as aves que embellezam as mattas existentes nos arredores dos centros de população estão sendo exterminadas pelos tiros certos dos caçadores, especialmente italianos, desde o melodioso **sabiá** até o inoffensivo **tico-tico**. Contra essa selvageria clamorosa aqui fica lavrado o nosso protesto, em nome da riqueza ornithologica paranaense, e como incentivo para que os governos municipaes determinem leis tendentes a cohibir essa tão revoltante destruição".*

Essa frase, de tom incomum para a época, é fechada com uma base legal: a reprodução do artigo 142 das *"Posturas da Camara Municipal de Coritiba"* o qual, além de transcrito, ainda recebe uma rápida opinião do autor, novamente com tom visivelmente conservacionista (Paraná, 1899:455-456):

"...É prohibido caçar em terrenos abertos ou fechados, nas epochas proprias para procreação, excepto animaes ou aves damnhinhos ; pena de 30\$000 de multa.' No Paraná as aves se reproduzem no periodo de Setembro a Março de cada anno; portanto, caçar durante essa epocha é desobedecer a lei municipal e a lei divina, que proclama que não devemos fazer aos outros o que não queremos que os outros nos façam. Em quasi todos os centros civilisados,

especialmente da Europa, ha sociedades protectoras dos animaes. Se o Paraná possuísse uma instituição de tal especie, não teríamos o desgosto de lamentar o deshumano exterminio das aves que nos deleitam com os seus gorgeios".

Outra questão destacada é que apenas as aves parecem ser merecedoras de algum tipo de estratégia de proteção. Sob o título “Reino Animal” que, na realidade, dirige-se aos mamíferos, apresenta uma tônica totalmente diferente, ora julgando a caça: “...O vasto territorio do Paraná, [...] possui grande copia de animaes domesticos e silvestres, fornecendo tambem muitos destes excellente alimentação ao homem”, ora tratando da nocividade: “...sua força prodigiosa [da onça-pintada] torna-o perigosissimo nas proximidades das cabanas, onde algumas vezes apparece em busca de algum carneiro e mesmo de algum boi”.

São vários os trechos seguintes em que se trata da caça: “a paca [...] , considerada como a caça mais saborosa do Brasil”; ou, ainda,: “A carne deste animal [anta] não é apreciada, porém do seu tecido adiposo se extrahe um oleo crystalino, de côr amarellada, que se emprega na therapeutica como emmenagogo e para combater dores rheumaticas” e também: “...o veado virá (cervus nanus), cuja carne é muito tenra e apreciada”.

Até mesmo algumas aves são mencionadas como de “carne saborosa” (mutuns, perdizes e codornizes) mas, aparentemente, esse tipo de indicação é evitado pelo conceito conservacionista adotado logo em seguida.

A nocividade obviamente atinge seu máximo no subtítulo dos “Reptis”: “Relativamente a estes temiveis inimigos do homem a herpetologia assignala no Paraná

muitas especies, algumas das quaes notaveis pela ferocidade, taes como a sucury... ”.

Sebastião Paraná foi peça fundamental do chamado Paranismo, movimento de cunho intelectual, artístico, cultural e ético surgido no início do Século XX no Paraná, como busca por uma identidade ao povo paranaense. Baseava-se na necessidade de progresso e modernização, com o amparo do positivismo de Comte e sua visão laica da sociedade. A corrente, iniciada logo após a emancipação (1853) e sedimentada em 1927, representava uma reação ao desconhecimento geral do Paraná, no âmbito nacional, particularmente no tocante às produções e economia locais, bem como às ciências, a cultura e suas manifestações artísticas. Ressaltada pelo fim da monarquia, além do surto econômico da erva-mate, mas também pela perda de territórios em decorrência da Guerra do Contestado, acabou por projetar nacionalmente o nome de alguns de seus integrantes (Bertolini, 2000; Camargo, 2007)²⁰⁶.

²⁰⁶ Por exemplo, Nivaldo Braga, Agostinho Ermelino de Leão, Romário Martins, Emiliano Pernetta e Dario Vellozo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

E

LITERATURA CONSULTADA

- Ab'Saber, A. 2007. **Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo**. Edição fac-similar, 50 anos. Cotia, Ateliê Editorial. 360 pp.
- Abilhoa, V.; Straube, F. C. & Cordeiro, A. A. de M. 2013. **Museu de História Natural Capão da Imbuia: sinopse histórica**. Curitiba, Comfauna Conservação e Manejo da Fauna Silvestre Ltda. 80 p.
- Allen, J. A. 1889a. Remarks on individual and seasonal variation in a large series of *Elainea* from Chapada, Mato Grosso, Brazil, with a revision of the species of the restricted genus *Elainea*. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 2:183-208.
- Allen, J. A. 1889b. Descriptions of new species of South American birds, with remarks on various other little known species. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 2:137-151.
- Allen, J. A. 1889c. On *Cyclorhis viridis* (Vieill.) and its near allies, with remarks on other species of the genus *Cyclorhis*. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 3:123-135.
- Allen, J.A. 1891. On a collection of birds from Chapada, Matto Grosso, Brazil, made by Mr. Herbert H. Smith. Part I - Oscines. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 3:337-380.
- Allen, J. A. 1892. On a collection of birds from Chapada,

- Matto Grosso, Brazil, made by Mr. Herbert H. Smith. Part II - Tyrannidae. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 4:331-350.
- Allen, J. A. 1893a. On a collection of birds from Chapada, Matto Grosso, Brazil, made by Mr. H. H. Smith. Part III - Pipridae to Rheidae. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 5:107-152.
- Allen, J. A. 1893b. On a collection of birds from Chapada, Matto Grosso, Brazil, made by Mr. Herbert H. Smith. Part IV - Oological notes. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 5:152-158.
- Ambrosetti, J. B. 1895. Los cementerios prehistoricos del Alto Paraná. Misiones. **Boletin del Instituto Geografico Argentino** 16: 227-257.
- Angely, J. 1956. Estudo histórico das coleções botânicas do Paraná (Brasil). **Boletim do Instituto Paranaense de Botânica** 2:3-8.
- APP. 2007. **Catálogo seletivo de documentos referentes aos indígenas do Paraná provincial (1853-1870)**. Curitiba, Arquivo Público do Paraná. Coleção Pontos de Acesso, Volume 3. 584 pp.
- Ardigó, F. (org.). 2011. **Histórias de uma ciência regional: cientistas e suas instituições no Paraná (1940-1960)**. São Paulo, Editora Contexto. 363 pp.
- Ardigó, F. 2007. **Ciências Naturais em revista: os Arquivos do Museu Paranaense (Volume I – 1941)**. Curitiba, Faculdade de Ciências, Letras e Artes, Universidade Tuiuti do Paraná. Trabalho de conclusão de curso (História). 90 pp.
- ASI. 1889. [Editorial: Geografia]. **Annuario Scientifico ed Industriale** 25:516-627.
- AWP-C [Arthur Wallace Pickard-Cambridge]. 1917. [Obituary: Octavius Pickard-Cambridge]. **The Entomologists' Monthly Magazine** 53(3):114-115.

- Ayers, T.J. & Boufford, D.E. 1988. Index to the vascular plant types collected by H. H. Smith near Santa Marta, Colombia. **Brittonia** 40(4):400-432.
- Azevedo, M. von Ihering de. 2000. Hermann von Ihering. **Boletim do Centro de Estudos Ornitológicos** 4:54-66.
- Balhana, A. P. 1981. **Idéias em confronto**. Curitiba, Grafipar. 69 p.
- Balhana, A. P.; Machado, B. P. & Westphalen, C. M. 1969. **História do Paraná**. Curitiba, Grafipar. 277 pp.
- Bandeira, J. & Lago, P. C. do. 2008. **Debret e o Brasil: obra completa**. Rio de Janeiro, Capivara. 708 pp.
- Barnett, J. M. & Pearman, M. 2001. **Lista comentada de las aves argentinas**. Barcelona, Lynx Ediciones: Barcelona. 164 pp.
- Barroso, G. 1962. **À margem da história do Ceará**. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará. 428 pp.
- Bastos, W. de L. 1991. **Mariano Procópio Ferreira Lage: sua vida, sua obra, sua descendência, genealogia**. Juiz de Fora, Edições Paraibuna. 325 pp.
- Belton, W. 1984. Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. I. Rheidae through Furnariidae. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 178(4):371-631.
- Belton, W. 1985. Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. I. Formicariidae through Corvidae. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 180(1):1-241.
- Beolens, B.; Watkins, M. & Grayson, M. 2009. **The eponym dictionary of mammals**. Baltimore, John Hopkins University Press. 592 pp.
- Berlepsch, H. von & Taczanowski, W. 1883. Liste des oiseaux recueillis par MM. Stolzmann et Siemiradzki dans l'Ecuadeur occidentale. **Proceedings of the**

- Scientific Meetings of the Zoological Society of London 51:** 536-577.
- Berlepsch, H. von & Taczanowski, W. 1884. Deuxième liste des oiseaux recueillis dans l'Ecuadeur occidental par MM. Stolzmann et Siemiradzki. **Proceedings of the Scientific Meetings of the Zoological Society of London 52:** 281-313.
- Bertolini, J. L. da S. 2000. **Sebastião Paraná – um construtor da educação: construção de um imaginário na Primeira república (1889-1930)**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná. Departamento de História, monografia de conclusão de curso. 41 pp.
- Bigg-Wither, R. F. 1907. **Materials for a history of the Wither family**. Winchester, Warren and Son. 271 pp.
- Bigg-Wither, T. P. 1876a. The valley of the Tibagy, Brazil. **Proceedings of the Royal Geographical Society of London 20(6):**455-469.
- Bigg-Wither, T. P. 1876b. The valley of the Tibagy, Brazil. **Journal of the Royal Geographical Society of London 46:** 263-277.
- Bigg-Wither, T. P. 1878. **Pioneering in south Brazil: three years of forest and prairie life in the Province of Paraná**. Londres, John Murray. 2 vols., 378+328 p. [Traduzido para o português em 1980 pela José Olympio (Rio de Janeiro) e pela Imprensa Oficial do Paraná (Curitiba), com o título “Novo caminho no Brasil Meridional. A Província do Paraná: três anos em suas florestas e campos, 1872/1875 (420 p.)].
- Blake, A. V. A. S. 1883-1902. **Diccionario bibliographico brasileiro**. 7 volumes. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

- Boni, L. A. de & Costa, R. 1996. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre e Torino, Fondazione Agnelli. 708 pp.
- Bonnici, T. 2006. Postcolonial historical ambiguities and environmental tensions in Paraná, Brazil. **Revista Letras** 70:297-317.
- Borba, L. R. & Courat, J. F. 1975. Ensaio cronológico dos precursores da Geologia no Brasil. **Revista da Escola de Minas** 32:34-38.
- BRITISH MUSEUM. 1904. **The history of the collections contained in the natural history departments of the British Museum**, Volume I: Libraries, The Department of Botany, The Department of Geology, The Department of Minerals. Londres, The Trustees of the British Museum. 442 pp.
- BRITISH MUSEUM. 1906. **The history of the collections contained in the natural history departments of the British Museum**, Volume II: Separate historical accounts of the several collections included in the Department of Zoology. Londres, The Trustees of the British Museum. 782 pp.
- Brito, J. M. de. 1977. Descoberta de Foz do Iguassú e fundação da Colonia Militar, 1938. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense** 32:47-72 [reeditado sob forma de livro, em 2005, pela Travessa dos Editores, Curitiba].
- Brzek, G. 1959. Złoty wiek ornitologii polskiej. **Memorabilia Zoologica** 3:1-175.
- Cabanis, J. 1882. Allgemeinen deutschen ornitologischen Gesellschaft. **Ornithologisches Centralblatt** 7(23-24):182-183.
- Camargo, G. L. V. de 2007. **Paranismo: arte, ideologia e relações sociais no Paraná. 1853-1953**. Curitiba,

- Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em História. Tese de doutorado. 213 pp.
- Camerano, L. 1892. Descrizione di una nuova specie del genere *Gordius* di Palmeira (Paraná) raccolta dal Dott. Franco Grillo. **Annali del Museo Civico di Storia Naturale di Genova** 10(2): 965-966.
- Carneiro, C. M. S. B. 2001. **O Museu Paranaense e Romário Martins: a busca de uma identidade para o Paraná: 1902 a 1928**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Curso de Pós-graduação em História. Dissertação de mestrado. 156 p.
- Carneiro, D. 1976. Efemérides paranaenses. **Boletim do Instituto Geográfico e Etnográfico Paranaense** 31:125-303.
- Carvalho, C. M. D. de. 1910. **Le Brésil méridional: étude économique sur les états du sud S. Paulo, Paraná, Santa-Catharina et Rio Grande do Sul**. Paris, E. Despossés. 529 pp.
- Carvalho, H. de. 2005. **Alguma coisa acontece**. São Paulo, Senac. 353 p.
- Castello, H. P. 2012. **El clan de los Pozzi em el Museo Público de Buenos Aires y em el Museo de Ciencias Naturales de La Plata**. Publicação online disponível em <http://hermanburmeister.blogspot.com.br/2012/11/el-clan-de-los-pozzi-en-el-museo.html>, acessada em 5 de agosto de 2013.
- Ceccon, R. S. 2011. **Em busca de uma “Arqueologia brasileira”: Universidade do Paraná, décadas de 1950 a 1970**. Porto Alegre, PUCRS, Programa de Pós-Graduação em História. Dissertação de mestrado. 159 pp.
- Chapman, F. M. 1917. The distribution of bird-life in Colombia; a contribution to a biological survey of

- South America. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 31:1-729.
- Chebez, J. C. 1996. Aves de la Provincia de Misiones. [p.109-179] In: J. C. Chebez ed. **Fauna misionera: catálogo sistemático y zoogeográfico de los vertebrados de la Provincia de Misiones (Argentina)**. Buenos Aires, LOLA.
- Chebez, J. C. 2008. **Los que se van: fauna argentina amenazada**. Buenos Aires, Editorial Albatros. Volume 2, 416 pp.
- Chebez, J. C. 2009. **Otros que se van: fauna argentina amenazada**. Buenos Aires, Editorial Albatros. 552 pp.
- Chebez, J. C.; Casañas, H. & Chichizola, S. 1984. Nueva cita de *Ramphocelus bresilius* (Linné) (Thraupidae) para la Argentina. **Hornero** 12(3):221-222.
- Colley, E. 2012. Moluscos terrestres e a malacologia paranaense: histórico e importância no cenário nacional. **Estudos de Biologia** 34(82):75-81.
- Colley, E. 2013. **Taxonomia, macroecologia e ecologia de Gastropoda terrestre (Mollusca, Orthogastropoda) do estado do Paraná, Brasil**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas, Departamento de Zoologia. Tese de doutorado. 158 pp.
- Cope, E.D. 1885. Twelfth contribution to the Herpetology of Tropical America. VIII. Rio Grande do Sul, Brazil; H. Smith. **Proceedings of the American Philosophical Society** 22-II(118):185-194.
- Cope, E.D. 1887. Synopsis of Batrachia And Reptilia obtained by H. H. Smith in the Province of Matto Grosso. **Proceedings of the American Philosophical Society** 24(125):44-60.

- Cope, E.D. 1889. On the Mammalia obtained by the naturalist exploring expedition to southern Brazil. **The American Naturalist** 23(266):128-150.
- Cordeiro, L. de P. 2008. **Uma história ambiental dos Mananciais da Serra do Mar: o abastecimento de água para Curitiba (1870-1929)**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pós-Graduação em História. Dissertação de mestrado. 214 pp.
- Corrêa, M. C. & Koch, Z. 2007. **Museu vivo: guia ilustrado da História do Paraná**. Curitiba, Olhar Brasileiro Editora. 111 pp.
- Correia, M. F. F. 1895. **Stan Parana w brazylii: wraz z informacyami dla wychodzkow i mapa Stanu i kolonij polskich. Z polecenia Rządu prowincjonalnego opracowali inzynier Manoel Francisco Ferreira Correia i baron Serro Azul dla wystawy kolumbijskiej w Chicago**. Traduzido do inglês por Jozéf Siemiradzki. Lwów, Nakladem Przeglądu Wszech Polskiego. Biblioteka Polskiego Towarzystwa Handlowa-geograficznego, volume 1. 60 pp.
- Cory, C.B. 1918. **Catalogue of birds of the Americas and the adjacent islands in Field Museum of Natural History and including all species and subspecies known to occur in North America, Mexico, Central America, South America, the West Indies, and islands of the Caribbean Sea, the Galapagos Archipelago, and other islands which may properly be included on account of their faunal affinities**. Family Bubonidae, Family Tytonidae, Family Psittacidae, Family Steatornithidae, Family Alcedinidae, Family Todidae, Family Momotidae, Family Nyctibiidae,

- Family Caprimulgidae, Family Cypselidae, [Family] Trochilidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 2, N° 1:1-315. Publication FMNH n° 197. 315 pp.
- Cory, C.B. 1919. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Family Trogonidae, Family Ramphastidae, Family Cuculidae, Family Capitonidae, Family Bucconidae, Family Picidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 2, N° 2:317-607. Publication FMNH n° 203. 291 pp.
- Cory, C.B. & Hellmayr, C.E. 1924. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Pteroptochidae, Conopophagidae, Formicariidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 3. Publication FMNH n° 233. 369 (+ vii) pp.
- Couto, R. S. 2010. **Dioscoreaceae (R. Br.) Lindley do estado do Rio de Janeiro, Brasil**. Rio de Janeiro, Museu Nacional, UFRL. Dissertação de mestrado. 378 pp.
- Cunha, O. R. da. 1989. **Talento e atitude**: estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi, I. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. Coleção Alexandre Rodrigues Ferreira. 159 pp.
- Dabbene, R. 1910. Ornitología argentina: catalogo sistemático y descriptivo de las aves argentinas. **Anales del Museo Nacional de Buenos Aires** 11(14):1-513.
- D'Angelis, W. da R. 2003. **O primeiro século de registro da língua Kaingang (1842-1950): valor e uso da documentação etnográfica**. Disponível online em

- <http://www.portalkaingang.org>; acessado em 10 de julho de 2008.
- Derby, O. A. 1878. A geologia da Região Diamantífera da Província do Paraná, no Brasil. **Archivos do Museu Nacional** 3:89-98.
- Di Giacomó, A. S. & Di Giacomó, A. G. 2008. Breve historia de la Ornitología em la Argentina. **Ornitologia Neotropical** 19(supl.):401-414.
- Doering, A. & Lorentz, P. G. 1913. Recuerdos de la Expedición al Rio Negro. **Boletín de la Academia Nacional de Ciencias (Córdoba)** 21:301-386.
- Domaniewski, J. 1929. Jan Sztolcman (1854-1928). **Annales Zoologici Musei Polonici Historia Naturalis** 8:23-48.
- Dorr, L. J. & Nicholson, D. H. 2008. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Supplement VII: F-Frer. E. Ruggell (Liechtenstein), A.R.G.Gantner Verlag. 469 pp.
- Dorr, L. J. & Nicholson, D. H. 2009. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Supplement VIII: Fres-G. E. Ruggell (Liechtenstein), A.R.G.Gantner Verlag. 550 pp.
- Espinosa, L. A. 2010. Los tipos de Lorentz y Niederlein (de la Expedición al Rio Negro). **Boletín de la Sociedad Argentina de Botánica** 45(1-2):183-194.
- Felici, I. 1998. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. **Cadernos AEL** 8/9:9-61.
- Felici, I. 2007. **Le Roman d'un chercheur**. Paris, Universidade de Sorbonne Nouvelle Paris 3. Tese de concurso. Disponível online em <http://babel.univ->

- tln.fr/images/Roman%20d'un%20chercheur%20En%20ligne.pdf ; acessada em 15 de outubro de 2008.
- Fernandes, J. L. e Nunes, M. D. 1956. **Oitenta anos de vida do Museu Paranaense**: edição comemorativa do 80º aniversário do Museu Paranaense. Curitiba, Museu Paranaense. 18 pp.
- Ferrari, M. 2005. Conflitos políticos na definição dos limites entre o Brasil e Argentina: a Questão de Palmas ou Misiones (1857 e 1895). **Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina**, São Paulo, p. 4955-4968.
- Franco-Grillo, G. 1888. Il Rio Chopim. **Bollettino della Società Geografica Italiana**, Série III, vol. I:144.
- Franco-Grillo, G. 1917. A paleoethnologia. **Boletim do Instituto Histórico e Geographico Paranaense** 3(1):171-181.
- Freiberg, M. A. 1954. [Obituário] Pedro Serié. **Physis** 20(58):527-528.
- Gadow, H. 1883. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume VIII: Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Cichlomorphae, part V, containing the families Paridae and Laniidae (Titmice and Shrikes) and Certhiomorphae (Creepers and Nuthatches)**. Londres, British Museum (Natural History). xiii + 385 pp; 9 pranchas coloridas.
- Gestro, R. 1926. Ricordo biografico di Giacomo Doria. **Annali del Museo Civico di Storia Naturale Giacomo Doria** 3(10):1-78.
- Giesbrecht, R. M. (s.d.). **Estações ferroviárias do Brasil**. Disponível online em <http://www.estacoesferroviarias.com.br/>; acessada em 12 de março de 2014.

- Głowniak, E. 2007. Biography of Józef Siemiradzki. **Volumina Jurassica** 5:5-26.
- Godman, F. D. 1915. Introductory volume. *In*: F. D. Godman & O. Salvin. 1915. **Biologia Centrali-Americana: Zoology, Bothany, and Archaeology**. Londres, B.Quaritch. 149 pp.
- Graniczny, M.; Karcprzaki, J.; Marski, L. & Urban, H. 2008. Józef Siemiradzki (1858-1933) – geolog niezwykle. **Przegląd Geologiczny** 56(5):366-372.
- Grosselli, R.M. 1989. **Dove cresce l'araucaria: dal Primerio al Novo Tyrol: contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane**. Parte 3., Parana 1874-1940. Trento, Provincia autonoma. 337 pp.
- Günther, A. 1912. **The history of the collections contained in the natural history departments of the British Museum**, Volume II (Appendix): General history of the Department of Zoology from 1856 to 1895. Londres, The Trustees of the British Museum. 109 pp.
- Hamilton, C. G. 1960. English-speaking travelers in Brazil, 1851-1887. **The Hispanic American Historical Review** 40(4):533-547.
- Hargitt, E. 1890. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XVIII: Catalogue of the Picariae in the collection of the British Museum: Scansores containing the family Picidae**. Londres, British Museum (Natural History). 597 pp; 15 pranchas coloridas.
- Hartt, C. F. 1872. Recent explorations in the valley of the Amazonas, with map. **Transactions of the American Geographical Society of New York** 3:231-252.

- Hartt, C. F. 1876. Descrição dos objectos de pedra de origem indigena conservados no Museu Nacional. **Archivos do Museu Nacional** 1:45-53
- Hellmayr, C.E. 1925. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Furnariidae, Dendrocolaptidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 4. Publication FMNH n° 234. 390 (+ iv) pp.
- Hellmayr, C.E. 1927. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Tyrannidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 5. Publication FMNH n° 244. 517 (+ vi) pp.
- Hellmayr, C.E. 1929. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Oxyruncidae, Pipridae, Cotingidae, Rupicolidae, Phytotomidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 6. Publication FMNH n° 266. 258 (+ v) pp.
- Hellmayr, C.E. 1934. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Corvidae, Paridae, Sittidae, Certhiidae, Chameidae, Cinclidae, Troglodytidae, Prunellidae, Mimidae, Turdidae, Zeledoniidae, Sylviidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 7. Publication FMNH n° 330. 531 (+ vi) pp.
- Hellmayr, C.E. 1935. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Alaudidae, Hirundinidae, Motacillidae, Bombycillidae, Ptilogonatidae, Dulidae, Vireonidae, Vireolaniidae, Cyclarhidae, Laniidae, Sturnidae, Coerebidae, Compsothlypidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field

- Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 8. Publication FMNH n° 347. 541 (+ vi) pp.
- Hellmayr, C.E. 1936. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Tersinidae, Thraupidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 9. Publication FMNH n° 365. 458 (+ v) pp.
- Hellmayr, C.E. 1937. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Icteridae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 10. Publication FMNH n° 381. 228 (+ v) pp.
- Hellmayr, C.E. 1938. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Ploceidae, Catamblyrhynchidae, Fringillidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 11. Publication FMNH n° 430. 662(+ vi) pp.
- Hellmayr, C.E. & Conover, B. 1942. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Rheidae, Tinamidae, Cracidae, Tetraonidae, Phasianidae, Numididae, Meleagrididae, Opisthocomidae, Gruidae, Aramidae, Psophiidae, Rallidae, Heliornithidae, Eurypygidae, Cariamidae, Columbidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 1, n°1. Publication FMNH n° 514. 636 (+ vi) pp.
- Hellmayr, C.E. & Conover, B. 1948a. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Spheniscidae, Gaviidae, Colymbidae, Diomedidae, Procellariidae, Hydrobatidae, Pelecanoididae, Phaethontidae, Pelecanidae, Sulidae, Phalacrocoracidae, Anhingidae, Fregatidae, Ardeidae, Cochleariidae,

- Ciconiidae, Threskiornithidae, Phoenicopteridae, Anhimidae, Anatidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 1, N°2. Publication FMNH n° 615. 434 (+ vii) pp.
- Helmayr, C.E. & Conover, B. 1948b. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Jacanidae, Rostratulidae, Haematopodidae, Charadriidae, Scolopacidae, Recurvirostridae, Phalaropodidae, Burhinidae, Thinocoridae, Chionididae, Stercorariidae, Laridae, Rynchopidae, Alcidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 1, N°3. Publication FMNH n° 616. 383 (+ iv) pp.
- Helmayr, C.E. & Conover, B. 1949. **Catalogue of birds of the Americas** [...]. Cathartidae, Accipitridae, Pandionidae, Falconidae. Chicago, Field Museum of Natural History. Publications (Field Museum of Natural History). Zoological series, Volume 13, Part 1, N°4. Publication FMNH n° 634. 358(+ vi)pp.
- Henrard, J. T. 1927. A critical revision of the genus *Aristida*. **Mededeelingen van's Rijks herbarium, Leiden** 2(54): 255-428.
- Hermes, J. S. da F. 1945. O litígio entre o Brasil e a República Argentina – A questão do território de Palmas. **Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro** 52:30-91.
- Heyer, W. R. 2004. Paulo Emílio Vanzolini. **Copeia** 2004(1):184-189.
- Hoc, P. S. 1992. *Calliandra* (Leguminosae, Mimosoideae) en la Argentina. **Darwiniana** 31(1-4):199-222.
- Hoehne, F. C.; Kuhlmann, M. & Handro, O. 1941. **O Jardim Botânico de São Paulo**, precedido de prólogo histórico e notas bio-bibliográficas de

- naturalistas botânicos que trabalharam para o progresso do conhecimento da flora do Brasil, especialmente no Estado de São Paulo. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo, Departamento de Botânica do Estado. 656 pp.
- Hoerhann, R. C. de L. e S. 2012. **O Serviço de Proteção aos Índios e a desintegração cultural dos Xokleng (1927-1954)**. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de pós-Graduação em História. Tese de doutorado. 283 pp.
- Holland, W. J. 1919a. Herbert Huntingdon Smith. **Science** **49**:481-483.
- Holland, W. J. 1919b. Herbert Huntingdon Smith. **Science** **30**(11):211-214.
- Holland, W. J. 1919c. Herbert Huntingdon Smith. **Entomological News and Proceedings of the Entomological Section** **30**:210-214.
- Holmberg, E. L. 1887. Viaje a Misiones. **Boletín de la Academia Nacional de Ciencias em Cordoba (Republica Argentina)** **10**:1-391.
- Houaiss, A. & Villar, A. de S. 2001. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Editora Objetiva. 2922 pp.
- IBGE. 1966. [Folha] **Três Rios SF 23-Q-II-2**. Escala 1:50.000. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia/IBGE.
- Ihering, J. (*sic*) von. 1887. Ornithologische Forschung in Brasilien. **Ornis: Zeitschrift für die gesammte Ornithologie** **3**(4):569-581.
- Ihering, H. von 1897. O Museu Paulista no anno de 1896. **Revista do Museu Paulista** **2**:3-12.
- Jhering (*sic*), H. von. 1898a. Ueber die rermeintliche Errichtung der Sambaquís durch den Menschen

**Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für
Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte
30:454-460.**

Ihering, H. von. 1898b. As aves do Estado de S. Paulo.
Revista do Museu Paulista 3:113-476.

Ihering, H. von. 1898c. Bibliographia. **Revista do Museu
Paulista 3:505-567.**

Ihering, H.von. 1899a. **As aves do Estado do Rio Grande
do Sul.** Porto Alegre, Anuário do Estado do Rio
Grande do Sul para o anno 1900, p.113-154.

Ihering, H.von. 1899b. Critical notes on the zoogeographical
relations of the avifauna of Rio Grande do Sul. **Ibis
7(5):432.**

Ihering, H. von. 1900. O Museu Paulista no anno de 1898.
Revista do Museu Paulista 4:1-8.

Ihering, H.von. 1902. Contribuições para o conhecimento da
ornithologia de São Paulo. **Revista do Museu
Paulista 5:291-303.**

Ihering, H. von. 1904. As aves do Paraguay em comparação
com as de S. Paulo. **Revista do Museu Paulista
6:310-384.**

Ihering, H. von. 1907. A Anthropologia no estado de São
Paulo. **Revista do Museu Paulista 7:13-34.**

Ihering, H. von. 1912. A ethnografia do Brasil meridional.
**Actas del XVII Congreso Internacional de
Americanistas**, Sesión de Buenos Aires, 17-23 de
mayo de 1910; p. 250-264.

Ihering, H. von & Ihering, R. von. 1907. **Catalogos da
fauna brasileira editados pelo Museu Paulista,
S.Paulo – Brazil. Volume I: As aves do Brazil.** São
Paulo, Tipografia do Diário Oficial. 485 pp.

Ihering, R. von. 1921. Vocabulario zoologico com
acceções brasileiras diversas das portuguesas.
Revista do Brasil 63:263-264.

- Isenburg, T. (org.) 1991. **Naturalistas italianos no Brasil**. São Paulo, Editora Ícone. 388 p.
- Jaczewski, T. 1925. The Polish Zoological Expedition to Brazil in the years 1921-1924. Itinerary and brief reports. **Annales Zoologici Musei Polonici Historiae Naturalis** 4(4):326-351.
- Jones, E. D. 1882. Metamorphoses of Lepidoptera, from Santo Paulo, Brazil in the Free Public Museum, Liverpool. **Proceedings of the Literary and Philosophical Society of Liverpool** 36:325-377. [O artigo conta com créditos a Frederic Moore: “*With nomenclature and description of new forms*” e T.J. Moore: “*Na introductory note*”].
- Kania, M. 2004. Józef Siemiradzki (1858-1933), działacz polonijny I emigracyjny. **Przegląd Polonijny** 30:27-52.
- Kaye, W.J. 1911. An entomological trip to south Brazil. **[Proceedings of] The South London Entomological & Natural History Society 1910-11**:54-73
- Kirizawa, M.; Xifreda, C. C.; Couto, R. & Araújo, D. 2013. Dioscoreaceae. **In: Lista de espécies de flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível on line em <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/jabot/floradobrasil/FB7398>.
- Koseritz, C. von. 1895. **Bilder aus Brasilien**. Leipzig/Berlim, Verlag von Wilhelm Friedrich. 379 pp.
- Koseritz, C. von. 1972 [1895]. **Imagens do Brasil**. São Paulo, Editora Martins Fontes e Edusp. Biblioteca Histórica Brasileira. Tradução de Afonso Arinos. 271 pp.

- Kunzler, J; Fernandes, A. C. S.; Fonseca, V. M. M. da & Jraige, S. 2011. Herbert Huntington Smith: um naturalista injustiçado? **Filosofia e História da Biologia** 6(1):49-67.
- Lange, F. W. (ed.). 1954. **Paleontologia do Paraná**: Volume Comemorativo do 1º Centenário do Estado do Paraná. Curitiba, Museu Paranaense e Comissão de Comemorações do Centenário do Paraná. 210 p + 31 pranchas.
- Lange, F. W. 1954. Paleontologia do Paraná. [p.1-105] *In*: Lange, F. W. (ed.). 1954. **Paleontologia do Paraná**: Volume Comemorativo do 1º Centenário do Estado do Paraná. Curitiba, Museu Paranaense e Comissão de Comemorações do Centenário do Paraná. 210 p + 31 pranchas.
- Leão, A. E. de. 1900. **Guia do Museu Paranaense de Curitiba**. Curitiba, Impressora Paranaense.
- Leão, A. E. de. 1934. **Índice paranaense [ou] Suplemento [do] Dicionário histórico e geographico do Paraná**. Curitiba, Impressora Paranaense. 215+120 pp.
- Leão, E. A. de. 1924-1928. **Dicionário histórico e geographico do Paraná**. Curitiba, Impressora Paranaense. 2594 pp.
- Leonardos, O. H. 1973. **Geociências no Brasil: a contribuição germânica**. Rio de Janeiro, Forum Editora. 345 pp.
- Lopes, J. C. V. 2002b. **Introdução à história de Tibagi**. Curitiba, edição do autor. 196 pp.
- Maack, R. 1968. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba, Banco de Desenvolvimento do Paraná, Universidade Federal do Paraná e Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas. 350 pp.

- Maack, R. 1981. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba, Livraria José Olympio e Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte do Paraná. 442 pp.
- Manthorne, K. E. 1996. O imaginário brasileiro para o público norte-americano do Século XIX. **Revista da USP** 30:58-73.
- [Marquês de Ruivigny e Raineval], M. H. M. 1905 [1994]. **The Plantagenet roll of the blood royal being a complete table of all the descendants now living of Edward III, king of England. Volume 1.** The Clarence Volume, containing the descendants of George, Duke of Clarence. Baltimore, EUA, Londres, Genealogical Publishing Company. 711 p..
- Martins, R. 1906. **Relatório** apresentado ao Exmo. Sr.Dr. B.Lamenha Lins, Secretário d'Estado dos Negócios do Interior pelo Diretor do Museu Paranaense, em 1º de janeiro de 1906. Curitiba, Impressora Paranaense. 32 pp.
- Masi, A. 2007. O Primeiro Congresso Internacional de Ornitologia. Viena, de 7 a 14 de abril de 1884. **Atualidades Ornitológicas** 139:47-50.
- Mello-Leitão, C. de. 1937. **A Biologia no Brasil**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. Série Brasileira vol. 99, 331 pp.
- Mello-Leitão, C. de. 1941. **História das expedições científicas no Brasil**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. Série Brasileira vol. 209, 360 pp.
- Melville, J. C. 1901. Description of *Bulimulus dukinfieldi*, n.sp., from Paraná, Brazil. **Proceedings of the Malacological Society of London** 4:116.
- Mercer, L. L. 1978. **Edmundo Alberto Mercer: Toca Mercer, um livro só para nós**. S.l., edição do autor. 196 pp.

- Mielke, O. H. H. & Casagrande, M.M. 2004. Borboletas. *In*: [p.713-739] S.B.Mikich & R.S.Bérnils eds. **Livro Vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná**. Curitiba, Instituto Ambiental do Paraná.
- Miranda Ribeiro, A. de. 1928. Notas ornitológicas VIa. Documentos para a história das colecções de aves do Museu Nacional do Rio de Janeiro. **Boletim do Museu Nacional** 4:19:37.
- Miranda, R. B. & Corrêa, M. F. M. 1992. Histórico do acervo de Malacologia do Museu de História Natural “Capão da Imbuia”. **Arquivos de Biologia e Tecnologia** 35(1):37-44.
- Miretzki, M. 2001. Esboço histórico e bibliográfico das pesquisas com morcegos no Estado do Paraná, Brasil. **Contribuições Avulsas sobre a História Natural do Brasil** 37:1-18.
- Mlikowsky, J. 2009. Types of birds in the collections of the Museum and Institute of Zoology, Polish Academy of Sciences, Warszawa, Poland. Part 3: South American birds. **Journal of The National Museum (Prague) of Natural History** 178(5):17-180.
- More, A. G. 1860. Rare birds recently observed in the Isle of Wight. **The Zoologist: a Popular Miscellany of Natural History** 18:6849-6860.
- Moreira, J. E. 1975. **Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá** (até a emancipação da Província do Paraná). Curitiba, Imprensa Oficial. 3 volumes: 1045 pp.
- Muricy, J. C. da S. [s.d.]. **A Revolução de 1893, estados de Santa Catarina e Paraná**. Rio de Janeiro, Bibliotheca Militar.
- Muricy, J. C. da S. 1896. **A Foz do Iguassú – ligeira descrição de uma viagem feita de Guarapuava à**

- Colônia da Foz do Iguassú, em novembro de 1892.** Curitiba, Impressora Paranaense. 54 pp.
- Muricy, J. C. da S. 1975. **Viagem ao país dos jesuitas.** Curitiba, Imprensa Oficial do Estado do Paraná. 406 pp.
- Neiva, A. 1929. **Esboço histórico sobre a Botanica e Zoologia no Brasil: de Gabriel Soares de Souza, 1587, a 7 de setembro de 1922.** São Paulo, Sociedade Impressora Paulista. 143 pp. (Reimpressa pela Universidade de Brasília em 1989).
- Neto, C. M. 1996. **O anarquismo experimental de Giovanni Rossi: de Poggio al Mare à Colônia Cecília.** Ponta Grossa, Editora Universidade Estadual de Ponta Grossa. 296 pp.
- Niederlein, G.. 1883a. **Reiseberichte über die erste deutsche-argentinische coloniale Landprüfungsexpedition in das untergegangene südamerikanische Reich der Väter Jesu.** Berlin. 91 pp.
- Niederlein, G. 1883b. Einiges über die erste deutsch-argentinische coloniale Landprüfungs-Expedition in das untergegangene südamerikanische Reich der Väter Jesu und die hundert Kataracte des Y-Guazu in Misiones. Vortrag, gehalten in der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin. **Verhandlungen der Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin** 10(7):348-364.
- Niederlein, G. 1890. Resultados botánicos de exploraciones hechas en Misiones, Corrientes y países limítrofes desde 1883 hasta 1888. **Boletín Mensual de Productos Argentinos** 31(29):274-348.
- Niederlein, G. 1910. **Ventajas y posibilidades de éxito em la República Argentina em la cría de ganado,**

- agricultura, industria y comercio.** Buenos Aires, Exposición Internacional de Agricultura. 32 pp.
- Niederlein, G. & Hyeronimus, G. 1889. Résultats de l'exploration du territoire de Misiones de 1883 à 1888. *In* [p. 270-340]. **Exposition universelle internationale de 1889 à Paris:** catalogue special officielle [...] de la Republica Argentina. Paris.
- Nomura, H. 1995. **Vultos da Zoologia brasileira**, vol.VI. Mossoró, Rio Grande do Norte, Fundação Vingt-Un Rosado, Coleções Mossoroense, série C, vol.861.
- Nomura, H. 1997. **Vultos da Zoologia Brasileira**, 2º edição. (Volumes 1-5 reunidos em dois volumes). Vol.1, Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado, Coleção Mossoroense, Série C, vol.931:1-155; Vol.2, Ibidem, vol.936:156-292.
- Nomura, H. 2006. Ornitologia brasileira III: Aves brasileiras descritas no Século XIX. **Atualidades Ornitológicas 132**; disponível online em <http://www.ao.com.br/download/secxix.pdf>, acessada em 5 de setembro de 2006.
- Nomura, H. 2008. Alfonso Maria Olalla, coletor de animais. **Atualidades Ornitológicas 144**:24.
- Nomura, H. 2012. Ricardo Krone (1861-1917) e as aves do Vale do Ribeira, São Paulo. **Atualidades Ornitológicas 168**:20-23.
- Ogilvie-Grant, W.R. 1893. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XXII: Catalogue of the Game Birds (Pterocletes, Gallinae, Opisthocomi, Hemipodii) in the collection of the British Museum.** Londres, British Museum (Natural History). xvi + 585 pp; 8 pranchas coloridas.
- Oliveira, M. de. 2009. Origens do Brasil meridional: dimensões da imigração polonesa no Paraná, 1870-1920. **Estudos Históricos 22**(43):218-237.

- Oniki, Y. & Willis, E. O. 2002. **Bibliography of Brazilian birds (1500-2002)**. Rio Claro, Instituto de Estudos da Natureza. 531 pp.
- Pachaly, J. R.; Marques, D. C. B.; Silva, L. G. R. & Margarido, T. C. C. 2005. A contribuição de José Cândido da Silva Muricy ao conhecimento da fauna de vertebrados do Estado do Paraná - Brasil. **Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da Unipar** 8(1):41-46.
- Pansarin, E. R. 2005. “**Sistemática filogenética e biologia floral de Pogoniinae sul-americanas, e revisão taxonômica e análise das ceras epicuticulares do gênero *Cleisthes* Rich. ex Lindl. (Orchidaceae)**”. Campinas, Instituto de Biologia, Unicamp. Tese de Doutorado. 195 pp.
- Papávero, N. & Ibañez-Bernal, S. 2003. Contributions to a History of Mexican Dipterology. Part II: The *Biologia Centrali Americana*. **Acta Zoologica Mexicana** (nueva serie) 88:143-232
- Papávero, N. 1971-1973. **Essays on the history of Neotropical Dipterology with special reference to collectors (1750-1905)**. São Paulo, Museu de Zoologia, 2 vols., 446 pp.
- PARANÁ. 1875. **Informações para os emigrantes: publicação oficial**. Rio de Janeiro, G. Leuzinger e filhos. 141 p + 1 mapa.
- PARANÁ. 1876. **Relatorio apresentado á Assembléa Legislativa do Paraná no dia 15 de fevereiro de 1876 pelo presidente da provincia, o excellentissimo senhor doutor Adolpho Lamenha Lins**. Curitiba, Typographia da Viuva Lopes, 148 p.
- PARANÁ. 1886. **Exposição com que S.Ex. o Sr. Dr. Alfredo D’Escragnolle Taunay passou a administração da Provincia do Paraná ao Exm.^o**

- Snr Dr, Joaquim de Almeida Faria Sobrinho, 1.º Vice-Presidente a 3 de Maio de 1886.** Curitiba, relatório impresso. 126 p. + anexos (inclusive a descrição da “Viagem Presidencial ao Rio Iguassu”) I-XVIII pp.
- Paraná, S. 1899. **Chorographia do Paraná.** Curitiba, Livraria Econômica. 146 pp.
- Paraná, S. 1922. **Galeria paranaense: notas biographicas.** Curitiba, Livraria Mundial. 426 pp.
- Paynter-Jr., R. 1995. **Ornithological gazetteer of Argentina.** 2º edição. Cambridge, Museum of Comparative Zoology. X + 1045 pp.
- Paynter-Jr., R. & Traylor-Jr., M. 1991. **Ornithological Gazetteer of Brazil.** Cambridge, Museum of Comparative Zoology. 2 vols. 788 pp.
- Pichot, P. A. 1903. **Les oiseaux de sport.** Paris, Lecapland e Vidal. 206 p.
- Pickard-Cambridge, A. W. 1918. **Memoir of the reverend Octavius Pickard-Cambridge, MA., F.R.S. by his son Arthur Wallace Pickard-Cambridge.** Oxford, edição do autor. 96 pp.
- Pickard-Cambridge, O. P. 1869. Natural-history notes from Rio. **The Zoologist: A Popular Miscellany of Natural History** 4(2):19-23-1925.
- Pickard-Cambridge, O. P. 1870. Natural history notes from Minas Geraes, & c. **The Zoologist: A Popular Miscellany of Natural History** 5(2):2094-2098.
- Pickard-Cambridge, O. P. 1873. On some new genera and species of Araneidea. **Proceedings of the Zoological Society of London** 1873:112-129.
- Pickard-Cambridge, O. P. 1876. Catalogue of a collection of spiders made in Egypt, with descriptions of new species, and characters of a new genus. **Proceedings of the Zoological Society of London** 1876:541-630.

- Pickard-Cambridge, O. P. 1877. On some new genera and species of Araneidea **The Annals and Magazine of Natural History** 24(4): 26-39.
- Pickard-Cambridge, O. P. 1880. On some new and little-known spiders of the genus Argyroides, Sim. **Proceedings of the Zoological Society of London** 48(2):320-344.
- Pilsbry, H. A. 1898. Descriptions of new South American Bulimuli. **Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia** 20(1897):18-22.
- Pilsbry, H. A. 1898. New species of Odontostomus from Brazil and Argentina. **Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia** 21(1898):471-474.
- Pilsbry, H. A. 1898. **Manual of Conchology structural and systematic, with illustrations of the species. Second Series: Pulmonata, volume XI: American Bulimulidae, Bulimulus, Neopetraeus, Oxychona, and South American Drymaeus.** Filadélfia (EUA), Conchological Section – Academy of Natural Sciences. 339 pp.
- Pilsbry, H. A. 1900. New South American land snails. **Proceedings of the Academy of Natural Sciences of Philadelphia** 52: 385-394.
- Pilsbry, H. A. 1902. **Manual of Conchology structural and systematic, with illustrations of the species. Second Series: Pulmonata, volume XIV: Oriental bulimoid Helicidae, Odontostominae, Cerionidae.** Filadélfia (EUA), Conchological Section – Academy of Natural Sciences. 302 pp.
- Pimentel, S. de B. 1881. **Relatorio com que o Dr. Sancho de Barros Pimentel passou a administração da Provincia ao 1º Vice-Presidente Conselheiro Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá no dia 26 de**

- janeiro de 1882.** Curitiba, Tipografia Perseverança. 30 pp.
- Pinto, O. M. de O. 1938. Catalogo das aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista: 1º parte, Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines excluida a Fam.Tyrannidae e seguintes. **Revista do Museu Paulista 22:**1-566.
- Pinto, O. M. de O. 1944. **Catalogo das Aves do Brasil e lista dos exemplares na coleção do Departamento de Zoologia: 2º parte, Ordem Passeriformes (continuação): Superfamília Tyrannoidea e Subordem Passeres.** São Paulo, Departamento de Zoologia. 700 pp.
- Pinto, O. M. de O. 1945. Cinquenta anos de investigação ornitológica. **Arquivos de Zoologia 4:**261-340.
- Pinto, O. M. de O. 1952. Súmula histórica e sistemática da Ornitologia de Minas-Gerais. **Arquivos de Zoologia 8(1):**1-51.
- Pinto, O. M.de O. 1978. **Novo Catálogo das Aves do Brasil:** primeira parte: Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines, com exclusão da família Tyrannidae. São Paulo, Empr.Graf.Revista dos Tribunais. 446 pp.
- Pinto, O. M.de O. 1979. **A Ornitologia no Brasil através das idades (século XVI a século XIX).** São Paulo, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais. Coleção Brasiliensa Documenta vol.13, 117 pp.
- P.K. 1893. Dr. Siemiradzki's exporations in Patagonia. **The Geographical Journal 2(2):**158-162.
- Ravazzani, C. 2008. O Hospital de Caridade da Irmandade de Misericórdia da Santa Casa de Curitiba. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná 59:**149-164.

- Reginato, M. & Goldenberg, R. 2012. Taxonomic notes of *Leandra* (Melastomataceae: Miconieae). **Hoehnea** **39**(2):201-206.
- Rejt, L. & Mazgajski, T. D.. 2003. The bird collection in the Museum and Institute of Zoology (Polish Academy of Sciences). **Bonner zoologische Beiträge** **51**(2-3):151-152.
- Reque, J. A. 2000. **Civilização e barbárie no território paranaense (1820-1875)**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Departamento de História. Monografia (TCC). 49 pp.
- RFFSA. 1985. **Estrada de ferro Paranaguá-Curitiba: uma viagem de 100 anos**. Curitiba, Rede Ferroviária Federal. Edição comemorativa do Centenário da Estrada de Ferro do Paraná. 400 pp.
- RMP [editorial]. 1914. O Museu Paulista nos anos de 1910, 1911 e 1912. **Revista do Museu Paulista** **9**:5-24.
- Rodriguez, H. S. 2004. **A formação das estradas de ferro no Rio de Janeiro: o resgate da sua memória**. Rio de Janeiro, Sociedade de Pesquisa para a Memória do Trem.
- Rogers, H. 1860. Occurrence of Coral Waxbill (*Estrilda astrild*) in the Isle of Wight. **The Zoologist: a popular miscellany of Natural History** **18**:6890.
- Rogers, H. 1862. Lepidopterous captures in the Isle of Wight. **The Zoologist: A Popular Miscellany of Natural History** **20**:8296.
- Rogers, H. 1863a. Pied Flycatcher in the Isle of Wight. **The Zoologist: A Popular Miscellany of Natural History** **21**:8325
- Rogers, H. 1863b. Golden Oriole in the Isle of Wight. **The Zoologist: A Popular Miscellany of Natural History** **21**:8326

- Rogers, H. 1863c. Black redstart in the Isle of Wight. **The Zoologist: A Popular Miscellany of Natural History** 21: 8327
- Rogers, H. 1863d. Pomarine skua in the Isle of Wight. **The Zoologist: A Popular Miscellany of Natural History** 21: 8332
- Rogers, H. 1863e. Golden oriole in the Isle of Wight. **The Zoologist: A Popular Miscellany of Natural History** 21:8819
- Rogers, H. 1863f. Rock dove in the Isle of Wight. **The Zoologist: A Popular Miscellany of Natural History** 21: 8825
- Rogers, H. 1863g. Hoopoe and reeves in the Isle of Wight. **The Zoologist: A Popular Miscellany of Natural History** 21:8827
- Rogers, H. 1872. Razorbills, Guillemots, &c. picked up in the Isle of Wight. **The Zoologist: a popular miscellany of Natural History** 7(2):2994.
- Rossi, G. 2000. **Colônia Cecília e outra utopias**. Curitiba, Imprensa Oficial do Paraná. Coleção Brasil Diferente. Tradução e introdução de Marzia Terenzi Vicentini e Miguel Sanches Neto. 176 p.
- Sbardelotto, D. K. 2010. Descoberta de Foz do Iguaçu e a fundação da colônia militar. **Educere et Educare: Revista de Educação** 5(9):n.p.
- Salvadori, T. 1891. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XX: Catalogue of the Psittaci, or parrots, in the collection of the British Museum**. Londres, British Museum (Natural History). xvii + 658 pp; 18 pranchas coloridas.
- Salvadori, T. 1893. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XXI: Catalogue of the Columbae, or pigeons, in the collection of the British**

- Museum*. Londres, British Museum (Natural History). xvii + 676 pp; 15 pranchas coloridas.
- Salvadori, T. 1895. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XXVII: *Catalogue of the Chenomorphae (Palamedeae, Phoenicopteri, Anseres), Crypturi, and Ratitae in the collection of the British Museum.*** Londres, British Museum (Natural History). xv + 636 pp., 21 pranchas (em 19 numeradas) coloridas.
- Salvin, O. & Godman, F.D. 1897-1904. Aves. *In*: O.Salvin & F.D.Godman (eds.). **Biologia Centrali-Americana**. Volumes I a IV. Londres, B.Quaritch.
- Salvin, O. & Hartert, E. 1892. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XVI: *Catalogue of the Picariae in the collection of the British Museum: Upupae, Trochili [Salvin], and Coraciae or the families Cypselidae, Caprimulgidae, Podargidae, and Steatornithidae [Hartert].*** Londres, British Museum (Natural History). xvi + 703 pp; 14 pranchas coloridas.
- Salvin, O. 1882. **A catalogue of the collection of birds formed by the late Hugh Edwin Strickland.** Cambridge, Cambridge University Press. 652 pp.
- Sampaio, A. J. de 1919. A Secção de Botânica no primeiro século de existencia no Museu Nacional. **Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro** 22:37-47.
- Sampaio, T. 1890. Considerações geographicas e economicas sobre o vale do rio Paranapanema. **Boletim da Comissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo** 4:1-73.
- Sampaio, T. 1901. **O tupi na geographia nacional:** memoria lida no Instituto Historico e Geographico de S.Paulo. São Paulo, Typographia da Casa Eclectica. 164 pp.

- Sampaio, T. & Teschauer, C. 1955. **Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e a etnografia indígena**. Salvador, Livraria Progresso Editora. Coleção de Estudos Brasileiros, Série Cruzeiro nº 8. 305 pp.
- Saunders, H. & Salvin, O. 1896. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XXV: *Catalogue of the Gaviae and Tubinares in the collection of the British Museum: Gaviae (Terns, Gulls and Skuas)*** [Saunders], *Tubinares (Petrels and Albatrosses)* [Salvin]. Londres, British Museum (Natural History). xv + 475 pp; 8 pranchas coloridas.
- Saunders, H. 1876. On the Sterninae, or terns, with descriptions of three new species. **Proceedings of the Zoological Society of London 1876**:638-672.
- Sbardelotto, D. K. 2009. [Notas de leitura] BRITO, José Maria de. Descoberta de Foz do Iguaçu e a fundação da Colônia Militar. Curitiba-PR: Travessa dos Editores, 2005. **Revista de História Regional 14**(2):206-211.
- Scherer-Neto, P. & Straube, F. C. 1995. **Aves do Paraná: história, lista anotada e bibliografia**. Campo Largo, Logos Press, 79 pp.
- Schmidt, D. 2011. Um olhar sobre o espaço paranaense: reflexões sobre o relato de viagem de Thomas Bigg-Wither (1872-1875). [Resumos do] **VI International Congress of History**, p.1881-1889.
- Schnell, D. T. 2013. **O projeto regional Rota dos Tropeiros: uma análise de Palmeira, Paraná**. Ponta Grossa, UEPG, Programa de Pós-Graduação em Geografia. Dissertação de mestrado em Gestão de Território. 82 pp.
- Sclater, P.L. 1886. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XI: *Catalogue of the***

Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Fringilliformes: Part II, containing the families Coerebidae, Tanagridae, and Icteridae. Londres, British Museum (Natural History). xvii + 431 pp; 18 pranchas coloridas.

Sclater, P.L. 1888. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XIV:** *Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Oligomyodae, or the families Tyrannidae, Oxyrhamphidae, Pipridae, Cotingidae, Phytotomidae, Philepittidae, Pittidae, Xenicidae, and Eurylaemidae.* Londres, British Museum (Natural History). xix + 494 pp; 26 pranchas coloridas.

Sclater, P.L. 1890. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XV:** *Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Tracheophonae or the families Dendrocolaptidae, Formicariidae, Conopophagidae, and Pteroptochidae.* Londres, British Museum (Natural History). xvii + 371 pp; 20 pranchas coloridas.

Sclater, P.L. & Shelley, G.E. 1891. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XIX:** *Catalogue of the Picariae in the collection of the British Museum: Scansores and Coccozyges containing the families Ramphastidae, Galbulidae, and Bucconidae [Sclater], and the families Indicatoridae, Capitonidae, Cuculidae, and Musophagidae [Shelley].* Londres, British Museum (Natural History). xii + 484 pp; 13 pranchas coloridas.

Seeböhm, H. 1881. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume V:** *Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of*

- the British Museum: Cichlomorphae, part II, containing the family Turdidae (Warblers and Thrushes)*. Londres, British Museum (Natural History). xvi + 426 pp; 18 pranchas coloridas. Selander, R. B. & Vaurie, P. 1962. A gazetteer to accompany the "Insecta" volumes of the "Biologia Centrali-Americana". **American Museum Novitates** 2099:1-70.
- SGI. 1886. [Editorial e conteúdo geral]. **Bollettino della Società geografica italiana**. Ano 20, Volume 23; Serie 2, Volume 11, 1017 pp.
- Sharpe, B. 1906. 3. Birds. *In*: E.R.Lankester (ed.). **The history of the collections contained in the Natural History Sections of the British Museum**. Volume II: Separate historical accounts of the several collections included in the Department of Zoology. Londres, British Museum (Natural History). 782 p.
- Sharpe, R.B. 1874. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume I: Catalogue of the Accipitres or diurnal birds of prey in the collection of the British Museum**. Londres, British Museum (Natural History). xiii + 479 pp.; 21 pranchas coloridas.
- Sharpe, R.B. 1875. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume II: Catalogue of the Striges or nocturnal birds of prey in the collection of the British Museum**. Londres, British Museum (Natural History). xi + 325 pp.; 14 pranchas coloridas.
- Sharpe, R.B. 1877. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume III: Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Coliormorphae, containing the families Corvidae, Paradiseidae, Oriolidae, Dicruridae, and Prionopidae**. Londres, British

Museum (Natural History). xiii + 343 pp; 14 pranchas coloridas.

Sharpe, R.B. 1881. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume VI:** *Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Cichlomorphae, part III, containing the first portion of the family Timellidae (Barbling-Thrushes).* Londres, British Museum (Natural History). xiii + 420 pp; 18 pranchas coloridas.

Sharpe, R.B. 1885. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume X:** *Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Fringilliformes: Part I, containing the families Dicaeidae, Hirundinidae, Ampelidae, Mniotiltidae, and Motacillidae.* Londres, British Museum (Natural History). xiii + 682 pp; 12 pranchas coloridas.

Sharpe, R.B. 1888. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XII:** *Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Fringilliformes: Part III, containing the family Fringillidae.* Londres, British Museum (Natural History). xv + 871 pp; 16 pranchas coloridas.

Sharpe, R.B. 1890. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XIII:** *Catalogue of the Passeriformes or perching birds in the collection of the British Museum: Sturniformes, containing the families Artamidae, Sturnidae, Ploceidae, Alaudidae, also the families Atrichiidae, and Menuridae.* Londres, British Museum (Natural History). xvi + 701 pp; 15 pranchas coloridas.

- Sharpe, R.B. 1894. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XXIII: *Catalogue of the Fulicariae (Rallidae and Heliornithidae) and Alektorides (Aramidae, Eurypygidae, Mesitidae, Rhinochetidae, Gruidae, Psophidae, and Otididae) in the collection of the British Museum.*** Londres, British Museum (Natural History). xiii + 353 pp; 9 pranchas coloridas.
- Sharpe, R.B. 1896. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XXIV: *Catalogue of the Limicolae in the collection of the British Museum.*** Londres, British Museum (Natural History). xii + 794 pp; 7 pranchas coloridas.
- Sharpe, R.B. & Ogilvie-Grant, W.R. 1898. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XXVI. *Catalogue of the Plataleae, Herodiones [Sharpe], Steganopodes, Pygopodes, and Impennes [Ogilvie-Grant] in the collection of the British Museum.*** Londres, British Museum (Natural History). xvii + 687 pp., 13 pranchas coloridas.
- Sharpe, R.B. & Ogilvie-Grant, W.R. 1892. **Catalogue of Birds in the British Museum. Volume XVII: *Coraciae (remaining families) and also Halcyones, Bucerotes, and Trogones.*** Londres, British Museum (Natural History). xi + 522 pp; 17 pranchas coloridas.
- Shipley, A. E. 1913. **“J.” a memoir of John Willis Clark.** Londres, Smith, Elder e Co. 362 pp.
- Sick, H. 1997. **Ornitologia brasileira.** Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 862 pp.
- Siemiradzki, J. 1885. **Z Warszawy do równika. Wspomnienia z podróży po Ameryce południowej, odbytej w latach 1882-1883.** Varsóvia, Ig. Zawiszewski. 226 pp.

- Siemiradzki J. 1894a. **Za morze! Szkice z wycieczki do Brazylii.** Lwów, Pierwsza Związkowa Drukarnia. 100 pp.
- Siemiradzki J. 1894b. Szczegółowy opis brazylijskiego stanu Parana, tłumaczył J. Siemiradzki. **Przegląd Emigracyjny** 3: 190-192, 206-210, 218-221, 226-232.
- Siemiradzki J. 1895. O trzeciorzędnych pokładach Ameryki południowej. **Kosmos** 20: 529-531.
- Siemiradzki J. 1896a. **Opis stanu Parana w Brazylii wraz z informacjami dla wychodźców, opracowali dla wystawy kolumbijskiej w Chicago z polecenia rządu paraskiego inżynier Manoel Francisco Ferreira Correia i baron Serro Azul.** Z oryginału angielskiego przełożył Prof. Dr Józef Siemiradzki. Wydanie drugie uzupełnione mapą stanu i kolonii polskich oraz dodatkami: Rady i przestrogi dla wychodźców do Brazylii i Kolonizacja polska w Paranie, jej dzieje i stan obecny, Second edition. Lwów, Polskie Towarzystwo Handlowo-geograficzne. 80 pp. + 1 mapa.
- Siemiradzki J., 1896b. **Na kresach cywilizacji. Listy z podróży po Ameryce południowej odbytej w roku 1891.** Lwów, Pierwsza Związkowa Drukarnia. 263 pp.
- Siemiradzki, J. 1898. Geologische Reisebeobachtungen in Süd Brasilien. **Sitzungsberichte der kaiserlichen Akademie der Wissenschaften: Mathematisch-naturwissenschaftliche Classe** 107(1):23-39.
- Siemiradzki J. 1900a. **Szlakiem wychodźców, wspomnienia z podróży po Brazylii, odbytej z polecenia Galicyjskiego Wydziału Krajowego, z przedmową Juliana Ochorowicza.** Varsóvia, A. T. Jezierski. 2 volumes, 154+160 pp.

- Siemiradzki J. 1900b. W sprawie emigracyi włoscianskiej w Brazylii. **Biblioteka Warszawska** 1:137-154.
- Siemiradzki J. 1924. **O Indjanach Południowej Ameryki (Sur les Indiens de l'Amérique du Sud)**. Cracówia, Księgarnia Geograficzna Orbis. 31 pp.
- Siemiradzki J. & Wolanski J. 1900. Sprawozdanie z podróży delegatów Wydziału Krajowego do Brazylii, przedłożone Wysokiemu Sejmowi na sesji w r. 1897. **Gazeta Handlowo-geograficzna** 6: 38-41, 50, 74, 79.
- [Siemiradzki, J. & Wolanski, J.] 1902. **Sprawozdanie Dra Jozéfa Siemiradzkiego i ks. Jana Wolanskiego z podróży po południowej Brazylii**. Lwów, Gazety Handlowo-geograficznej. 77 pp.
- Silva, O. F. do A. e. 1901. **Relatorio apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Francisco Xavier da Silva, governador do Estado do Paraná pelo Dr. Octavio Ferreira do Amaral e Silva, Secretario de Estado dos Negocios do Interior, Justiça e Instrução Publica em 31 de dezembro de 1901**. Curitiba, Atelier Mundo Novo. 46 p.
- Slud, P. 1964. The birds of Costa Rica: distribution and ecology. **Bulletin of the American Museum of Natural History** 128:1-430.
- Smith, H. H. 1879a. **Brazil: the amazons and the coast**. Nova York, Charles Scribner's Sons. 644 p.
- Smith, H. H. 1879b. The metropolis of the Amazons. **Scribner's Monthly** 18(1):65-77.
- Smith, H. H. 1879c. The Mediterranean of America. **Scribner's Monthly** 18(2):192-204.
- Smith, H. H. 1879d. An indian village on the Amazons. **Scribner's Monthly** 18(3):352-366.
- Smith, H. H. 1879e. An American home on the Amazons. **Scribner's Monthly** 18(5):692-704.

- Smith, H. H. 1879f. Rio de Janeiro. **Scribner's Monthly** **18**(6):890-903.
- Smith, H. H. 1879g. Coffee culture in Brazil. **Scribner's Monthly** **19**(2):225-238.
- Smith, H.H. 1883a. The naturalist brazilian expedition.
Paper I: From Rio de Janeiro do Porto Alegre. **The American Naturalist** **17**(4):351-358.
- Smith, H. H. 1883b. The naturalist brazilian expedition.
Paper I: From Rio de Janeiro do Porto Alegre [continuação]. **The American Naturalist** **17**(5):480-486.
- Smith, H. H. 1883c. The naturalist brazilian expedition.
Second Paper: the lower Jacuhy and São Jeronymo. **The American Naturalist** **17**(7):707-716.
- Smith, H. H. 1883d. The naturalist brazilian expedition.
Second Paper: the lower Jacuhy and São Jeronymo [continuação]. **The American Naturalist** **17**(10):1007-1014.
- Smith, H. H. 1883e. Discovery of Paleozoic rocks in Western Brazil. **The American Naturalist** **17**(11):1156-1157.
- Smith, H. H. 1884a. The naturalist brazilian expedition.
Paper III: São João do Monte Negro. **The American Naturalist** **18**(5):464-470.
- Smith, H. H. 1884b. The naturalist brazilian expedition.
Paper III: São João do Monte Negro [continuação]. **The American Naturalist** **18**(6):578-586.
- Smith, H. H. 1885. Notes on the physical geography of the Amazon Valley. **The American Naturalist** **19**:27-37.
- Smith, H. H. 1897. Paracary: Trabalhos restantes inéditos da Comissão Geológica do Brazil (1875-1878). **Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia** **2**(3):359-366.

- Smith, H. H. 1922. **Do Rio de Janeiro a Cuyabá, notas de um naturalista.** São Paulo, Companhia Melhoramentos. 372 p.
- Stadniky, H. P.. 2009. Literatura de viagem: a atribuição de sentidos como prática civilizadora. **[Resumos do] IV International Congress of History** 4547-4558.
- Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1976. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Vol I: A-G. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 1136 pp.
- Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1979. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Vol II: H-Le. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 991 pp.
- Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1981. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Vol III: Lh-O. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 980 pp.
- Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1983. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Vol IV: P-Sac. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 1214 pp.
- Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1985. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Vol V: Sal-Ste. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 1066 pp.
- Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1986. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.**

- Vol VI: Sti-Vuy. Utrecht (Holanda), Bohn, Scheltema & Holkema. 926 pp.
- Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1988. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Vol VII: W-Z. Boston (EUA), The Hague. 653 pp.
- Stafleu, F. A. & Cowan, R. S. 1988. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Vol VII: W-Z. Boston (EUA), The Hague. 653 pp.
- Stafleu, F. A. & Mennega, E. A. 1992. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Supplement I: A-Ba. Königstein (Alemanha), Koeltz Scientific Books. 453 pp.
- Stafleu, F. A. & Mennega, E. A. 1993. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Supplement II: Be-Bo. Königstein (Alemanha), Koeltz Scientific Books. 464 pp.
- Stafleu, F. A. & Mennega, E. A. 1995. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Supplement III: Br-Ca. Königstein (Alemanha), Koeltz Scientific Books. 550 pp.
- Stafleu, F. A. & Mennega, E. A. 1997. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types.** Supplement IV: Ce-Cz. Königstein (Alemanha), Koeltz Scientific Books. 614 pp.

- Stafleu, F. A. & Mennega, E. A. 1998. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Supplement V: Da-Di. Königstein (Alemanha), Koeltz Scientific Books. 432 pp.
- Stafleu, F. A. & Mennega, E. A. 2000. **Taxonomic literature: a selective guide to botanical publications and collections with dates, commentaries and types**. Supplement VI: Do-E. Königstein (Alemanha), Koeltz Scientific Books. 518 pp.
- Straube, F. C. 2005. Fontes para o conhecimento da riqueza da avifauna do Estado do Paraná (Brasil): ensaio comemorativo aos 25 anos do Aves do Paraná de Pedro Scherer Neto. **Atualidades Ornitológicas 126**; disponível online em <http://www.ao.com.br/download/scherer.pdf>.
- Straube, F. C. 2010. Fontes históricas sobre a presença de araras no Estado do Paraná. **Atualidades Ornitológicas 156**:64-87.
- Straube, F. C. 2011a. **Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná, Período Pré-Nattereriano (1541-1819)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 3, 196 pp.
- Straube, F. C. 2012. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 1 (1820-1834)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n°5, 241 + xiii pp.
- Straube, F. C. 2013. **Ruínas e urubus: história da Ornitologia no Paraná. Período de Natterer, 2 (1835-1865)**. Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n°6, 314 + viii pp.

- Straube, F. C. & Bornschein, M. R. 1991b. *Cranioleuca obsoleta siemiradzkii* Sztolcman, 1926: um jovem de *Cranioleuca pallida* (Wied, 1831). **Resumos do I Congresso Brasileiro de Ornitologia**, p. 50.
- Straube, F.C.; Carrano, E.; Santos, R. E. F.; Scherer-Neto, P.; Ribas, C. F.; Meijer, A. A. R. de; Vallejos, M. A. V.; Lanzer, M.; Klemann-Júnior, L.; Aurélio-Silva, M.; Urben-Filho, A.; Arzua, M.; Lima, A. M. X. de; Sobânia, R. L. M.; Deconto, L. R.; Bispo, A. Â.; Jesus, S. de & Abilhôa, V. 2009. **Aves de Curitiba: coletânea de registros**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba. 280 pp.
- Straube, F.C. & Scherer-Neto, P. 2001. História da Ornitologia no Paraná. *In*: [p.43-116] F.C.Straube (Ed.). **Ornitologia sem fronteiras**, incluindo os resumos do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia (Curitiba, 22 a 27 de julho de 2001). Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Curitiba.
- Straube, F. C. & Seripierri, D. 2007. A resenha de Cândido de Figueiredo ao “Nomes de aves em língua tupi” de Rodolfo Garcia e notas bibliográficas sobre esta obra. **Atualidades Ornitológicas** **135**, 3 pp.
- Straube, F. C.; Urben-Filho, A. & Kajiwarra, D. 2004. Aves. *In*: [p.145-496] S.B.Mikich & R.S.Bérnils eds. **Livro Vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná**. Curitiba, Instituto Ambiental do Paraná.
- Straube, F. C.; Willis, E. O. & Oniki, Y. 2002. Aves colecionadas na localidade de Fazenda Caiuá (Paraná, Brasil) por Adolph Hempel, com discussão sobre sua localização exata. **Ararajuba** **10**(2):167-172.
- Studart, G. 1910. **Diccionario bio-bibliographico cearense**. Fortaleza, Tipolitografia A Vapor. 3 volumes.

- Sztolcman, J. 1926a. Étude des collections ornithologiques de Paraná: D'après les resultats scientifiques de l'Expedition Zoologique Polonaise au Brésil 1921-1924 [Ptaki zebrane w Paranie: Z wyników naukowych Polskiej Wyprawy Zoologicznej do Brazylii w latach 1921-1924]. **Annales Zoologici Musei Polonici Historia Naturalis** 5(3):107-196.
- Sztolcman, J. 1926b. Revision des oiseaux néotropicaux de la collection du Musée Polonais d'Histoire Naturelle à Varsovie.I. **Annales Zoologici Musei Polonici Historia Naturalis** 5(4):197-235.
- Sztolcman, J. & Domaniewski, T. 1927. Les types d'oiseaux au Musée Polonais d'Histoire Naturelle. [Typy opisowe ptaków w Polskiem Panstwowen Muzeum Przyrodniczem]. **Annales Zoologici Musei Polonici Historia Naturalis** 6(2):95-194.
- Taunay, Alfredo d'E. 1886. **Exposição com que o S.ex. o Sr. Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay passou a administração da Provincia do Paraná ao Exmo. Sr. Joaquim de Almeida Faria Sobrinho 1º vice-presidente a 3 de maio de 1886.** Curitiba. 126 pp + 2 mapas e 18 anexos.
- Taunay, Alfredo d'E. 1888a. Os indios Caingangs (coroados de Guarapuava): monographia acompanhada de um vocabulario do dialecto de que usam. **Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro** 51:251-310. [Reeditada em Taunay, 1918].
- Taunay, Alfredo d'E. 1888b. Vocabulario do dialecto Caingang (Corôados de Guarapuava) Provincia do Paraná. **Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro** 51:287-310. [Reeditada em Taunay, 1918].

- Taunay, Visconde de [= Alfredo d'E]. 1889. Curiosidades naturaes da Provincia do Parana. Memoria lida no Instituto Historico e Geografico Brasileiro em agosto e setembro de 1889 pelo socio honorario Visconde de Taunay. **Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** 53(1):193-241.
- Taunay, Alfredo d'E. 1914. Notas de D. Pedro II às “Curiosidades naturaes do Paraná” e a “Algumas verdades” – D.Pedro II e o Barão de Taunay – Na bibliotheca do Imperador – A partida da familia imperial – Notas de D.Pedro II às “*Japonneries d'automne*” de P.Lott – André Rebouças. **Revista do Instituto Historico e Geografico Brasileiro** 77(2):89-124 [editado e publicado por Affonso d'E.Taunay].
- Taunay, Alfredo d'E. 1918a. Os índios Kaingangs (Coroados de Guarapuava): monographia acompanhado (*sic*) de um vocabulario do dialecto de que usam. **Revista do Museu Paulista** 10:569-593.
- Taunay, Alfredo d'E. 1918b. Vocabulario do dialecto Kaingang (Coroados de Guarapoava - Provincia do Paraná. **Revista do Museu Paulista** 10:594-628.
- Taunay, Visconde de [= Alfredo d'E.]. [1926]. **Paizagens brasileiras**. São Paulo, Editora Companhia Melhoramentos. 134 pp.
- Teixeira Soares, [A. de]. 1970. **História da formação das fronteiras do Brasil**. Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura. 397 pp.
- [Thereze Prinzessin von Bayern]. 1897. **Meine Reisen in den brasilianischen Tropen**. Berlim, Verlag von Dietrich Reimer. 544 pp. + 4 pranchas e 2 mapas.
- Thomas, O. 1899. List of the mammals obtained by Dr. G. Franco Grillo in the Province of Parana, Brazil.

Annali del Museo Civico di Storia Naturale di Genova 40(2):546-549.

- Thomas, O. 1906. I. Mammals. *In*: E.R.Lankester (ed.). **The history of the collections contained in the Natural History Sections of the British Museum.** Volume II: Separate historical accounts of the several collections included in the Department of Zoology. Londres, British Museum (Natural History). 782 p.
- Trelles, C. A. L. y . 1939. Catalogo sistematico razonado de los Cóccidos ('Hom. Sternor.') vernáculos de la Argentina. **Physis 17**:157-209.
- Trevisan, E. 1976. A gênese do Museu Paranaense (1874-1882). **Arquivos do Museu Paranaense, História 1**:1-51.
- Trevisan, E. 2000. **Curitiba na Província.** Curitiba, Gráfica e Editora Vicentina. 299 pp.
- Trevisan, E. 2002. **Visitantes estrangeiros no Paraná.** Curitiba, Gráfica Vicentina Editora. 333 p.
- Trindade, A. D. 2007. Entre o *East River* e o Iguaçu: os projetos dos irmãos Rebouças para a Província do Paraná. [Anais do] **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**, Recife-PE. 16 pp. Disponível on line em <http://www.sbsociologia.com.br/>; acessada em 23 de março de 2008.
- Trindade, A. D. 2009. Os irmãos Rebouças e as perspectivas da imigração espontânea no Paraná (1865-1875). [Anais do] **4º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**. 16 p.
- TSP. 1920. [Notes and news] Herbert Huntington Smith. **Auk 37**:637-638.
- Urban, I. 1908. Vitae itineraque collectorum botanicorum, notae collaboratorum biographicae, florum brasilensis ratio edendi chronologica systema, index familiarum. p.1-154. *In* K. P. von Martius *et al.* **Flora**

- Brasiliensis**, enumeratio plantarum in Brasilia hactenus detectarum quas suis aliorumque botanicorum studiis descriptas et methodo naturali digestas partim icones illustratas 1 (1): 1-154 + 266 + 31 pp.
- Vallejos, M. A. V. & Morimoto, D. C. 2013. The importance of data verification: unchecked errors in basic natural history sampling may greatly impair conservation research. **Biological Conservation** **157**:437-438
- Vanzolini, C. 1894. **Critica da classificação genealogica dos vegetaes**: these de concurso para a cadeira de Sciencias Naturaes do Gymnasio Paranaense e Eschola Normal de Curityba apresentada pelo candidato Dr. Camillo Vanzolini. Curitiba, Typographia Italiana. 28 pp + 1 esquema.
- Vanzolini, C. 1941. **Curso teórico-prático da língua italiana para uso dos alunos de ginásios e demais cursos secundários**. São Paulo, Livraria do Livro Italiano. 445 pp.
- Vanzolini, P. E. 1953. On the type locality of some brazilian reptiles and amphibians collected by H.H.Smith and described by E.D.Cope. **Copeia** **1953**(2):124-125.
- Vanzolini, P. E. 1992. **A supplement to the Ornithological Gazetteer of Brazil**. São Paulo, Museu de Zoologia. 251 pp.
- Varella, H. R. 2011. **Revisão taxonômica das espécies de Crenicichla Heckel das bacias dos rios Paraná e Paraguai (Teleostei: Cichlidae)**. São Paulo, Instituto de Biociências, USP. Dissertação de mestrado. 194 pp.
- Vasconcelos, M. F. de; D'Angelo-Neto, S.; Brandt, L. F. S.; Venturin, N.; Oliveira-Filho, A. T. & Costa, F. A. F. 2002. Avifauna de Lavras e municípios adjacentes,

- sul de Minas Gerais, e comentários sobre sua distribuição. **Unimontes Científica** 4(2):1-14.
- Vattimo-Gil, I. de & Vattimo, I. de 1980. Bryophyta (Musci) do Herbário do Jardim Botânico do Rio de Janeiro – II. **Rodriguesia** 32(54):257-267.
- Vellozo, D. 1895. Dr. Monteiro Tourinho. **O Cenáculo** 1(6):155-156 [inclui retrato, não paginado].
- Vellozo, D. 1903. Dr. José Franco Grillo. **Esphynge** 4(4):49-52.
- Vianna, H. 1968. **Vultos do Império**. São Paulo, Companhia Editora Nacional. Coleção Brasileira volume 339, 249 pp.
- Wachowicz, R. C. 1985. **Paraná, sudoeste: ocupação e colonização**. Curitiba, Editora Litéro-técnica. 313 pp.
- Wachowicz, R. C. 1994. Paraná: a comunicação histórica do mar-oceano ao rio-mar. **Revista Paranaense de Desenvolvimento** 83:85-97.
- Wachowicz, R. C. e Malczewski, Z. 2000. **Perfis polônicos no Brasil**. Curitiba, Braspol. 476 pp.
- Walters, M. 2003. **A concise History of Ornithology**. New Haven/London, Yale University Press. 255 pp.
- Warren, R.L.M. 1966. **Type-specimens of birds on the British Museum (Natural History). Vol. II: Non-Passerines**. Londres, British Museum of Natural History. 320 pp.
- Wasowska, M. & Winiszewska-Slipinska, G. 1996. The history of the Collection of Neotropical Fauna in the Museum and Institute of Zoology PAS. Until 1939. **Bulletin of the Museum and Institute of Zoology PAS** 1:29-34.
- Wurdack, J. J. 1970. Erroneous data on Glaziou collections of Melastomataceae. **Taxon** 19(6):911-913.

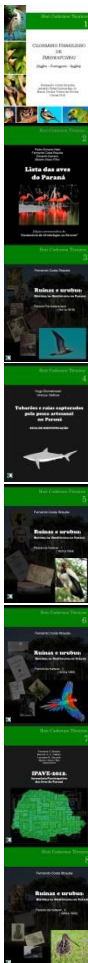
- Xifreda, C. C. & Kirizawa, M. 2003. Observaciones morfológicas, nomenclaturales y taxonómicas en *Dioscorea monadelpha* y *D. subhastata* (Dioscoreaceae). **Darwiniana** **41**:207-215.
- Zusman, P. 2012a. La *Revista Geográfica Americana* en la década de 1930: entre el modelo de la *National Geographic* y la invención de los paisajes argentinos orientados a la práctica turística. **Registros (Mar del Plata)** **8**(9):81-96.
- Zusman, P. 2012b. Panamericanismo e imperialismo no formal: Argentina y las exposiciones universales estadounidenses de Búfalo (1901) y San Francisco (1915). **Scripta Nova** **16**(418) (64). Disponible online em http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-418/sn-418-64.htm#_edn30

A série **HORI CADERNOS TÉCNICOS (HCT)** é uma iniciativa da Hori Consultoria Ambiental, cujo objetivo é suprir a grande lacuna atualmente existente de documentos técnicos ligados a alguns campos específicos das ciências da natureza. A coleção abrange temática variada, mas com ênfase em instrumentação, metodologia, técnicas complementares, inovadoras ou alternativas, revisões, estudos de caso, relatos e resultados conclusivos de estudos de impactos ambientais, monitoramentos e demais abordagens no campo da consultoria ambiental e do ecoturismo.



<http://www.hori.bio.br>

HORI CADERNOS TÉCNICOS



HCT n° 1 (dezembro de 2010)

GLOSSÁRIO BRASILEIRO DE BIRDWATCHING (INGLÊS-PORTUGUÊS-INGLÊS) por Fernando C. Straube, Arnaldo B. Guimarães-Júnior, Maria Cecília Vieira-da-Rocha e Dimas Pioli. ISBN: 978-85-62546-01-3, 284 páginas.

HCT n° 2 (junho de 2011)

LISTA DAS AVES DO PARANÁ (Edição comemorativa do Centenário da Ornitologia no Paraná) por Pedro Scherer-Neto, Fernando C. Straube, Eduardo Carrano e Alberto Urben-Filho. (Com dois suplementos). ISBN: 978-85-62546-02-0, 130 páginas.

HCT n° 3 (dezembro de 2011)

RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período Pré-Nattereriano (1541-1819) por Fernando C. Straube. ISBN: 978-85-62546-03-7, 195 páginas

HCT n° 4 (junho de 2012)

TUBARÕES E RAIAS CAPTURADOS PELA PESCA ARTESANAL NO PARANÁ: GUIA DE IDENTIFICAÇÃO por Hugo Bomatowski e Vinícius Abilhoa (com adendo bibliográfico). ISBN: 978-85-62546-04-4, 124 páginas.

HCT n° 5 (setembro de 2012)

RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período de Natterer, 1 (1820-1834) por Fernando C. Straube. ISBN: 978-85-62546-05-1, 242 páginas

HCT n° 6 (agosto de 2013)

RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período de Natterer, 2 (1835-1865) por Fernando C. Straube. ISBN: 978-85-62546-06-8, 312 páginas

HCT n° 7 (agosto de 2013)

IPAVE-2012: INVENTÁRIO PARTICIPATIVO DAS AVES DO PARANÁ. Organizado por Fernando C. Straube, Marcelo A. V. Vallejos, Leonardo R. Deconto e Alberto Urben-Filho. ISBN: 978-85-62546-07-5, 222 páginas.

HCT n° 8 (abril de 2013)

RUÍNAS E URUBUS: HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ. Período de Natterer, 3 (1866-1900) por Fernando C. Straube. ISBN: 978-85-62546-08-2, 310 páginas.